

Universidade Federal de Juiz de Fora
Pós-Graduação em Ciência da Religião
Mestrado em Ciência da Religião

Maria Goretti Lanna

**O SANTUÁRIO DA SANTA MONTANHA:
UM ESTUDO SÓCIO-ANTROPOLÓGICO SOBRE AS APARIÇÕES
MARIANAS EM GUIRICEMA – MINAS GERAIS**

Juiz de Fora

2012

Maria Goretti Lanna

**O Santuário da Santa Montanha: Um estudo sócio-antropológico sobre as
aparições marianas em Guiricema – Minas Gerais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Ciências Sociais da Religião, na Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Volney José Berkenbrock

Juiz de Fora

2012

Lanna, Maria Goretti.

O Santuário da Santa Montanha : um estudo sócio-antropológico sobre as aparições marianas em Guiricema – Minas Gerais / Maria Goretti Lanna. – 2012.

303 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião)—Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

1. Catolicismo. 2. Santuário. 3. Sociologia do conhecimento. I. Título.

CDU 282

Maria Goretti Lanna

**O Santuário da Santa Montanha: Um estudo sócio-antropológico sobre as
aparições marianas em Guiricema – Minas Gerais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração em Ciências Sociais da Religião, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

Aprovada em 28 de fevereiro de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Volney José Berkenbrock (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Emerson José Sena da Silveira (Presidente)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Flávio Sofiati
Universidade Federal de Goiás

A meu pai

Alfredo Lanna

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Professor Dr. Volney José Berkenbrock, não só por ter me levado com segurança e cuidado pelo caminho do conhecimento, mas também por ter me permitido aprender.

Aos meus professores, colegas e ao Antônio, pessoas lindas que enriqueceram a minha vida.

A Maria, por repartir comigo seu mundo de tamanha beleza.

As Irmãs Carmelitas da Santa Montanha: Madre Auxiliadora, Irmã Leonor, Irmã Zélia, Irmã Maria do Rosário, Irmã Henriqueta, Irmã Maria da Paz, Irmã Raimunda, Irmã Lourdes, Irmã Maria Isabel e Irmã do Divino Espírito Santo, pela confiança e carinho com que me receberam e me aceitaram.

Aos apóstolos guerreiros de Nossa Senhora: José Lopes, Orlandina, Teresinha Anacleto e Teresa Rosa, por me mostrarem que se pode escolher a liberdade.

A Beatriz, Paulo, Gabriel, Tonhão, Catarina, Aldir, Cláudia, Geraldo e Bianca, por terem me incluído em suas vidas.

A Terezinha de Souza, Aci Carmanini, Aloísio de Almeida, Edson Teixeira e Antônio Teixeira, pelas preciosas informações.

A Irmã Lourdes, querida amiga.

A comadre Dilaci, colega nesta aventura tardia em busca do saber, pelo incentivo, pela companhia, amizade e sobretudo pela paciência com que ouviu minhas dúvidas e questionamentos.

RESUMO

A construção do Santuário da Santa Montanha e do povoado onde este se localiza se originou a partir dos relatos das aparições de Nossa Senhora Aparecida por três crianças na zona rural da cidade de Guiricema, no interior de Minas Gerais, nos anos 1960. Este mundo religioso, baseado estritamente no catolicismo, foi criado por moradores ao redor da montanha, que se uniram, rompendo com a comunidade onde se inseriam e deram início à criação de um mundo/cosmos regido diretamente por Nossa Senhora e pelo Menino Jesus. O presente estudo analisa a construção deste mundo peculiar, tendo por base a teoria da construção social da realidade como proposta por Peter Berger e Thomas Luckmann, abordando-a como um processo da atividade humana que permite desenvolver e construir um mundo, mantendo-o em funcionamento.

Palavras-chave: aparições marianas, santuário, catolicismo, Peter Berger, sociologia do conhecimento.

ABSTRACT

The idea of creating Santa Montanha's Sanctuary, and the village where it is located, originates from narratives about Saint Mary's apparitions, based on reports of three children from Guiricema – a town located on the countryside of Minas Gerais state – in the nineteen sixties. This religious world, strictly based on Catholicism, was created by the people who lived in the surroundings of the hill where the sanctuary was built. Together, they left their homes and formed a new community, creating a world/cosmos ruled directly by Saint Mary and Baby Jesus themselves. This study analyses the construction of this peculiar world, based on Peter Berger and Thomas Luckman's theory of the social construction of reality, considering it a process of human activity that allows us to develop and create a world, keeping it functional.

Key words: Marian apparitions, sanctuary, catholicism, Peter Berger, sociology of knowledge.

Introdução

Quando os relatos das aparições de Nossa Senhora na Serra da Mutuca, em Guiricema, chegaram em 1966 a Visconde do Rio Branco, minha cidade natal, minha mãe e algumas amigas alugaram um carro para conhecer o lugar. Em minha memória ainda permanece a imagem das mulheres conversando baixo, na porta de casa, quase sussurrando e, embora criança ainda, pude perceber, pela entonação das vozes, que falavam sobre um acontecimento que não pertencia ao cotidiano. Entre os cinco filhos da minha mãe, fui escolhida para acompanhá-la. Não me lembro do caminho percorrido, somente que, apertada entre duas mulheres no banco de trás, sufocada pela poeira, sendo jogada e espremida pelo balanço do carro que pulava entre as pedras, cheguei à montanha. A imagem do lugar que me ficou foi a de uma pedra alta, pontuda, rodeada de pequenas árvores, que se destacava em um terreno acidentado. Não tenho lembrança de ter ouvido minha mãe falar novamente sobre as aparições de Nossa Senhora na Serra da Mutuca. Cresci em Visconde do Rio Branco e, eventualmente, ouvia alguém fazer referência à Santa Montanha em comentários esparsos, mas ninguém do meu círculo de relacionamentos frequentava o local. Muitos anos depois, já adulta, voltei à montanha, subindo de motocicleta e com dificuldade a estradinha que levava ao povoado que já contava com muitas casas, mas que ainda não possuía a igreja. Uma mocinha simpática providenciou uma saia longa que vesti sobre a calça comprida, condição para permanecer no local. Foi nesta ocasião que percebi que havia uma história a ser contada sobre as aparições de Nossa Senhora em Guiricema, que não era conhecida em Visconde do Rio Branco, o que me pareceu estranho, dada a pouca distância entre as duas cidades, que são vizinhas.

Muitos anos depois, quando comecei a estudar Ciência da Religião, ainda cursando como disciplina isolada a matéria Campo Religioso Brasileiro com o professor Marcelo Camurça, por incentivo dele, decidi ingressar no curso de especialização como aluna regular. Um ano depois, ao apresentar o projeto de pesquisa sobre a Santa Montanha ao professor Volney Berkenbrock para o curso de mestrado, tive a grande sorte de ser recebida por ele como meu orientador.

A pesquisa foi realizada principalmente a partir da minha inclusão em campo, quando passei a contar com grande colaboração dos moradores do povoado da Santa Montanha, das Irmãs Carmelitas e de várias outras pessoas que residem na zona rural de

Guiricema, no Distrito de Villas Boas e na cidade vizinha de Visconde do Rio Branco. Foram gravadas dezenove entrevistas com dezessete pessoas, sendo três das entrevistas com Maria, uma das três crianças que relataram a primeira aparição de Nossa Senhora Aparecida na Serra da Mutuca. Estas entrevistas geraram mais de mil páginas que transcrevi na íntegra e constituíram o material básico para a reconstituição da história da Santa Montanha. Maria e Beatriz, filha e neta da vidente Levina, me forneceram fotos e documentos antigos que permitem visualizar o povoado no começo de sua construção e as pessoas que participaram da criação deste mundo. Uma outra fonte de consulta muito importante, por relatar a história das aparições de Nossa Senhora e suas mensagens desde 1966 até o ano 2001, é um conjunto de três cadernos, intitulado Livro do Tombo, escritos manualmente por algumas das pessoas que passaram a residir na montanha a partir de 1976. A maioria das anotações que constam dos Livros relata o momento exato em que a vidente Levina transmitia as mensagens de Nossa Senhora e os acontecimentos que se deram durante as reuniões em que ocorriam as aparições. Com a autorização de Madre Auxiliadora, superiora do Convento das Irmãs Carmelitas, pude escanear este documento, que também gerou aproximadamente 700 páginas para consulta. Irmã Leonor também permitiu que eu fizesse cópias de vários documentos que mantém em uma pasta e que relatam parte da história da Santa Montanha, que envolve a participação das Irmãs Carmelitas na tentativa de reconhecimento das aparições de Nossa Senhora pela Igreja Católica.

O trabalho de campo realizado na Santa Montanha só se intensificou a partir do mês de outubro de 2010, após o exame de qualificação. Até então eu havia conseguido informações esparsas em encontros irregulares com as religiosas carmelitas e em conversas informais com pessoas que haviam freqüentado o local quando a vidente Levina ainda era viva. Com o passar dos meses fui percebendo que a história da criação do Santuário da Santa Montanha era bem mais complexa do que havia pensado a princípio e que não conseguiria obter informações relevantes se mantivesse uma posição “do lado de fora”. Assim, decidi alugar uma casa no povoado, das Irmãs Carmelitas, levei roupas e utensílios que me permitissem permanecer ali por muitos dias sem descer a montanha e passei a viver com as pessoas da comunidade, em um período que durou, de maneira mais intensa, de novembro de 2010 a julho de 2011. Durante o tempo em que permaneci na montanha, participei de todas as missas, procissões e festividades

realizadas em homenagem a Nossa Senhora, e com autorização dos moradores e religiosos, também fotografei e filmei partes destes momentos.

Durante minha permanência na Santa Montanha, foi interessante observar que a maioria dos moradores tem televisão em suas residências e mantinham-me atualizada em relação às notícias durante nossas conversas, pois eu não tinha na minha casa este aparelho, nem rádio e nem internet. O uso do telefone também era precário e limitado, principalmente depois que as chuvas derrubaram o poste de telefonia da empresa OI, a que meu aparelho é vinculado, e era comum que eu passasse dois ou três dias sem conseguir fazer contato com meus familiares. Foi somente depois que Beatriz, minha vizinha, instalou uma antena para uso da internet em sua residência, que ocasionalmente eu conseguia verificar meu correio. Quase todas as pessoas na Santa Montanha possuem telefone celular e apesar da população ser constituída por menos de cem moradores, a distância entre as casas, com exceção da rua onde se localiza a igreja, costuma ser grande e todos adquiriram o hábito de se comunicar desta forma. Assim, é comum se utilizarem dos serviços de entregas que oferece um pequeno mercado de Villas Boas onde trabalha um rapaz que reside na montanha e leva as compras de motocicleta. O deslocamento dos moradores do povoado se dá principalmente para as cidades de Guiricema e Visconde do Rio Branco, onde fazem compras, vão ao médico, fazem fisioterapia e estudam. Algumas religiosas freqüentam aulas no Conservatório Estadual de Música em Visconde do Rio Branco e outras pessoas trabalham no Distrito de Villas Boas e no perímetro urbano de Guiricema. Mesmo durante um período aproximado de vinte dias, em que a ponte que liga o Distrito de Villas Boas à montanha foi levada pelas águas, as pessoas não encontravam problemas em atravessar sobre as pedras no leito do rio. O que pude constatar na minha convivência com os moradores da Santa Montanha é um grande sentimento de solidariedade e disposição em ajudar e acolher as pessoas. E foi desta maneira que me receberam e me incluíram em suas vidas e aprendi na prática o significado da expressão “trocar abobrinhas”.

Em busca de informações sobre a Santa Montanha na internet, encontrei dois trabalhos acadêmicos que abordam esta comunidade sob duas visões distintas. Uma das pesquisas foi realizada durante o desenvolvimento do Projeto “Minas Gerais na poética popular: um perfil etnográfico”, vinculado ao Projeto “Etnografia poética mineira: motivos das Minas Gerais na poesia popular e literária”, financiado pela FAPEMIG,

publicada no site da Universidade Federal de Ouro Preto.¹ A conclusão, que descreve a Santa Montanha como uma comunidade religiosa tradicional, foi relatada da seguinte forma:

É típico existir em cidades do interior mineiro uma forte devoção aos santos e festejar a padroeira da cidade, como é o caso de Guiricema, que busca, desde a sua fundação, o apoio em Nossa Senhora da Encarnação. Devoção essa que se iniciou com o fundador da cidade, levando para lá a fé que possuía em Nossa Senhora e que todos possuem até hoje.

Dessa forma, podem-se observar grandes divergências religiosas em uma mesma cidade do interior, como em Guiricema, onde convivem extremos tanto conservador, influenciado pela comunidade da Santa Montanha, situada próxima, quanto moderno, conduzido pelas várias invasões culturais e religiosas recebidas pela mídia e pelas invasões das várias tendências religiosas que chegam ao município.

Nas montanhas de Guiricema vive um povo simples, isolado do resto da cidade e do mundo. A Santa Montanha, como é conhecida, resume tudo de mais conservador que podemos encontrar na religião. Lá as missas são rezadas em latim. O povo não se comunica com o mundo aqui fora, vivem sustentados pela fé que possuem e acreditam nas aparições de Nossa Senhora naquele lugar que julgam santo. As montanhas santas traduzem o que é Minas, fechada, isolada. A topografia revela o lado esquecido pelos mineiros, Minas conservadora, religiosa.²

O outro enfoque foi dado por Frederico André Gonçalves Feital, em pesquisa no curso de mestrado no Programa de Pós-graduação de História, da Universidade Federal do Espírito Santo, datada de 2008. Neste trabalho, é destacada a figura da vidente Levina como líder de um movimento messiânico e que utiliza como referencial teórico Eric Hobsbawm e Maria Isaura Pereira de Queiroz, para quem, de acordo com o autor da dissertação, os movimentos religiosos rurais são movimentos políticos. “Ao final tenta-se estabelecer vinculação entre os fatos presenciados na Santa Montanha e outros movimentos sócio-religiosos.”³

A Santa Montanha é uma comunidade religiosa que surgiu a partir dos relatos das aparições de Nossa Senhora no ano de 1966 (ou 1964, conforme alguns entrevistados) e sua história se desenvolveu durante os anos seguintes à reforma do Concílio Vaticano 2º. O estudo sobre o Santuário da Santa Montanha, além do conhecimento da dinâmica das aparições marianas no Brasil, forneceu também elementos para se verificar alguns dos efeitos provocados na própria Igreja Católica

¹ <http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/CMS/ccms14.htm>

² Idem.

³ <http://www.historia.ufes.br/sites/www.historia.ufes.br>

pelo Concílio Vaticano 2º e seus desdobramentos no campo religioso brasileiro. Também revelou a existência da Igreja Católica Apostólica Brasileira (ICAB) na zona rural do interior do Estado de Minas Gerais em uma atuação conjunta com a Igreja de Palmar de Troya, criada na Espanha por Clemente Domínguez e Miguel Alonso Corral, igreja esta conhecida por abrigar as Carmelitas da Santa Face.

Como uma dissertação, este trabalho ultrapassa o tamanho com que usualmente são apresentadas as pesquisas em mestrado. Entretanto, optei por relatar a construção do Santuário da Santa Montanha utilizando-me das falas dos próprios entrevistados, mesmo que isto tornasse o texto muito longo, não só porque história da Santa Montanha vive nas pessoas que a criaram e por isso deve ser contada por elas, mas também porque a maneira como os fatos foram expostos por estas pessoas é de tamanha beleza e intensidade que somente através de suas palavras pode-se compreender a complexidade deste mundo simbólico. Outro fator que contribuiu para que a dissertação acabasse tomando um tamanho que não foi programado a princípio, foi a descoberta dos vários subuniversos de significação representados pelos religiosos que passaram a residir na montanha e contribuíram para a criação do Santuário, que se originaram de movimentos dissidentes dentro da Igreja Católica, resultantes do Concílio Vaticano 2º, que não era do meu conhecimento antes de iniciar o trabalho de campo e que enriqueceram o objeto da pesquisa, obrigando à análise de sua participação na construção da Santa Montanha de maneira distinta.

Também não substituí o nome civil das pessoas citadas e isto ocorreu porque todas elas e a sua participação na criação do povoado da Santa Montanha são conhecidas na região e por pessoas nas cidades próximas. Outra razão é que os nomes de quase todas as pessoas entrevistadas estão gravados no Livro do Tombo que as Irmãs Carmelitas mantêm no Convento e que pode ser consultado pelos visitantes. Assim, não havia razão para estas pessoas permanecerem anônimas e é com a autorização de todas elas para que seus próprios nomes sejam citados que transcrevi grande parte das entrevistas.

A escolha de Peter Berger como instrumental teórico para a análise da construção do Santuário da Santa Montanha surgiu de comum acordo com o professor Volney. Da mesma forma, foi decidido que este trabalho não tem como finalidade um estudo da obra deste autor e que não será utilizado para discutir a sua teoria, composta

juntamente com Thomas Luckmann, no sentido de apoiá-la ou não. No mesmo sentido, não há a intenção de dialogar com críticos de Berger acerca de sua obra. A utilização da teoria da construção social da realidade teve como razão servir de instrumento de análise do mundo/cosmos que foi construído na Santa Montanha. Quando me propus a pesquisar a criação deste mundo social/religioso com base na teoria de Peter Berger e Thomas Luckmann, pensei, a princípio, que poderia identificar alguns de seus elementos no processo que deu origem a este mundo peculiar. Enquanto realizava o trabalho de campo, fui aprofundando a leitura sobre o pensamento de Berger também através de suas outras obras, onde, em cada uma delas, ele expõe de maneira mais detalhada partes do processo que compreende como formador de um mundo social. Aos poucos, à medida que ia coletando material, através das entrevistas e de documentos, fui percebendo que não poderia falar de maneira superficial sobre os processos que os autores identificam como necessários para que um mundo social seja construído e se mantenha como realidade objetiva. Ao analisar as entrevistas que relatam a história da construção do Santuário da Santa Montanha, que foi narrada em detalhes, eu reconhecia, cada vez mais, os elementos que compõem o pensamento de Berger e Luckmann. Assim, vi que só conseguiria expor os processos descritos por eles de maneira clara e objetiva se os identificasse separadamente, por subcapítulos em que fossem expostos de maneira mais pormenorizada.

A obra de Berger, editada pela primeira vez em parceria com Thomas Luckmann em 1966, “A construção social da realidade”⁴, onde expõem sua teoria sobre a construção de um mundo social, é a base sobre a qual desenvolvi a pesquisa. Também me utilizei de outras obras deste autor que complementam seu pensamento, editadas nos anos 1960:

“Perspectivas sociológicas”⁵, escrita por Berger em 1963, anterior a “A construção social da realidade”, demonstra que a união entre Max Weber e Émile Durkheim já havia se concretizado e que a sociologia do conhecimento é a base para o desenvolvimento do pensamento de Berger, que assume uma forma especial sob o ponto de vista deste autor. É nesta obra que Berger desenvolve conceitos sobre a realidade, a alternância, a identidade social, a teoria dos papéis e a liberdade, que vão compor sua

⁴ BERGER, Peter. & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009.

⁵ BERGER, Peter. Perspectivas sociológicas: uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 2010.

teoria sobre a construção social da realidade. A idéia de “êxtase” como liberação da consciência também aparece nesta obra, na junção da teoria de Weber sobre o carisma e o Mito da Caverna, de Platão.

Em “O Dossel Sagrado”⁶ há uma continuidade da ideia exposta em “A construção social da realidade” e foi editado pela primeira vez em 1969. Nesta obra Berger enfatiza o papel da religião na construção e manutenção do mundo. Aqui toma relevância o conceito de alienação, que Berger diz adotar de Marx.

Também de 1969, “Um Rumor de Anjos”⁷ é a obra onde Berger desenvolve com maior profundidade seu conceito de estruturas de plausibilidade. É neste livro que ele entabula um diálogo da sociologia com a antropologia, a filosofia e a teologia, que começou a apresentar os primeiros sinais em “A construção social da realidade.”

A teoria da construção social da realidade parte do pressuposto de que um mundo social tem início e se desenvolve em três etapas que Berger e Luckmann denominam exteriorização, objetivação e interiorização, que ocorrem de maneira concomitante, quando o ser humano externaliza o pensamento subjetivo, que assim passa a existir como objetividade no mundo humano e que é transformado novamente de estruturas do mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva pela interiorização.⁸ Assim, para a análise destas três fases e para demonstrar como elas ocorreram na criação da Santa Montanha, o trabalho foi dividido em três capítulos onde cada etapa é identificada no processo da construção deste mundo/cosmos.

O primeiro capítulo trata do processo de exteriorização, em que me dedico a expor, de maneira detalhada, os relatos, não só das aparições de Nossa Senhora Aparecida, do Menino Jesus Celeste e de São Miguel e o Dragão, que são os elementos do catolicismo que fundamentam o mundo simbólico criado na montanha, mas também das diversas manifestações misteriosas que passaram a ocorrer a partir da primeira notícia da existência de uma santa na Serra da Mutuca. Estes relatos obtidos entre os vários entrevistados narram experiências pessoais ou ocorridas com parentes próximos e conhecidos. O conceito de alienação tomou relevância no terceiro subcapítulo.

⁶ BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004.

⁷ BERGER, Peter. Um Rumor de Anjos. Petrópolis: Vozes, 1973.

⁸ Cf. BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, pág. 16.

O segundo capítulo foi utilizado para destacar as fases necessárias à formação de um mundo social/religioso através do processo descrito pelos autores como objetivação. O subcapítulo que trata dos apóstolos de Nossa Senhora serviu para demonstrar a origem da institucionalização e de como através dela os papéis são representados socialmente, controlando o comportamento humano e estabelecendo padrões de conduta. O relato da “Santa Revolta” permitiu verificar o processo de reificação, que, no dizer dos autores, outorga às instituições um *status* ontológico independente da atividade e significação humanas. A função da legitimação e como ela se realiza foi objeto do subcapítulo sobre a construção do mundo, que aconteceu com a colaboração dos religiosos que passaram a residir na montanha a partir de 1976. A existência dos subuniversos de significação foi relatada na análise da contribuição das Irmãs Carmelitas na construção do mundo/cosmos pesquisado. O pensamento de Berger sobre o carisma e a atuação de um líder carismático foi utilizado para tecer uma compreensão da importância da vidente Levina como líder da comunidade dissidente. E, por fim, através do relato de como se processava a transmissão das mensagens da santa, o papel da linguagem, que para Berger e Luckmann é fundamental para a transmissão do conhecimento na criação de um mundo, foi enfatizado.

O processo de interiorização foi objeto do terceiro capítulo. A forma como Berger e Luckmann compreendem como se efetua a socialização e como ocorreu a transmissão do mundo criado pela primeira geração é analisada inicialmente. O conceito de estrutura de plausibilidade, que para estes autores é um processo que permite manter um mundo conservando-o na consciência foi descrito, assim como as etapas necessárias para que ocorra o processo de alternância, no segundo subcapítulo. E finalmente, para concluir, expus minha compreensão deste mundo simbólico representado pela Santa Montanha, da forma que percebi ser vivido pelos seus habitantes.

Qualquer um dos blocos que compõem os subcapítulos poderiam ter sido utilizados para a identificação das diversas etapas que Berger e Luckmann descrevem na teoria sobre a construção da realidade. Tomando como exemplo o subcapítulo que relata a história da resistência dos seguidores de Nossa Senhora aos ataques da Polícia Federal e da Diocese de Leopoldina vê-se que ele contém todos os elementos que são identificados pelos autores na formação de um mundo, que foram subdivididos para a sua demonstração. Assim dizendo, durante a “Santa Revolta” verifica-se um processo de exteriorização constante, a institucionalização dos papéis, o processo de legitimação,

a participação dos diversos subuniversos de significação, como também a atuação da vidente Levina na liderança dos indivíduos que compõem o mundo pesquisado. Isto demonstra o que Berger e Luckmann dizem sobre o fato de que a exteriorização, a objetivação e a interiorização ocorrem em um momento único, em que o mundo objetivado pela exteriorização do pensamento subjetivo é novamente reapropriado no processo de interiorização.

1 UMA SANTA NA MONTANHA

1.1 Nossa Senhora da Conceição Aparecida

Nossa Senhora, me dê a mão
 Cuida do meu coração
 Da minha vida, do meu destino
 Do meu caminho
 Cuida de mim.
 (Roberto Carlos, Nossa Senhora)

A notícia que passou a correr entre as pessoas nos municípios de Guiricema e cidades vizinhas nos anos 1960 era a de que uma “santa” estava aparecendo a várias pessoas. O local era na zona rural de Guiricema, Minas Gerais, no Distrito de Villas Boas, local de difícil acesso, na Serra da Mutuca, pertencente à Serra da Mantiqueira, município constituído nesta época, em sua quase totalidade, por pessoas de religião católica, com aproximadamente 83% da população residente na área rural. O caminho era um atalho pedregoso montanha acima, no meio da mata, e onde só se conseguia chegar a pé ou por transporte animal.⁹ O ano em que ocorreu a primeira aparição de Nossa Senhora não foi definido com precisão. Não há dúvidas entre as pessoas entrevistadas sobre o dia e o mês da primeira aparição, mas o ano em que este fato ocorreu varia de 1964 a 1966. Em 1984 foi editado por frei Cristóvão Pirolli, que residiu na Serra da Mutuca de 1981 até 1989, e em iniciativa pessoal, sem vinculação com alguma editora, um livro intitulado “Os Direitos da Rainha do Céu e da Terra”¹⁰, que data as primeiras aparições em 1966. Mas imprecisões nas datas citadas no livro do frei Cristóvão em relação à idade da vidente Levina (diferença de 4 anos), como também à época em que esta passou a residir com sua família na Serra da Mutuca (diferença de 10 anos), impedem que esta data seja considerada correta. A partir dos anos 1980, várias religiosas também passaram a residir no local, fundando uma comunidade de Irmãs Carmelitas e também elas consideram 1966 como o ano do início das aparições. Entre as diversas pessoas que foram ouvidas, várias delas relacionaram o acontecimento a alguma lembrança significativa em suas vidas, variando entre 1964 e 1966.

Orlandina de Paiva Teixeira, de 77 anos, que nasceu e sempre viveu no Distrito de Villas Boas, disse que as aparições de Nossa Senhora ocorreram em 1966 porque marcou a data pelo nascimento de uma de suas filhas.

⁹ Anexo 1.

¹⁰ PIROLLI, Cristóvão. Os Direitos da Rainha do Céu e da Terra. São Paulo: 1984.

G: É porque tem gente que acha que foi em 64, 65.

Orlandina: Não. 66. Esse que saiu aqui agora, ele é mais novo que ela um ano e um mês. Ele nasceu em 1967. O Edson, abaixo dela. Eu sei pela data do nascimento deles. Nossa Senhora apareceu no ano de 1966. Dia dois de fevereiro. Quer dizer, que anunciou foi no dia 2 de fevereiro. Se apareceu pra ela antes, mas ela guardou em segredo. Agora, ela pediu às filhas dela que não contassem.

Um das pessoas que considera o ano de 1964 como a data inicial das aparições é Aloísio de Almeida, de 60 anos, filho de José Emídio de Almeida, proprietário da fazenda na Serra da Mutuca e disse que estava com 14 anos nesta ocasião:

Eu estava com, quando a santa apareceu lá, quer ver? 61, 50, 40 e eu estava acho que com 14 anos. Estou com 60, vou fazer 61.

G: Você nasceu em que ano?

A: 1950.

Teresinha de Souza, de 79 anos, nasceu na zona rural, em Dom Silvério, um dos povoados pertencentes ao Município de Guiricema, distante oito quilômetros do Distrito de Villas Boas. Em 1964 e 1965 ela residia com o marido Heitor e seus filhos em uma fazenda em Dom Silvério e contou que era de lá que se deslocava para a Serra da Mutuca:

Pois é, 66, 67 eu morei em Villas Boas. Em 64, 65 eu morava na roça e na roça a gente ia muito lá, e depois em Guiricema. Então deve ter sido 64. Início de 65.

Um dos religiosos que reside na Santa Montanha desde 1977, Aldir Emídio de Almeida, neto de José Emídio, conhecido por Padre Estêvão, nasceu na zona rural de Guiricema, no Distrito de Villas Boas e disse que foi em 1964 que tomou conhecimento das aparições na serra.

G: Você devia ser criança quando as aparições de Nossa Senhora começaram.

Aldir: [Eu tinha] Nove. Nove anos. Eu sou de 1954.

Teresa Rosa morava na zona rural do município de Ervália quando começaram as primeiras notícias das aparições e imediatamente passou a frequentar o local, e ela também afirma que o ano inicial foi 1966. Porém, ao citar a idade das crianças que participaram dos eventos, situa o ano em 1964.

Apesar dos diversos relatos não definirem um ano preciso, o que se percebe em conversas com os moradores e religiosos que residem no lugar é que há um consenso sobre o dia 2 de fevereiro de 1966 como aquele da primeira aparição de Nossa Senhora na Serra da Mutuca.

O acontecimento começou a se espalhar de boca em boca e milhares de pessoas passaram a ir em romarias à serra, a maioria delas levada pela curiosidade. Algumas pessoas relatavam visões da santa usando um manto azul, outros diziam que a cor do manto era dourada. Às vezes ela aparecia no chão, em tamanho natural, em outras era vista sobre uma pedra grande rodeada de árvores características da Mata Atlântica.

Teresinha de Souza mudou com a família para Visconde do Rio Branco em meados dos anos 1970 e em entrevista em sua residência falou das dificuldades que encontrava para chegar ao local das aparições:

A gente usava é cavalo porque, naquele tempo, lá não ia carro não. Naquele tempo era só um trilho. Até um dia o cavalo ainda caiu comigo, quebrei a costela. O cavalo me bateu no barranco, que ele escorregou no trilho e eu caí com isso aqui no barranco, ainda quebrei uma costela.

Aldir de Almeida também falou sobre o lugar das primeiras aparições e como a notícia se disseminou rapidamente:

Porque no início era no meio do mato, caminho que passava carro de boi e a notícia chegou no mesmo dia. A gente morava ali perto do Villas Boas, a notícia chegou no mesmo dia. Lá embaixo.

Orlandina e seu marido Tolé, já falecido, participaram ativamente dos acontecimentos de 1966 até 2002, e ela falou em detalhes sobre os problemas que surgiram durante a construção do Santuário no alto da montanha:

Foi lá na mata. Só tinha mata e pedreira. Sabe na casa dos padres ali, era uma pedra enorme que tinha ali, umas pedreiras, eles rebentaram tudo que tinha pra fazer a casa.

Guiricema conserva características de uma localidade essencialmente rural, que se mantém principalmente pela plantação de tomate, cebola e quiabo e criação de gado bovino, aves de corte e piscicultura. Não se percebe grande movimento de pessoas nas poucas ruas que vão dar no centro da cidade, onde existe uma pracinha rodeada de prédios baixos de moradia e comércio e onde os moradores se reúnem para fazer negócios, compras ou apenas conversar. Na pracinha há uma igreja católica, Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, a santa padroeira da cidade, e as comemorações a ela são

realizadas em 15 de agosto. A cidade é servida pelas principais redes de telefonia, possuindo todos os serviços existentes em centros maiores, inclusive internet. Guiricema possui dois distritos, Villas Boas¹¹ e Tuiutinga e nove comunidades rurais, povoados compostos de casas de morada e pequeno comércio aglomerados em torno de uma igreja católica e de um campo de futebol.

A Santa Montanha¹² consta do IBGE como povoado do município de Guiricema com menos de 100 habitantes, que em 2008 eram apenas 96. A distância do centro da cidade até ao pé da montanha é de aproximadamente 15 quilômetros, que são percorridos em estrada de terra¹³ (ou chão batido) que em alguns trechos mais precários são recobertos periodicamente pela Prefeitura do Município por cascalho grosso. Para se chegar ao alto da serra onde está localizado o Santuário é necessário atravessar o Distrito de Villas Boas, que fica distante três quilômetros do vilarejo da Santa Montanha. Toda a montanha foi considerada APA (Área de Preservação Ambiental) pela prefeitura de Guiricema através de emissão da lei Lei nº 229/97 de 01 de setembro de 1997 e grande parte da reserva está coberta por trechos de floresta regeneração, ocorrendo em alguns pontos trechos de floresta secundária, com várias espécies de plantas em risco de extinção. A fauna está representada por borboletas, abelhas, beija-flores, e outras 200 espécies de insetos, pássaros e pequenos mamíferos. Os répteis existem em grande quantidade.¹⁴

Desde os anos 1960 a cidade vem perdendo habitantes, que se mudam principalmente para as cidades vizinhas Visconde do Rio Branco, Ubá e Viçosa. A população total, que de acordo com o Censo 2010 é de 8.967 pessoas, com 51% dos moradores na zona rural e 49% na zona urbana, decresceu quase 40% nos últimos 50 anos, ocorrendo também migração progressiva nesse período, da zona rural para a zona urbana.

O Município de Guiricema está situado em local onde a altitude máxima de 1159 metros encontra-se no povoado da Santa Montanha¹⁵ e a mínima, de 330 metros, no Vale do Rio dos Bagres. O terreno no alto da serra onde fica o vilarejo da Santa Montanha é formado por afloramentos de rochas que ocorrem esparsamente sob a forma de pontões, lajeados e blocos arredondados. Foi necessário que as pedras maiores

¹¹ Anexo 2.

¹² Anexo 3.

¹³ Anexo 4.

¹⁴ http://www.guircema.mg.gov.br/portal/apa/apa_guircema.pdf, em 02 de dezembro de 2010.

¹⁵ Anexo 5.

fossem dinamitadas de modo a permitir a construção de suas poucas ruas e principalmente da rua principal onde foram construídos, além das casas dos moradores, o Santuário¹⁶, as capelas de Nossa Senhora da Conceição Aparecida¹⁷ e do Menino Jesus¹⁸, o convento das Irmãs Carmelitas¹⁹ e a Casa dos Padres. A estradinha para o Santuário se estreita à medida que se começa a subir, de modo a permitir a passagem de um único veículo, obrigando os ônibus que transportam os romeiros, em épocas de maior movimento de romarias, a estacionarem no pé da montanha. A subida, coberta por cascalho e pedras fincadas é escorregadia e ladeada por barrancos altos que não permitem acesso pelos lados. O povoado da Santa Montanha é todo cercado por arame farpado a partir de um fosso com mais de 2 metros de comprimento, coberto por um mataburro²⁰, que marca seus limites com a fazenda vizinha. Ao lado do fosso há uma placa de metal onde estão inscritas as condições para a permanência no lugar, que inclui o uso exclusivo de vestidos ou saias abaixo dos joelhos e blusas de mangas para as mulheres e calças compridas e proibição do uso de bermudas e camisetas pelos homens.²¹ Durante as missas, que são realizadas aos sábados e domingos na igreja do Santuário, há a exigência de blusas de mangas compridas e véu pelas mulheres e as duas fileiras de bancos da igreja separam os homens das mulheres. Enquanto eles ocupam a fileira da esquerda, elas se assentam sempre do lado direito.²² Logo no início dos meus primeiros contatos com as religiosas da Santa Montanha, Irmã Zélia, moradora do Convento das Irmãs Carmelitas desde 1984, definiu os limites que separam o povoado do resto do município ao dizer: - “Aqui dentro é um mundo, lá fora é outro.” Esta sensação de divisão pode ser percebida durante as manhãs, quando a Santa Montanha fica separada do resto do município pela névoa.²³

¹⁶ Anexo 6.

¹⁷ Anexo 7.

¹⁸ Anexo 8.

¹⁹ Anexo 9.

²⁰ Anexo 10.

²¹ Na placa de metal instalada entre dois postes de madeira, que se encontra ao lado da entrada de acesso ao Santuário e que é denominada Porteira pelos moradores da Santa Montanha, encontram-se os dizeres: “Eis a Santa Montanha, terra da Virgem do céu. Sede respeitosos, não entrando os homens de bermudas e nem as senhoras e moças de roupas masculinas, mas de vestidos até cobrir os joelhos. Não abusem! Ai de quem retirar a placa!” Também pode-se observar em frente à Capela das Aparições outra placa com os dizeres: “Salve Maria! Nossa Senhora da Conceição Aparecida pede: Às mulheres, não é permitido o uso de: calça comprida, bermuda ou short. Devem usar vestido e saia abaixo dos joelhos, não transparentes, com mangas e sem decote. Os homens devem usar calça comprida e camisa com mangas. Durante as cerimônias religiosas é obrigatório: uso de véu e mangas compridas.”

²² Anexo 11.

²³ Anexo 12.

A cidade de Guiricema foi criada no início do século XIX por José de Lucas Pereira dos Santos, desbravador português, com título militar de Furriel, que ali se instalou com seus familiares e escravos. Este local²⁴ era habitado pelas tribos de índios coroados, coropós e puris. Foi o Furriel José de Lucas quem construiu a primeira capela dedicada aos cultos católicos e tomou a iniciativa da catequização e alfabetização dos índios moradores do local, chamado inicialmente de Bagres, em decorrência da grande quantidade dessa espécie de peixes encontrada na região. Com o falecimento de sua esposa em 1825, o fazendeiro doou parte de suas terras para construção de um cemitério e uma capela dedicada a Nossa Senhora da Encarnação de Bagres, dando origem ao povoado. Em 1838, o Arraial dos Bagres passou a ser conhecido por Capelânia, ainda arraial, sendo elevado a Distrito dos Bagres em 1851, passando a se denominar Guiricema em 1911. Em 17 de dezembro de 1938, o distrito foi emancipado administrativamente com o nome Guiricema, que na língua dos índios que habitavam a região significa: Guiri = bagres e cema = grande quantidade, ou seja, grande quantidade de bagres.²⁵

A teoria da construção social da realidade, tal como concebida por Peter Berger e Thomas Luckman visa, conforme estes autores, à aplicação de “uma perspectiva teórica geral derivada da sociologia do conhecimento ao fenômeno da religião” e, conseqüentemente, exclui “quaisquer questões relativas à verdade ou ilusão final das proposições religiosas sobre o mundo.”²⁶

O termo “conhecimento” usado dentro do quadro de referência da sociologia do conhecimento, sempre se refere àquilo que é *aceito* ou *crido* como “conhecimento”. A sociologia do conhecimento procura compreender as diferentes formas deste fato. (...) Posto de maneira mais simples: o sociólogo, enquanto sociólogo, permanece sempre no seu papel de repórter. Ele reporta que as pessoas acreditam “conhecer” isto ou aquilo e que esta crença tem esta ou aquela conseqüência. No que ele se aventurar uma opinião de ter esta crença, em última análise, uma justificação, estará ele extrapolando seu papel de sociólogo.²⁷

Entendem estes autores que “há um acordo geral em que a sociologia do conhecimento trata das relações entre o pensamento humano e o contexto social dentro

²⁴ Anexo 13.

²⁵ Informações constantes do site da Prefeitura de Guiricema: http://www.guiricema.mg.gov.br/portal/apa/apa_guiricema.pdf, em 02 de dezembro de 2010.

²⁶ BERGER, Peter. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, pág. 9.

²⁷ BERGER, Peter. Um Rumor de Anjos. Petrópolis: Vozes, p. 19/20.

do qual surge”.²⁸ Para eles, a sociologia do conhecimento deriva do pensamento de Marx²⁹ em compreender a consciência do homem determinada por seu ser social. Para Berger e Luckmann, “o que interessava a Marx é que o pensamento humano funda-se na atividade humana (‘trabalho’ no sentido mais amplo da palavra) e nas relações produzidas por esta atividade”,³⁰ ou seja, a realidade é produzida pela atividade humana em coletividade. A “realidade” é definida como um fenômeno que independe da vontade do ser humano e “conhecimento” como a consideração ou reconhecimento de que este fenômeno possui características que o tornam legítima ou verdadeiramente real. Eles entendem que há fatores na produção do conhecimento não apenas teóricos, mas que qualquer tipo de conhecimento desenvolve-se e transmite-se em uma sociedade. Distinguem a sociologia do conhecimento de suas outras concepções ao longo da história, excluindo os problemas epistemológicos e metodológicos (a focalização sobre o pensamento teórico seria restritiva) e embora reconheçam que estes pertençam à sociologia do conhecimento, entendem que seu foco central deve ser “o conhecimento do senso comum”. Tal como concebida por estes autores, a sociologia do conhecimento procura compreender o processo pelo qual o ser humano comum cria e transmite o conhecimento, mantendo-o através de processos sociais, de modo a reconhecer a realidade que ele mesmo construiu como algo real e independente dele. “Em outras palavras, defendemos o ponto de vista que a sociologia do conhecimento diz respeito à análise da construção social da realidade.”³¹

Para estes autores, a dialética existente no processo de criação e reconhecimento do mundo social é fundamental. Compreendem haver duas maneiras como o conhecimento se realiza, a primeira como realidade objetiva e externa ao indivíduo e a outra como processo interno, subjetivo. Com base no pensamento de Durkheim³², que considera os fatos sociais como coisas (facticidade objetiva do fenômeno social), e de

²⁸ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 15.

²⁹ HERVIEU-LÉGER, Danièle & WILLAIME, Jean-Paul. Sociologies et religion: Approches classiques. Paris: Presses Universitaires de France, 2001, p. 13. “On comprend dès lors pourquoi, dans les textes marxistes, la religion n'est pas considérée en elle-même comme une réalité *sui generis* ayant sa logique propre, mais comme une réalité dérivée de conditions sociales déterminées.”

³⁰ BERGER, Peter. & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 17.

³¹ Idem. p. 14/15.

³² HERVIEU-LÉGER, Danièle & WILLAIME, Jean-Paul. Sociologies et religion: Approches classiques. Paris: Presses Universitaires de France, 2001, p. 152. (Sobre Durkheim): “Cette conception morale du lien social présuppose l'antériorité de la société sur l'individu. Elle implique que "la vie collective n'est pas née de la vie individuelle, mais (que) c'est au contraire la seconde que est née de la première". L'emprise morale de la société sur l'individu - emprise que fonde le lien social e lui donne son caractère objectif - est clairement explicitée dans les premières pages des Règles de la méthode sociologique.”

Weber³³, para quem o “objeto de conhecimento é o complexo de significados subjetivo da ação” (análise do fundamento subjetivo), compreendem o processo da atividade humana, que desenvolve e constrói um mundo que se mantém, como algo construído com facticidade objetiva que se expressa em um significado subjetivo.³⁴ Para Berger,

... as visões sociais de Durkheim e de Weber não são logicamente contraditórias. São apenas antitéticas, uma vez que enfocam aspectos diferentes da realidade social. É inteiramente correto dizer que a sociedade é um fato objetivo, que nos coage e até nos cria. No entanto, também é correto dizer que os nossos próprios atos significativos ajudam a sustentar o edifício da sociedade e podem oportunamente ajudar a modificá-lo. Com efeito, as duas afirmativas encerram o paradoxo da existência humana: a sociedade nos define, mas é por sua vez definida por nós.³⁵

Ele sustenta que o ser humano, diferente dos outros animais, nasce essencialmente incompleto e que, no processo de tornar-se homem, necessita desenvolver uma personalidade e assimilar cultura, ou seja, modelar um mundo que lhe seja específico. A partir de seu nascimento, em decorrência de sua constituição biológica dirigida a um mundo ao qual não se encontra adaptado por não possuir instintos especializados que permitam uma perfeita relação com o ambiente em que habita, passa a se exprimir em um mundo físico que se apresenta aberto, necessitando ser moldado através de um processo dialético contínuo de construção deste mundo que se realiza em três etapas: exteriorização, objetivação e interiorização, que se dão de maneira simultânea, quando o ser humano externaliza a si próprio no mundo social e apreende este mundo como real, em toda a sua objetividade.

Só se poderá manter uma visão adequadamente empírica da sociedade se se entender conjuntamente esses três momentos. A exteriorização é a contínua efusão do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física quer na atividade mental dos homens. A objetivação é a conquista por parte dos produtos dessa atividade (física e mental) de uma realidade que se defronta com os seus produtores originais como facticidade exterior e distinta deles. A interiorização é a reapropriação dessa mesma realidade por parte dos homens, transformando-a novamente de estruturas do mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva. É através da exteriorização que a

³³ HERVIEU-LÉGER, Danièle & WILLAIME, Jean-Paul. Sociologies et religion: Approches classiques. Paris: Presses Universitaires de France, 2001, p. 70. “Weber va dès lors s'intéresser aux comportements pratiques des individus et au sens qu'ils donnent à leur conduite, cela pour mieux analyser l'ensemble des conséquences sociales que leur façon de se comporter entraîne (dans leur rapport avec les différentes sphères d'activité, particulièrement l'économie et la politique). Le domaine propre de l'activité religieuse consiste à régler les rapports des puissances "surnaturelles" avec les hommes, précise Weber qui reste très prudent dans sa définition liminaire du phénomène religieux; il refuse en particulier de se prononcer sur l'essence du religieux.”

³⁴ Cf. BERGER, Peter. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, pág. 33.

³⁵ BERGER, Peter. Perspectivas sociológicas: Uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 144.

sociedade é um produto humano. É através da objetivação que a sociedade se torna uma realidade *sui generis*. É através da interiorização que o homem é um produto da sociedade.³⁶

A análise do processo de criação do Santuário da Santa Montanha, com base na teoria da construção social da realidade concebida por Peter Berger e Thomas Luckmann, tem como finalidade demonstrar como uma comunidade religiosa pôde surgir e se manter em condições especiais e em um momento histórico-social específico, na zona rural de Guiricema, em Minas Gerais. A partir do relato das aparições de uma santa por três crianças na Serra da Mutuca, foi iniciada a construção de um mundo onde inúmeros elementos foram sendo exteriorizados e objetivados de maneira contínua e ininterrupta, e no qual diversas pessoas se uniram rompendo com a comunidade onde estavam inseridas, dando origem a um microcosmo regido diretamente por Nossa Senhora e pelo Menino Jesus.

Ainda foi possível, apesar de terem se passado quarenta e cinco anos desde a primeira notícia de que uma santa se fez presente às crianças, encontrar diversas pessoas que participaram ativamente da construção deste mundo ou assistiram à sua criação e vêm mantendo viva a lembrança dos fatos que ocorreram a partir de meados dos anos 1960 na Serra da Mutuca. É através dos relatos destas pessoas, que ainda residem no local ou em povoados e cidades próximas, como também através de registros manuscritos em sua maior parte por uma senhora chamada Efigênia Dias Ferreira, que passou a residir na montanha logo após tomar conhecimento das aparições, e que são mantidos no Convento das Irmãs Carmelitas em três livros denominados Livro do Tombo, que uma parte substancial desta história pôde ser apurada. O Livro de Tombo³⁷ é composto de três cadernos de capa dura, com 150 folhas cada um, já amareladas pelo tempo e pelo manuseio. Deste Livro foram extraídas as mensagens que constam do livro³⁸ que foi publicado em 02 de fevereiro de 1996 por iniciativa da Obra da Divina Misericórdia, entidade fundada pelas Irmãs Carmelitas.

Este capítulo aborda o processo de exteriorização, a primeira fase necessária à produção de um mundo humano que, segundo Berger, sempre se inicia no contato com o outro.

³⁶BERGER, Peter. O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985, 2004, p. 16.

³⁷ Anexo 14.

³⁸ Apóstolos da Virgem Maria. Santa Montanha: 30 anos de aparições. Direitos reservados à Obra da Divina Misericórdia, 1ª edição, 2 de fevereiro de 1996.

No início dos anos 1960, a família de Levina Sérgia da Silva Ferreira morava na zona rural de Ervália, Minas Gerais, município distante 10 quilômetros de Guiricema. Seu marido, Sebastião Lourenço Ferreira, era trabalhador rural e haviam se casado quando Levina tinha 14 anos de idade e tiveram 6 filhos. O falecimento de um dos filhos do casal, poucos dias após o nascimento, provocou grande sofrimento em Levina, o que levou a família a se mudar para Guiricema, onde foram trabalhar na fazenda do senhor Geraldo Teixeira. Um ano depois, receberam uma boa proposta de trabalho por parte do Senhor José Emídio, proprietário da fazenda vizinha e passaram a trabalhar para ele.

A pequena casa onde a família passou a morar após a mudança era de pau a pique, com as paredes formadas por bambus trançados e recobertos de barro seco pintado de cal, típica das residências na área rural da região de Guiricema destinadas aos trabalhadores do campo. A casa ficava no alto da montanha, no meio da mata e o caminho até ao pasto onde Sebastião costumava trabalhar era um trilho no matagal. Durante a entrevista com Teresa Rosa, que reside na Santa Montanha, ela fala sobre o local onde a família de Levina passou a morar na fazenda do Senhor Juca Emídio e que ficava a pouca distância de sua casa, onde conversávamos. Esta senhora, logo que tomou conhecimento das aparições, passou a ir ao local assiduamente, fazendo um trajeto de seis horas a pé, atravessando a serra que separa os municípios de Ervália e Guiricema. Ela descreve o lugar onde se situava a casa das videntes:

Isso tudo era mato. Eles estavam batendo isto aqui. A senhora não via nada, só via que era grão de galho, espinho e cipó. Era só isso que a gente via, e um trilho. Era somente a casa dela. Uma casazinha pobre, humilde.

Maria Ferreira de Carvalho, uma das três crianças que relataram visões de Nossa Senhora pela primeira vez na serra, reside na Santa Montanha com seu marido Antônio, conhecido por Tonhão, em uma casa pequena e confortável, situada em frente à igreja. Foi lá, em sua sala, que ocorreram nossos vários encontros. Maria é uma mulher bonita, delicada, de pele clara, de gestos e voz suaves, mas deixando transparecer um caráter forte e decidido. Tudo em sua aparência bem cuidada demonstra calma e equilíbrio. A maneira como contou os fatos ocorridos revelam experiência no contato com as pessoas e em conceder entrevistas, adquirida ao longo de 45 anos. A história que foi narrada por

ela é rica em detalhes e foi confirmada em pormenores pelas diversas pessoas entrevistadas.

Conforme disse Maria, no dia 02 de fevereiro de 1966, à tardinha, ela estava em companhia de sua irmã Geralda, apelidada de Dina, dois anos mais nova que ela e de sua prima Geralda Clementina, de 14 anos, quando saíram de casa para levar café para o pai, que trabalhava na roça. Na volta, pararam para brincar. Seu pai Sebastião havia cortado uns cipós e estendido em uma árvore³⁹ para secar. As crianças decidiram gangorrear nos cipós que estavam pendurados quando Geralda disse ter visto um animal muito feio. Maria conta como se deu a primeira aparição da santa na montanha, que foi precedida pela presença do “bicho” que não soube descrever.

Uma pega um cipó, outra pega outro, outra pega outro, aí nós fomos gangorrear. Aí nisso deu uma chuva, deu uma chuvazinha, mas o sol estava muito quente. E nessa chuva nós não molhou. Nem uma gota de água em nós não molhou. Aí, nisso, apareceu um bicho muito feio. Apareceu um bicho muito feio. Diz ela [Geralda] que era um bicho esquisito.

As três crianças correram para casa, assustadas, mas decidiram voltar ao local da brincadeira, para verificar se o “bicho” já havia desaparecido. Ao olhar debaixo dos cipós, Geralda se deparou com a presença de Nossa Senhora. A imagem foi reconhecida por ela como a de Nossa Senhora Aparecida, que Levina mantinha em sua sala e havia trocado em Aparecida do Norte por ocasião de uma promessa feita pela cura de Geralda, que sofria de umas crises em que ficava como morta.

Maria: Aí então ela [Geralda] pegou falou comigo assim: - “Ô gente, o bicho já foi embora. O bicho já foi embora, ele sumiu de lá. Agora nós podemos gangorrear.” Aí quando ela foi abaixar para poder confirmar mesmo se o bicho, nós ainda estávamos com medo, se o bicho tinha ido embora, poder confirmar, ela pegou abaixou no chão assim, ela abaixou e olhou debaixo do cipó. Aí ela viu Nossa Senhora da Aparecida. - “A imagem, a Nossa Senhora que está aparecendo, a imagem é igual àquela que está na nossa casa. A capa dela é azul, ela está com o terço na mão e está com a mãozinha posta”.

Teresa Rosa também contou a história da primeira aparição da mesma maneira, ouvindo de Geralda e Maria quando passou a freqüentar o lugar e começou a estabelecer relação de amizade com a família de Levina, que era conhecida também por Dona Nelvina, ou Dona Vica:

³⁹ Anexo 15

Depois a gente apanhou conhecimento já com elas, com a Dona Nelvina. As meninas já apareciam pra gente, elas já começaram a contar como é que foi lá, que elas tinham ido, que o pai delas estava batendo pasto. E a gente viu que estava mesmo porque era só espinho, aquele cipó, aquele cipó, uma coisa doida. E elas foram levar café e foram gangorrrar. Gangorrrar no cipó. Foram brincar, vê que elas eram crianças mesmo, foram gangorrrar. E primeiro o quê que veio? Diz que foi uma coisa jogando, quebrando. Eu sei que a Maria com a outra correu e a Dina não correu, não. A Dina ficou. Que é a Irmã do Espírito Santo. Esta ficou. Depois ela viu Nossa Senhora. – “Maria, volta, é Nossa Senhora”.

Maria descreve da seguinte forma sua primeira visão de Nossa Senhora:

Quando nós voltamos, ela pegou falou assim: - “Ela tá lá ainda.” Aí vai, pegou falou comigo assim: - “Maria, abaixa pra você ver”. Quando eu abaixei, aí eu vi. Ela estava dessa altura, com o terço na mão, balançando o terço na mão. Ela estava no chão, Ela estava pisada. Ela estava pisada no chão.

O 1º Livro de Tombo conta, em linguagem coloquial, como se deram as primeiras aparições de Nossa Senhora na Serra da Mutuca a partir de relatos recolhidos diretamente das pessoas envolvidas nos acontecimentos e contém descrições de fatos que precederam as aparições, de diversos milagres ocorridos e as inúmeras mensagens ditadas por Nossa Senhora e pelo Menino Jesus, além de várias outras manifestações misteriosas ao longo dos anos. Efigênia Teixeira já completou 90 anos e reside em Juiz de Fora com sua família. O conjunto Livro de Tombo me foi cedido gentilmente pelas religiosas carmelitas da Santa Montanha para que fosse escaneado. E uma de suas primeiras anotações consta o que foi ditado a Efigênia por Sebastião Ferreira dos Reis:

... e no dia 2 de fevereiro de 1966 já fazia 2 dias que as meninas não voltaram na gangorra mas chegando uma tia das meninas com uma prima que é Geralda Clementina de Jesus, estava em companhia da mãe que tinha vindo para trocar uns ovos elas eram colega de escola das meninas convidaram ela para gangorrrar, às 10 horas, quando elas chegaram para gangorrrar, quando a Geralda dos Reis olha para trás viu um bicho muito feio e a Maria sua irmã e sua prima todas as 3 viram o bicho e gritaram por Nossa Senhora Aparecida que valesse elas e saíram correndo para casa. Em certa distância Geralda dos Reis parou e gritou com as outras, vamos jogar pedras naquele bicho e voltar para a gangorra? Pois lá estava tão bom e levaram as mãos cheias de pedras, distância de 4 metros começaram atirar pedras no bicho. Geralda atirou a primeira pedra quando ela olhou para baixo das ramadas para ver se o bicho tinha ido embora ela avistou Nossa Senhora Aparecida.

Maria e Geralda foram alertadas pela prima mais velha a não dizerem nada em casa sobre a aparição. A morte de dois dos pastores de Fátima ainda crianças após seu encontro com Nossa Senhora era conhecida e foi lembrada com temor por Geralda Clementina, conforme disse Maria:

[Geralda Clementina]- “Não, não conta pra nossa mãe não, não pode contar pra ninguém, isso vai ser segredo só pra nós porque se nós contar pra qualquer pessoa, pra nossa mãe ou qualquer pessoa, nós vamos morrer”. Mas é porque ela pegou a história dos três pastorinhos de Nossa Senhora de Fátima. Então ela pegou essa história.

Levina, desde sua primeira gravidez, sofria de uma enfermidade crônica adquirida em decorrência do parto. Havia procurado o padre Antônio em Urucânia, que tinha fama de curar os enfermos, mas este havia dito que ela seria curada, mas não naquele momento. Levina pensou que padre Antônio não a havia curado porque ela iria morrer. Já havia conversado com sua mãe e entregado seus filhos a ela para que os criasse.

Teresa Rosa: A Dona Nelvina, ela sofreu de uma disenteria, uma coisa, quinze anos. Quinze anos não é quinze dias. Ela contou pra gente. Ela foi em Urucânia, tinha aquele padre lá de Urucânia, padre Antônio, ele é daquela medalha milagrosa.

Maria, ao ver Nossa Senhora, pensou em sua mãe doente e correu a avisá-la da aparição, apesar dos conselhos da prima Geralda. Levina foi ao local indicado pelas filhas e comprovou a presença de Nossa Senhora. Muito emocionada, pediu para ser curada. Também é Maria quem conta o primeiro encontro de sua mãe com a santa de quem ela seria mensageira até a sua morte.

[Mãe] Acabou de terminar a janta e botou lá em cima do fogão e deixou lá. Aí ela veio. Quando ela foi chegando, ela viu também. Aí ela chorou muito, chorou, chorou, chorou. Aí ela pediu, ela falou assim: Ô Mãe, dá cura pra mim, pra mim criar meus filhos.

Conforme disse Maria, sua mãe teve a visão de Nossa Senhora nesse primeiro dia e foi pedido a ela que rezasse o terço. Levina contou a aparição para seu marido, mas Sebastião não quis falar sobre o acontecido, alertando a família que este assunto poderia trazer sofrimento para todos. As três, Levina, Geralda e Maria, passaram a ir ao local e de manhã e à tarde rezavam um Pai Nosso e três Ave Maria para Nossa Senhora, que sempre encontravam no mesmo lugar, sob a árvore onde Sebastião havia pendurado os cipós. Levina e as crianças não comentaram as aparições com ninguém além do pai. Maria relata:

Nós não falamos com ninguém. Ninguém ficou sabendo, nem o dono que era daqui do terreno não ficou sabendo. Aí nós rezamos, continuamos a rezar. A mesma coisa, um dia fazia visita lá e Ela estava lá.

Orlandina disse em sua entrevista que Levina não viu Nossa Senhora no mesmo dia que as crianças, mas que as aparições a ela começaram a ocorrer aproximadamente uma semana depois:

Chamaram a Levina, Levina levou uns 6 dias pra ver. Ela me contou. Levina. Que ela ia e não via. As meninas viram no mesmo dia. A Dona Vica falou comigo assim, que ela ia durante seis a oito dias, até que ela começou a ver. Ela não viu no primeiro dia, não.

Sebastião, apesar de não haver demonstrado interesse sobre o que foi contado por sua mulher e filhas, ficou curioso e passou a ir ao local indicado por elas, mas não conseguiu ter uma visão da santa. O texto abaixo é transcrição do que Efigênia anotou no 1º Livro de Tombo, ditado por Sebastião e que fala sobre sua expectativa de ter também uma visão de Nossa Senhora:

...eu cheguei e olhei até cansar e não vi nada. No outro dia 3 eu voltei lá umas 6 vezes e não vi nada e todas continuavam vendo, eu só não conseguia ver nada, quando foi no dia 4 eu voltei muito nervoso e falei assim, se eu não ver nada eu vou ralar com a mulher e as meninas. Quando foi na hora do almoço, a mulher me chamou para almoçar eu continuava nervoso eu disse que ia ver Nossa Senhora Aparecida e quando cheguei lá olhei e não vi nada e mais nervoso fiquei, cheguei e ralhei muito com ela e meus filhos que deixasse de bobagem que não tinha nenhuma Nossa Senhora lá. A gente tão apertado de serviço e fica tudo parado por conta de bobagem suas.

Apesar de suas tentativas frustradas, Sebastião continuou impressionado com o que sua esposa e filhas contavam sobre suas visões de Nossa Senhora e então pediu a Ela que, se não lhe fosse dado o poder de ver, que Ela lhe desse um “sinal de fé” para que pudesse saber se as aparições eram verdadeiras. No mesmo dia 4 de fevereiro, às onze e meia da noite, voltou ao local e começou a fazer orações. O Livro de Tombo conta como foi que Sebastião obteve o sinal pedido:

... quando eu [Sebastião] cheguei rezando o terço fazendo pedido a N. Senhora naquele momento apareceu uma luz no lugar em que estava aparecendo a Nossa Senhora mas eu ainda não afirmava que pudesse ser um sinal, de Nossa Senhora, achava que era um vagalume. Quando acabei de falar a luz desapareceu. Eu tornei a fazer outro pedido a N. Senhora e aquela luz foi crescendo e tremendo e formou um resplendor, nesta hora eu pude afirmar, só podia ser uma manifestação de N. Senhora, aquele resplendor transformou em um quadro de meio metro de altura e de comprimento e aquele quadro transformou em diversas cores, e continuei a fazer oração agradecendo a N.Senhora por aquela manifestação, na hora que eu estava pedindo a bênção desceu no quadro com dois anjos de seu lado todos dois com vela acesa na mão.

Sebastião era católico praticante, como toda sua família, e contou para seus parentes e companheiros de trabalho sobre a presença da santa no local. Uma das pessoas a quem Sebastião contou sobre as aparições foi Aloísio de Almeida, que era seu companheiro de trabalho na roça. É ele quem diz:

O Bastião, pai da Maria, falou que tinha uns três dias que eles estavam vendo uma santa lá no mato. E todo dia eles iam lá pra rezar. Aí foi um dia, eles falaram lá... passaram uns companheiros lá e viu eles rezando lá. Aí perguntou. Eles falaram que Nossa Senhora Aparecida estava aparecendo lá. Aí esta pessoa viu também a santa, sabe? Parente deles.

Uns dias depois de seu primeiro encontro com a santa, Levina adoeceu gravemente e seus parentes pensaram que ela estava à morte.

Maria: Aí mãe pegou, teve um dia que a mãe ficou muito ruim, ela ficou ruim, mas ficou ruim mesmo. Aí a minha tia pegou chegou falou com meu tio assim: - “Eu acho que sua irmã não vai passar de hoje”. Aí quando eu escutei aquilo, comecei a chorar. Eu tinha medo de perder ela, falei assim, ah meu deus, vamos perder a mãe tão cedo e nós ficar jogado.

De repente, deitada na cama, Levina começou a cantar um hino a Nossa Senhora, que era desconhecido de toda a família. Ela cantou durante muito tempo e seus irmãos pensaram que ela estava delirando.

Maria: Aí ele [o irmão] pegou, foi lá no quarto, ela estava cantando, ela estava cantando muito para Nossa Senhora. Quando ela cantou o hino todinho, ela voltou a estar normal. Voltou ao normal. Aí ela melhorou, daquele dia em diante, acabou tudo.

Teresa Rosa: Ela sofreu. Só quando Nossa Senhora apareceu, ela sarou. Nossa Senhora falou: - “Minha filha, eu vou te curar. Não pro mundo, pra você trabalhar pra mim. Durante quanta vida você tiver”. Dessa data ela não teve mais disenteria, desapareceu tudo.

Levina, no outro dia, amanheceu curada, passando a se alimentar normalmente, o que não ocorria há mais de 15 anos. Ela e as filhas continuaram a visitar o local das aparições pela manhã, rezavam e iam para casa para cuidar das obrigações. À tardinha, após Levina deixar o jantar pronto para seu marido, as três voltavam para rezar novamente.

Maria disse que umas duas semanas após a primeira aparição, uma senhora chamada dona Mariazinha, amiga de Levina, foi visitá-la levando os três netos que criava desde o falecimento de sua filha. Maria e Geralda contaram para as crianças sobre as aparições de Nossa Senhora e Levina disse a dona Mariazinha que havia sido curada por Ela. A notícia dada pelas crianças na escola provocou uma reação em cadeia

que, com rapidez, extrapolou os limites de Villas Boas e Guiricema. Pessoas das cidades vizinhas de Visconde do Rio Branco, Ervália, Viçosa, Ponte Nova, Ubá e dos diversos povoados ao redor passaram a subir a serra, a maioria por curiosidade, mas sempre na esperança de também ter uma visão de Nossa Senhora.

Maria: Chegando lá as crianças foi vendo também. Eles eram três. Um era menino e duas meninas. Aí eles chegaram lá e viu também. Ah, minha filha, mas eles estudavam em Villas Boas. Aí estudava, chegou em Villas Boas, eles contaram. Pra todo mundo. Pra todo mundo lá na escola. Aí o povo já começou a ficar curioso, aí começou a subir gente pra tudo quanto é lado. Aí tá subindo gente, tá subindo gente... Daquele dia em diante...

Orlandina: Até que ela viu Nossa Senhora, ela falou com as filhas: - “Não conta para ninguém.” Mas as meninas acabou contando, acabou contando à neta da Dona Mariazinha. Aí espalharam a notícia.

O processo de expansão do conhecimento das aparições de uma santa na montanha, que passou a ocorrer a partir do primeiro momento em que as três crianças passaram a relatar este acontecimento, é compreendido por Berger e Luckmann como uma necessidade humana de se relacionar com o seu semelhante. Para estes autores, o ser humano só pode existir na vida cotidiana em interação com os outros indivíduos e a realidade é sentida dentro da estrutura social, ou seja, através de tipificações e padrões estabelecidos nas interações, que ocorrem especialmente através da significação lingüística. Ao externalizar o pensamento subjetivo por meio da linguagem, o ser humano compreende o sentido de suas experiências, que passam a ter sentido não somente para o outro, mas também para ele próprio. É desta forma que o ser humano entra no reino do social. “A humanidade específica do homem e sua sociabilidade estão inextricavelmente entrelaçados. O *homo sapiens* é sempre, e na mesma medida, *homo socius*.”⁴⁰ Para Berger, a exteriorização é uma necessidade antropológica e “o ser humano, como o conhecemos empiricamente, não pode ser concebido independente da contínua efusão de si mesmo sobre o mundo em que ele se encontra”⁴¹ É através da exteriorização que o homem produz e constrói um mundo social e confere significado à realidade. A construção do mundo é um empreendimento coletivo. Só a partir da exteriorização o ser humano se relaciona com o outro, com o seu semelhante. A

⁴⁰ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 73.

Berger adota de Durkheim o conceito de inextricável conexão entre a humanidade do homem e sua sociabilidade em *Formes élémentaires de la vie religieuse*.

⁴¹ BERGER, Peter. O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985, 2004, p. 17.

sociedade não é só o resultado da cultura, mas uma condição necessária dela. É a sociedade que distribui e coordena as atividades de construção do mundo desenvolvidas pelos homens. Esta afirmativa pode ser compreendida através dos relatos de Terezinha de Souza, Orlandina Teixeira, Aloísio de Almeida, Aldir de Almeida, Teresa Rosa, Terezinha Anacleto e Irmã Henriqueta que foram algumas das primeiras pessoas que tomaram conhecimento das aparições e o que foi contado por eles permite demonstrar como a exteriorização, através da linguagem, atinge o meio social levando à expansão do conhecimento que, uma vez exteriorizado, adquire objetividade, passando a existir independentemente de quem o produziu.

Terezinha de Souza: Todo mundo falava. Todo mundo falava que Nossa Senhora estava aparecendo, Nossa Senhora estava aparecendo. Aí eu mais o Heitor fomos lá.

Aldir: Meu pai falou: - “Lá na Santa Montanha, lá na Serra da Mutuca, que era chamado Serra da Mutuca aqui. Lá na Serra da Mutuca está aparecendo Nossa Senhora.” Aí, no dia seguinte, eu vim. A família era grande, não podia vir tudo de uma vez, no dia seguinte eu vim. A gente morava ali pouco pra cima do cemitério, indo pra Dom Silvério. A gente ficou lá na estrada lá, pra ver o movimento. De gente, que já estava fazendo movimento aqui.

Orlandina: Mas as meninas acabou contando, acabou contando à neta da Dona Mariazinha. Aí espalharam a notícia. O meu esposo Alberto, apelido de Tolé, chegou de Guiricema e falou: - “Você está sabendo que no mato da fazenda do Senhor José Emídio está aparecendo Nossa Senhora?” Ele chegou e falou, que eu não sabia. Chegou de Guiricema falando. Ele falou: - “Está indo muita gente para lá.” Aí eu respondi pra ele: - “Eu também quero ir. Quero ir lá”. Nós fomos.

Teresa Rosa: Quando morava na Terra Fria, lá no Geraldo Majela, quando o Geraldo falou pra minha mãe: “Ó comadre, apareceu uma Nossa Senhora na Santa Montanha”, aí a minha mãe falou: - “Na Santa Montanha?” Não, falou na Mutuca, porque aqui eles não falavam Santa Montanha. Santa Montanha, foi Nossa Senhora que deu este nome. Então eles falavam Mutuca. Vai, amanhã nós vamos pra lá. Aí a mãe falou: - “Eu também vou”. Eu falei assim: - “Lá não tem nada não”. Ela falou: - “Não, mas a gente tem que ver, ué. O compadre Geraldo lá vai, eu também vou”. Quando ela chegou, falei assim: - “Mãe, é Nossa Senhora que apareceu lá na Mutuca mesmo?” Ela: - “Apareceu, sim, minha filha, você precisa de ver o povo que estava lá. Era igual um jubileu.”

Aloísio: Aí a romaria começou, aí começou a juntar gente dia e noite. Mais de umas duas, três mil pessoas todo dia. Que aqui vinha gente a cavalo e o papai precisou tirar até o gado do pasto porque é cavalo demais. Os cavalos, tinha arreio pendurado em tudo aquelas árvores lá. O pai falou: - “O que vai fazer? Aluga outro pasto. Tem que alugar pasto novo, por que vai mandar tirar? Não tem como. Deixa pra lá.” O pai não ligou, pode comer tudo, não tem problema nenhum. Aí tirava o gado. Tirava o gado e alugava outro pasto.

Teresinha Anacleto: E lá em cima aonde nós morava, ficava assim igual a uma procissão, era gente de todo lado, de Ervália, tinha gente lá do Careço, passava era cavaleiro, era gente a pé, aquela conversaiada o dia inteiro, de noite. Aqueles que moravam mais perto subiam mais tarde, gente do Gudinho.

Irmã Henriqueta: Desde quando Nossa Senhora apareceu, o pessoal vinha muito, tinha muito tumulto. Foi uma coisa diferente. Ah, mas o pessoal ficou tudo doidinho. Vinha muita gente aqui, mas gente demais, era gente, muita gente mesmo. Tudo a pé, essa serra ficava tudo enfeitadinha de gente.

Para Berger e Luckmann, a linguagem, que é a representação máxima da exteriorização, tipifica as experiências, permitindo que estas sejam agrupadas em categorias, reunindo-as em ordens gerais de significado onde as “diferentes zonas da realidade da vida cotidiana” são integradas em um todo dotado de sentido.⁴² A linguagem é capaz de transpor esferas da realidade fazendo com que a realidade que existia a nível simbólico venha a ser integrada na vida diária.

Ao nível do simbolismo, por exemplo, a significação lingüística alcança o máximo desprendimento do “aqui e agora” da vida cotidiana e a linguagem eleva-se a regiões que são inacessíveis, não somente *de fato*, mas também *a priori*, à experiência cotidiana. A linguagem constrói imensos edifícios de representação simbólica, que parecem elevar-se sobre a realidade da vida cotidiana como gigantescas presenças de um outro mundo.⁴³

A exteriorização através da linguagem, vem a permitir que na situação face a face os significados subjetivos se tornem mais reais pelo compartilhamento das experiências que ocorrem em nível simbólico. Isto pode ser verificado pelos relatos dos vários entrevistados. De acordo com o que foi dito por eles, com a presença de milhares de pessoas que compareciam ao local das aparições diariamente, de repente, no meio da multidão, alguém dizia estar vendo Nossa Senhora. A visão quase nunca era compartilhada, parecendo sempre destinada a uma pessoa em especial. Entre as pessoas entrevistadas, encontrei algumas que contaram que este fato ocorreu com elas, e ao falar, demonstraram ainda grande emoção, dizendo ter sido este um momento inesquecível em suas vidas. Uma destas pessoas é Teresinha de Souza que, ao tomar conhecimento das aparições de Nossa Senhora na Serra da Mutuca, passou a frequentar regularmente o local, participando das novenas e orações dedicadas à santa pela família da vidente e pessoas da redondeza. Teresinha e seu marido Heitor percorriam a distância de Dom Silvério até a montanha a cavalo, levando seu filho caçula, Mozart, na garupa.

⁴² BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 57/58.

⁴³ Idem. p. 59.

Ela contou que em uma das ocasiões em que foram participar de uma novena, quando se preparavam para voltar para casa, teve a única visão de Nossa Senhora em toda a sua vida. A santa se mostrou usando o manto azul de Nossa Senhora Aparecida.

...quando eu olhei, a menina estava acabando de descer, tinha acendido a vela e a vela estava soltando aquelas flechas assim, e a Nossa Senhora pra cima. Mesmo no pé da vela. A Nossa Senhora igualzinho à da Basílica. Mas ela brilhou tanto na minha vista, que ela estava com capa azul marinho. Ela brilhou tanto que eu não vi a coroa dela. A coroa brilhou tanto assim no reflexo da vela que eu não vi a cabecinha dela, eu vi tudo e a cabeça dela era um brilho só. Aí é que eu falei: “Ah, ela lá.” Aí sumiu. Acabou. Aí o Aloísio bateu o joelho no chão e gritou: - “Nossa Senhora Aparecida!” Sei que existe Nossa Senhora, sei que existe porque eu vi.

A Maria tinha acabado de acender uma vela na pedra, e a Maria estava descendo assim, na hora que ela desceu a Nossa Senhora veio assim de repente na pedra, uma pedra muito alta, comprida, e ali a Nossa Senhora apareceu com a cabeça dela brilhando tudo, aquela capa azul mais linda, igualzinho a Nossa Senhora de Aparecida do Norte. É aquele tamanho, mesmo jeito, com capa azul marinho, como você vê agora. Aquela capa azul marinho, toda brilhando, cravada em pedra. Agora, a cabecinha dela, a coroa era tão... brilhou tanto que eu não pude ver. Mas eu vi que deu reflexo, reflexo, e ela apareceu naquela capa linda. E o seu Sebastião ficou em pé e falando: - “Nossa Senhora Aparecida, rogai por nós! Nossa Senhora Aparecida!” [Sebastião] Viu. Ele viu. Ele não falou nada, mas ele pôs a mão à posta e ficou: “Nossa Senhora Aparecida, rogai por nós.” Com o olho fechado e em pé. E eu no meio e o Aloísio ajoelhado lá e gritando: - “Nossa Senhora Aparecida!” Aí o povo que estava lá juntou tudo em volta de nós e nós... eu nunca mais eu vi mais nada.

Catarina da Costa morava com seu marido na zona rural de Ervália e logo que tomou conhecimento das aparições de Nossa Senhora se tornou visitante assídua da Serra da Mutuca, comparecendo com regularidade a todas as rezas, missas e novenas que eram realizadas pelos visitantes e moradores. Em sua simplicidade, ela conta como teve uma visão da santa, durante o momento em que esta transmitia uma mensagem à vidente Levina: - “Eu vi assim uma nuvem, parecia uma nuvem igual algodão. Aí apareceu assim o rostinho. Mas só o rostinho dela. Não vi ela perfeitinha, não.”

A entrevista com Aloísio de Almeida foi realizada em sua residência, um sítio localizado na periferia de Visconde do Rio Branco, onde mora há vários anos com sua esposa Lúcia. Ele disse que teve também uma só visão de Nossa Senhora Aparecida, em meados de 1964, ao chegar à casa da fazenda uma noite, montado em um burro e em frente à mesma pedra que Teresinha de Souza descreveu:

Um dia também eu cheguei, eu cheguei um dia lá, era 11 horas da noite, que eu ia até em umas festas lá no Guiricema, aí eu cheguei lá... aí eu cheguei lá

e vi a santa, Nossa Senhora Aparecida. Nossa, no meio das folhas assim, andando no meio das folhas, estalando assim. A coisa mais linda do mundo. Aparecia na pedra assim, saía andando no meio das folhas secas assim, quebrando folha assim. Com aquela vestimenta mais dourada do mundo, toda iluminada assim. Nossa Senhora, era bonito demais. Coisa linda. Vi. Toda brilhando. Nossa Senhora, coisa mais linda do mundo. Eu fui lá em casa, chamei o papai, mostrei o papai. Não viu. Desse dia pra cá, não rezei mais. Já vi a santa, já estou salvo.

Uma das pessoas que se mudou de Ervália com a família para Serra da Mutuca alguns anos depois dos relatos das primeiras aparições é uma senhora magrinha, de aparência frágil, chamada Teresinha Anacleto. A ermida já havia sido construída e foi lá, no momento que a vidente Levina transmitia uma mensagem, que viu Nossa Senhora:

Primeira coisa que eu vi foi o dia que Nossa Senhora falou que ia ficar presente. Todo mundo ia ver. E eu vi a imagem de Nossa Senhora Aparecida bem altinha assim, na capelinha ali mesmo. Naquele lugar que tem a luz. Não tem a lâmpada lá dentro? Vi Nossa Senhora perfeitinha.

A amiga de Terezinha Anacleto, Teresa Rosa, passou a morar na montanha alguns anos antes dela e contou que, na primeira vez que foi à Serra da Mutuca com sua mãe e uma prima chamada Carminha, não acreditava que pudesse ver Nossa Senhora. Enquanto rezava no lugar das aparições, foi surpreendida com a primeira e também única visão da santa. Foi muito emocionada que falou sobre o que aconteceu e o que sentiu no momento:

A minha prima, a que tinha lá da Terra Fria também. Que ela veio primeiro. Era a segunda vez dela. Ela ficou rezando e olhando muito pra esse buquê de flor. Lá pertinho, entre as duas arvinhas que estava o buquê de flor. Com pouco ela falou assim, a minha mãe tinha chegado, ela falou assim: “Teresinha, eu estou vendo Nossa Senhora.” – “Você está vendo, Carminha? Aonde que você está vendo?” Ela falou: - “Onde é que as meninas falaram. Eu estou vendo ela.” Eu fiquei olhando, mas eu não, essa graça não é pra mim, não. – “Você está vendo, mas eu não estou vendo não.” Ela falou, vai rezando, minha filha, que eu também estou rezando. Goretti, eu vi. Mas, meu Deus, a gente não sabe explicar aquela beleza de Nossa Senhora não. Não tem explicação pra gente explicar não. Aquele olhar dela... Mas eu vi o título de Nossa Senhora Aparecida. O título dela aqui é de Nossa Senhora Aparecida. Nossa Senhora Aparecida. Com aquela capa azul, parecia toda cheia daquele bandolim, com aquela veste branca. Ela estava com o terço na mão e mãozinha posta. A mão à posta com aquele terço na mão. Falei assim: “Mãe, mãe.” Mas eu peguei a chorar. – “Mãe, olha, mãe, a senhora vem ver, a senhora vê Nossa Senhora.” Mas aí a ignorância foi minha. Eu falei: - “Ela está pertinho desse buquê de flor que as meninas puseram. A senhora espia, que a senhora dá pra senhora ver.” A Carminha: - “Olha, Dona Elvira, está aqui, olha ali que a senhora vê.” Mas aí ela não viu. Ela não viu. Falei assim: - “Ai, mãe, a senhora não está tendo olhos pra ver não.” Quando eu disse esta palavra, ela abriu as mãos e o terço dela, aquele terço brilhou. A capa

dela abriu tudo e eu amontoei no chão. Não vi mais nada. Nada. A beleza dela que foi demais pra mim, a gente pecador. A gente considera nada, a gente não é nada.

Paulo é casado com Beatriz, neta da vidente Levina, e moram com seu filho Gabriel na Santa Montanha. Ele morava em São Paulo quando soube sobre as aparições através de uma tia, que se mudou posteriormente para a montanha e se tornou religiosa, chamada Irmã Ana. Ele também descreve a visão de uma mulher, que identificou como Nossa Senhora, no momento em que fazia orações na ermida. Paulo diz que sentiu que Ela se mostrou a ele através de locução interior, internamente e não exatamente através da visão:

Aí ela [Irmã Ana] falou pra mim, eu acreditei, gostei, achei que aqui era um lugar misterioso assim, um lugar meio sagrado assim, aí vim pra cá visitar, gostei, aí entrei pro seminário. Uma vez, olha, eu estava rezando lá na capelinha de Nossa Senhora. Na hora que eu fui ajoelhar pra rezar, fechei os olhos assim, eu vi como se fosse um flash, batido um flash assim rápido que ficou gravado na minha cabeça, que eu vejo até hoje. O rosto de uma senhora muito linda, alta, com o rosto parece que bronzeado assim como se tivesse queimado de sol, um bronzeado bonito, séria, olhando pra mim, com os braços abertos assim. Mas estava com um manto bem negro cobrindo a cabeça, um manto bem negro, mais negro que se pode imaginar. E a roupa branca, mais branca que a gente pode imaginar também. E o coração vermelho que nem sangue. Em volta do coração, uma coroa de espinhos. Na roupa dela. Um coração, com uma coroa de espinhos em volta e a roupa dela branquinha, mais branca que a gente não pode nem imaginar. Mas foi assim como se fosse um flash na minha cabeça, assim um tipo de, sei lá, uma lembrança assim que fica na cabeça. Eu acho que era Nossa Senhora. Mas o negócio que aconteceu, essas visões, essas locuções interiores, aconteceu. É locução interior. Visão espiritual. É uma coisa que não dá pra explicar. Parece que, sei lá, a gente está comunicando, está vendo, mas não está vendo. Não dá pra entender. Não dá pra explicar uma coisa dessas, não.

Irmã Henriqueta, uma das religiosas que residem na Santa Montanha, contou como seu pai, Antônio Virmieiro, percebeu um sinal luminoso no céu, pouco tempo antes da primeira manifestação da santa às três crianças.

No começo ela [Nossa Senhora] aparecia mesmo. Papai acho que nunca viu. Papai viu sinais. Sinais. Antes dela aparecer, ele viu um sinal muito bonito. Mas ele não chegou a ver Nossa Senhora não. Ele viu uma estrela, uma estrela muito bonita. E veio nessa direção e sumiu. Ele viu aquela luz no céu. E sumiu. Ele falou assim, foi uma coisa muito bonita. Aí sumiu. E depois, logo em seguida, Nossa Senhora apareceu.

O pároco da cidade de Guiricema em 1966 era o Padre Paulo Fada que, a pedido de Sebastião, subiu a montanha para abençoar o local onde Nossa Senhora estava dando aparições. A pedido dele que foi erigido um cruzeiro de madeira pelos moradores do

lugar. O que se segue foi ditado por Sebastião e anotado por Efigênia no Livro de Tombo:

Quando foi no dia 6 de fevereiro (sábado) quando chegou as multidões de povo o esperavam, logo a primeira coisa foi benzer o lugar e rezou diversas orações assim, a de São Miguel Arcanjo e dirigiu muitas palavras santas e mandou que cercasse o lugar com 8 fios de arame e respeitasse muito o lugar, e continuasse a rezar sempre naquele local. Quando foi a segunda vez em que ele voltou, mandou que o povo mandasse fabricar um cruzeiro e assentasse naquele lugar e respeitasse muito o lugar. Quando foi o 3º dia veio para benzer o cruzeiro e pediu o povo que não ficasse preocupando muito podia rezar mas não impressionasse, e também não perturbasse tanto a família do Sr. Sebastião Lourenço.

O cruzeiro foi levantado, Padre Paulo foi à montanha para benzê-lo e em poucos dias foi transferido de paróquia e substituído pelo Padre Galdino da Rocha Passos. A chegada desse padre está descrita no 1º Livro de Tombo, ditado por Sebastião e diz que ele, assim que chegou, subiu a serra para falar com os videntes sobre as aparições, decidido a colocar um fim ao movimento das pessoas que invadiam a fazenda do Senhor Juca Emídio:

(Padre Galdino) Eu vim com uma idéia de acabar com esta romaria, que estou sabendo, e estou vendo que está demais, já fiz um pedido ao SS. Sacramento, se eu obter o pedido eu creio mas se eu não for atendido vou acabar com tudo de hoje em diante, e dentro de poucos dias dirigiu-se para a serra e chegando encontrou outra multidão de povo esperando. Todos em oração ele nem olhou para o local, pediu que chamasse o dono da casa e eu fui atender o pedido. Ele foi logo me apertando e me maltratando e disse: vocês ficam lendo revistas e jornais e inventando mentiras e enganando o povo a fazer tantos sacrifícios de vir parar em lugar tão difícil como este. Tudo por suas culpas, mas se eu não ver sinal nenhum não tem homem de classe nenhuma que vai me fazer afirmar mentira alguma.

Orlandina estava na montanha quando Padre Galdino chegou para falar com a família de Sebastião e apesar de não tomar conhecimento do diálogo entre ele e o padre, percebeu que este subiu com a intenção de desmentir as aparições:

Eu estava lá na hora, eu e a mãe da Efigênia, a dona Flausina. O padre Galdino chegou muito nervoso e falou: “Eu tenho os meus poderes com Santa Teresinha. Se eu ver qualquer sinalzinho aqui no local, continua. Mas se não ver, está acabado, porque o dono desse terreno não pode ficar com essa romaria pra lá e pra cá no terreno dele e não pode”. Aí ele foi lá e ficou muito nervoso com o Sebastião, o marido da Vica. Tentou eles muito lá e voltou. Ele mesmo foi lá conversar com ela. Eu não vi a conversa deles não, mas segundo eles falaram, ele ficou muito nervoso lá com eles.

Padre Galdino chegou sozinho e depois de conversar com a vidente Levina e seu marido, ajoelhou para rezar perto dos cipós onde haviam colocado flores e velas acesas

para a santa. Em um dado momento, ele pediu a uma criança que mudasse algumas flores de lugar. Foi quando aconteceu o sinal desejado para que ele concordasse com a continuidade das manifestações populares. Orlandina contou como Padre Galdino teve sua visão de Nossa Senhora:

Ali ele olhou lá assim, eles punham flores, traziam buquê de flores, e punham no chão lá perto dessa tábua. Ali no local mesmo onde Nossa Senhora apareceu, perto do pé de uma árvore. Ali ele rezou, rezou, rezou e falou assim: - “Ali embaixo tem um buquê de flor?” Falei: - “Tem uns ramos de flor ali.” Ele mandou que uma menina entrasse ali e tirasse aqueles ramos de lá. Tirou os ramos de flor de lá. Ele mandou tirar. Aí ele ficou rezando. O cipó que pingava ali, o óleo deu uma espirrada, fez assim uns borrifos lá. Ele continuou rezando, deu uma olhada dentro e falou: - “Tira as flores.” Tirou as flores, ele olhou, olhou. Aí a dona Flausina perguntou: - “Padre Galdino, o senhor viu alguma coisa?” Ele falou assim, eu escutei ele falando: - “Eu vi uma imagem deste tamanho assim, mas não quero que comente. Na hora que tirou as flores, eu vi uma imagem desse tamanho assim, mas não quero que comente’.”

Efigênia anotou no 1º Livro de Tombo o que aconteceu no dia em que o padre foi novamente à montanha e descreve o temor de Sebastião ao vê-lo se aproximar:

[Sebastião] Eu fiquei tão assustado que fiquei mais de longe e só pensando o resultado, e olhando sempre de longe, mas ele já tinha visto Nossa Senhora, mas eu não sabia, ele me chamou 3 vezes eu não ia de medo pensando que ele ia ralar muito comigo, quando ele via que eu não ia ele veio para perto de mim, cada passo que ele dava para o meu lado mais medo aumentava mas sempre falando para mim mesmo, seja feita a vontade de Deus, ele me chamou em particular e me disse: “É verdade Sebastião eu vi uma imagem da altura de 35 centímetros graças a Deus.”

No livro de Frei Cristóvão Pirolli⁴⁴, que reuniu vários fatos que este religioso presenciou e outros que lhe foram contados, ele diz que Padre Galdino, após ter tido esta visão de Nossa Senhora, passou toda uma noite em orações na Ermida e tudo o que ele disse sobre o que aconteceu naquela noite foi: - “O que eu vi, o que eu ouvi e o que senti, não posso explicar para ninguém.”

Uma manifestação de Nossa Senhora a Sebastião Ferreira está gravada no 1º Livro de Tombo e aconteceu no dia 5 de fevereiro de 1966, um dia depois de Sebastião ter recebido seu “sinal de fé” e foi acompanhada de outros fenômenos que também foram descritos. Sebastião, em seu encontro com Nossa Senhora, prometeu a ela procissões durante nove dias seguidos, acompanhadas por sua família, moradores do lugar e diversas outras pessoas que já haviam tomado conhecimento das aparições e lá

⁴⁴ PIROLLI, Cristóvão. Os Direitos da Rainha do Céu e da Terra. São Paulo: 1984, p. 13.

compareciam em romarias. Um altar foi improvisado junto à árvore de onde pendiam os cipós, onde sua mulher colocou uma imagem de Nossa Senhora Aparecida que tinha em sua casa. Após a procissão, Levina levou a imagem de volta e Sebastião continuou no local e, ainda fazendo orações, disse ter tido uma rápida visão da santa. Em seguida foi para casa, tomou café e se dirigiu ao paiol para pegar palhas para fazer um cigarro. E foi lá que, embora não tenha tido uma visão de Nossa Senhora, percebeu sua presença através de um perfume intenso que invadiu o lugar. Neste momento, foi acometido da sensação de morte e, em pânico, pediu a Ela que o ajudasse, sendo imediatamente transportado para sua casa, sem conseguir explicar como isso se deu.

... e logo veio um perfume de rosa eu pensei que tinha rosa ali mas não era, pensei também que fosse algum vidro de perfume que tinha quebrado fui examinando e cheirando as tábuas do soalho só percebia mau cheiro de rato morto e quando levantei o cheiro vinha de cima e continuando apertando mais eu só pensando aonde podia vir este cheiro quando me veio no sentido só pode ser Nossa Senhora nisto o cheiro aumentou tanto como se estivesse despejando um perfume tão forte que parecia que eu estava todo molhado de uma água cheirosa mas só pensava que só podia ser N. Senhora que quer conversar comigo mas eu não resisto mais eu gritava mulher ela está rezando o terço pensei nós dois chegando junto podemos resistir a chegada de Nossa Senhora, eu fui gritar mas a fala não saía esforcei três vezes mas não saía nós tentei correr mas meu corpo não saía do lugar como se eu estivesse preso. Nesta hora o perfume era tão forte que eu fui levantando na altura de meio metro eu sei que estava suspenso do chão e gritei: me vale Nossa Senhora Aparecida me tira desse lugar eu não quero morrer agora e prometi a ela que queria trabalhar muito para Ela, no mesmo momento eu fui apanhado e quando eu vi já estava dentro de minha casa sem saber aonde que tinha passado, quando estava dentro de casa senti que meu corpo estava normal...

Após ter obtido a confirmação que precisava para concordar com a veracidade das aparições de Nossa Senhora, o padre Galdino decidiu fazer uma procissão do Distrito de Villas Boas até a serra, com a finalidade de celebrar uma missa. Na procissão, o padre levou um oratório que seria colocado ao lado da árvore onde foram estendidos os cipós por Sebastião, para proteção da imagem de Nossa Senhora Aparecida que ele emprestou da igreja de Villas Boas até que outra pudesse ser adquirida. A procissão foi organizada e contou com a presença de centenas de pessoas.

Maria: Aí trouxe a imagem, botou, fez um oratório grande pra poder ter proteção, pra não molhar ela quando chovia, até dar pra poder fazer uma capelinha pra pôr ela.

Orlandina: ...uma redoma de tábua. Assim feita de tábua, era da igreja. Antigamente a redoma no altar era feita de madeira. Assim, tudo de madeira. Mas levou ela em procissão, era essa Nossa Senhora Aparecida que ela estava falando que teve procissão, foi essa. Levou pra lá.

Padre Galdino, no dia 19 de março de 1966, celebrou sua primeira missa na montanha.⁴⁵ E foi neste momento, de acordo com o que relatou Maria, que ele viu no céu uma imagem de Jesus crucificado:

Aí ele pegou falou rezou. Fez uma porção de oração, aí ele pegou falou assim... Aí começou a cair aquele serenozinho com aquele sol tão quente, aquele sol quente... aí caindo aquele sereno de água tão fininho, fininho, aquela chuvinha fininha, fininha. Aí ele falou assim: - “Ô gente, mas que beleza, mas que graça de Deus. Que graça!” Aí ele viu o crucifixo, apareceu Jesus crucificado pra ele, brilhou todinho pra ele. Brilhou, brilhou e deu aquela chuva de água. Aí ele pegou, ele assustou, ele assustou, ele ficou assim, parado, olhando.

Orlandina: Nesse dia da procissão, que ele fez procissão com a imagem, ele fez também procissão com a imagem, saiu de lá cantando e rezando e falou: - “Vocês podem continuar a rezar.” Não mandou que parasse, não.

1.1.1 O Óleo de Nossa Senhora

O fato antropológico de que o ser humano necessita se exteriorizar desde o seu nascimento tem uma grande probabilidade, segundo Berger, de que isto ocorra devido à constituição biológica do homem, que o leva a desenvolver uma personalidade e assimilar cultura. Assim, o mundo do homem precisa ser modelado pela sua própria atividade. O ser humano, em ação, produz um mundo, que é sempre um empreendimento coletivo.

É, pois, a sociedade, um produto do homem, radicado no fenômeno da exteriorização, que por sua vez se baseia na própria constituição biológica do homem.⁴⁶

Segato, citando Geertz, diz que

A essência humana, portanto, se apresenta caracterizada por sua liberdade, no sentido de indeterminação biológica. Mas, no lugar dessa determinação, uma outra é introduzida: a da cultura, é dizer, dos padrões culturais.⁴⁷

A partir das primeiras aparições da santa na montanha, vários fenômenos também passaram a ser relatados em grande profusão, em uma exteriorização intensa e contínua pelos indivíduos que, em conjunto, foram dando forma ao mundo em criação.

⁴⁵ Informação retirada do 1º Livro de Tombo.

⁴⁶ BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, pág. 22.

⁴⁷ SEGATO, Rita Laura. Um paradoxo do Relativismo: Discurso Racional da Antropologia frente ao sagrado. *Religião e Sociedade* 16/1-2, 1992

Poucos dias depois dos primeiros relatos de que a santa se mostrou às três crianças, um fato curioso ocorreu e perdurou até a morte da vidente Levina, em 2002. Foram as pessoas que presenciaram o acontecido que contaram em suas entrevistas como se deu o aparecimento do “Óleo Milagroso”, ou “Óleo de Nossa Senhora”.

Com a presença diária das pessoas vizinhas no lugar, o horário que Levina e as crianças dispunham para rezar passou a ser estabelecido como rotina para as orações a Nossa Senhora. Maria relata: - “Daqui do povo, da redondeza, vinha muita gente. Aí nós rezava. Vão todo mundo rezar. Aí nós já sabia do horário de rezar, vão todo mundo rezar.”

Maria contou que algum tempo depois da primeira aparição de Nossa Senhora e durante os períodos em que as pessoas se reuniam em torno da árvore para fazer as orações, elas perceberam que estava pingando um líquido das folhas da árvore e dos cipós, em grande quantidade. O líquido possuía a consistência de óleo e passou a ser recolhido e distribuído entre os fiéis e várias curas passaram a acontecer após seu uso.

Era da árvore mesmo. Pingava aquele pingo ali e a pessoa... Muita gente que não enxergava, passou a enxergar. Então não enxergava e passou a enxergar, saiu daqui enxergando. E muita gente que às vezes tinha problema, uma doença, às vezes séria, passava do óleo e ficava curado. Ficava curado.

Uma outra versão para o surgimento do óleo foi narrada por Aloísio de Almeida. Aproximadamente dez dias após relatada a primeira visão da santa pelas crianças, os trabalhadores da fazenda, junto com Adílio de Almeida, irmão de Aloísio, foram se refrescar em uma bica localizada perto do local das aparições. Adílio bateu o facão em um dos cipós que ainda estavam estendidos na árvore e este começou a minar água:

Tinha o cipó no lugar lá de nós passar, bater pasto, os menino lá, os companheiros. O cipó estava pingando água. Aí, o meu irmão era muito religioso, porque morreu há poucos anos agora. Cortou um cipó, o cipó começou a pingar água. Aí falou assim: Vou botar uma tabuinha aqui, ele não sabia de nada, não. Aí ficou. Aí o Sebastião Ferreira falou que tinha santa lá, ele viu a santa, Nossa Senhora Aparecida. Ele pegou falou: - “Então esse cipó aqui já tem uns dez dias. Ele cortou ele e ele não secou.” Aí desceu o óleo da santa. Aí ele fincou um pau e botou uma bacia branca assim. De manhã você chegava lá, o pingo de água caía dentro dela, rodava pra todo lado e não caía no chão. Você entende? Rodava e não caía não. Dentro da bacia. Pingava dia e noite e não entornava. A dona Levina depois botou ali, botava dentro do litro, a mãe da Maria, ele virava óleo. Aquela água branquinha. Virava o óleo.

O Óleo de Nossa Senhora passou a ser usado por todos em forma de chá, misturado à água com que as pessoas banhavam a parte do corpo doente ou ingerido em

gotas e, a partir daí, narra-se que curas de vários males passaram a ocorrer, para alguns às vezes imediatamente, para outras pessoas, no espaço de alguns meses em que a doença ia desaparecendo gradativamente.

Orlandina conheceu a história do Senhor Joaquim e sua esposa Angelina, que era cega, e contou como esta passou a enxergar depois de se utilizar de folhas do cipó, colhidas pelo marido e usadas sob a forma de chá. Ela contou o que ouviu deste senhor em uma ocasião em que se encontrou com ele em um banco em Guiricema. Também ouvi de Terezinha Anacleto a história do Senhor Joaquim que, conforme ela, depois de curado, pendurou na capela de Nossa Senhora uma foto sua segurando uma folha do cipó.

Orlandina: [Seu Joaquim] “Minha mulher era muito doente, não andava, não enxergava, não fazia as coisas direito. Eu fui lá, cheguei, apanhei umas folhas e trouxe pra fazer chá pra ela. Quando chegou lá em casa, eu guardei uma folha. E essa folha nunca secou.” A folha era do cipó. Essa folha, depois passou muitos anos, ele sempre falava: - “A folha, do jeito que trouxe, ela está lá guardada, ela não secou.” Depois ela pegou, ela não enxergava direito, ela cozinhava, ela fazia comida. Ela melhorou até pra fazer as coisas. Ela não enxergava nada. Ela chamava Angelina, ele chamava Seu Joaquim.

Terezinha Anacleto: Tinha, não sei se alguém já contou pra senhora daquele homem que era cego, ele e a mulher, alguém já te falou? O homem, eu não sei o nome dele, era de lá dos lados do Tuiutinga. Quando tinha aquelas fotos, estava o homem sentado com a folha de Nossa Senhora na mão, eu não sei se ele bebeu o chá ou se banhou a vista, ele voltou a enxergar. A mulher, não sei se voltou a vista não, mas ela fazia o serviço todo da casa, de costurar, fazia tudo. Tudo normal.

E é a mesma Dona Orlandina que presenciou a cura de seu irmão após ingerir o Óleo de Nossa Senhora. João, chamado por ela de Joãozinho, adoeceu gravemente, vítima de um mal que perfurou seu estômago, tendo passado por uma cirurgia de emergência. Foi desenganado pelo médico que o operou e que disse que o doente não teria uma sobrevivência além de três dias. A família foi avisada para que comparecesse ao hospital e Orlandina foi visitá-lo na cidade de Cataguases.

Cheguei no Cataguases, ele estava ruim demais. Muito ruim. Ele era branquinho e louro. Estava até preto, de tão ruim que ele estava. Deu um negócio no estômago dele, estourou, o estômago dele estourou. O médico abriu, operou, mas costurou de qualquer maneira, que ele não ia escapar mesmo. Deixou aquilo de qualquer maneira. Estourou. Mal, mal. “Se quiser avisar à família, pode avisar que ele não tem jeito pra 3 dias, em 3 dias ele está morto.” Nós fomos. Chegou lá, ele resmungou. Ele resmungou. Aí eu entendi. – “O que você quer falar?” Então ele disse: “Santa.” – “Você quer que traga alguma coisa da santa pra você?” O óleo da santa, eu insisti. É o óleo da santa que ele quer.

Atendendo ao pedido de seu irmão, Orlandina voltou no mesmo dia para Villas Boas e ao chegar, já havia anoitecido. Na companhia de sua irmã Teresinha, de Belo Horizonte, que veio se despedir de seu irmão que estava à morte, ela subiu a montanha para recolher o Óleo de Nossa Senhora, conforme pedido por Joãozinho. Ela falou sobre a cura do irmão como um milagre concedido por Nossa Senhora e que permitiu que ele vivesse o suficiente para criar todos os seus filhos, que ainda eram crianças, conforme havia pedido à santa.

Eu falei assim: - “O Joãozinho pediu o óleo, o Tolé quer ir lá amanhã cedo pra ver ele, que ele está muito ruim, o Tolé quer ver ele. Eu vou agora lá de noite buscar o óleo pra levar pra ele.” Nós fomos. Nesse dia, nós não chamamos a Dona Vica, não. Nós levamos uma colher e um vidro, e nós duas pegamos o óleo. Nós apanhamos o óleo com a colher, põe no vidro, estava pingando muito pouco. Eu arranquei até uma cascazinha, uma pelancazinha pra pôr junto à casca do cipó e pus dentro do vidro. Tirei o cipó. Arranquei um pedacinho daquela casquinha do cipó e pus junto com o óleo e trouxe e falei assim: - “Tolé, você vai cedinho, você leva pra ele, se você achar ele vivo ainda, que ele pediu o óleo.” O Tolé foi lá pra ver ele, chegou lá o Tolé deu à mulher dele o óleo que ele tinha pedido, deu o óleo pra ele. Depois que ele melhorou, ele falou assim: Que pediu a Nossa Senhora, que se Nossa Senhora desse vida pra ele criar os filhos dele, que ele ajudava um pouco na Santa Montanha, depois ia dar uma espórtula pra Dona Vica lá. Ele foi melhorando, melhorando, sarou. Primeiro, criou os filhos dele tudo, casou as filhas quase tudo, só ficou uma solteira, mas grande. Um casal. O caçula ficou moço, grande. Aí deu nele uma hemorragia no pâncreas, ele morreu. Mas ele criou os filhos dele. Ele pediu pra que ele queria criar os filhos dele. Criou.

Uma das irmãs de Teresinha Anacleto adoeceu da mesma forma que um irmão delas, que havia falecido há pouco tempo com um mal na garganta que o impedia de ingerir qualquer alimento, até mesmo na forma líquida. A existência do óleo milagroso já era conhecida em Ervália, onde moravam, e Terezinha procurou a vidente Levina, que lhe deu pedaços do toco de um dos cipós para que fosse dado à sua irmã em forma de chá. Terezinha contou como sua irmã ficou curada, atribuindo esta cura a um milagre dado por Nossa Senhora. É ela quem narra:

E depois minha irmã adoeceu, a minha irmã mais velha. Mamãe mandou o Vicente buscar remédio pra ela, ele buscou, mas ela deu um problema assim na garganta, que tudo que punha na boca dela não passava. Punha na boca dela e saía pelo nariz. Nem água, nada descia. Mamãe mandou nós vim cá, nós viemos e a Dona Nelvinda deu um pedacinho do toco do lugar que Nossa Senhora apareceu, pra pôr na água, num copo d'água e ela ir tomando aquela água. E ela começou a tomar o óleo e dali ela já começou. Punha as coisas na boca dela, ela até chorava de dor pra ela conseguir engolir. Mas foi descendo e ela sarou, ficou perfeita. Boa, não ficou sentindo nada. Ela só ficou com sequidão na boca, toda hora ela tinha que pôr água na boca. Até ela morrer, era assim, precisava de tomar água. Mas aqueles problemas,

nunca mais voltou. Ela morreu agora com 84 anos, não deu problema de nada, morreu assim, deu derrame. Mas da garganta ela não sentia nada, graças a Deus ela ficou curada. Primeiro milagre que nós recebeu dela. É um milagre, porque a pessoa que não desce, e já tinha morrido um irmão meu com problema, também foi assim. Ele tomou remédio, mas isso foi antes dela, no final já não passava, punha as coisas na boca e voltava pra trás. Punha um café, voltava, foi até morrer. E ela já foi depois, ela foi sã, Nossa Senhora curou ela.

Paulo, genro da vidente Levina, também relatou como, ao cortar um dedo acidentalmente, o óleo de Nossa Senhora fez com que a ferida fechasse imediatamente após sua utilização.

Eu estava quebrando pedra pra fazer o caminho de pedra aqui em volta da minha casa. Eu estava quebrando pedra com uma marretinha na mão. Mas aí de repente quando eu bati, voou uma lasca aqui nesse dedo, bem aqui. Voou aqui, cortou, acho que até o tendão. Cortou e ficou sangrando e não parava de sangrar de jeito nenhum. E estava doendo. Eu estava sozinho e meus pais tinham ido lá pra Rio Branco e eu, que não gostava de ir ao médico, falei: - “Ah, meu Deus, eu não vou ao médico não, vai ficar assim mesmo.” Peguei o óleo santo, mas mesmo sem fé assim, eu não achava que ia curar nada. Peguei uma gota de óleo santo e pus no dedo. De repente, fechou. Colou. Estava aberto assim. Quando eu coloquei o óleo santo aqui, na mesma hora fechou a boca. Como se fosse uma boca fechada assim. Fechou e colou. Colou e ficou bom. E não saiu mais uma gota de sangue. Uma gotinha só.

O Senhor José Lopes foi entrevistado em sua casa, localizada na zona rural de Guiricema, próxima à cidade. Ele foi uma das pessoas que se mudaram para a serra, para onde levou sua esposa e os filhos menores que ainda viviam em sua companhia e teve uma participação muito importante na construção da Santa Montanha. O Senhor José disse estar com 80 anos e é um homem simpático, alto e magro, de voz mansa, com aparência saudável e que não usa calçados, está sempre com os pés no chão. Ele mora ao lado de uma de suas filhas, em uma casa que ele mesmo construiu, com sua esposa Juraci, para onde se mudou depois que esta teve um agravamento em sua doença e precisou de mais cuidados. Cheguei à sua casa pela manhã e Seu José pediu que esperasse até que ele terminasse de cozinhar o almoço, que aceitei. Depois que almoçamos, ele concedeu uma longa entrevista na varanda dos fundos de sua casa, onde contou como ficou curado de uma doença que tratava há muito tempo sem ter conseguido nenhuma melhora.

Agora o meu caso, que eu tinha uma infecção, uma doença intestinal que não sarava, que eu gastava tudo o que eu podia fazer, que tinha um médico, tinha um médico em Guiricema que me dava remédio, que eu precisava voltar lá. Não sarava a infecção e aquilo foi agravando, por fim, eu podia passar a mingau ou a farinha, de qualquer jeito o meu intestino estava... E é coisa que eu nem segurava, se precisasse de eu ir a dez metros de distância, aquilo já

corria pela perna abaixo. Um sofrimento terrível, uma dor terrível e quando ia evacuar, tinha sete ou oito vezes num dia, só saía pus, só pingava pus. Meu Deus do Céu! Nesse dia lá que ela mandou fazer a novena, eu tomei o óleo de Nossa Senhora. Quando eu fui dar por fé que eu estava são, já tinha cinco meses na frente, que eu não trabalhava para os outros que eu não agüentava, não podia sair. Um dia, eu lá, como diz, lá no meio do mato, a senhora desculpe a expressão, a gente não tem onde ir, não tem banheiro, não tem nada, tem o meio do mato. Ali eu no meio do mato, atrás de uma moita lá, tinha a evacuação normal, firme e coisa tal lá, não sentindo nada. Meu Deus do Céu, e eu que sarei, gente!

Para Berger⁴⁸, o ser humano não nasce “numa esfera fechada de interioridade”, permanecendo assim para só depois de algum tempo passar a se exprimir no mundo. Para ele, o ser humano se exterioriza a partir do nascimento, devido à sua constituição biológica. Ele nasce incompleto e “torna-se homem” em sua interação com o ambiente. Isto se dá porque a constituição humana não encontra um mundo adaptado a ela e é através da ação em coletividade que o ser humano constrói um mundo humano. A realidade se apresenta como um mundo intersubjetivo, onde a interação e comunicação com os outros permite partilhar significados que tornam esta realidade evidente e compulsória. Este mundo que o ser humano cria e partilha com seu semelhante é a cultura.

Existe, pois, um fundamento biológico no processo de “tornar-se homem” no sentido de desenvolver uma personalidade e assimilar cultura. Estes últimos desenvolvimentos não são mutações estranhas sobrepostas ao desenvolvimento biológico do homem, mas, ao contrário, fundam-se nele.⁴⁹

A sociabilidade humana também é uma característica antropológica que faz parte da natureza do homem. A sociedade, resultado e condição da cultura, surge da exteriorização, que se baseia na própria constituição biológica do homem.⁵⁰ O processo de exteriorização contínua ocorrido na Santa Montanha pode ser observado a cada novo elemento que surgia no contato com o outro e reunia os indivíduos em torno dos significados que eram partilhados.

O relato de vários milagres acontecendo após a ingestão do Óleo de Nossa Senhora levou centenas de pessoas a procurá-lo. Não havia nenhum obstáculo à sua coleta, que não se dava de maneira organizada. Pessoas arrancavam pedaços, e sem

⁴⁸ Cf. BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004.

⁴⁹ BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 17.

⁵⁰ Cf. BERGER, Peter. O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, pág. 22.

controle de seu recolhimento, o cipó acabou secando. De acordo com o que disseram os entrevistados, durante os momentos de oração, as pessoas pediram a Nossa Senhora que o enviasse novamente. No lugar do óleo, Ela fez surgir água do chão, que brotou aos jorros e que, da mesma maneira que o óleo, passou a produzir o efeito de curar doenças quando ingerida. A água era recolhida também de maneira desorganizada e aos poucos a fonte secou. Maria fala sobre este acontecimento:

Aí sei que esta água apareceu do nada, ela pegou, ela foi, engraçado que ela ia jogando pra cima assim, ia jogando, brotou, ficou aquela água correndo. Aí corria. E todo mundo quando via pegava da água, uma garrafa daquela água, levava, tomava e saía daqui curado. Aí depois eles começaram, com o tempo, um fala uma coisa, outra fala outra, um traz comida, joga comida dentro da água, então a água foi diminuindo, foi diminuindo, diminuindo, diminuindo, a gente ficou sem nada. Ficou sem nada.

A imagem de Nossa Senhora Aparecida que foi levada em procissão por padre Galdino e que pertencia à igreja de Villas Boas permaneceu no local das aparições, onde, com autorização do dono da fazenda, Senhor Juca Emídio, foi construída uma ermida pelos moradores da região, em regime de mutirão, atendendo ao pedido de Nossa Senhora para que os padres pudessem exercer suas funções religiosas no local. Foi durante a construção da pequena capela que a santa passou a fornecer novamente o óleo curativo. Com o desaparecimento do óleo e da água, Levina pediu a Ela que fizesse voltar um dos dois, para que as pessoas continuassem a se beneficiar de suas propriedades. Atendendo a seu pedido, a santa fez com que o óleo reaparecesse, mas seria dado diretamente à vidente, sendo mantido em segredo o local e a maneira como isto passou a ocorrer a partir de então. Levina disse somente a sua filha Maria como o óleo era fornecido.

Maria: Mas aí Nossa Senhora pegou falou assim: Eu vou voltar o óleo de Nossa Senhora, mas só que agora ele vai ter que ficar escondido. Ele não vai ficar público mais. Só vai ficar escondido, só pra ela. Só pra ela. Aí ela ia lá, pegava quatro litros.

A notícia dos aparecimentos de Nossa Senhora na Serra da Mutuca não atraíam somente aqueles que eram levados pela crença nas aparições. Diversas pessoas iam ao local com intenção de desmascarar a vidente, que acreditavam estar mentindo e cometiam atos que iam desde críticas a vandalismo, urinando no local das aparições, falando palavrões, destruindo a vegetação. Maria disse que um dia, três rapazes decidiram seguir Levina às escondidas quando ela foi recolher o óleo para distribuição. Queriam provar que este não era entregue diretamente por Nossa Senhora. De repente,

quando começaram a seguir a vidente, um dos rapazes caiu desmaiado. Enquanto seus companheiros queimavam um pedaço do tecido da camisa de um deles para que, respirando a fumaça, ele pudesse voltar a si, Levina pôde receber o óleo sem que ninguém soubesse como.

Aloísio de Almeida contou que, não resistindo à curiosidade, seguiu Levina uma vez em que na fazenda encontrava-se mais de uma centena de pessoas esperando pela distribuição do óleo e pôde presenciar como ele era obtido:

Todo mundo falou: - “Ô dona Levina, aonde a senhora pega o óleo?” Ela falou: - “Lá atrás da igreja.” A igreja que nós fez lá. Aí eu fui lá pra trás da igreja, eu era molecão, fui lá pra trás. Nossa Senhora, ver muita gente lá, eu vou ficar com vergonha se não tiver o óleo lá. Aí eu passei pra trás da igreja, eu fiquei lá atrás, atrás de uma árvore grande lá. Dentro do mato. De lá estou vendo. Aí ela entrou dentro da igreja, assim no lugar que nós tinha feito a cerca, tinha a igreja, mas tinha uma cerca em volta. Aí ela falou que era atrás. Ela chegou com dois litros vazios, branco assim, até meio de lado assim. Ela só abaixou e levantou com eles cheio. Ela só abaixou com os mesmos dois litros e pegou eles cheio. Falei: - “Nossa Senhora! Isto aqui é um milagre que eu vi.”

Em algumas de suas mensagens, Nossa Senhora dizia que estava dando o “Óleo Milagroso” para seus filhos, e que ele era suas lágrimas que ela estava derramando pelos homens. Irmã Leonor, a primeira religiosa a se mudar para a montanha, em 1979, disse em sua entrevista o que ouviu da santa, em uma de suas mensagens: - “São as minhas lágrimas que eu dou para o mundo para curar as doenças dos meus filhos.”

Mensagem de 25 de setembro de 1970, escrita no 1º Livro de Tombo: Sobre o óleo, não abusam, são minhas lágrimas que eu dou para curar os aflitos, não misturam com remédios espíritas e nem com bebidas alcoólicas.

Irmã Leonor mandou uma amostra do óleo para o Laboratório Fleming de Análises Clínicas da cidade de Campinas, em São Paulo, e o resultado, datado de 05 de abril de 1982, que englobou análises bioquímica e microbiológica, provou que a composição química do óleo enviado era idêntica à da lágrima humana.⁵¹ Este laudo encontra-se em poder de Irmã Leonor, guardado em uma pasta junto com outros documentos e atestados médicos de curas verificadas após a ingestão do “Óleo de Nossa Senhora”. Beatriz também possui uma cópia, que me emprestou para escanear.

1.1.2 Milagres e outras manifestações

⁵¹ Anexo 34. O resultado do exame assinado pela Dra. Fátima Sofia Vasiliadi está datado de 05 de abril de 1982.

Berger diz que o ser humano necessita estabelecer uma relação contínua com o mundo, pois somente exprimindo-se em um mundo pode descansar em si mesmo. Assim, ele constrói a cultura, da qual a sociedade é apenas uma parte. Ao construir a linguagem, o ser humano constrói o fundamento sobre o qual é erigido “um imponente edifício de símbolos que permeiam todos os aspectos de sua vida.”⁵² É agindo em conjunto que os indivíduos constroem um mundo humano que é mantido pela sociedade e a matéria de que esta é constituída são os sentidos humanos externados na atividade humana. A sociedade deve sempre ser vista como vinculada à atividade e produção humanas e se radica na exteriorização do homem sobre o mundo. Este processo de construção do mundo pelo ser humano, externando seus próprios sentidos ao agir em contato com o outro no meio social pode ser verificado na criação do mundo/cosmos Santa Montanha através dos relatos dos seus habitantes. Fatos que precederam o aparecimento de Nossa Senhora na Serra da Mutuca, considerados estranhos às pessoas que moravam no local, também foram contados no 1º Livro de Tombo em forma de declaração e assinados por quem os presenciou. Adílio Emídio de Almeida conta que ouviu de seu pai que sempre que queria roçar o mato do lugar das aparições, não conseguia, pois sempre havia um impedimento:

... assim o mato foi conservando sem roçar. Ele não deixava ninguém tirar madeiras, até um pé de angá que os meninos queriam apanhar eles não deixava, justamente o toco em que a Virgem Aparecida apareceu por cima dele, no dia 2 de fevereiro - 1966

Outros fatos curiosos também foram contados por Adílio e transcritos sob o título de “Sinais no Matagal” e entendidos por ele como uma prova de que o lugar onde Nossa Senhora passou a se manifestar já havia sido escolhido por Ela muitos anos antes:

Vou contar sobre o mistério que veio atuando há mais de vinte anos que por ali manifestou: Uma tocha de fogo que veio descendo e desaparecendo dentro deste matagal. Pouco depois eu passando por ali tive uma visão por volta das 21 horas, um enorme homem que puxava um sapoeiro que tombava até a árvore.

Outro fato foi ocorrido no dia 30 de dezembro de 1949 minha mulher Cornélia teve uma criança e logo após o parto teve uma febre/parto que teve a morte foi ungida no dia 8 de janeiro de 1950 ela desfaleceu foi posta a vela e a imagem em suas mãos e depois voltou a si e viu entre os dois que lhe assistia Nossa Senhora das Dores pessoalmente, sendo no momento que o farmacêutico disse que tinha esgotado o último recurso, ela voltou e

⁵² BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 18.

continuou a melhorar a criança adoeceu e morreu. Isso eu posso afirmar. Contado por Adílio Emídio de Almeida e Cornélia Martins de Almeida.

Um desses acontecimentos misteriosos foi vivido por Sebastião e foi considerado por ele como uma graça concedida por Nossa Senhora Aparecida em um momento de aflição. Foi escrito por Efigênia no 1º Livro do Tombo:

Vou contar a minha primeira graça:

Eu estava batendo pasto no meio de muitas moitas de espinho e tendo um grande formigueiro, eu querendo sair daquele lugar tão difícil e não conseguia estava sempre preso nos espinhos quando fui agredido por uma enorme cobra pulou no meu pescoço sem eu ter aonde sair quando gritei por Nossa Senhora Aparecida que me valesse e eu senti que eu levantei para cima e a cobra passou para baixo dos meus pés. Eu caí nos estrepes e não estrepei e do meio dos espinhos eu dei uma foçada nela e matei e pensei o que tinha acontecido com tanto aperto só pode ser uma graça de Nossa Senhora.

Um acontecimento interessante, que se seguiu a uma cura milagrosa, ocorreu em 1969 na Serra da Mutuca e foi contado por Aci Aparecida Carmanini e Orlandina. Efigênia Carmanini, mãe de Aci e irmã de Orlandina, residia em Visconde do Rio Branco e estava com 49 anos de idade quando, em uma de suas idas à Santa Montanha, foi agraciada com a restituição da visão de um olho que perdeu em uma pancada numa porteira. Quando estava no local das aparições, teve uma visão de Nossa Senhora e neste momento Ela jogou seu manto em Efigênia, que passou a enxergar novamente da vista que estava cega. Nesta ocasião, Efigênia Carmanini levou para sua casa uma pedra e várias folhas do cipó que recolheu do local das aparições. Sebastião ditou para Efigênia Teixeira anotar no Livro de Tombo que estava sempre cansado, pois, além de trabalhar na roça, todos os dias enfrentava uma multidão que impedia até mesmo que sua família se alimentasse, pois não tinham tempo para fazer comida e pediu à santa que enviasse alguém para dividir com sua família o encargo dado por Ela:

Passando um tempo eu achando muito preocupado com o povo pensando que não ia agüentar, pedi a Nossa Senhora: Ô minha mãe Maria Santíssima fazei com que apareça uma pessoa que possa me ajudar, acho que não vou agüentar a trabalhar, e assim Nossa Senhora deu a manifestação para ela [Efigênia] quando ela voltou ela apanhou uma pedra e levou para casa e guardou, passando uns dias ela foi ver a pedra e viu Nossa Senhora Aparecida na pedra e começou a mostrar as vizinhas umas viram outras não, e assim foi muitos dias ela pensou vou botar essa pedra dentro de um copo com água para me beber e assim fez. Mas um dia esqueceu de botar água no copo quando foi para colocar água o copo estava cheio d'água e assim foi continuando, e o povo foi ajuntando.

Efigênia passou a distribuir o óleo milagroso, que era enviado para ela a Visconde do Rio Branco por Levina. A pedra foi colocada em uma vasilha de vidro e passou também a minar o óleo, que era distribuído às pessoas que passaram a fazer orações em sua casa. Efigênia começou a benzer as pessoas durante a distribuição do óleo e, conforme narrado, vários milagres começaram a ocorrer após a benzeção e a ingestão do óleo ou da água que saía da pedra. Uma das pessoas que tomou do “óleo milagroso” na casa de Efigênia foi José Lopes, que contou:

Quando eu chego lá, ela estava incumbida de distribuir o óleo. Nossa Senhora dava pra vidente aqui, eles pegavam o caminhão, o que dava, pegava condução e deixava lá. Ela que distribuía o óleo lá. Não distribuía aqui, depois que passou a distribuir aqui. Eu fui lá. Lá em Visconde do Rio Branco. Lá no Pito Aceso. Lá eles tinham uma casa lá. Pra ela distribuir lá. Então, a gente pegava lá. Eu fui lá uma vez. Aí teve também esse negócio da pedra que dava água, mas aí eu não sou testemunha, eu não vi isso não. Mas esse óleo que Nossa Senhora já tinha dado, esse óleo ia daqui pra lá. Ou se era produzido na pedra mesmo, eu sei que ele ia pra lá. Ia até nos litros. Chegava lá, ela distribuía um pouquinho pra cada um.

O pároco da cidade de Visconde do Rio Branco era o padre Raimundo Nonato de Carvalho que, quando tomou conhecimento do que estava acontecendo, aconselhou Efigênia a parar com as benzeções, acusando-a de fazer macumba. Efigênia e sua mãe decidiram então ir a Leopoldina conversar com o Bispo Dom Gerardo para falar sobre o acontecido. Foi orientada por ele a se desfazer da pedra e esquecer o que estava ocorrendo:

Aci: Aí Ela veio de repente, Ela jogou o manto nos braços da mãe. O manto, nos braços da mãe, que ela era cega. Aí a mãe me jogou na cerca, eu senti o calafrio. Pra eu tomar o manto, pra eu também ver. Mas eu não vi. Eu só senti ele bater na minha mão. Eu senti aquele pano bater no meu braço, mas eu não vi o pano. Eu vi a Nossa Senhora. Voltou a enxergar. Aí ela trouxe uma pedra de lá pra casa. E a pedra, a santa começou a aparecer dentro da pedra. Que ela trouxe, uma pedra bonita assim. A santa começou a aparecer dentro da pedra. E ali a mãe começou a fazer milagre através daquela pedra. Todo mundo via, via, via. E foi fazendo oração pro povo, o povo foi sarando.

Orlandina: Ela começou a ir lá. E um dia ela foi lá e pegou uma pedra. Essa pedra começou a dar água, a soltar água. Uma pedrinha assim. Começou a soltar água. Ela colocava ela num prato assim, enchia de água. Ela e a minha mãe – o bispo Dom Gerardo estava combatendo muito – ela e minha mãe foram lá no bispo Dom Gerardo. Ela falou: “Eu peguei folha, peguei a pedra e o pessoal está com muita fé na água que está saindo da pedra, lá na folha que eu levei pra pôr na água e chegou até um senhor lá que não andava, andava com as mãos dentro do chinelo assim.” Sabe aqueles chinelos de liga? Punha a mão assim pra não ferir a mão, saiu de lá andando. Com as qualidades da pedra. O bispo falou com a minha mãe e com ela: “Não fica

fazendo nada demais. Você chega lá e joga aquilo tudo fora. Eu vou falar com você, você joga aquilo tudo fora.” E ela chegou e jogou mesmo.

Chegando de Leopoldina, Efigênia atirou a pedra no poço do sítio onde morava. A partir deste momento, começou a minar água de seu corpo, o que só parou de acontecer quando a pedra foi devolvida à santa. Esta pedra foi colocada em um vidro, no altar da capelinha, onde permaneceu durante muitos anos.

Aci: A mãe ficou nervosa quando o padre Raimundo falou que ela estava mexendo com macumba. A mãe jogou a pedra dentro do poço d’água nosso. O nosso poço d’água secou e a mãe começou a minar água no corpo. No ela jogar a pedra no poço, o poço secou e a água começou a minar no corpo dela. Ela mudava a roupa, de repente ela estava cheia d’água. Aí fomos lá na Santa Montanha pra devolver.

Orlandina: Mas ela foi no Bispo. Aí o Bispo mandou ela jogar fora. Ela jogou as folhas fora e jogou a pedra dentro da cisterna. Tinha uma cisterna de tirar água, que é poço, que eles falam. Jogou a pedra lá dentro. E ela me contou que desde a hora em que ela jogou a pedra lá dentro, ela começou a molhar. A roupa dela molhava tudo. Soltava água na roupa dela. Aí ela pegou molhar, mandou o Zezé - Zezé é o marido dela – entrar dentro da cisterna e tirar a pedra. Ele pôs a escada, desceu, tirou a pedra, entrou com ela, ela arrumou um táxi lá e foi na Santa Montanha. Eu morava naquela casa perto do caminho. Ela gritou: - “Orlandina, vem cá”. Aí eu fui. – “Trouxe pra você ver. Vou levar a pedra pra entregar, olha como eu estou molhada”. Ela estava molhadinhazinha. Pensei que ela tinha entrado dentro do rio com a roupa dela. Aí ela foi entregar a pedra lá. Ela entregou a pedra e desceu e falou: - “Eu vou passar só um pouquinho aqui”. Ela já tinha enxugado. Desde que ela deixou a pedra lá, a roupa dela já tinha enxugado. Parou de soltar água. Na roupa, no corpo dela. Ela entregou a pedra à Dona Vica e desceu. Essa pedra, não sei o que foi dela não, ela ficou muito tempo no copo lá no altar. Não sei o que eles arrumaram com ela. E a vista dela voltou. Nesse período em que ela estava recebendo graça. Ela estava recebendo graça, mesmo.

Não era só através do óleo que os milagres aconteciam. Aloísio de Almeida contou ter recebido de Nossa Senhora Aparecida a cura de seu filho Juninho, imediatamente após ter pedido a Ela que o salvasse. Já eram meados dos anos 1970 e Aloísio estava casado com Lúcia e tinham dois filhos. O mais velho estava com quatro anos e tomou formicida acidentalmente, sendo internado na Casa de Saúde Santa Rosa em Visconde do Rio Branco. Depois de duas semanas que a criança estava internada, Aloísio foi chamado ao hospital pelo médico em uma madrugada, Dr. Antônio Lacerda, pois seu filho Juninho estava morrendo :

Ali eu recebi um milagre muito grande ali. Não sou de rezar não, muito não, mas...Eu estava com um menino desenganado, com cinco incômodos de uma vez só. Estava tudo junto. Não tinha jeito, não, morria mesmo. Tinha uns quinze dias que ele estava internado aí. O Dr. Lacerda tinha mandado me

chamar lá. O menino morria mesmo. Eram 4 horas da manhã. Aí quando eu cheguei lá, eu cheguei lá a Lúcia já estava desmaiada, ela desmaia. Ela estava desmaiada na porta assim, eu sei ainda pulei por cima dela assim, que ela estava deitada na porta. No corredor assim em frente à porta. Eu pulei por cima, ela está acostumada a desmaiar mesmo, aí não morre não. Aí eu fui lá onde estava o menino, cheguei lá o menino estava gritando. Eu entrei gritando, o Dr. Lacerda estava puxando a respiração dele de boca a boca. Eu pensei, enquanto o Dr. Lacerda estava fazendo, puxando a respiração dele, aí eu pensei em Nossa Senhora Aparecida, fazer com que Ela não deixasse ele morrer não. Que eu ia fazer uma penitência muito grande. Aí o Dr. Lacerda, aí eu fiquei do lado de fora assim, deixei o Dr. Lacerda com ele sozinho. Aí o Dr. Lacerda falou assim: - “Não precisa se preocupar não, parece que ele dormiu, rapaz. Tem dezesseis dias que ele não dorme, só gritando, só gritando e com mais nada. Vamos esperar um bocadinho.” Não teve mais nada até hoje. Milagre igual a esse eu nunca vi, não. Sarar de uma hora pra outra. Dentro de dois minutos, dois segundos. Eu cheguei, ele estava gritando. Quando eu, cá da clínica, lá embaixo, eu escutava ele gritar lá em cima. Você vê? Aí eu subi de galope, nossa, acho que o menino está ruim mesmo. Cheguei lá, ele já não estava gritando, que o Dr. Lacerda estava fazendo a respiração boca a boca. Não tinha aparelho naquela época, sei lá, estava atrapalhado. Eu sei que eu peguei e fiz o pedido, dali ele não já gritou mais. Ele dormiu. Dormiu e foi de tarde, ele passou a tarde, o dia inteiro bom. Nós ficamos esperando a reação dele. Bom. O Dr. Lacerda: “Ele está bom”.

Um outro fato foi contado por José Lopes, que disse não tê-lo presenciado, mas que o ouviu de um compadre seu, chamado Tônico, que foi testemunha do que houve com uma toalha branca que foi emprestada para a celebração de uma missa na ermida pelo Padre Geraldo Maria de Oliveira. Durante a cerimônia, a toalha pareceu a todos como se fosse bordada com motivos sacros, que desapareceram quando a missa terminou:

Depois esse meu compadre, que é casado com a prima da moça que tinha dado a toalha que contou que, durante a celebração da missa, a toalha apareceu tudo bordada em alto relevo, com o cálice com a hóstia em cima, os raminhos de uva, com o raminhos de trigo, sei lá aí. Diz ele que os raminhos de uva, até os ovinhos que tinha, e tinha uma frase escrita lá que não me lembro como é que foi não. Este é o corpo e o sangue de Cristo. Parece que até essa frase apareceu escrita assim. Diz ele que até os ovinhos da frase estavam cheios de carocinhos de uva. Ele contou isso. Isso é presença que ele viu isso lá.

Terezinha Anacleto disse que durante a Semana Santa viu a face de Jesus e de várias letras em uma toalha branca que foi colocada no altar da ermida, durante uma penitência que fez com a vidente Levina, que consistia em percorrer de joelhos e rezando o terço, a distância de 162 metros da casa desta até a capelinha. Esta visão que as duas tiveram foi compartilhada com sua irmã chamada Florinda:

Passados uns tempos, nós vinha trazer as coisas no sábado da Aleluia, eu nunca tinha ido na Semana Santa porque a gente morava longe, não tinha Semana Santa. Quando eu cheguei, tinha uma mulher de Guiricema rezando. Nós trouxemos as flores e fomos na casa da Dona Levina pra falar com ela que nós tinha trazido as flores, ela vai, nós podia fazer penitência. A penitência começava na casa dela lá e vinha cá na capela. Ela falou, vamos fazer penitência, vou fazer junto com vocês. Ela veio junto com nós, chegou ali na Capela, tinha uma toalha branca assim no altar e aquelas letras, as letras bem mais clarinha, mas muita letra mesmo na toalha e a face de Jesus perfeitinha. Eu não sabia, porque eu nunca assisti Semana Santa. Vai a Dona Levina falou assim: A toalha está cheia de letras. Eu e ela e a Florinda, era ela que estava comigo, a Florinda. E esta mulher também falou: - “Desde que eu cheguei aqui estou rezando, estou vendo a toalha ali igual à toalha que a Verônica enxugou o rosto de Jesus, vi ontem em Guiricema, na sexta-feira, porque na sexta-feira que a Verônica apresenta a toalha.” E do mesmo jeito estava. A face de Jesus perfeitinha na toalha. Nós três vimos. Ela já via mesmo. Ela só falou que a toalha estava cheia de letras. E estava mesmo. A Vica, na toalha branca, as letras estavam muito mais clarinha. Nesse dia, eu vi só nesse dia na toalha. Mas a gente não entendia nada disso, também Nossa Senhora não mandou. Ninguém tirou as letras nem nada, só viu. E a face de Jesus na toalha e o letreiro.

Quando Efigênia Teixeira passou a ajudar Levina em sua missão de divulgação das mensagens de Nossa Senhora, as duas desenvolveram uma grande amizade. Disse Orlandina que Efigênia assumiu a função de secretária de Nossa Senhora, dedicando-se a Ela em tempo integral. Efigênia tinha uma cunhada chamada Lilia, com quem tinha problemas de relacionamento. Lilia desacreditava nas aparições de Nossa Senhora porque achava impossível que Ela se manifestasse em um local onde sua cunhada estava. Lilia disse, então, uma frase que Aloísio entendeu como uma prova dada a ela da presença da santa na montanha. É ele quem conta:

A Lilia falou assim: “Aonde é que aquela capeta estiver rezando, lá em cima, se tiver santa, eu fico cega. Se tiver santa lá aonde que aquela capeta estiver rezando.” A Efigênia. Ela era solteirona. Era irmã do marido da Efigênia. Ela morava perto de lá. Aí tudo bem, a Lilia não ia lá não. De jeito nenhum. Que a Efigênia estava lá, ela não gostava da Efigênia. Que lá não tinha santa, que aquela capeta estava lá, que lá não tem santa não. Não é que o demônio da mulher ficou cega? A Lilia. Ficou cega. Morreu cega. Não enxergava nada. Ficou cega, mesmo. Aí não chora, a senhora pediu pra ficar cega. Eu falei com ela: “A senhora falou que lá na santa não tem santa lá, uai. Que é o capeta lá. Que a senhora queria ficar cega se tivesse santa lá onde a Efigênia estivesse rezando. Agora a senhora pediu, agora achou, aí! Ficou cega mesmo, agora tem de morrer cega.”

Lilia faleceu alguns anos depois, sem nunca ter recuperado a visão.

Desde o primeiro relato da aparição da santa na Serra da Mutuca, esta foi identificada como Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Este reconhecimento foi corroborado por Ela em diversas mensagens e aparece explicitamente na mensagem à

vidente, datada de 08 de fevereiro de 1971: “Eu sou a Padroeira do Brasil e estou derramando graças para livrá-los do mal e do perigo das tentações.”⁵³

Apesar da santa sempre se apresentar como Nossa Senhora Aparecida⁵⁴, a imagem que se encontra no Santuário, no período da pesquisa, quase em tamanho natural é a de uma mulher branca, vestindo azul e roxo. Foi a própria santa que pediu a Levina que seu santuário fosse dedicado a Nossa Senhora da Misericórdia.⁵⁵ Os moradores da Santa Montanha não fazem qualquer referência às diferenças encontradas nas imagens vistas na igreja, na Capela do Menino Jesus e na Capela das Aparições. A explicação para esta indiferença em relação à aparência de Nossa Senhora foi dada por Ela mesma que, em suas aparições, sempre pedia orações em intenção de Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Consolação.⁵⁶ Em sua mensagem de 15 de julho de 1976, Ela esclarece porque não importa o nome pelo qual é chamada: - “Muitos me vêem sob vários títulos: Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora Aparecida, mas sou uma só.”⁵⁷

Na maioria de suas mensagens, de acordo com vários relatos e anotações no Livro do Tombo, Nossa Senhora falava da presença do Menino Jesus ao lado dela, e mesmo muito anos antes das aparições do Menino Jesus Celeste na montanha, que passaram a acontecer a partir 1976, a presença de seu filho se fazia sentir, com suas qualidades de salvador e guia da humanidade. Mas apesar de ser sempre citado por Nossa Senhora na ocasião em que Ela se revelava à vidente e transmitia suas mensagens a todos, foi somente a partir do surgimento de vários fatos que alteraram substancialmente a vida da família de Levina, que o Menino Jesus passa a ser uma constante, dando-se a conhecer de maneira especial, ao lado de sua Mãe Maria.

1.2 O Menino Jesus Celeste

Ele mora comigo na minha casa a meio do outeiro.
 Ele é a Eterna Criança, o deus que faltava.
 Ele é o humano que é natural,
 Ele é o divino que sorri e que brinca.

⁵³ Apóstolos da Virgem Maria. Santa Montanha: 30 anos de aparições, Direitos reservados à Obra da Divina Misericórdia, 1ª edição, 2 de fevereiro de 1966, pág. 23.

⁵⁴ Idem. Mensagem de 09 de janeiro de 1972: “Vão sofrendo que Eu, Nossa Senhora Aparecida, estou aqui, pedindo mais sofrimentos.”

⁵⁵ Anexo 16.

⁵⁶ Apóstolos da Virgem Maria. Santa Montanha: 30 anos de aparições. Direitos reservados à Obra da Divina Misericórdia, 1ª edição, 2 de fevereiro de 1966.

⁵⁷ Idem. p. 44.

E por isso é que eu sei com toda a certeza
Que ele é o Menino Jesus verdadeiro.

.....
Esta é a história do meu Menino Jesus.
Por que razão que se perceba
Não há de ser ela mais verdadeira
Que tudo quanto os filósofos pensam
E tudo quanto as religiões ensinam?
(Alberto Caeiro)

A notícia dos aparecimentos de Nossa Senhora na Serra da Mutuca também chegou ao Bispo Dom Gerardo Ferreira Reis, que havia assumido a Diocese de Leopoldina em 1961. Este Bispo, em cumprimento às ordens de Roma, havia iniciado o processo de introdução das reformas advindas do Concílio Vaticano 2º e passou a se opor frontalmente às manifestações populares de religiosidade que estavam ocorrendo no município de Guiricema, paróquia sob sua jurisdição. Os anos que se seguiram às primeiras aparições de Nossa Senhora na Serra da Mutuca foram acompanhados de diversos conflitos entre o clero e os moradores e fiéis. Os padres que exerceram suas funções em Guiricema no final dos anos 1960 e nos anos 1970 e que celebravam missas no Distrito de Villas Boas, Padre João Bentijes e Padre Vinícius, passaram a exigir da população que promettesse não subir a montanha, com a finalidade de pôr um fim às aparições. Como medida extrema, Padre João expulsou da igreja, durante a missa, as videntes e todas as pessoas conhecidas como frequentadoras da Serra da Mutuca, como um exemplo a seus paroquianos. Consta do 1º Livro de Tombo uma mensagem de Nossa Senhora datada de dezembro de 1970, que fala sobre a expulsão de Efigênia:

Foram expulsados da Igreja que Jesus deixou. Vai ser uma recordação muito feliz em sua casa. Confia em Jesus que breve estão na Igreja com Jesus. Efigênia Dias Teixeira unir comigo que Eu estou chamando atenção, estas orações é de você cuidar mais breve não precisa de ter medo que você está amparada de Deus e a Virgem Maria Santíssima.

Maria: Aí a gente ia à missa, a gente ia à missa pra gente não ficar sem a missa, a gente ia à missa. Ele expulsou nós da igreja na frente de todo mundo, sábado na igreja, foi o padre João. Ele até morreu já. Ele expulsou nós da igreja, tirou nós da igreja, que nós é que era... não era igreja católica, que era macumba, que aqui é lugar de macumba branca. Ih! nós sofremos demais! Expulsou nós dentro da igreja igual a um cachorro. Aí ele falou assim: - “Povo da Santa Montanha não quero dentro da igreja. Fazer o favor de sair.” Foi muita gente expulsa da igreja, nossa mãe! Nós ficamos sem missa muito tempo. Aí depois ele foi embora e veio outro. Padre... Veio e também foi a mesma coisa. Mesma coisa, não aceitou mesmo o povo daqui da Santa Montanha.

Teresa Rosa: Aí começou vim, aí começou a implicação do padre de Guiricema. Era o padre Vinícius. Primeiro aqui teve o padre João que retirava eles tudo da Igreja. Expulsaram eles, eles foram expulsos da Igreja.

Terezinha Anacleto: O Padre João era bravo. Lembro que ele era de atrapalhar esse negócio de aparição mesmo. Em todo lugar que tinha, ele combatia. Nós vinha lá do alto, chegava aqui, nós ia comungar em Villas Boas. Aqui não tinha padre ainda. E essa época acho que era ele que estava lá. Acho que falou com o Tônico [ministro da eucaristia] que não era pra ele dar comunhão. - “Então eu acho que eu vou parar.” Que vinha comungar aqui mais era o pessoal de lá. Daqui da santa que ia.

Em 1971 ou 1973, a data varia de acordo com as pessoas entrevistadas, a solução encontrada por Levina e sua família para darem continuidade ao seu trabalho de divulgação das mensagens de Nossa Senhora foi passarem a residir no Município de Ervália, pertencente à Diocese de Mariana. De acordo com Orlandina, o que contribuiu para a mudança para esta cidade, além do fato de que os padres de outras cidades que celebravam missas na montanha foram impedidos de transitar por Guiricema, foi o estado precário da casa onde a família morava. José Lopes ouviu dizer que a família se mudou a pedido de Nossa Senhora, mas Maria contou que foram pressionadas pelo padre de Guiricema a saírem da serra.

Maria: Aí nós teve que mudar, tinha 7 anos que Nossa Senhora estava aparecendo. O padre mandou nós sair da Santa Montanha. Porque aqui não era Santa Montanha, eles falavam Serra da Mutuca. Então, aí ele pediu que nós retirasse daqui, porque o povo, ele achava assim, que o povo estava acompanhando nós, o povo vinha aqui por causa da gente, então ele queria ver se o povo ia continuar. Se nós sáisse, o povo ia continuar a mesma coisa.

José Lopes: Nossa Senhora pediu que fossem mudar da Santa Montanha e fossem morar no município de Ervália, o que ela e sua família o fez por quatro anos.

Orlandina: Lá na Ventania, ela ficou por pouco tempo. Depois ela foi pra Ervália. Lá na Ventania, ela ficou na casa da amiga dela mesmo. E de lá ela foi morar na casa dela. E lá é que celebrava missa, o padre José vinha e celebrava missa. Eu fui à missa lá duas vezes. Subi aquela serra, aquela montanha de serra pra lá. Eu fui à missa na Levina, lá em Ervália. Quando eu falo em Ervália é assim, na roça. Não é tão longe, o ruim é a estrada. É puxada esta serra, esta serra de lá. O padre José vinha do Rio de Janeiro, teve umas vezes que o Tolé teve que levar ele passando pela serra aqui pra não passar no Guiricema, por causa dos padres de Guiricema. Aí ela foi embora pra Ervália. Ela [Levina] foi pra Ervália, eu acho que é por isso. O padre não podia passar por Guiricema. Depois ela resolveu, acho que ela foi pra Ervália porque a casa dela estava muito ruim, eu acho, ela não falou não. A casa lá do canto. Uma casinha muito ruim.

Os moradores contaram que durante os anos em que morou em Ervália, Levina e sua família continuaram a ir a Guiricema, onde Nossa Senhora dava aparições sempre nos primeiros sábados e domingos de cada mês e eventualmente a cada quinze dias, sempre no mesmo local.

Aldir (Padre Estêvão): A vidente ficou morando no município de Ervália acho que uns 5 ou 6 anos. Só vinha no dia 15 e no primeiro domingo. A frequência de pessoas vindo aí rezar o terço, era muita oração, muita penitência.

Em 1976, ainda durante os conflitos com a Diocese de Leopoldina, Levina foi pressionada por alguns padres a se submeter a exames psiquiátricos para provar sua sanidade mental. Padre Ademar Ferrari, que acompanhava as aparições e celebrava missas frequentemente na montanha, levou a vidente ao Rio de Janeiro para que ela se submetesse a exames no Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM), órgão federal criado pelo governo militar. Levina, na companhia das amigas Efigênia Teixeira e Perciliana (dona Inhana), foram levadas pelo padre Ferrari ao Rio de Janeiro e se hospedaram em um convento de Irmãs Carmelitas, em Sepetiba, no Estado do Rio de Janeiro.

Orlandina: Quando os padres e a polícia estavam combatendo com as aparições de Nossa Senhora, Dona Vica foi chamada para ir lá no Rio de Janeiro.

José Lopes: Enquanto ela estava em Ervália, um padre que veio algumas vezes à Santa Montanha, padre Ademar Ferrari encaminhou-a para o Rio de Janeiro a fim de fazer exames de cabeça a ver se ela não possuía alguns distúrbios neurológicos.

Maria: Aí minha mãe pegou foi chamada no Rio. Foi chamada no Rio. Nós morava lá em Ervália. Aí nós foi pra Ervália. Nós moramos lá dois, três anos. Aí nesse intervalo que nós moramos lá, aí os padres pegou chamou. Então ele que quis que mamãe fizesse os exames. Que pra tirar aquela... o que eles falavam. Ele pegou falou assim: "Eu não sei quando sua mãe vai voltar. Porque ela vai pra fazer muitos testes. Vários testes pra ela fazer." Então ela foi pro Rio, ficou na casa de uma freira lá e lá ela foi fazer os testes. Cada dia um, cada dia um mais pesado. Quis apertar a mãe, falava muita coisa com ela, que aquilo era cabeça dela, porque ela tinha tido um filho, que ela tinha perdido um filho, ela tinha perdido... ficado com a cabeça... não estava normal.

Levina foi submetida a uma série de exames na Clínica Neurocirúrgica e Neurológica do SNDM, do Ministério da Saúde, através de uma equipe chefiada pelo Dr. Antônio Alfredo Grub, membro da Sociedade Brasileira de Neurocirurgia e da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Brasil, psiquiatra especialista pela Universidade de Köln, Alemanha. A conclusão que resultou destes exames foi

apresentada em laudo médico⁵⁸ datado de 29 de março de 1976, que atestou a sanidade mental de Levina. Neste laudo, o Dr. Alfredo Grub ressalta sua imensa fé:

Declaro que a Sra. Levina Sérgia da Silva, 38 anos, foi hoje por mim examinada e que a mesma acha-se perfeitamente orientada no tempo, espaço e com as idéias normalmente coordenadas; não se observam sintomas de uma personalidade psicopata. Ela mostra-se, entretanto, como uma pessoa muito religiosa, porém, profunda religiosidade – seja qual for a religião – não deve ser interpretada como característico de doença mental, sobretudo tomando em consideração que cada religião implica em “crer”.

Maria: Aí ela tem o comprovante dela que ela não tem doidura, não tem nada. O comprovante deles está guardado, está na capela do Menino Jesus. Então, que não deu nada, nada, nada na cabeça.

Orlandina: Esse médico deu o atestado dela lá. Eles não te mostrou o atestado dela, não? Não sei se tem ainda, deve ter guardado. “A Dona Levina, em religião, ela é profunda na religião dela, seja ela qual for a religião, ela é profunda nela.” O atestado dela é assim, ela não tem nada de mentalidade. Ela não tem nada de mentalidade, ela é profunda na religiosidade dela, seja lá qual for. Isso da parte deles.

Os resultados dos exames de Levina na Clínica Psiquiátrica foram enviados ao bispo Dom Gerardo, em Leopoldina. Conforme disse Maria, a partir daí, a pressão que vinha sendo exercida de diversas formas sobre sua família passou a dar lugar a uma indiferença por parte do Bispo, permitindo que sua mãe passasse a cumprir a missão que lhe foi dada por Nossa Senhora sem grandes interferências. O que relatou Maria revela não só a disposição da Diocese de Leopoldina em passar a ignorar os acontecimentos que persistiam na Santa Montanha, mas também uma disposição por parte dos moradores e das videntes em se desvincular da Igreja como instituição:

Levou [o atestado], foi levado pra ele. O bispo ficou meio assim, meio lá, meio cá, depois também ele pegou foi embora. Acho que depois ele morreu também. Não sei se foi Dom Jaime, não sei. Eu sei que foi ... não tenho bem lembrança dele. Acho que o outro morreu. Depois, esse não sei se morreu, se saiu, e aí veio outro. Esse já bem não pegou mexer com nada não.

Orlandina: Aí eles pararam. Dom Gerardo viu que não teve jeito mesmo, eles parou. Dom Gerardo é que era o bispo. Parou de mandar. Bispo não sei lá o quê Roque, ele chegou a celebrar missa lá na Santa Montanha. Quando Dom Gerardo saiu, já tinha passado muita coisa já. O Dom Roque foi lá. Dom Roque celebrou missa lá. Só foi lá, celebrou e foi embora. Não falou nada, acho que só foi investigar mais ou menos. Aí eu não sei. Depois disso, foi vários. Depois do Dom Roque foi esse aqui, como é que chama? Mas o Jaime foi por pouco tempo. Muito pouco tempo. Agora é Dom... Esqueci o

⁵⁸ Anexo 35. O laudo psiquiátrico sobre a vidente Levina, emitido pelo SNDM, encontra-se guardado no Convento das Irmãs Carmelitas, em uma pasta sob a responsabilidade da Irmã Leonor Pazzoto, e me foi cedido pela Madre Auxiliadora para ser escaneado e juntado à dissertação.

nome dele. Quase igual ao de um remédio, o nome dele. O nome dele é quase igual ao nome de um remédio. Estou pelejando pra lembrar.

Através das narrativas dos moradores da Santa Montanha, pode-se verificar como as pessoas se uniram em torno das aparições, partilhando um mundo social que foi sendo criado em torno da presença de Nossa Senhora na montanha. Peter Berger diz que o ser humano vem a adquirir personalidade quando inserido no meio social. Ele existe enquanto participa do mundo em sociedade e através da exteriorização constante cria as regras pelas quais apreende o mundo. O ser humano atua sobre o mundo e ao mesmo tempo é modelado por ele em um processo contínuo.

Toda sociedade humana é um edifício de significados exteriorizados e objetivados, que tendem sempre a uma totalidade inteligível. Toda sociedade está empenhada na empresa nunca completada de construir um mundo de significado humano. A cosmificação importa na significação desse mundo humanamente incompreensível com o mundo como tal, fundando-se agora o primeiro neste último, refletindo-o ou derivando dele nas estruturas fundamentais.⁵⁹

Para Berger, a dialética existente entre sociedade e ser humano é demonstrada claramente na criação de um mundo religioso. A criação de um mundo simbólico permite que o ser humano venha a se proteger contra o perigo do caos e da anomia. O universo simbólico religioso permite integrar as atividades cotidianas a este mundo/cosmos, dando a sensação de que a existência se encontra inserida neste universo que é exterior a ele e que possui regras que regulam as situações vividas no dia a dia, dando a elas significado. Dizer que o ser humano, no processo de tornar-se homem produz-se a si próprio no mundo, implica dizer que este processo não se dá apenas em correlação ao ambiente em que se encontra, mas que é através da atividade social produzida pela contínua exteriorização que vem a estabelecer a ordem social que permite direção e estabilidade à sua existência. Berger ressalta que não compreende um sistema religioso como sendo apenas o efeito ou reflexo dos processos sociais. Mas afirma que “a *mesma* atividade humana que produz a sociedade também produz a religião, sendo que a relação entre os dois produtos é sempre dialética.”⁶⁰

Este processo da atividade humana na criação de um mundo religioso e de como um mundo simbólico a partir de sua exteriorização integra as atividades diárias permitindo ordem e equilíbrio é demonstrado a cada novo elemento que era introduzido

⁵⁹ BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 40.

⁶⁰ Idem. p. 61.

no processo de criação do mundo religioso que havia se iniciado com as aparições de Nossa Senhora.

Maria: Porque aparecia Nossa Senhora, mas o Menino Jesus não. E desse dia em diante que ela fez o exame, que ela passou essas duas semanas, ela passou no convento da freira, aí que o Menino Jesus pegou chamar ela. Aí ele mesmo deu o nome dele: - “Jesus, eu sou o Jesus Celeste.” Aí então ele veio embora com ela. A gente morava em Ervália.

Foi durante a estada de Levina no Rio de Janeiro para a realização dos exames psiquiátricos, em companhia das freiras do convento das Irmãs Carmelitas, e quando ajudava nos trabalhos domésticos na cozinha do Convento, que Levina foi chamada às pressas por Irmã Luzia para ir a seu quarto, onde se encontrava uma imagem do Menino Jesus. Irmã Luzia possuía uma imagem que chamava de Menino Jesus Celeste.⁶¹ E disse a Levina que sua presença estava sendo pedida por ele. Este fato foi relatado por várias pessoas e também por Maria:

Aí a irmã Luzia pegou chegou falou com mamãe assim: -“Ô, dona Levina, Jesus está chamando a senhora. E é o Jesus Celeste que está chamando a senhora.” Aí ela pegou falou assim: - “Mas Jesus Celeste me chamando?” Aí ela falou assim: - “É, Jesus Celeste está chamando a senhora.” Ele começou conversar com a minha mãe, falar com a minha mãe, que ele queria vir pra onde estava a mãe dele, que a mãe dele estava na Santa Montanha. Que ele queria vir pra Santa Montanha. Aí minha mãe pegou falou assim: - “Vou levar o senhor pra Santa Montanha.”

Este primeiro encontro da vidente com o Menino Jesus Celeste é do conhecimento de todos entrevistados que contaram que, ao olhar para a imagem, Levina viu uma criança viva que, ante sua pergunta se estava variando, respondeu:

Não está variando, não. Sou eu vivo e encarnado na imagem. Eu quero ir junto para a Santa Montanha, para ajudar a minha mãezinha. Eu sou Jesus Celeste.⁶²

José Lopes: Irmã Luzia levou a confidente Nelvina à sua cela onde encontrava uma bonita imagem de Jesus menino. Irmã Luzia colocou a imagem de Jesus nos braços de Dona Nelvina. A imagem começou a conversar com ela. Dona Nelvina assustou-se pois nunca tinha visto tal procedimento. Chegando o dia de vir embora, Jesus quis ir com ela, dizendo: “Quero ir para onde está a minha mãezinha.”

Teresa Rosa: Então, ela foi parar lá. De lá é que veio esse Menino Jesus. E lá tinha uma irmãzinha pretinhazinha, escurinha, igual à Irmã do Rosário assim, a Irmã Luzia. E Jesus falava com ela. Com essa Irmã. Lá é que Dona Nelvina disse que estava lá. Pois é, nessa época mesmo é que ela passou por

⁶¹ Anexo 17.

⁶² PIROLLI, Cristóvão. Os Direitos da Rainha do Céu e da Terra. 1984, São Paulo, pág. 22.

esse teste todo que eles fizeram com ela lá. Esses exames todos que eles fizeram com ela. E ela estava no convento lá da Irmã. Então diz ela que estava lá na cozinha escolhendo um arroz pra Irmã, aí a Irmã Luzia veio e falou assim: “Vem, Levina, vem cá. Jesus está te chamando.” Ela foi: “Jesus está me chamando?” Ela chegou e ela viu aquele Menino Jesus está falando, está falando. Aí ele quis vim com ela. Ela pegou. Aí Ele falou com ela: “Então eu quero ir pra Santa Montanha. Ir pra Santa Montanha.”

Orlandina: Nessa ocasião, quando ela estava no Rio, ela ganhou um Menino Jesus. Esse Jesus Celeste que tem lá. Ela pegou Ele e Ele começou a falar com ela. Ela me disse assim, que levou muito susto. Quando o Menino Jesus conversou com ela, ela levou muito susto. Ela falou que levou muito susto, o Menino Jesus não tinha conversado com ela ainda. Ela falava que Jesus estava falando, dando a bênção para todas as pessoas que tivessem ido aos pés dele. Isso foi a aparição do Menino Jesus pra ela, foi nessa ocasião.

Na época em que o Menino Jesus passou a se manifestar à vidente Levina, a família estava residindo em Ervália. Mais ou menos um ano depois, a pedido dele, organizaram a mudança e retornaram à Serra da Mutuca, para a mesma fazenda do Senhor Juca Emídio.

Maria: Nós morava em Ervália. Mas Ele pediu pra nós voltar. Pra nós voltar. E nós não tinha casa pra nós morar. Nós não tinha casa. Aí, pegou falou assim: “Meu Deus, como é que nós vão fazer, nós não tinha condição de fazer casa, condição de fazer casa, como é que nós vamos fazer?”

O filho de Juca Emídio, Aloísio de Almeida, havia se casado recentemente e estava residindo na sede da fazenda com sua esposa Lúcia. Foi ele que acolheu a família de Levina, que passou a morar em um paiol em sua propriedade. Quando as pessoas da região souberam da volta da família, imediatamente se organizaram e construíram uma pequena casa nos terrenos da fazenda, próxima à ermida, com autorização do proprietário, para que eles se abrigassem. Uma das pessoas que ajudou a levantar as paredes, conforme disseram Teresa Rosa e Irmã Henriqueta, foi o próprio Menino Jesus, que apoiava as mãos do Seu José Lopes, ajudando-o na construção.

Maria: O povo falou assim: “Não, por causa disto vocês não vão de deixar de voltar pra lá não. Nós vamos ajudar. Todo mundo vai fazer uma vaquinha, vai dar uma coisa, vai dar material, um vai dar dinheiro, vai dar mão, dar o serviço, o que puder dar a gente vai ajudar a fazer a casa.” Aí o povo reuniu, de repente dentro de um mês, um mês e pouco mais ou menos, a casa já estava prontinha.

Orlandina: Quando foi fazer a casa dela, eu mais Maria de Lourdes, nós andamos. Andamos tirando esmola pra fazer a casa. Ela não tinha recurso pra fazer, nós também não tínhamos jeito de ficar fazendo. Deu lista pra mim, deu lista pra Maria de Lourdes andar. Tirar dinheiro e comprar as coisas pra fazer a casa. Aquela casa que a Maria Aparecida mora.

José Lopes: Finda a temporada em Ervália, voltaram à Santa Montanha. Depois que já estavam na Santa Montanha, os peregrinos reuniram com suas contribuições e fizeram uma nova casa para a família, pois a casa que eles moravam era uma casa antiga e em mal estado de conservação. Assim que a nova casa estava com telhado e ainda sem acabamento, Dona Nelvina já veio dormir na nova casa.

Teresa Rosa: Aquela casa dela foi feita do nada. Aquela casa ali, o Seu Zé Lopes é que trabalhou bastante naquela casa. Naquela casa, a Dona Levina via Jesus ajudar na mãozinha do Seu Zé Lopes com o martelo assim na mão. Ajudou, o pai dele era carpinteiro, ajudava. Ajudou o Seu Zé Lopes a fazer aquela casa e todo mundo... não entrou sequer dela um centavo de nada. Todo mundo pegou uma lista pra pedir e ninguém negou nada. Eu lembro que nós plantávamos o arroz, nós colheu muito arroz, a mamãe pegou mais de 15 quilos de arroz, levou na máquina, mandou limpar e trazer pra tratar dos pedreiros aqui. Ela desceu com esse arroz nas costas e trouxe. Arroz limpinho pra tratar dos pedreiros. Aí fez aquela casa.

Irmã Henriqueta: Aí que depois dessa época ela mudou de vez. Ele pediu pra vim pra cá, ela construiu aquela casa ali. Até o Menino Jesus ajudava ela a construir, ela via Ele ajudando a construir a casa.

Pelo que foi dito, compreende-se que a chegada do Menino Jesus à Santa Montanha estabeleceu um novo rumo à rotina que Levina, romeiros e população já estavam acostumados, como também iniciou um novo ciclo na Serra da Mutuca, o ciclo do Menino Jesus Celeste.

Maria: Aí o Menino Jesus pegou... e aí fez a capelinha pra ele na nossa casa mesmo. Então tinha os quartos, um quarto mãe pegou tirou. Vamos fazer uma capelinhazinha pra ele, pra ele, pra pôr ele, pra gente fazer, rezar uma oraçãozinha. Aqui.

Os encontros com o filho de Nossa Senhora foram organizados de maneira que suas mensagens eram transmitidas às pessoas em horários determinados por ele mesmo. A seu pedido, Levina segurava sua imagem nas mãos como se segura uma criança pequena⁶³ e o que o Menino Jesus dizia era repetido por ela. A voz da vidente, nestes momentos, apresentava alteração de modo a produzir o som característico de uma voz infantil.

Maria: Ela pegava ele como igualzinho uma criancinha quando a gente pega. Aí ela pegava ele e ele ia falava com ela. Ele falava pra ela, aí ela falava pras pessoas. Aí a voz dela ficava um pouco diferente. Ia transmitindo com a voz dele. Com a voz dele.

Teresa Rosa: E aqueles que entravam, faziam seus pedidos e saíam por dentro da sala da Dona Levina, pra fora, pra dar lugar pros outros. E o povo cantando, rezando terço, cantando, sem parar. Agora, depois é que ela falava: “Jesus agora vai dar a bênção.” Aí ela pegava Jesus Celeste e

⁶³ Anexos 21 e 22.

levantava Ele, com aquela mãozinha. Ô, meu Deus, Nossa Senhora, é a coisa mais rica do mundo. Lugar nenhum tem o que tem a Santa Montanha, não. Ela levantava ele e virava para um lado e para o outro. Jesus abençoando todo mundo. Todo mundo ia feliz pra casa, com a bênção de Jesus. Que coisa linda.

Em mensagem de 04 de maio de 1997, editada em folheto distribuído à população pelas Irmãs Carmelitas consta que é o próprio Menino Jesus Celeste que explica o mistério de sua presença na imagem:

Disse Jesus: Assim (como na Eucaristia) também está presente nestas imagens: quando Jesus sobe para o Céu, fica só a imagem. É o mesmo mistério da Hóstia viva: Jesus desce na Hóstia de trigo e desce na imagem de barro. Quem não acreditar na presença de Jesus vivo na imagem, não precisa acreditar na Hóstia viva. Ambas encerram um grande mistério de Deus. Estes mistérios são um só. Jesus vem na Hóstia para alimento das almas. Vem nas imagens de matéria para consolar os que sabem amar a Deus vivo...

Não apenas os relatos dos moradores do povoado, mas também informações obtidas através de pessoas que frequentavam a montanha durante os anos em que a vidente Levina ainda vivia, dizem que desde suas primeiras mensagens, o Menino Jesus Celeste demonstrou seu desejo de que as pessoas procurassem encontrar dentro de si mesmas a inocência, a espontaneidade e a alegria das crianças em seu contato com o outro. Enquanto as mensagens de Nossa Senhora eram de alertas sobre castigos que seriam infligidos à humanidade em decorrência de seus pecados e desobediência e carregadas de conteúdo apocalíptico com avisos sobre uma iminente catástrofe que assolará brevemente a terra, a chegada do Menino Jesus Celeste na Serra da Mutuca veio trazer leveza, movendo as atenções, que antes se concentravam apenas em Nossa Senhora, para suas mensagens e sua presença. Seu lema era: “Quem não se tornar como criança não entrará no Reino dos Céus”.

Este processo de exteriorização contínua que pode ser verificada na Santa Montanha, significa, para Berger, que o ser humano possui uma instabilidade congênita que não permite um equilíbrio com o mundo e consigo mesmo e somente consegue entrar em harmonia na medida em que passa a exprimir-se no mundo. Esta necessidade de expressão se manifesta de maneira ininterrupta, sendo a existência humana “um contínuo ‘pôr-se em equilíbrio’ do homem com seu corpo, do homem com o seu mundo”.⁶⁴

⁶⁴ BERGER, Peter L. O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 18.

É nesse processo que o homem produz um mundo. Só num mundo assim, que ele mesmo produziu, pode o homem estabelecer-se e realizar a sua vida. Todavia, o mesmo processo que constrói o seu mundo também dá o “remate” ao seu próprio ser. Em outras palavras, o homem não só produz um mundo como também se produz a si mesmo. Mais precisamente – ele se produz a si mesmo num mundo.⁶⁵

“Toda sociedade humana é um edifício de significados exteriorizados e objetivados, que tendem sempre a uma totalidade inteligível.”⁶⁶ Berger, em referência à obra de Mircea Eliade,⁶⁷ “O Sagrado e o profano”, diz que os mundos criados pelo ser humano têm sido, ao longo da história, mundos sagrados. “Na verdade, parece provável que só através do sagrado foi possível ao homem conceber um cosmos em primeiro lugar.”⁶⁸

A quantidade e a riqueza dos detalhes informados permite verificar como ocorreu a criação de um mundo sagrado na Serra da Mutuca e como seus participantes puderam manter, através do convívio social, o mundo que passaram a construir. As narrativas dizem que, com frequência, quando as pessoas se aglomeravam na casa de Levina para ouvir suas mensagens, o Menino Jesus Celeste pedia que todos saíssem para a rua e brincassem como crianças. Nestes momentos Ele permanecia no colo da vidente, presente em sua imagem. Catarina da Costa, moradora da Santa Montanha desde 1992 e que freqüentava as aparições desde 1966, participava ativamente das brincadeiras infantis a mando de Jesus. Esses momentos de descontração perduraram até a morte da vidente. Ela conta:

Quando a gente estava morando, aí todos domingos, quase todos domingos a dona Vica falava: - “Jesus chamou que hoje tem a brincadeira.” Aí nós vinha, os morador daqui. Vinha pra brincar, as irmãs... É, Jesus mandava a gente brincar aí. Aí ficava brincando em frente àquela casona que estão mexendo ali agora, está vendo que eles estão mexendo? Aí nós ficava brincando ali. Igual criança. E era tão bom, a gente brincava que nem... brincava igual criança. A gente ia, ela que falava pra nós que a gente virava criança. Brincava igual criança. Não tem esta escada aí? Passava perto dali correndo, sabe? Aí brincava um bocado, sempre era aí na parte da tarde. Ali pras 4 horas, 4 e meia mais ou menos. Assim.

Teresa Rosa: Como nós brincava na rua ali, juntava todos! Tinha os padres, as Irmãs tudo junto. Jesus não distinguia ninguém, não. Tudo. Eram as crianças, eram as jovens, eram os rapazes, eram os padres, as Irmãs, tudo.

⁶⁵ Idem. p. 18/19

⁶⁶ Ibidem. p. 40.

⁶⁷ ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

⁶⁸ BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 40/41.

Tudo junto. Fazia uma fila comprida, de jogar aquele pauzinho, a coisa mais rica. E Jesus ali, ela [Levina] sentada na cadeira com Jesus vendo o brinquedo todo. Jesus brincava, Jesus gostava, Jesus gostava do brinquedo.

Irmã Henriqueta: Ele ficava presente, quando Ele veio pra cá, todo dia Ele ficava presente. Então uma vez, Ele vinha, brincava com a gente de roda, brincava de falar versinho, a coisa mais bonitinha. Pra explicar é até difícil, a pessoa nem acredita. Uma vez que a gente estava lavando roupa, estava a Maria, com as meninas da Dona Levina lavando roupa, que vinha muita gente, ficava muita gente, aí eu vim pra cá ajudar elas. Aí estava bem lavando roupa, Jesus ficou presente. Chegou lá, falou assim:- “Vão brincar. Vai ter que parar o serviço pra todo mundo brincar.” A gente estava fazendo comida, daí a pouco, olha, Jesus está presente. A gente esquecia tudo aquilo no fogo, queimava tudo por lá. Chegava, estava tudo queimado. Quantas vezes aconteceu isso!

Terezinha Anacleto: O Seu Lúcio que morava naquela casa ali, o Seu Lúcio avisava: - “Ô Fulano de Tal, vão lá pra santa, Jesus está presente, está brincando lá.” A gente ia. A Nicolina, nós ia para aqui, ela ficava mais lá do que aqui. Nós: “Ah, Nicolina, Nicolina de Jesus.”

Irmã Lourdes: Mas o maravilhoso eram as brincadeiras que ele brincava com a gente. Ele ficava presente, falava: - “Vamos brincar.” Mandava todo mundo brincar de cobra-cega, da jibóia. Eu lembro, não esqueço que fazia uma fila depois, onde que está o ratinho? Onde está o gato, o gato está atrás. Então vinha correndo pra pegar, até... Mas era muita, muita coisa. Brincava de bola, brincava de corrida. Às vezes a gente estava lá na mesa, todo mundo estava já no almoço, de repente via o sininho da capelinha: Pibibi. Ninguém cobria nada, só fechava a porta, todo mundo pra lá. Então chega lá, Ele já estava presente, vamos brincar, vamos brincar. Esquecia de comida, esquecia de tudo e brincar. Brincava, brincava, brincava, depois ele falava: “Agora pode ir pra casa.”

Algum tempo após a chegada do Menino Jesus Celeste à Serra da Mutuca, Levina recebeu uma carta de uma senhora, religiosa, dizendo que havia deixado uma imagem do Menino Jesus em um hotel em Muriaé e que ela deveria buscá-la e levá-la para a montanha, pois era desejo d’Ele estar com sua Mãe. Maria contou que foi por ordem do Menino Jesus Celeste que Levina e sua amiga Efigênia procuraram Tolé, marido de Orlandina, para que este as levasse de carro até Muriaé e que foi o próprio Jesus que disse a Levina quem ela iria buscar. Também foi ela que falou sobre a chegada do Menino Jesus Caminho para o Céu à montanha:

Maria: O Jesus Celeste que falou, chamou ela. Aí ela pegou falou... ele falou assim: Que fosse buscar o Jesus que estava lá, mas só que... aí ele deu o nome dele. Ele pegou falou assim: - “Você sabe qual o Jesus que você vai buscar?” Aí ela falou: “Eu não sei”. Ele falou assim: - “Você vai buscar é Jesus Caminho do Céu. Jesus Caminho do Céu”. Aí ela pegou mandou atrás da Efigênia. Falou assim: “Efigênia, vão comigo buscar o Jesus”.

Irmã Henriqueta: O Caminho Para o Céu veio de lá também. Veio do Rio, mas não veio pra casa dela não. Veio de outra pessoa. Não sei se foi Dom

José que mandou pra cá, não lembro bem qual que mandou, não estou me lembrando certo.

O dia estava chuvoso e a estrada para Muriaé era de chão batido, que se transforma em lamaçal com as águas. Levina sabia que a viagem seria longa, então combinou com Maria, que já estava com mais de 20 anos, que esta ficaria tomando conta das crianças, juntamente com Esperança, uma senhora que era da cidade de Uberaba e havia se mudado para a Santa Montanha a pedido de Jesus. Esperança havia se hospedado na casa das videntes enquanto administrava a construção de sua própria casa. Levina disse que, quando chegasse de Muriaé, daria um sinal para avisar sobre sua chegada. Tolé e Orlandina moravam ao pé da montanha e o caminho até a casa de Levina precisava ser feito a pé.

Maria: ...que elas falou que ia dar um sinal, que quando elas chegasse, elas iam soltar um foguete. Não dava pra comunicar não. Então quando elas chegassem lá na casa da Orlandina, que ela ia soltar um foguete.

Por causa das chuvas e da precariedade da estrada, Levina e Efigênia demoraram muito para voltar. Maria e Esperança decidiram ficar esperando que as duas chegassem, mas Esperança cedeu ao sono. Maria contou que deitou para descansar e quando começou a dormir, foi acordada por Nossa Senhora, que a avisou da chegada de seu filho, o Menino Jesus Caminho Para o Céu.

Aí eu dei, sei lá, eu não sei se eu dei um cochilo, quê que foi, aí Nossa Senhora chegou na beira da minha cama, de branquinho assim, de branquinho, aquele véu branquinho, na beirada da minha cama. E ela pegou falou assim comigo, ela falou assim: “Minha filha, levanta. Levanta, minha filha, que o meu filho está chegando. Levanta que meu filho está chegando”. Eu só sentei na cama depressa, escutei, escutei, elas vinham cantando. Mas estavam cantando longe, cantando longe pra... Cantando longe. Levantei depressa e chamei as meninas, gritei elas, sacudi. – “Levanta que o Jesus está chegando”. Aí nós saímos doida de galope, chamei a Esperança, a Esperança estava dormindo. Aí nós não acabamos de chamar ela não. Ah, elas já soltaram o foguete, elas vêm. E vinha lá embaixo. Aí eu falei assim: Vão lá. Aí uma cai pra um lado, a outra cai pra um outro, cai para um lado, cai para o outro, e lá vai. Aí que vai que nós fomos, que mamãe chegou, nós fomos ver ele, ele já chegou alegre e conversando...

O Menino Jesus Caminho Para o Céu foi o primeiro a chegar à montanha depois do Menino Jesus Celeste. Inexplicavelmente, várias imagens começaram a chegar vindas de diversos lugares e doadas por pessoas que diziam ter recebido uma mensagem em que Jesus pedia para ser levado para o local onde sua mãe morava.

Maria: Quando chegava a imagem, aí Ele dava o nome. Eu sei que tem... o primeiro foi o Caminho do Céu, tem o Reino do Céu, tem Jesus da Cruz. Tem Jesus Divino Espírito Santo e Jesus Alegria de Todos, e...

Orlandina: Isso aí foi Nossa Senhora que foi dando pra ela [Levina]. O Caminho Para o Céu, Menino Jesus Celeste... O povo que vinha de fora trazia pra ela. Alguns já vinham, era por Deus, sabe? E ela fazia roupinha pra todos aqueles Menininhozinhos Jesus. Nossa Senhora, tão bonitinho!

Como dito por várias pessoas, foi o Menino Jesus Celeste quem escolheu o nome de todos os outros que apareceram depois dele e cada imagem, logo que chegava à Santa Montanha, era batizada pelo próprio Jesus, que também escolhia seus padrinhos. Está escrito no caderno cedido por Beatriz, em uma mensagem endereçada a Vera, uma devota, os nomes dos padrinhos do Menino Jesus Caminho Para o Céu:

Eu cheguei aqui Vera todo mundo quer me pegar Eu não tenho sossego. Eu vou batizar no 1º sábado de outubro Efigênia e Maria do Nascimento é que vai ser a minha Madrinha de batismo Geralda dos Reis e Maria das G. vão me representar M^a Aparecida e Jose Freitinho vão consagrar e José Lopes vai me crismar por meio de Jesus Celeste.⁶⁹

A imagem do Menino Jesus Celeste, junto com as outras imagens doadas, ocupava um lugar de destaque na casa de Levina, que destinou um quarto da casa para que ali se realizassem orações, transformando-o em uma pequena capela. Todas as imagens ficavam em cima de uma cama e eram vestidas com camisolinhas de tecido branco ou azul, que Levina lavava e passava semanalmente. As imagens são de diversos tamanhos⁷⁰, algumas foram feitas com maior capricho, outras mais simples. Durante as aparições do Menino Jesus à vidente, ela descrevia este momento como um mistério em que Jesus se manifestava em cada imagem e ao mesmo tempo era somente um. Irmã Lourdes, Irmã Carmelita e moradora da Santa Montanha desde 1984, explica este fato da seguinte maneira:

A Levina via o Menino Jesus em cada imagem e ao mesmo tempo ele era um só. Quando ele ia embora, só ficavam as imagens. As imagens são diferentes, mas quando ela olhava para elas, via o mesmo rosto de Jesus em todas elas. Ele estava em todas as imagens, mas aparecia como um só. Isto representa o mistério da Eucaristia, Jesus dividido em pedaços, mas que se dá por inteiro a cada pessoa.

⁶⁹ Durante a pesquisa, contei com grande colaboração de Beatriz, filha da vidente Maria, que me forneceu documentos e fotografias onde consta uma parte da história da Santa Montanha. O caderno citado e várias fotos encontravam-se juntos a outros documentos pessoais, que ela permitiu que eu vasculhasse minuciosamente à procura de elementos que eu pudesse utilizar na dissertação.

⁷⁰ Anexos 18 e 19.

Jesus feito menino, único e ao mesmo tempo vário, manifestava-se à vidente às vezes como Menino Jesus Celeste, uma única criança em todas as imagens ou em apenas uma, e em outras ocasiões se multiplicava sob nomes diversos, revelando-se um e muitos.

Irmã Henriqueta: Ele pediu pra eu fazer roupinha pra Ele. Roupinha pequenininha, eu não estava acostumada com a máquina da madrinha. Também não sabia costurar muito assim, que eu aprendi assim, sozinha mesmo, não tive curso, não tive nada. Antes de eu acabar de fazer a roupinha dele, Ele chegava e ficava presente em todas as imagens. Madrinha falava, ele quer a roupinha deles. Aí eu fiz, coloquei neles e ficava tudo no meu colo, ficava tudo presente, aquela porção. Ele era uns cinco que ficava presente.

Terezinha Anacleto: Aqueles Meninos Jesus, não sei como que é não, mas é assim, os outros davam aquelas imagens, mas Jesus vivia encarnado naquelas imagens, então ele dava os nomes. Jesus ficava presente. Teve um dia que eu vim aqui, os Meninos Jesus ficou tudo presente, então ela deu cada um a um pra pegar. Cada um que estiver com o Menino Jesus na mão vai fazer seus pedidos. A gente ficou assim com o Menino Jesus mais de hora no braço, Ele presente. E ela falava assim:- “Gente, Jesus vai falar, agora vocês faz seus pedidos em intenção do que vocês precisam.” Com Jesus nos braços.

Pedro A. Ribeiro de Oliveira, ao analisar as representações e práticas do catolicismo popular, diz, sobre a devoção aos santos através de suas imagens, que

O fato de estarem no céu não impede que os santos estejam ao alcance dos homens; eles se fazem presentes na terra por meio de sua imagem. É a imagem o objeto de culto, e não é indiferente prestar o culto ao santo diante de qualquer uma de suas imagens. (...) A presença do santo na imagem é importante para o catolicismo popular, porque ela torna possível o contato entre o fiel e o santo. Os santos estão, por assim dizer, ao alcance de qualquer fiel, sem que intervenha alguma mediação institucional entre eles.⁷¹

A presença do Menino Jesus, em todos os seus desdobramentos, passou a exigir mais tempo e trabalho de Levina, que passou a ficar todo o dia à disposição dos seus desejos, como sua intérprete e mensageira.

Maria: Mas é assim, se ela estivesse trabalhando e ela escutava a voz dele chamando ela, aí ela escutava a voz dele chamando, ela tinha que largar ali o serviço dela que ela tava fazendo, aí ela ia.

À medida que as imagens foram chegando, houve a necessidade de mais espaço e a casa de Levina não acomodava a quantidade de pessoas que se reuniam para ouvir as mensagens do Menino e pedir seus conselhos. A solução encontrada foi a construção de

⁷¹ OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. *Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 114/115.

uma capela⁷² dedicada a ele, que hoje é uma extensão da casa que foi construída para a moradia da família quando do retorno de Ervália, em 1977.

Maria: Que a capela estava... que aí estavam aumentando as imagens, só aumentando, só aumentando, então aí teve que aumentar a capela. Aí fez um puxado. Aí fez um puxado da casa pra lá, fez a capela maior, pra caber as imagens.

Consta de um dos folhetos distribuídos à população pelas Irmãs Carmelitas, não datado⁷³, os nomes com que o Menino Jesus se apresentava e serviu para compor uma ladainha intitulada “Ladainha do Menino Jesus da Santa Montanha”:

Senhor, tende piedade de nós.

Jesus Cristo, tende piedade de nós.

Senhor, tende piedade de nós.

Jesus Cristo, ouvi-nos.

Jesus Cristo, atendei-nos.

Deus Pai dos Céus, tende piedade de nós.

Deus Filho, Redentor do mundo, tende piedade de nós.

Deus Espírito Santo, tende piedade de nós.

Santíssima Trindade, que sois um só Deus, tende piedade de nós.

Menino Jesus Celeste, tende piedade de nós.

Menino Jesus Caminho Para o Céu, tende piedade de nós.

Menino Jesus do Divino Espírito Santo, tende piedade de nós.

Menino Jesus Reino dos Céus, tende piedade de nós.

Menino Jesus de todos os Anjos, tende piedade de nós.

Menino Jesus Coraçãozinho de todos, tende piedade de nós.

Menino Jesus Pai das Crianças, tende piedade de nós.

Menino Jesus Alegria de todo o nosso coração, tende piedade de nós.

Menino Jesus Guardador das Almas, tende piedade de nós.

Menino Jesus Rei da Glória, tende piedade de nós.

Menino Jesus da Cruz, tende piedade de nós.

⁷² Anexo 20.

⁷³ Durante um período nos anos 1980 e 1990, as Irmãs Carmelitas distribuíram folhetos à população de Guiricema e cidades vizinhas, contendo mensagens do Menino Jesus e de Nossa Senhora. Um destes folhetos, em forma de papel ofício, onde consta a Ladainha do Menino Jesus da Santa Montanha, me foi dado por Madre Auxiliadora.

Menino Jesus Amor e Caridade, tende piedade de nós.
Menino Jesus de Belém, tende piedade de nós.
Menino Jesus Caminho, Verdade e Amor, tende piedade de nós.
Menino Jesus que faz a vontade de todos, tende piedade de nós.
Menino Jesus da Paz, tende piedade de nós.
Menino Jesus do Santíssimo Sacramento, tende piedade de nós.
Menino Jesus Quero Bem de todos, tende piedade de nós.
Menino Jesus que apaga o pecados de todos, tende piedade de nós.
Menino Jesus Misericordioso, tende piedade de nós.
Menino Jesus Salvador do mundo, tende piedade de nós.
Menino Jesus que reina nos Céus, tende piedade de nós.
Menino Jesus da Justiça, tende piedade de nós.
Menino Jesus que busca os bons Pastores, tende piedade de nós.
Menino Jesus da Confiança, tende piedade de nós.
Menino Jesus que encanta as nuvens no Céu, tende piedade de nós.
Menino Jesus Luz da Fé, tende piedade de nós.
Menino Jesus Recém-Nascido, tende piedade de nós.
Menino Jesus Pai de todos, tende piedade de nós.
Menino Jesus Amor e Alegria, tende piedade de nós.
Menino Jesus Amor, tende piedade de nós.
Menino Jesus que ama a todos, tende piedade de nós.
Menino Jesus Alegria, tende piedade de nós.
Menino Jesus das Lágrimas, tende piedade de nós.
Menino Jesus de Nazaré, tende piedade de nós.
Menino Jesus Amado, que ama a todos, tende piedade de nós.
Menino Jesus Deus de Amor, tende piedade de nós.
Menino Jesus da Fé, tende piedade de nós.
Menino Jesus da Luz, tende piedade de nós.
Menino Jesus das Rosas, tende piedade de nós.
Menino Jesus que salva o mundo, tende piedade de nós.
Menino Jesus meu grande tesouro, tende piedade de nós.

Menino Jesus Pai das Almas, tende piedade de nós.

Menino Jesus de todos os títulos, tende piedade de nós.

Cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo, perdoai-nos, Menino Jesus!

Cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo, ouvi-nos, Menino Jesus!

Cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo, tende piedade de nós, Menino Jesus!

Menino Jesus, ouvi-nos!

Menino Jesus, atendei-nos!

Maria relata um acontecimento que descreve a influência do Menino Jesus na vida de sua família e também como se dava sua interação com todos. Sua irmã Geralda adoeceu gravemente e precisou ser internada em um hospital de Visconde do Rio Branco. Levina ficou em companhia da filha por alguns dias até que ela se restabelecesse. Quando Geralda recebeu alta médica, ela pediu a José, filho de Orlandina, que fosse até a sua casa e pegasse o dinheiro com Maria para pagar o hospital. Levina disse a José que o dinheiro estava guardado debaixo da imagem do Menino Jesus Celeste. Maria procurou no balaio onde Jesus ficava e nada encontrou.

Eu voltei cá, falei com ele assim: “Ô Zé, o dinheiro não está lá onde mamãe pôs.” Ai ele pegou falou assim: -“Ela falou que ela pôs o dinheiro dentro do balainho de Jesus. Tá dentro do balainho de Jesus.” Eu voltei lá, olhei, revirei tudo, nada. Falei: Meu Deus, como é que vai fazer agora, como é que nós vai pagar o hospital, o dinheiro não está aqui e aí tornei voltar falei com ele. Ele pegou falou comigo assim: “O que ela falou comigo é isso.” Quando eu voltei, quando eu voltei poder ver, ele pegou levantou os pezinhos pra mim. Ele levantou igual uma criancinha, um nenezinho que você vê às vezes com uma fraldinha, que levanta as perninhas pra cima, ele levantou a perninha pra cima assim. Aí o dinheiro estava... aí que eu vi, o dinheiro estava por baixo aqui assim, virando nas costinhas dele. Aí que eu vi. – “Ah, Zé, pelo amor de Deus, achei.” Falei assim: “Jesus ainda levantou até os pezinhos pra poder me mostrar, eu já estava apertada que eu não sabia aonde estava e como é que mamãe ia pagar esta conta.” Aí falei com ele assim: “Foi Jesus que levantou os pezinhos. Mostrou o dinheiro, aonde estava.”

Esta história foi escrita de próprio punho por José Lopes, datada de 15 de agosto de 1977, no caderno cedido por Beatriz, filha de Maria:

A Maria do Nascimento, irmã da Geralda, entrou no quarto para apanhar o dinheiro e só encontrou Cr\$ 50,00 junto da imagem do Menino Jesus, pensou: o que a mamãe vai fazer com este dinheiro? Ela volta de novo ao quarto e assustou, quando viu que o Menino Jesus levantou as perninhas e ela viu o dinheiro que estava guardado. Ela apanhou-o e chegou na cozinha, assustada, e entregou a mim: José Lopes de Lima para contar tal dinheiro. Eu

mesmo entreguei os 5.000,00 ao José do Tolé. Dona Nelvina pagou as despesas do hospital, etc.

Durante sua entrevista, o Senhor José Lopes me disse que nunca teve uma visão de Nossa Senhora, mas contou como Menino Jesus se manifestou a ele em três ocasiões:

Mas então ela [Levina] estava na capela com o Menino Jesus Celeste, é a primeira imagem que esteve lá, está lá até hoje. Estava lá em cima do altarzinho, o altarzinho até de uma... um altarzinho feito de como eles chamam de tubular, uns pezinhos igual a pé de cadeira assim. A mesa era de latão também. Então, ela pôs aquele menininho em cima assim, trazia sempre dentro de um balainho, punha ele assim como se fosse presépio, assim, os outros tinham que chegar e falar assim: - Ah, Efigênia, Ele está... Jesus está respirando, eu sei que estava mexendo. Eles achavam que Ele estava mexendo. Eu cheguei pra ver, aí, quando eu olhei Ele assim, eu vi que o coraçãozinho dele estava pulando assim, vi o coraçãozinho dele pulando assim do lado de fora assim pulando, tamanho de uma unha minha assim, o coração dele tuctuctuc. Aí depois ele fez assim com a cabeça assim, fez e voltou rapidamente assim. E depois começou a mexer com as perninhas que eu vi que o mantinho dele estava subindo. Essa foi a primeira vez.

A segunda vez foi numa festa que teve lá e a Dona Nelvina entrou com o Menino Jesus e os outros falou assim: - “Deixa eu tirar o retrato dele?” Tá. Ela entrou pro lado de cima do altar, já no santuário, já tinha até a igreja lá. Então ela estava até assim do lado, pra quem está de frente pra lá, do lado esquerdo. Ela ainda fez com a imagem assim. Quando ela levantou ele assim, os outros bateram o retrato, que o flash apagou, aí ele se transformou numa cruz de luz, uma cruz de luz, uma cruz luminosa, cujos raios partiam assim.

Padre Estêvão estava atendendo confissão. Ele estava na porta esquerda do santuário de quem entra, a porta esquerda entra pra sacristia ali. Quem entrava, fechava a porta. Quando ia entrar um vizinho meu que mora até na santa até hoje, aí, na hora que ele ia entrar, pra ele entrar, e tinha esse Samuel, esse menino meu, que ajudava o padre a celebrar a missa lá. Na hora que o padre foi pra celebrar, pra atender confissão, ele passou diante do altar, estava na sacristia do lado esquerdo, do lado daquela capelinha de Nossa Senhora, foi pro lado direito lá. Tá. Lado direito de quem entra na igreja. Aí eu vi que ele foi pra lá. Depois, na hora que esse rapaz entra pra confessar, apareceu um menino como se fosse o Samuel. Um menino assim, mais ou menos da altura dele, fez assim com a porta assim, abriu as duas bandas da porta assim. E olhando pra mim assim. Gente, porque o que o Samuel está fazendo assim? Depois eu lembrei. Gente, o Samuel está do outro lado. Mas esse menino aparece aqui, olhando pra mim, só pode ser o Menino Jesus. Depois é que ele parou, desapareceu na hora também e ficou tudo do jeito como estava.

Uma das Irmãs Carmelitas, Irmã Maria do Rosário, me contou como foi curada de um câncer no ouvido pelo Menino Jesus. Essa Irmã, que era da Congregação dos Santos Anjos, ao conhecer a Santa Montanha, pediu para ser dispensada e passou a morar no convento das Irmãs Carmelitas, em 1980. Em 1995, ela adoeceu gravemente.

Conforme ela disse, foi o próprio Menino Jesus, auxiliado pelos Arcanjos Miguel, Gabriel e Rafael que realizou a cirurgia que a curou definitivamente.

Depois disso, dona Goretti, eu cheguei em 95, eu tive, comecei a sentir umas dores no ouvido, coceira no ouvido, aquilo foi aumentando, atacando a garganta, pontada na cabeça, não sabia o que era. Aí falei com Jesus, ele mandou pôr Óleo de Nossa Senhora. Fui pondo. Mas é que ele queria um milagre maior. Tá bem. Foi piorando, depois começou a sair sangue e pus. E doendo, doendo. E no fim, tive que ir pra cama. Fui perdendo as forças. Tanto doía, doía, doía, meu Deus! A madrinha então falou assim, você precisa de ir ao médico. Falei, madrinha, não vou não. Que Jesus falou que eu tinha que ir ao médico. Que Jesus já tinha falado para eu ir. Pois bem, teimar a gente não pode, tem que obedecer direitinho. Então eu falei assim, então eu vou. Mandou o médico, ele falou assim, fez exame, é até o Doutor Luiz Carlos lá de Ubá. Examinou, até puxou a carne, uma carne esponjosa deste tamanho, aquilo doía tanto enquanto ele puxava, quase que eu desmaiei de dor. Doía até as unhas. “Doutor, deixa que eu não agüento mais.” E ele deixou. Aí ele falou assim: - “Irmã, a senhora vai fazer uma tomografia do ouvido e me traz hoje mesmo. Ou então amanhã, que eu quero ver. E a senhora vai ter que ser operada.” Eu fui lá no [Hospital] Santa Isabel, eu estava até com a Irmã Amélia, a Irmã Amélia me levou lá, fiz as radiografias, no dia seguinte o médico falou mais com a Irmã Amélia. Ele olhou o resultado e cochichou com a Irmã Amélia. Eu estava com tanta dor que eu não prestei bem atenção. Daí que ele não falou mais da operação. Ele me despediu, eu vim pra casa. Uma dor, gente, dor de câncer é terrível. É terrível. Era câncer. Era câncer no ouvido, que estava atacando a cabeça. E eu não sabia. O médico sabia, ele descobriu que era câncer. Falou com a Irmã Amélia que o meu caso era perdido. Não tinha mais jeito. É por isso que ele não falou mais da operação. Era caso perdido. E eu não fiquei sabendo. Cheguei em casa, fui pra cama, fraca de tanta dor. A noite inteira estava doendo, Meu Deus, que coisa horrível. No dia seguinte, eu tive uma inspiração. Jesus Celeste é Deus, tem todo o poder. Se Ele quiser, Ele pode me dar a graça da cura. Eu vou rezar mil Ave Maria. Só pensando, que nem falar podia, porque doía tudo. A boca tudo doía também. Pra engolir as coisas, era um sacrifício. Aí eu estou pensando, vou completar mil Ave Maria em nome de Jesus Celeste. Se Ele quiser usar de misericórdia, Ele me dá essa graça. Falei: - “Jesus, estou rezando para o senhor. Faça o que o senhor achar melhor. Eu estou em suas mãos.” Tá bem. No dia seguinte, Ele ouviu o que eu falei. Sete horas da manhã, a vidente chegou lá no convento. Olha, eu vim aqui falar, que Jesus mandou falar que vai operar a Irmã do Rosário. Prepara o quarto dela tudo de branquinho, era de branco, tudinho de branco no quarto. Ele vem daqui a pouco. Deitei outra vez, foi quando eu tornei deitar, Ele chegou. Sete e meia. Deu meia hora pra arrumar tudo. Chegou e disse assim: - “Irmã do Rosário, eu tenho que te operar. Olha, eu estou acompanhado de São Miguel, São Gabriel e São Rafael. São os meus enfermeiros. Vão me ajudar na sua operação.” Ele mandou botar, Ele foi no balainho, o balainho em cima da mesinha. Dentro do balainho, Ele não sai do balainho. Ele fica no balainho. Aí botou o balainho lá em cima da mesa e ele começou. - “Já vou começar a operação.” Olha, diante de Deus eu posso dizer, senti de repente como se fosse uma agulhada assim no ouvido. Diferente dessas que eu estava sentindo. Era o bisturi, só podia ser. Mas ficou das sete e meia às dez e meia no meu quarto. Depois Ele falou assim: - “Sai todo mundo, eu vou ficar aqui. A Sérgia também vai embora.” Falou com a Levina, você também vai embora. Quando acabar, eu te chamo.

Quando foi dez e meia, a madrinha chegou. – “Olha, Jesus me chamou, já acabou a operação.” Aí recomendou. Você está curada, já foi operada e está curada. Não coma nada quente. Pimenta, cebola, o que mais? – “Tudo o que é quente, não coma não. E fica oito dias de repouso absoluto, levanta só pra ir ao banheiro. E fica em silêncio também. Não pode estar falando não. Sérgia, põe meu balainho perto da Irmã do Rosário.” Botou assim perto, nem me encostou, ele deu a bênção e foi embora com os três arcanjos. Aí então eu fiquei quietinha lá, esticadinha. Estava doendo ainda. Ele me deu a graça da cura, mas em março que eu me senti completamente curada. Quer dizer, de novembro a março. Nem sei se foi fim de fevereiro, princípio de março. Eu sei que um dia eu fiz assim com o ouvido pra ouvir, a carne esponjosa tinha desaparecido. O ouvido sequinho, não tinha mais nada. Quando saía pus, era dia e noite. Tanto doía, era aquela coisa horrível. E aquela carne esponjosa enorme desapareceu Sumiu tudo. Não caiu, que eu não senti. Sumiu tudo. Então, foi uma graça muito grande mesmo que Ele me deu. Eu tive foi um milagre, eu vivia praticamente morta. Voltei depois, ele [o médico] disse assim: - “Irmã, o que aconteceu? Pensei que a senhora tinha morrido.” Falei: - “Estou aqui, doutor.” Ele foi e falou, foi um milagre. Foi um milagre, que ele falou, que ele é muito piedoso também. Ele é muito bom médico, muito piedoso. – “Foi um milagre, Irmã, que o seu caso...” Aí que eu fiquei sabendo que ele tinha dito que o meu caso não tinha mais conserto. Eu ia morrer de câncer.

Jesus também respondia a cartas que eram enviadas a Ele, dando bênçãos e conselhos e foi anotado por Efigênia, no caderno de Beatriz, a resposta do Menino Jesus Caminho Para o Céu a ser encaminhada a Vera, que passou a residir na montanha com sua família, que conta sua chegada à Santa Montanha e como foi acolhido pelo Menino Jesus Celeste:

Jesus de todo caminho para o céu manda dizer Vera Eu cheguei na casa de Nervina Sérgia de Lima no dia 21 de setembro. Jesus Celeste que mandou me buscar no hotel Regina sabe Vera o que Jesus Celeste fez? Pois a Nelvina debaixo de chuva e Efigenia elas imaginaram como podia seguir mas Ele disse segue seu caminho para o céu, assim a Geralda dos Reis também foi ficou tão contente chegou na casa de José Geraldo Moura aparição as 6 horas da tarde a Mãezinha do céu diz para a Geralda assim seus pedidos vão dar tudo certo, Eu estou aqui no quarto com Jesus Celeste nós estamos brincando no quarto de bolinha, muitos ficaram gostando de mim estou muito satisfeito aqui na S.Montanha. Eu gosto tanto de você Vera Eu trago no teu coração uma chave fechada dentro do teu coração. Vera Eu espero um manto de você estou sentindo tanto frio o Celeste não deixa eu ficar nem no balainho d’Ele Vera tenha dó de mim Eu estou com tanta saudade de você Eu te agradeço por tudo que você fez por mim. Aqui na S. Montanha seu Jesus de todo caminho que ficou aqui e que te saúda. Salve Maria.

A presença do Menino Jesus na Santa Montanha trazia também desconfiança e dúvidas. Durante as reuniões que se realizavam na capela, era comum que alguém dissesse ver na imagem uma criança movimentando os braços e as perninhas. Maria diz que estes momentos eram às vezes acompanhados de comentários incrédulos de pessoas que se aproximavam na esperança de encontrar algum sinal de fraude.

Maria: Então eles falavam que aquilo era uma mola. As pessoas falavam que... na pessoa falar que Jesus falava, então eles falavam assim: - “Ah. Aquilo ali pode ser só uma mola.”

Maria narra que foi em um destes momentos que o Menino Jesus Celeste, respondendo a uma provocação, fez uma profecia revelando que iria ocorrer uma tragédia à pessoa que duvidou de sua presença.

É, um brinquedo, um brinquedo qualquer. Aí ele pegava respondia. Até sei o caso de uma pessoa, mas só que a gente não vai ditar. A gente não comenta o assunto, a gente deixa pra lá pra não... Mas Jesus pegou falou assim: - “Essa pessoa está falando que é mola, não vai demorar daqui uns tempos vai ver a mola.” Aí viu a mola. É, porque veio um sofrimento terrível na família. Sofrimento terrível.

Também foi Jesus que decidiu que Maria deveria permanecer na Santa Montanha após o seu casamento. Tonhão morava e trabalhava em São Paulo e, em uma conversa que este teve com o Menino Jesus Celeste, Ele disse que o casal deveria residir no local.

Ele veio pra cá. Jesus chamou ele pra cá. Jesus chamou ele pra cá. Então ele largou o serviço dele, ele dispensou o serviço dele todinho. Ficou tudo. O serviço dele todinho. E estamos aqui até hoje.

A notícia da chegada do Menino Jesus na Serra da Mutuca passou a atrair romarias cada vez maiores, especialmente no primeiro domingo de cada mês, quando Nossa Senhora também se fazia presente. A rua onde está localizada a igreja e casa das videntes era pequena para comportar a quantidade de automóveis, cavalos e charretes que transportavam os romeiros, como também as pessoas das cidades vizinhas.

As aparições à vidente Levina se davam em sua capela, quando Jesus se manifestava, não somente na imagem do Menino Jesus Celeste, mas a cada vez, naquela que significava a mensagem endereçada às pessoas que lá se encontravam. O Menino Jesus interagia com os fieis, escutando seus pedidos e dando respostas às suas perguntas. O que estava destinado a alguma pessoa era respondido pelo Jesus que se fazia representar na imagem específica, pedindo para ir para o colo desta pessoa.

Irmã Zélia, moradora do convento das carmelitas e uma das pessoas que contou como esta interação ocorria, diz que estava acostumada a conversar e pedir conselhos ao Menino Jesus diariamente. Ela disse que sempre que o Menino Jesus da Cruz se manifestava, pedindo para ir para o colo de alguma das religiosas, todas podiam se

preparar porque no máximo em três dias um grande sofrimento ocorreria para todas elas.

Terezinha Anacleto: Muita gente, quando dava o Menino Jesus, falava: - “É o Menino Jesus da Cruz, vai ser uma cruz.” Mas porque a gente é fraco, porque a cruz nós temos que carregar ela mesmo. Jesus que vai dar nós a força, como a gente vê agora na Via Sacra.

Maria: Quando a pessoa via o Jesus da Cruz falar assim: Eu quero ir pro fulano, eu quero ir pros fulanos, aí a pessoa já ficava assim preocupado. Meu Deus do Céu, já é alguma coisa. Já é alguma coisa, é uma coisa a... todo mundo fala assim... A cruz é pesada, que a cruz é pesada, aí quando falava: Jesus da Cruz que ir com o fulano... Ah, Jesus, é uma cruz agora, agora a cruz. Aí a pessoa podia preparar a cruz, que era uma cruzinha bem pesada.

G: Mas e os outros? Quando vinha era coisa boa?

Maria: É, já era a coisinha mais leve, né?

O Menino Jesus, conforme dito pelos entrevistados, em suas aparições, também interpretava palavras do Evangelho, que ensinava, confortava as pessoas que o procuravam em suas aflições e respondia a questões que eram levadas a Ele. Irmã Leonor falou sobre estas reuniões que aconteciam com bastante regularidade em saraus nos jardins do convento. Era também com alguma frequência que Jesus receitava medicamentos caseiros a serem usados sob a forma de chás. Teresa Rosa, Terezinha Anacleto e Irmã Maria do Rosário contaram como isso acontecia e da falta que sentem de sua presença consoladora e lenitiva, após a morte da vidente:

Teresa Rosa: Lá no Menino Jesus fazia pedido. Muitos pediam, às vezes pediam uma receitinha de Jesus. Ele dava a receitinha para aquelas pessoas. E a pessoa tomava e curava. Um chá, ele indicava, ele ensinava aquela folha pra pessoa, a pessoa tomava aquele chá, sarava. Nossa Senhora, como a gente sente falta. Muitas coisas que a gente agora só vai em médico, médico, se Jesus estivesse presente aqui agora... a gente sabe que Ele está aqui, mas só não está dando as mensagens, igual à Nossa Senhora. Porque encerra, se a vidente morreu, naquele lugar não apareceu mais.

Irmã do Rosário: De uma outra vez também eu fui curada de uma dor que me deu na costela, eu tinha que andar assim torta. Umas duas semanas eu fiquei com aquela dor. Tomei tudo enquanto foi coisa, nada passou. E eu falei, vou falar com Jesus, com comprimido não passava, com antibiótico, nada passava. Falei, meu Deus, como que eu faço? E o corpo todo, não podia levantar. Falei com Jesus. Jesus disse assim: - “Você toma um chá de folha de chuchu com hortelã.” Eu achei aquilo engraçado, mas Jesus mandou, eu vou tomar. Então eu fiz a novena, quando foi de noite, fiquei boa. Até hoje.

Terezinha Anacleto: Mas nós viemos, ela [Levina] veio com Jesus até aqui no alto e eu tive um sobrinho também que tinha um problema assim no estômago, o Aloísio, quando dava aquilo, dava aquele problema nele, ele ficava assim parado, não passava nada. Ficava com a barriga assim. Jesus

receitou pra ele tomar um chá, fazer um chá de São João pra ele, com hortelã. Daquela vez pra frente, o menino ficou bom, graças a Deus.

Os vários relatos dizem que até a morte da vidente Levina, o Menino Jesus se manifestou a ela, não somente na forma de Jesus Criança. Quando havia ordenações dos sacerdotes que eram formados na Santa Montanha, em um seminário que foi criado por alguns padres que passaram a residir na serra, Ele aparecia à vidente como um rapazinho que dirigia as cerimônias. Em algumas ocasiões mais raras, Ele assumia a forma de Jesus feito homem, dando mensagens sempre ao lado de sua mãe.

Irmã Lourdes: As mensagens dele, Ele falava pra Dona Levina e ela passava as mensagens pra gente. Quer dizer, só ela que via Ele. Ele sentadinho no trono, três anos, quatro anos. E nas ordenações dos sacerdotes aqui, ele ficava assim um jovem de 13 anos. Doze, treze anos. E o Bispo ia fazendo a ordenação dos sacerdotes, e se o Bispo errava alguma coisa, Ele cobria aquilo que o Bispo não...

1.3 São Miguel e o Dragão

Depois de tantos combates
O anjo bom matou o anjo mau
E jogou seu corpo no rio.

As águas ficaram tintas
de um sangue que não descorava
e os peixes todos morreram.

Mas uma luz que ninguém soube
dizer de onde tinha vindo
apareceu para clarear o mundo,
e outro anjo pensou a ferida
do anjo batalhador.

(Carlos Drummond de Andrade, Poema da purificação)

A primeira aparição de Nossa Senhora na Serra da Mutuca foi antecedida pela presença do demônio. Todas as pessoas entrevistadas e os relatos que constam do Livro de Tombo, bem como as informações colhidas entre os moradores da região são unânimes em dizer que, antes da santa, a presença daquele que chamam “O Dragão”, “O Outro”, “O Encardido”, “O Inimigo”, “A Serpente”, já era sentida. A explicação para a presença do Mal na montanha foi dada por Aldir Emídio (Padre Estêvão), neto dos antigos proprietários da fazenda que, segundo ele, agiam com grande crueldade e permitiam que atos desumanos fossem cometidos em seu nome, uma herança do passado escravista. A maldade praticada por estas pessoas permitiu que a barreira que separa o mundo humano daquele habitado pelo Dragão se rompesse naquele lugar,

permitindo que ele passasse a agir junto aos homens. Este passado de infortúnios foi relatado por Aldir e por Irmã Henriqueta:

Aldir: A Santa Montanha foi um lugar de muita gente maldosa. Apesar de ter sido minha família, mas que judiava muito dos pobres. Meu bisavô costumava bater nos outros, facilidade. E tinha minha avó, que morava lá em cima, diz que morava uma negra pra cuidar dela. Ela tinha que chamar a negra pra perto da cama dela, que ela não estava agüentando levantar, pra ela dar uma surra na negra pra ela sentir bem. Ela batia na negra, a negra ali perto da cama, ela batia na negra e ela sentia bem. E teve o caso também de uma moça que perdeu sua virgindade, o pai deu uma surra nela, quebrou os ossos dela num toco e levou pro meio do mato aí e deixou lá até morrer e urubu comer.

Irmã Henriqueta: Eu não sei bem direito não, mas Nossa Senhora mesmo falou: - “Vocês acham que eu apareci neste lugar porque o lugar é santo?” Não era não. Aqui houve muita sevícia, judiaram de muitas pessoas, os escravos. Eles enterraram até gente viva por aí. Nossa senhora falou: - “Eu vim aqui pra salvar, se fosse um lugar santo, eu não tinha vindo. Eu vim pra salvar meus filhos, eu vim para salvar meus filhos.” Se fosse lugar santo, nem precisava dela vim.

Desde esta época, conforme disseram vários dos entrevistados, o demônio se estabeleceu na Serra da Mutuca e influenciava as pessoas que moravam no local e em suas redondezas. Um fato ocorrido antes da primeira aparição da santa foi relatado por Orlandina e aconteceu na residência de um de seus irmãos e sua cunhada, que moravam na vargem ao redor da montanha. Os fenômenos que se sucederam obrigaram o casal a mudar de casa e posteriormente tiveram que demoli-la, pois não havia mais condições de ser habitada, por não conseguirem deter a quantidade de pedras que caíam misteriosamente no interior da residência e nas pessoas que lá se encontravam.

Cá em baixo, perto de onde morou meu filho, apareceu pra minha cunhada. Ali na mangueira. Na mangueira, cá embaixo. Tinha uma casa ali, ele apareceu fazendo discate [desacato] ali. Nós não viu ele, nós viu o discate [desacato]. Jogando pedra. Jogando pedra na gente, na casa da minha cunhada, irmã do meu marido. Mas aí, ele começou. Começou pra ela só. Ela morava sozinha, com o marido dela. Aí ela morava nesta casa cá embaixo numa manga, num mangal. Ela começou a sentir que ele estava jogando pedra, sabe? Jogando pedra assim, caindo craque, craque, craque. E cai pra aqui, cai pra ali. Ela falou e o pessoal começou a ir lá pra rezar. Nós íamos lá pra rezar, e aí depois que nós íamos lá pra rezar, o Tônico, que vinha dar a reza aqui no Córrego Preto, dar comunhão, dar a santa comunhão, ele falou: - “Eu vou lá hoje e eu vou rezar, vou requerer. Se é alguma coisa, eu vou requerer.” Menina, ele tomou uma pedrada no nariz, quase arrancou o nariz dele fora. Meu sobrinho, casado com minha sobrinha. Dentro de casa, assim em cima das vasilhas. Um dia ela pôs uma vasilha pra fazer café, pôs um prato em cima, estava só caindo pedra em cima. Taco, taco, taco, taco. Um terrão de pedra. Logo que começava, ela tinha galinha assim no terreiro, quando começava, as galinhas faziam: Uuuuuuu!

Corria tudo pra debaixo da casa. As galinhas viam. Aí começavam as pedras a cair. As galinhas viam, que elas ficavam espantadas. Corria tudo. Chuchavam debaixo da casa. Tinha a casa assim, tinha o assoalho, chuchavam debaixo da casa. Aí começava a cair pedra. Ela mudou da casa. Não parou.

Antes que a casa do irmão de Orlandina fosse demolida, ela contou que apareceu na casa de seu sogro uma mulher de aparência estranha, que pediu abrigo. Ele cedeu a casa para que ela pudesse morar provisoriamente. Como a presença da mulher começou a atrair muitos rapazes que a assediavam, provocando comentários desagradáveis nas redondezas, o dono da casa pediu a ela que se mudasse. Além de ignorar o seu pedido, a mulher o enfrentou acintosamente. Foi preciso que ele pedisse a ajuda de alguns companheiros para retirá-la da casa, à força. Esta mulher foi descrita como uma manifestação do próprio demônio:

Mas depois que ele [o demônio] saiu de lá, apareceu uma mulher lá. Do nada. Ele veio e apareceu uma mulher lá do nada. Chegou lá, pediu pousada ao velho, meu sogro. Meu sogro teve um pouco de receio da mulher no princípio. – “Tem uma casa vazia lá, você pode ficar nela.” Mandou, ela desceu e foi ficar na casa, na tal casa. E lá, pegou muita gente ir lá mexer com ela, homem, sabe como é que é, vai mexer. Aí o Seu Antônio pediu o genro dele e o Tolé que tirasse ela de lá, que estava fazendo romaria de gente indo lá, mexendo com ela. Ia lá na casa, sabe, mexer. Eles pegaram, ela correu pro mato, eles correram atrás, pegaram ela, foi assim nos fundos. Pegaram ela, pôs no jipe, Tolé tinha um jipe, levou, soltou ela lá no caminho de Rio Branco. Levou uma esteira pra ela, se ela quisesse deitar em algum lugar na estrada lá, deitar. Tinha uma esteira com ela. Ela falou assim: - “Vocês me soltou aqui, mas eu volto.” Mas ela não voltou, não. Chamou a polícia pra pegar, a polícia não quis ir. Aí eles pegaram. Pegaram e levaram, soltou pra lá, ficou com medo daquilo. Uns diziam que ela tinha pé de pato, os outros é que falavam, eu não sei se tinha ou se não tinha. Falaram que ela tinha pé de pato. Isso eu não sei, que eu vi ela, mas não o pé dela, não. Não reparei o pé dela, não.

No final do mês de outubro de 2010, parei de visitar a montanha em períodos curtos ou em finais de semana e aluguei uma casa das Irmãs Carmelitas que fica situada ao lado do Santuário, passando a residir no lugar durante pelo menos 15 dias por mês. No mês de dezembro, poucos dias antes do Natal, parte da ponte que dá acesso à subida para o Santuário foi levada pela correnteza do rio que corta os terrenos da fazenda e que se avolumou com as chuvas, que foram muito intensas no final do ano. A quantidade de água que caiu na montanha durante a madrugada foi muito grande, provocando o desabamento de um muro de arrimo próximo à entrada dos portões do convento e o peso dos destroços derrubou o poste da empresa telefônica que ficava em frente a este muro, impedindo a comunicação com minha família, pois meu telefone celular é

vinculado a esta empresa. Desci da montanha enquanto ainda havia uma passagem estreita na ponte que Antônio, morador de Villas Boas e que me prestava serviços como motorista e informante, ainda se arriscava a atravessar. Três dias depois, na véspera do Natal, o resto da ponte foi levado pelas águas de mais uma chuva torrencial. Somente na segunda quinzena de janeiro, quando as chuvas diminuíram, a Prefeitura de Guiricema pôde construir uma outra ponte, pequena e de madeira, que a princípio seria provisória mas que ainda no mês de dezembro de 2011 não havia sido substituída por uma construção mais segura. Os moradores da Santa Montanha, neste período em que a estrada ficou sem a ponte, quando precisavam descer, passavam por dentro do rio, andando pelas pedras, mas como eu precisava carregar a pé, montanha acima, bagagem, computador e sacolas de comida, que tinha que comprar em Guiricema ou Villas Boas, porque nada é comercializado na Santa Montanha a pedido de Nossa Senhora em uma de suas mensagens⁷⁴, precisei esperar até meados de janeiro para retornar e dar continuidade às entrevistas. A casa onde me estabeleci fica em local privilegiado, entre a Casa dos Padres e o Santuário, com um jardim de rosas na frente e outro nos fundos. A vidente Maria e seu marido Antônio (Tonhão) residem do outro lado da rua e Beatriz, sua filha, vive com seu marido Paulo e o filho Gabriel em uma casa que fica localizada nos fundos da que aluguei, em um terreno mais elevado. Durante o dia, sempre mantive a porta da sala aberta e foi através de Gabriel, de 5 anos, que entrou na minha cozinha procurando biscoitos, que conheci Beatriz. Foi ela que marcou minha entrevista com sua mãe.

Durante meu primeiro encontro com Maria, alguns dias depois que me mudei para a Santa Montanha, ela me contou como ocorreram as primeiras aparições de Nossa Senhora e do Menino Jesus na Serra da Mutuca, mas nada falou sobre a presença do demônio no local. Quando, com o passar dos dias, algumas pessoas passaram a relatar fatos que o envolviam, voltei a procurá-la para nova entrevista e foi a partir desta ocasião que, através do que foi dito por ela, tomei conhecimento de sua importância para as pessoas que residem naquele lugar. A partir do que disse Maria, fui perguntando às pessoas sobre o “Outro” e os relatos dizem que a primeira aparição de Nossa Senhora foi precedida por ele, que é temido pelos moradores, às vezes manifestando-se ainda na

⁷⁴ Apóstolos da Virgem Maria. Santa Montanha: 30 anos de aparições. Direitos reservados à Obra da Divina Misericórdia, 1ª edição, 2 de fevereiro de 1966, pág. 26: “Quero, aqui, somente orações, nada de negócios.”

montanha, embora tenha perdido grande parte de sua força. Catarina da Costa foi uma das pessoas entrevistadas que evitou falar sobre o assunto:

G: E Nossa Senhora falava muito sobre o demônio?

Catarina: Falava, só que alguma coisa não estou lembrado, sabe?

G: Ela dizia que ele estava aqui e ela veio pra expulsá-lo.

Catarina: Hum, hum.

G: Você se lembra de alguma coisa que ela falava?

Catarina: Ah, isto não.

Maria contou novamente como ocorreu a primeira aparição de Nossa Senhora na Serra da Mutuca, desta vez incluindo a presença do “bicho” visto antes por sua irmã Geralda, e que depois foi confirmado pela santa, em uma mensagem, como sendo o próprio demônio. Esta descrição da primeira aparição de Nossa Senhora às três crianças, antecedida por ele, também foi relatada por Orlandina, Teresa Rosa, pela Irmã Lourdes e por Aloísio de Almeida, que a ouviu de Sebastião enquanto trabalhavam na roça:

Maria: Foi, foi ele que apareceu primeiro. Porque primeiro apareceu um bicho muito feio. Primeiro apareceu um bicho muito feio. Porque mamãe sempre falava com nós assim, que falava assim: “Escuta, vocês ficam brincando no meio do mato.” Porque aqui era uma mata, então mamãe pegava falava assim: “Vocês ficam brincando no meio do mato, perigoso bicho bravo morder, uma cobra e tem bicho bravo no meio do mato.” Depois que Nossa Senhora deu a mensagem, começou dar mensagem, aí Nossa Senhora falou que era o demônio. Que vem na frente de Nossa Senhora. Ele veio sim pra tomar, ver se ele tomava a frente de Nossa Senhora. Mas só que ele não conseguiu tomar a frente.

Irmã Lourdes: Ele foi o primeiro que apareceu pra atrapalhar a vida de Nossa Senhora. Ele apareceu pras crianças, mas como um dragão, querendo engoli-las. Um dragão querendo engoli-las. E depois que elas correram, eram três crianças de sete e nove anos. Queria correr. E uma falava, vou jogar pedra, outra, vamos correr, vamos jogar pedra. E nessa hora uma olhou pro outro lado e viu Nossa Senhora no cipó. E ele sumiu. Quando Nossa Senhora chegou, ele sumiu.

Aloísio: ...mas diz o Bastião que quem apareceu primeiro foi o capeta lá. Espantou eles. Aí eles correu, depois falou: - “Vou voltar lá pra ver que bicho é aquele.” Aí chegou, viu Nossa Senhora andando.

Orlandina: As meninas viu também, elas falou que viu? Mais apertado foi elas que viu também. O dia em que elas viram Nossa Senhora, que elas contam que viram Nossa Senhora, ela viu um bicho muito feio também. E eles continuaram vendo esse bicho lá. A Dona Vica viu. Eu nunca vi não. A Dona Vica viu, o Sebastião viu.

Teresa Rosa: Pois é. Veio quebrando, aquele bicho, elas correram. As duas correram. Mas a Geralda não correu. Então, aí, elas voltaram. Nelas voltarem, elas viram a Nossa Senhora. E aí elas veio em casa. Vieram pra casa e contou.

Sebastião também contou no Livro de Tombo como foi a visão do demônio por suas filhas:

... as 10 horas, quando chegaram para gangorrar, quando a Geralda dos Reis olha para trás viu um bicho muito feio e a Maria sua irmã e sua prima todas 3 viram o bicho e gritaram por Nossa Senhora Aparecida que valesse elas e saíram correndo para casa.

É compreendido pelos moradores do vilarejo que a presença de Nossa Senhora na Serra da Mutuca se deu com a finalidade de expulsar o demônio, que dominava o lugar e pretendia as almas dos que se tornaram vítimas de sua influência maléfica. Em mensagem datada de 12 de outubro de 1971, a santa explica a razão de sua vinda à montanha e pede que todos façam orações e penitências para ajudá-la em sua missão de salvar as almas perdidas no inferno, para a própria salvação e para fortalecê-la em seu combate com o demônio.

Meus filhos, amem a Deus e ao próximo. Eu choro com tantas tristezas e desobediências que houve aqui. Tanto Eu pedi... poucos me atenderam. O demônio está feliz, rindo, porque ele ia tomar conta do lugar, se Eu fosse embora, mas tenho todo o poder de esmagar satanás. Muitas almas se encaminham para o inferno... Rezem, meus filhos! Rezem o Santo Terço para se livrem do inferno.⁷⁵

Uma outra mensagem, datada de 13 de dezembro de 1971, também mostra a finalidade da vinda de Nossa Senhora ao mundo e fala sobre a reação do demônio com a sua chegada:

O demônio está muito furioso, nervoso com Nossa Senhora. Eu vim para esmagar a cabeça do satanás. Ele não tentará os meus filhos, porque Jesus e Maria Santíssima tiraram satanás, por isso peço-lhes as orações, para esmagar a cabeça de satanás. Sigam rezando o Credo.⁷⁶

Entre a grande quantidade de pessoas que passaram a freqüentar a montanha, muitas delas procuravam o auxílio da santa não apenas para resolver problemas pessoais ou de doenças, mas também para pedir ajuda para pessoas que apresentavam sinais de que o demônio passou a possuí-las, indícios de possessão. Conforme disse Beatriz, a presença dessas pessoas fortalecia o mal que dominava o lugar há longos anos e durante

⁷⁵ Apóstolos da Virgem Maria. Santa Montanha: 30 anos de aparições. Direitos reservados à Obra da Divina Misericórdia, 1ª edição, 2 de fevereiro de 1966, p. 27.

⁷⁶ Idem. p. 29 .

os primeiros anos das aparições de Nossa Senhora, isto permitiu ao demônio que aumentasse seu poder, manifestando-se todos os dias e aterrorizando a população. Beatriz contou que ainda era criança quando presenciou vários fatos envolvendo pessoas que demonstravam estar possuídas e fala da época em que estes acontecimentos se davam com frequência. Sua mãe, Maria, também recordou vários momentos envolvendo a presença do Outro e os relatos dizem que ele agia fortemente, muitas vezes de maneira predominante:

Beatriz: ...vinha uma freira pra cá, quer dizer, ela não era freira, ela veio pra ser freira. Mas ninguém sabia que ela era possessa. Nossa, mas aquela mulher urrava tanto... Jesus botou o nome dela de Irmã Consolata. Acho que era Consolata mesmo. Nisso, ela, quando o bicho juntava nela, ela gritava, ela saiu fora de si, ela gritava, ela subia nas paredes, ela arranhava, ela arrancava até unha da mão na parede. Ela gritava igual a uma doida. E todo mundo dentro do convento saía correndo. Porque ficava todo mundo apavorado com ela. E se tentasse alguém entrar lá, entrar pra ajudar ela, ela machucava quem entrasse. Então tinha que deixar ele sair dela. A hora que ele saía dela, ela voltava a si. Eu sei que quando eu estava pequena, nossa, mas eu passava longe dela, com medo. E como ela veio pra cá, nós ficamos pior. Então acho que mandaram... levaram ela embora. Chamaram a família, mandaram ela embora. Depois eu não sei o que aconteceu, se ela se matou... Se o demônio levou ela... Essa não teve jeito não. Deve ter morrido porque do jeito que ela fazia... Ela já tinha esse... quando ela chegou aqui que ela ficou pior. Porque foi o combate entre o demônio e Deus, porque ela já veio de lá possessa. Quando chegou aqui ela foi piorando. Aí a família ficou revoltada por ela tudo machucada, achou até que era a gente que tinha batido nela e tudo. Mas não era, era coisa dela mesmo. Então resolveu levar ela embora. Não deixaram ela aqui não.

Maria: Aí o caso dela, Nossa Senhora disse que o demônio estava muito forte nela. Então a oração dela era muito pouco poder ela vencer. A oração era pouca. Então a família não tinha oração. Não rezava. Então não tinha como ele assim deixar ela porque eles tinham que fazer bastante de oração pra ele, pra ele afastar dela. Mas a família não era... acho que nem católico não era. Então, acho que era misturado, sei lá, acho que era família era misturada, então, coitada, ela não teve jeito, não.

Beatriz: Com isso foi tirando, ele [o demônio] tirou vários padres do seminário, tirou vários seminaristas, um mesmo se enforcou. Depois que ele foi embora daqui, ele morreu enforcado. A cabeça dele ficou ruim, se enforcou. Não, foi pra casa do pai dele. Aí de lá ele... aí ele escrevia muito ainda pra vovó, vovó dava muito conselho pra ele mas a força maligna foi maior. Ele se entregou mesmo e acabou fazendo bobagem. Logo, um mês depois, mamãe recebeu notícia que ele tinha morrido. Ele tinha morrido enforcado. Ele mesmo se enforcou.

Era somente através de muitas orações acompanhadas de penitências dolorosas que o demônio podia ser contido. Beatriz e Maria narraram um acontecimento ocorrido em 1968 com uma criança de sete anos que freqüentava a montanha regularmente com

seu pai e que demonstra que o mal podia ser controlado, mas nunca definitivamente afastado. Num dia em que pai e filha estavam na capela em orações, a menina deixou de andar, caindo no chão, dizendo que suas pernas estavam duras. O pai chamou a vidente Levina para que o ajudasse, já pressentindo que aquilo era uma demonstração do Outro. O demônio se apossou da menina durante meses, sendo expulso através de muita oração e somente depois de causar diversos males, inclusive, grandes prejuízos materiais à família.

Beatriz: ... quando também a minha mãe conta, não sei se ela chegou a contar pra senhora, que um senhor que trazia a filha dele aqui. Ele trazia ela até nas costas. Menina grande, já. Ela estava com o demônio no corpo. Sei que ela gritava, xingava, falava tudo quanto é tipo de palavrão. Assim... cuspi na imagem, então o pai trazia ela aqui até... essa irmã até é cunhada da minha mãe. Aí Jesus falou com a vovó que ele levasse ela. Que levasse ela que ele ia curar ela.

Maria: Aí a mamãe pegou falou assim: - “Ó gente, isto não é coisa de Deus, não. Isto é coisa do Inimigo.” Engraçado, na hora que eu cheguei assim eu vi que aquilo escorregou. Escorregou assim, parece um tipo de um pano assim de uma seda, sabe? Uma coisa assim. Aquilo começou do couro da cabeça dela. Começou do couro da cabeça, escorregou, foi até no pé e saiu. Aquilo saiu. Rodando igual a uma cobra. Vi, eu vi aquilo sair rodando igual a uma cobra. Aí eu gritei mamãe: - “Mãe, mãe, saiu um bicho. É um bicho.” Parecia um bicho, um tipo assim de cobra, sabe? Parecia uma cobra. Escuro. Aí eu peguei falei com minha mãe. Falei assim: - “Mãe, um bicho que saiu.” Aí quando foi aquela noite, aquilo voltava de novo na menina. Voltava de novo na menina. Mas a gente não sabia aonde aparecia tanta agulha, sendo que nós não tinha. Agulha. Vez mamãe comprava aquilo ali, tinha umas duas ou três agulhas. Então... mas a menina aparecia com mais de duzentas agulhas físgadas na mão. A mão toda espetada de agulha. A gente olhava aquilo ali, a gente ficava apavorado. Não, a gente não tirava porque a gente ficava com medo de tirar. Com medo de tirar. Então a gente não podia nem botar a mão. A gente ficava... o que a gente fazia era rezar. Então a gente rezava, [ela] ficava ali durinha, durinha. Aí ela falava uma voz grossa, aquela voz grossa, esquisita. Aí depois que ela ia voltando ao normal, aí ela falava: - “Olha, o bicho não está me dando sossego.” Ela via quando ele entrava nela. Ela falava: - “Ele já vem. Ele já vem, me acode eu, gente.” Ela passou um mês com nós. O pai dela por resto não aguentou mais que levou ela pra casa. Ele tinha um paiol... naquele tempo eles falavam paiol, tinha milho. Porque então eles faziam um cômodo e ali eles botavam os alimentos tudo ali dentro. Quê que ela fez? Ela riscou um pau de fósforo no meio dos alimentos, queimou tudo. Aí queimou tudo, tudo, tudo, acabou tudo que o homem tinha. O homem tinha de tudo. Tudo que chegasse dentro da casa dele, o coitado do homem tinha. Queimou tudo. Queimou tudo. O homem ficou sem nada, nada, nada. Até sem roupa do corpo porque pegou fogo até na casa. Queimou tudo, acabou. Aí ele ficou assim muito triste, coitado, muito amolado, depois todo mundo ajudou, um ajuda, outro ajuda, outro ajuda. A mulher dele também estava junto também. Aí ele pegou falou com mamãe, ele falou assim: - “Ô, gente, vocês querem ela pra lá, porque lá vocês tem mais oração, vocês rezam mais, então quem sabe, eu tenho toda certeza que ela vai ficar boa. Tenho toda certeza.” Mãe falou, se Deus quiser.

Se Deus quiser, que se for o Inimigo, ele vai sair dela. Ele vai sair dela que ele não vai tomar conta. Ele não vai tomar conta dela de jeito nenhum. Aí nós todo mundo rezando, um reza daqui outro reza dali, tinha dia, de noite, ela não deixava nós dormir, nós passava em claro com ela. Nós rezava o credo e rezava o Ofício de Nossa Senhora, que ele não gosta do Ofício. A gente rezava o Ofício, ó... (bateu palmas) ele avoava. Aí foi até que ela foi melhorando, melhorando, melhorando, foi melhorando. Foi já não... uma mulher casada, tem não sei se três ou quatro filhos, e melhorou. Nunca mais ele atacou ela. Mas só que ela anda direto com o cordão. Ela tem um cordão que o padre benze e ela amarra direto na cintura. Ela tem ele amarrado direto na cintura.

Aloísio de Almeida: Diz que o negócio lá era feio, tinha dia. Tinha uma menina que o capeta entrava no corpo de uma menina lá, uma menina que morava cá no Geraldo Teixeira. Rezava muito lá. Ela não via ele, mas é, ela ficava doida ali, precisava de amarrar ela no cordão de São Francisco pra poder tirar e amarrar nele. O trem era feio. Onde é que tem santa, tem muito capeta em volta. Tem aparição ali, quando está vendo, os capetas, tem muito capeta pra tentar.

Irmã Henriqueta: Ela [a criança] falava que via Nossa Senhora e ele que estava lá em cima. A madrinha viu, ele estava com pé de pato, com capa de Nossa Senhora Aparecida. Mas ela viu o pé dele lá, aquele pesão vestido de pato, lá em cima.

No 1º Livro de Tombo, com data de 26 de julho de 1968, foi escrito por Efigênia Teixeira o teor de uma mensagem de Nossa Senhora em que Ela faz referência à história contada por Maria e Beatriz e diz como foi obtida a ajuda do Anjo da Guarda para combater o demônio que havia se apossado da criança:

O combate da menina, o demônio persegue a todos, quando não pode perseguir os grandes, persegue as crianças. O Anjo da Guarda desceu para amparar as crianças.

Vários acontecimentos explicáveis somente através da atuação do demônio foram relatados pelos entrevistados. A presença de Levina era sempre requisitada quando ocorria um destes fenômenos e era somente ela que, através de orações, cânticos religiosos e água benta, conseguia expulsar o demônio das pessoas ou do lugar onde ele atuava. A vidente, nestes momentos de enfrentamento, era sempre acompanhada de Nossa Senhora e do Menino Jesus.

Beatriz: Elas eram quatro irmãs. Elas eram dona Cecília, Jandira, Palmira e Delmira. Tinha umas quatro irmãs que moravam numa casinha lá embaixo. O azulejo do chão delas estourava. Foi estourando do chão. Assim, saía inteiro. Do nada. Ele ia estourando, estourando, estourando e o azulejo ia levantando todinho. Que é casa de dois andar. E aquilo fazia cada estalo, dava cada estalo. Aí a gente rezando, cantando oração é... oração, tem uma música que canta... cantava, até nem lembro mais. Eu sei que era um cântico pra ajudar a afastar o demônio. Aí vovó pegou o Menino Jesus e foi. Foi jogando água benta, jogando água benta dentro da casa, cessou. Porque elas

rezavam muito. Porque o demônio só procura quem reza, ele não procura quem não reza. Porque já faz parte da vidinha dele mesmo. Já tem a vidinha dele, então ele vai procurar quem está rezando, quem está seguindo a vida que Deus, uma vida limpa que Deus quer, então nisso eu fiquei boba de ver o piso estalar e levantar do chão. Ela teve que trocar o piso da casa todinho... aí vovó com o Menino Jesus na frente, jogando água benta, cessou a estalação. No outro dia acabou tudo. Aí a vovó falou que ele estava saindo, que estava todo mundo parado na porta. Ah, mas foi gente correndo pra todo lado. Aí, levou, expulsou ele até pra baixo do Porteira. O que estava dentro da casa das Vilela.

Teresa Rosa: Essa parte do Inimigo aqui era feia mesmo. Ele vivia nas casas mesmo, e a Dona Nelvina, ela via ele. Só ela que expulsava ele. Com água benta. Saía todas as Irmãs. Inclusive a minha irmã, a minha mãe, ela foi muito perseguida por ele. Foi muito perseguida, mas só que ela não via ele, mas via ele buzinando no ouvido dela. É ele horrível, boba. Ele é o Encardido. Mas se ele saísse de uma casa, ele pulava na outra. Era assim. Saía de um lugar, ele ia no outro. Só ela que conseguia. Que às vezes ela ia expulsando ele, nós saíamos rezando, jogando água benta e cantando aquele Glória das Virgens até lá embaixo. Ele era fuzilador. O lugar que é as coisas de Deus, que não é dele, ele quer tomar conta. Não era fácil não. Ele não foi fácil aqui não.

A sociedade é um produto do homem, que tem sua raiz no fenômeno da exteriorização, que leva à compreensão de que aquilo que foi externalizado contém um grau de distinção em relação à pessoa que o produziu. Este fenômeno é responsável pelo fato de que este mundo que foi humanamente produzido torna-se algo compreendido como “fora de si próprio”. A matéria de que a sociedade é feita são os sentidos humanos externados na atividade humana.

O mundo que se apresenta ao ser humano é aquele em que ele age e compreende como real. Este mundo tem sua origem no pensamento subjetivo que interpreta a vida cotidiana como um algo coerente e impregnado de sentido. Para Berger e Luckmann, na maneira como este mundo é percebido, seja como algo exterior e formado por objetos palpáveis ou como elemento de uma realidade subjetiva interior, a consciência é sempre intencional, ela sempre tende “para”. Ela é capaz de compreender a existência de diferentes esferas da realidade e de transitar entre elas.⁷⁷ A consciência compreende a existência da realidade da vida cotidiana como aquela constituída de objetivações que dão significado e ordem ao mundo que considera real. Entretanto, ela é capaz de compreender a existência de fenômenos que não fazem parte da realidade do dia a dia, com significados que podem ser compartilhados com outros seres humanos, embora não com todos eles. A linguagem usada na vida cotidiana passa então a traduzir experiências

⁷⁷ Cf. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 37/38.

que não pertencem à realidade diária, no sentido de interpretar enclaves que podem surgir dentro da realidade dominante, o que ocorre especialmente nas experiências religiosas.

Todos os campos finitos de significação caracterizam-se por desviar a atenção da realidade da vida contemporânea. Embora haja, está claro, deslocamentos de atenção *dentro* da vida cotidiana, o deslocamento para um campo finito de significação é de natureza muito mais radical. Produz-se uma radical transformação na tensão da consciência. No contexto da experiência religiosa isto já foi adequadamente chamado “transes”. É importante, porém, acentuar que a realidade da vida cotidiana conserva sua situação dominante, mesmo quando estes “transes” ocorrem.⁷⁸

Um acontecimento narrado por Orlandina e conhecido também por Teresa Rosa demonstra como estes enclaves podem ser partilhados e compreendidos como algo real, embora não pertencentes ao cotidiano.

Orlandina: Um dia eu cheguei lá, estava ela [Levina] e a Efigênia pelo mato afora. Já tinha a capela. Tinha a igreja, tinha a casa dos padres. Cheguei lá, rezei, fiquei em pé. Elas estavam andando pelo mato afora. Depois que terminou, ela falou comigo: “Nossa Senhora, estou morta de cansada de andar no meio do mar d’água, correndo da cobra.” Elas estavam é no meio do mato. Dentro do mar d’água, correndo da cobra. E a cobra era o demônio. Ela e a Efigênia. Ela andou dentro d’água lá, um dia. As duas. – “O que você está andando, Efigênia, aí no meio do mato?” – “Nós não estávamos no meio do mato, não. Nós estamos cansadas, nós estávamos dentro do mar, dentro da água, do mar d’água e a cobra atrás de nós, nós passamos o maior aperto.”

Teresa Rosa também tomou conhecimento desse dia em que Efigênia Teixeira e Levina, enquanto estavam no mato perto de casa, tiveram suas consciências transportadas para o mar por Nossa Senhora, onde, por uma artimanha do demônio, foram mantidas durante muito tempo e perseguidas por ele na forma de serpente.

Teresa Rosa: O mar, Nossa Senhora mostrou a elas o mar d’água mesmo. O mar d’água.

G: E a cobra atrás delas?

Teresa Rosa: Atrás. Justamente. A Serpente. Uma serpente infernal que tinha. É mesmo, é perseguido mesmo as coisas de Deus. Ele vê que não tem jeito, então ele vai num, vai noutro, vai num, vai noutro, era uma coisa horrível. Ele é horrível.

Na realidade dominante, os significados são partilhados em uma correspondência entre a minha realidade e a realidade dos outros com quem vivo no

⁷⁸ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis, Vozes, 2009, pág. 42/43.

mundo, em um processo de contínua interação. O mundo do outro é o mesmo mundo que compreendo como real, e que impõe-se como “meu mundo por excelência”.⁷⁹ O “aqui” e o “agora” da realidade cotidiana é o *realissimum* de minha consciência, existe “como facticidade evidente por si mesma e compulsória. Sei que real.”⁸⁰ Esta é a realidade dominante. Sua força coercitiva obriga a consciência a retornar ao ponto de partida sempre que se vê diante de uma outra realidade composta de campos finitos de significação que surgem dentro dela.

Ao exteriorizar o pensamento subjetivo por meio da linguagem, o ser humano objetiva o próprio ser. Na situação face a face, um ouve o outro em uma troca de significados e experiências que permitem tornar mais reais estes significados.

... ao objetivar meu próprio ser por meio da linguagem, meu próprio ser torna-se maciça e continuamente acessível a mim, ao mesmo tempo que se torna assim alcançável pelo outro, e posso espontaneamente responder a esse ser sem a “interrupção” da reflexão deliberada.⁸¹

Uma experiência que foi vivida por Orlandina e contada por José Lopes permite verificar como se dão os deslocamentos da consciência e como ela sempre se reajusta ao mundo da vida diária. O diálogo entre os dois amigos mostra que a realidade deste mundo partilhado pelos dois contém a existência do demônio, que pode incutir idéias, mas não admite a transformação física de um ser humano em serpente. Ao lembrar a Orlandina este fato, José Lopes faz com que a atenção dela volte a se fixar no mundo cotidiano compreendido por eles como real. Para Berger e Luckmann, a religião é uma produtora endêmica de campos de significação.⁸²

Eu cheguei na casa do Tolé e a Dona Orlandina está chorando, está chorando, está chorando e me falou assim: - “Ô Zé Lopes, o demônio falou que eu virei uma cobra. Eu estou com catinga de cobra. Catinga de cobra danada.” Aí o Tolé falou assim: - “Ah, levei ela no Dr. Michel, o Dr. Michel falou que o coração dela abateu e que ela tem que ir pro Rio fazer tratamento.” Vai, ela me chamou lá no terreiro pra conversar comigo. Aí depois eu falei com ela assim: - “Dona Orlandina, o que acontece é o seguinte. Isso é mais coisa do que um bafo do demônio. A senhora não dá ouvido ao demônio não, ninguém vira cobra não. Não faz isso não.” Falou que ela tinha virado cobra, que ela estava com catinga de cobra. Diz ela que desde esse momento, ficou com uma catinga de cobra danada. Mas era a

⁷⁹ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis, Vozes, 2009, pág. p. 39.

⁸⁰ Cf. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis, Vozes, 2009, p. 40.

⁸¹ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis, Vozes, 2009, pág. 56.

⁸² Idem. p. 42.

cabeça dela lá. E naquela depressão, naquela choradeira, eu consolei ela e falei com ela assim. Dei muito conselho, aconselhei ela e falei com ela assim: - “Olha, pede os meninos pra rezar pela senhora que a oração das crianças tem muita força diante de Deus.” Despedi, deixei e vim embora. Deixei ela dando risada, alegre já. Quando passou uns dias, passou tempo, o Tolé me contou assim: - “Ô, Zé, mas foi Deus que te levou lá em casa. Foi Deus que te levou lá em casa porque desde aquele dia, acabou. Não teve mais nada com a Orlandina, não precisou tratamento, não deu nada.”

A santa, em sua luta contra o demônio, contava com o apoio de um personagem de grande importância, que pelejava a seu lado e também era visto pela vidente Levina e que insistia em que, somente através de penitências e orações, os três, Nossa Senhora, o Menino Jesus e ele, o arcanjo guerreiro Miguel, poderiam juntar forças para dominar o Dragão. Em mensagens de 18 de setembro e 07 de novembro de 1976, sua presença é confirmada na montanha:⁸³

São Miguel está com sua espada toda afiada para encontrar com o dragão. O dragão está traindo as almas... Ah! minha filha, o Céu está esperando! Os doze apóstolos estão preparados com suas 12 espadas. (18 de setembro de 1976)

Filhos, façam como eu tenho pedido, não se revoltam!... São Miguel está com sua espada afiada e vocês devem preparar as suas! A espada do Santo Terço. (07 de novembro de 1976)

Maria: São Miguel já apareceu aqui. [Levina] Via São Miguel. Ela via São Miguel. São Miguel mandava nós fazer novena. Nós fazíamos novena. Não tem a ponte lá embaixo? Então? Nós fazíamos novena nove dias. Cantando o hino de São Miguel, rezando o terço, bem devagarzinho, a gente vinha devagarzinho e voltava bem devagarzinho, nós ia cantando o hino de São Miguel e voltava cantando o hino de São Miguel. Rezando o terço e cantando o hino. A relação dele [São Miguel] com o demônio porque o demônio, ele queria lutar. Mas não teve pra ele. Ele pelejou, pelejou e ele teve que... desapareceu.

Irmã Henriqueta contou que presenciou um momento em que São Miguel se mostrou durante um incêndio que consumiu grande parte da vegetação da montanha. Era o dia dedicado a ele e no local se encontravam muitas pessoas em romaria. Um fogo, que suspeita-se ter sido proposital, começou a descer a serra, queimando o mato que estava muito seco. Foi quando alguns romeiros disseram estar vendo São Miguel no alto da montanha, que pairou diante do fogo, impedindo que ele se alastrasse.

Ele é padroeiro da Santa Montanha. Ele é que protege aqui, porque Jesus deu ele como padroeiro daqui. [São Miguel] Lutava. Teve um dia que pegou fogo aqui na Santa Montanha, a senhora lembra? Queimou a Santa

⁸³ Apóstolos da Virgem Maria. Santa Montanha: 30 anos de aparições. Direitos reservados à Obra da Divina Misericórdia: 1ª edição, 2 de fevereiro de 1966, págs. 53 e 60.

Montanha inteirinha. Foi no dia de São Miguel. Aí eles viram, muitos romeiros que estavam aqui viram o retrato dele lá no meio do fogo, viram: - “São Miguel está lá.” O fogo chegou até ali mais ou menos onde que ele estava, daqui pra baixo não queimou. Dia inteiro o fogo queimou, pegou na Santa Montanha. Tinha umas gente de fora, não lembro mais quem é, eles viram São Miguel lá em cima. Ele é que protege, ele é o padroeiro. Já pegou fogo aqui na Santa Montanha acho que duas vezes. Dessa vez, que era dia de São Miguel, o fogo não foi todo na Santa Montanha não. Por isso que eles falou, a partir dele lá o fogo parou. Dali pra frente, sem ter nem pra quê, capim grande e tudo, o fogo parou ali. Não foi pra frente. O pessoal que colocou fogo, acho que é pessoal tentado que colocou fogo aí.

As orações a São Miguel, que consistiam de nove terços diariamente, eram sempre pedidas por Nossa Senhora para o fortalecimento do arcanjo em sua batalha constante contra o Dragão. Irmã Maria do Rosário disse que até hoje ela reza o Terço de São Miguel, pois a presença do Mal nunca se afastou da montanha.

Irmã do Rosário: Mas então, a gente procura viver, fazer aquilo que Nossa Senhora pediu. Rezar os nove terços todo dia, o Terço de São Miguel ela recomendou muito. Dezesete Salve Rainha.

G: São Miguel, ele luta com o dragão. Aqui na Santa Montanha.

Irmã do Rosário: Por isso. Ela recomendou muito. Nossa Senhora falou que ele sempre atacou. Mas ele atacava. A vidente, ela porque tinha uma força sobrenatural. Porque ele atacava a gente, pintava. Pinta. Uma coisa horrível.

Conforme narrado, o demônio manifestava-se na montanha todos os dias e a qualquer momento. Ele também interagiu com as pessoas, dialogando com elas através da vidente, dando mensagens tentando fazer-se passar por Nossa Senhora, aparecendo sob formas diversas, provocando odores fétidos e muitas vezes atacava fisicamente os moradores. Irmã Lourdes descreveu um fato que ocorreu com ela durante um período de três anos, em que foi perseguida pelo Outro. Foi em uma das aparições de Nossa Senhora que passou a sentir cheiro de jasmim, que perdurou por três meses. Jesus disse a ela que aquela sensação era causada pela presença de sua mãezinha. Depois desse tempo, o perfume foi substituído por um mau cheiro insuportável, que só desapareceu depois de três anos, quando pediu ao Menino Jesus que a livrasse daquela provação. Também através dos relatos de diversas outras pessoas, pode-se verificar que o Outro participava ativamente de todos os acontecimentos que ocorriam na montanha.

Irmã Lourdes: Aí descí, fui trabalhar. A partir daquele dia, as coisas mudaram. No lugar do perfume, eram coisas horrorosas que eu sentia. Era fedor de bode, aqueles mais feroz que tivesse. Fedor de bode. Bosta. Tudo que fosse de mau cheiro passava. Eu chegava assim: Jesus, que coisa é essa? – “É o Outro. Reza. É o Outro”. Eu sentia numa hora, eu estava assim de repente, eu falava assim pras Irmãs: “Ele está passando por aqui.” Eu ficava

sufocada pelo mau cheiro que passava. Quando foi com três anos, eu falei: “Jesus, eu não agüento mais, Pai.” Três anos. Cada vez que eu falava com Ele, Ele falava assim: “É o Inimigo.” Quando fez três anos, eu falei assim: “Pai, eu não agüento mais.” Ele falou: “Pode deixar, eu vou tirar.” De vez em quando, de vez em quando o Outro passava, mas rapidamente. Mas três meses de perfume de jasmim e três anos de tormento. Quando foi com três anos, Ele falou que ia deixar, que Ele ia mandar embora. Mas ele atormentava, atormentava mesmo.

Teresa Rosa: Não, ele é terrível. A gente via, só que ele me respeitava, ele não gostava de mim. A Dona Nelvina falou: “Ele está falando que não gosta de você, não. Que você que é culpada, que o dia que a Dona Nelvina ficou ruim lá, que era ele que estava fuzilando ela, você veio aqui buscar a panaiada preta.” Que eram as Irmãs, que elas têm o véu preto.

Irmã Henriqueta: Nossa! Pintava e bordava, Nossa Senhora! Por isso que eu tenho muito medo, sou muita medrosa, tenho horror de escuro por causa disso. Porque ele atormentava, até na época do Dom José, vinha muita gente possesso aqui. Aí Dom José rezava pra tirar aquilo do corpo, eu quase morria de medo. Sentia muito medo, que eles falavam assim, se a pessoa estiver perto e se a pessoa não estiver com o coração limpo, uma coisa assim, ele pula na gente. Passava aquela pessoa, ah, eu tinha medo demais da conta. Nossa Senhora, ele atormentava. E a madrinha, ele morria de medo da madrinha. Tinha medo. Se ele estivesse perto e a madrinha chegava, tocava ele, tinha que sair. Madrinha rezando, falando, pode sumir, aqui não é o seu lugar, aqui não é seu lugar. Ela via ele. De vez em quando ele rodeava lá no convento, ia pra casa dos padres, ela ia lá, tirava ele, botava ele pra correr. De vez em quando ele fazia arruaça, ela ia atrás, qualquer hora da noite, ela botava ele pra correr. Um dia, diz ela que ele apareceu, a madrinha disse que ele apareceu na capela e tinha uma mesinha ali onde que tem os túmulos dos padres, tinha uma mesinha. Diz que ele apareceu sentado lá como uma moça, com aqueles unhão, grandão assim, cheio de esmalte, toda pintada, aí ele apareceu lá. A madrinha: - “Que sem vergonha!” Aí a madrinha falou assim: - “Está vendo, assim com a unha pintada, por que apareceu desse jeito, todo pintado? Todo... isto aí é o prazer que vocês dão pra ele.” Ela custou a tirar ele de lá. Que as meninas mulher eram muito vaidosas, gostavam de uma... Aí ela mostrou, ele apareceu todo, com aquelas roupas todas doidas, a madrinha falou que era tudo de esmalte, tudo pintado. A madrinha custou a dar conta. Tocou ele de lá, tocava ele de lá.

Irmã do Rosário: Mas não foi só isso não, Dona Goretti. Depois disso, eu levei um tombo ali em cima, perto do convento. Fui estender roupa e veio uma força em cima de mim, eu não sei como, acho que foi o Outro, de raiva de mim. Eu bati com essa mão na pedra, minha mão fechou na hora. Pode ver que a minha mão é torta.

Orlandina: Uma noite que nós dormiu lá na pedra, Dona Levina ficava com nós, nós não ficávamos sozinhas não. Pisou noite inteira pro mato afora, ela falava que era ele [o demônio]. Pisando assim em galhinho, sabe?

Irmã Lourdes: Porque aqui é lugar de oração. Ele falava assim: - “Essas mulheres com essas pedras na mão, atrapalham muito o meu trabalho aqui.” Pra ele, isso são as pedras. - “Com essas pedras na mão, atrapalham muito o meu trabalho aqui.” Um dia eu estava na capela, estava atrás, sentada, rezando. De repente, um negócio bateu na minha cabeça, nem te ligo. Continuei rezando. Depois que terminou tudo, quando foi à tarde, Jesus

chegou, perguntei: - “Jesus, que pedrada foi aquela?” – “Ele que tacou pedra em você, pra você olhar pra trás, distrair da oração.” Entendeu? Distrair da oração.

A religião, através da história, mostra a busca do homem por tornar a realidade significativa. A proposição de teorias científicas sobre ela deve compreendê-la como projeção de significados humanos, sem, contudo, se aprofundar sobre a questão de que estas projeções possam significar algo além do que se referem.⁸⁴

Para Berger, a sociedade é produzida coletivamente, através da exteriorização dos seres humanos na atividade que exercem em comum. O mundo humano produzido desta forma passa ser percebido como realidade objetiva e é interiorizado na socialização. Este mundo necessita da cooperação do indivíduo, ou seja, sua participação na realidade que está sendo construída.⁸⁵ A consciência existe anterior à socialização e no contato com o mundo objetivado passa a compreendê-lo como parte dela, mas não de maneira total. Somente uma parte da consciência pode ser moldada para se tornar a identidade social do indivíduo. Esta parte que consiste no eu social defronta-se com o eu subjetivo, não socializado, provocando a auto-objetivação.

Um outro modo de colocar a questão é dizer que o homem provoca a “alteridade” dentro e fora de si mesmo, como resultado de sua vida em sociedade.⁸⁶

Quando a consciência se esquece de que o mundo é uma produção sua, a relação dialética entre indivíduo e mundo é perdida e o ser humano deixa de reconhecer que este mundo foi e continua sendo constantemente produzido por ele. A consciência se torna alienada, conceito que Berger distingue da anomia, ao dizer que a alienação mantém as estruturas nômicas de forma eficaz, imunizando-as “contra as inumeráveis contingências da tarefa humana de construção do mundo.”⁸⁷

Para ele, a religião tem sido usada desde sempre como um escudo poderoso contra a anomia porque, paradoxalmente, tem sido a mais poderosa força alienante. Como forma de falsa consciência, pelo esquecimento de que o mundo é uma projeção humana, a religião permite que o ser humano, através da exteriorização, projete significados no universo, transformando o nomos humano em cosmos divino, criando

⁸⁴ BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, pág. 11.

⁸⁵ Idem. pág. 93.

⁸⁶ Id. p. 96.

⁸⁷ Id. p. 99.

uma realidade compreendida como fora da esfera humana e trazendo as coisas humanas para a ordem cósmica, o que vem a permitir a compreensão de que tudo tem sentido, por estar relacionado ao significado último das coisas.⁸⁸

É nesse sentido (e *não* no de encarar o postulado religioso epistemologicamente inválido em si) que nos sentimos autorizados a associar a religião com a falsa consciência, pelo menos em termos de uma alta frequência estatística em suas manifestações históricas. Quaisquer que sejam os méritos “últimos” das explicações religiosas sobre o universo em geral, sua tendência empírica tem sido a de falsificar a consciência do homem acerca da parte do universo modelada por sua própria atividade, a saber, o mundo sociocultural.⁸⁹

Esta afirmação de Berger pode ser compreendida através de um fato experienciado por Orlandina e relatado em sua entrevista:

Eu cheguei lá, a Dona Levina falou assim: - “Comadre, você reza o Ofício em volta da sua casa, que têm três luzes do demônio em volta da sua casa de noite.” Eu fiquei com medo porque lá na vargem apareceu aquele negócio jogando pedra. Fiquei com muito medo. Falei assim: - “Me conta eu, comadre, que luz do demônio é essa?” - “Eu não vou contar a você não, você começa a rezar o Ofício em volta, você começa no canto da casa e dar a volta em todo canto da casa e fecha cá da casa onde é que começou.” Eu falei:- “Não sei rezar o Ofício de cor.” Ela falou: - “Chama a Efigênia pra te ajudar.” A Efigênia minha cunhada. Vizinha da santa, ali. Eu falei: - “Efigênia, você me ajuda?” Ela falou: - “Eu ajudo.” Que eu não tenho a cópia do Ofício, eu não sei de cor. Eu mais a Efigênia começamos a rezar. A Efigênia, minha vizinha, a secretária de Nossa Senhora. Eu comecei a rezar no canto da casa, naquele canto assim, todo dia de tarde a gente rezava o Ofício assim. Menina, quando chegava nos fundos da casa assim, a gente sentia uma voz: Uuuuuu! Esquisito. Aí eu senti isso. E foi rezando. Teve um dia que nós terminamos o Ofício em volta da casa, que eu fiquei com medo, ela falou que tinha três luzes do demônio rodeando minha casa. Quando chegou nos fundos, todos os dias em que eu rezava assim, chegava nos fundos, que nós estávamos cantando o Ofício, eu sentia esquisito nos fundos da casa. Aí terminava o Ofício. No dia que fez nove dias, daí fez uns três ou quatro dias que terminou o Ofício, você acredita que roubaram a minha casa, entraram dentro do meu quarto, na hora em que nós estávamos dormindo. Arreventaram a janela da cozinha. Estava tudo tirado, quebrado. Era tudo iluminado em volta, quebrou as lâmpadas. Quebrou, só abriu assim e jogou elas no terreiro. E entrou, só eu que acordei, mais ninguém. Vi o homem dentro de casa. Aqui assim, igual está esta geladeira aqui. Ele era baixo, com a cabecinha com chapéu de palha quebrado, tampando o lado assim. Mas não dava o rosto não, só dava as costas. Mexendo na gaveta do Tolé. Não falei com você que nos fundos da casa eu senti aquele trem ruim, assim? Senti que eu estava em lugar ermo, sabe? Lugar isolado, lugar ermo. Eu falei assim, estou pra lá, estou rezando. Com medo da luz, não sabe que luz é essa. Não sei que luz é essa. Acabei de rezar a novena, daí a uns três ou

⁸⁸ BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, pág. 102.

⁸⁹ Idem. pág. 102.

quatro dias, arrebentaram a janela da minha cozinha com enxada-rodado. A Dona Levina falou que era a luz do demônio que estava aqui com a gente. Estava com intenção má. Se eu não rezasse o Ofício, era coisa pior, que matar o Tolé.

Os entrevistados disseram que só depois de muitos anos de penitências e orações contínuas oferecidas pela população, romeiros e pelos religiosos que residiam na montanha, o demônio foi contido. Sua presença ainda é sentida, embora sem a força com que se manifestava antes e durante muito tempo após as aparições de Nossa Senhora na montanha. No Livro de Tombo foi escrita uma mensagem da santa, datada de 22 de dezembro de 1968, que mostra sua luta contra o mal e sua arma de batalha: a oração.

A Virgem Maria Santíssima pede, meus filhos para manter o respeito na minha Santa aparição será uma glória muito grande para vocês as missas que estão sendo celebradas aqui estão quase vencendo o demônio.

Maria relata o momento em que Nossa Senhora, fortalecida pelas penitências, orações e missas, pisou na cabeça da Serpente. E Irmã Lourdes mostra a necessidade constante das rezas para que o demônio não volte a ter supremacia sobre o lugar escolhido por Nossa Senhora como o refúgio dos pecadores.

Irmã do Rosário: Essa terra é muito sagrada. Não é o caso da gente estar brigando, fazendo piquenique. Nossa Senhora falava assim pra nós: - “Santa Montanha é o refúgio dos pecadores.”

Maria: Ah, isso demorou uns três, quatro anos. Uns três, quatro anos. Ele tentava as pessoas, poder assim, tentava a pessoa, então a pessoa ficava ali agitado, ficava agitado, então aí a pessoa sofria. Aí ele já começava. Nossa Senhora já falava: - “Olha gente, falta oração. Mais penitência, oração e rezar.” E fazer a novena, aí ela pedia a novena pra nós fazer. Aí nós fazia. Fazia novena. Que só que no dia quando teve essa mensagem, porque isso foi, já tinha uns quatro anos que Nossa Senhora tinha aparecido. Aí que Nossa Senhora falou que já ia pisar na cabeça dele. Que ela falou assim: - “Eu vou pisar no meio da cabeça dele.” Aí quando ela foi pisou, minha mãe viu, ela pisou na cabeça dele. Ai vai ela falou assim: - “Agora ele não vai ter mais poder. Estou pisada na cabeça dele.” Aí pronto. Daquele dia em diante, já acabou.

Irmã Lourdes: Ele ainda está até por aí, ele não sai, não. Ele não sai, não. A gente tem que rezar e tem que rezar porque ele... Só que Nossa Senhora falava assim, que Ela não podia ir embora porque se Ela fosse embora, o Outro tomava conta. Ele mandava Ela embora. - “O que essa mulher está fazendo aqui? Esse lugar é meu. Eu vou mandar aquela mulher embora.” Que era Nossa Senhora. E Nossa Senhora ficou até... Ela falou assim: - “Agora ele não tem mais poder sobre a Santa Montanha. Ele não tem mais poder.” Quer dizer, atacar, ele ataca. Ele dá voltas no Convento cem vezes por dia, tentando as religiosas.

Berger diz que um dos aspectos da cultura (totalidade dos produtos do homem) é a sociedade, uma parcela desta, não-material, que é uma condição necessária para estruturar as relações entre os seres humanos.⁹⁰ A sociedade, como produto do homem, se origina da exteriorização deste sobre o mundo que habita. O pensamento subjetivo exteriorizado em produtos humanos, materiais ou não, passa a ser compreendido como algo distinto e exterior à consciência, não podendo mais ser reabsorvido. Adquire facticidade objetiva. Estes produtos, ao serem compartilhados e produzidos coletivamente, passam a existir como um conjunto de objetos que se apresentam como o mundo real, “equivalente ao universo físico na sua presença objetiva”.⁹¹ A sociedade se impõe sobre o indivíduo, obrigando-o a reconhecê-la como real.

Em outras palavras, a coercividade fundamental da sociedade não está nos mecanismos de controle social, mas sim no seu poder de se constituir e impor como realidade.⁹²

A realidade social se apresenta através de tipificações e padrões decorrentes de suas interações, mantidos especialmente pela linguagem, onde significados e experiências podem ser transmitidos como um todo dotado de sentido. E esta transmissão do conhecimento objetivado entre os seres humanos pode ser traduzida como realidade social humanamente construída. O segundo capítulo vem demonstrar como os produtos exteriorizados adquirem realidade objetiva no mundo social/religioso que estava em processo de construção na Serra da Mutuca.

2 A MONTANHA DA SANTA

2.1.1 Os apóstolos de Nossa Senhora

Está anotado no 1º Livro de Tombo, com data de maio de 1967, o pedido de Nossa Senhora para que algumas pessoas se tornem seus apóstolos. Estas pessoas, escolhidas de diversas formas entre todas que passaram a freqüentar a Serra da Mutuca, eram em número de 12, mas aos poucos a santa foi nomeando outras 72 pessoas que passaram a ser chamadas por Ela de discípulos.

⁹⁰ Cf. BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, pág. 19/20.

⁹¹ BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, pág. 23/24.

⁹² Idem. p. 25.

Orlandina: Teve 12 apóstolos e 72 discípulos. Ela falava. Chamava um por um. No dia que escolheu doze, ela [Levina] falou, ela chamou, ela me deu o quadro. Que era pra mim ler a parte do quadro, os nomes. E ela falou assim: - “Eu já vi em volta do sol, eu já vi os doze apóstolos.” Em volta do sol. Mostraram os doze apóstolos em volta do sol. Ela falou o nome deles. Não sei se eu vou lembrar tudo agora. Os doze apóstolos em volta do sol, tudo com a coroa de espinhos na cabeça. Que ela me disse assim, que viu eles. Tudo de coroa de espinhos na cabeça. Vê se eu lembro: A Efigênia, Perciliana, o Zé Lopes, o Moacir, a Teresa, Dona Elvira, eu... A Teresinha e a mãe, a Efigênia e a Perciliana, Zé Lopes, Moacir do Astolfo, e eu. Maria de Lourdes, Nicolina, a Zita – Inês do Flausino, apelido de Zita - , filha da Efigênia. Falta dois. As Anacleto, tinha uma cá de cima e uma cá de baixo. Você pergunta qual era apóstolo. Morreu tudo já.

José Lopes: Mas acontece o seguinte, lá Ela falou em doze apóstolos, mas depois, todo mundo que queria lá, que era mais chegado na atenção, Ela chamou de apóstolo. Não ficou só em doze nada. Como diz, apóstolo é, como diz, enviado, então era enviado de Nossa Senhora.

Maria: É, tinha, tinha os apóstolos, foi Nossa Senhora que escolheu. Tinha os apóstolos de Nossa Senhora, todos Ela escolheu. Doze, entre as pessoas. É, doze pessoas.

Em uma mensagem datada de 15 de outubro de 1976 no 2º Livro de Tombo, consta o nome dos doze apóstolos escolhidos por Nossa Senhora:

Os apóstolos que a vidente viu em volta do sol com uma coroa de espinhos no dia 15 de outubro 76 Terezinha Rosa, Efigênia Dias Teixeira, Elvira Leocádio, Nicolina Anacleto, Terezinha Anacleto, Orlandina Paiva Teixeira, Efigênia Teixeira da Cruz, José L. Lima, Moacir Emídio, Maria Perciana, Maria de Lourdes, Perciliana de Oliveira Teixeira.

Durante meu período de permanência na Santa Montanha, consegui localizar quatro dos antigos apóstolos, Teresa (Terezinha) Rosa, Terezinha Anacleto, Orlandina Teixeira e José Lopes. Conforme foi informado por eles, todos os outros já faleceram, com exceção de Efigênia Dias Teixeira, que está bastante idosa, com 90 anos e reside com sua família em Juiz de Fora.

Aloísio de Almeida: Ela morava pertinho lá de casa. É tia, o pai dela é irmão do meu sogro. Está em Juiz de Fora. Ela já tinha quase noventa, né? Ela deve de estar com mais de noventa, sei lá. Aquilo é velho pra danar. Ela rezou mesmo. Aquela mulher fazia penitência todo dia, Nossa Senhora.

Irmã Henriqueta narrou em sua entrevista que sua família mudou-se para a montanha em 1977, e logo em seguida, Efigênia Teixeira também passou a residir no local.

Ela [Efigênia] mudou, a casinha dela era aí por perto. Quando ela mudou pra cá, nós já tínhamos vindo, nós fomos os primeiros moradores a vim pra cá. Primeiro, os primeiros, que quando a gente mudou para aqui eu acho que a

morada nem era de Nossa Senhora ainda, era do Juca Emídio, do homem que era dono das casas aí.

As primeiras anotações de Efigênia Teixeira no Livro de Tombo não são datadas e às vezes, em uma única página, se referem a fatos acontecidos nos anos de 1966 e 1969. Beatriz possui um caderno e também algumas folhas avulsas escritas com a letra de Efigênia, que relatam vários acontecimentos ocorridos no ano de 1976, que demonstram que não foi somente no Livro de Tombo que ela registrou a história da Santa Montanha.⁹³ Nestes cadernos, a letra de Efigênia chega a ser quase ilegível, como a caligrafia de alguém que escreve apressadamente, o que indica que as anotações devem ter sido feitas no momento em que eram transmitidas pela vidente. No 1º Livro de Tombo, as primeiras notas parecem um resumo com fatos agrupados por assuntos e possivelmente foram escritas em uma só oportunidade, algum tempo depois dos acontecimentos. Estas características, assim como o nome Livro de Tombo, dado ao livro que registra os acontecimentos ocorridos em uma paróquia, levam a crer que somente a partir da chegada dos padres do Rio de Janeiro em 1975, as informações escritas em cadernos e folhas avulsas foram reunidas nos três livros. Na primeira página do primeiro Livro, sob o título de “Histórias das aparições de Nossa Senhora Aparecida – manifestações e fenômenos diversos da Serra da Mutuca ou da Santa Montanha”, Efigênia escreveu:

Anúncio prévio

Para a Glória de Deus N. Senhor honra da Virgem Maria Santíssima Mãe de Deus e mãe nossa, Edificação da Santa Igreja e proveito das almas vamos dar uma sucinta notícia dos acontecimentos acima anunciados, atendo-nos às testemunhas fidedignas que ouvimos depoimentos diversos e comprovados dos que foram ou são protagonistas dos que nos transmitiram informações e dos que foram favorecidos com algumas graças ou sinais extraordinários sem querermos prevenir ao juízo da Santa Igreja a quem compete julgar e discernir através dos seus órgãos competentes demos à nossa narração um cunho humano, embora trate de acontecimentos que dizem respeito a coisas divinas. A verdade é o nosso dever.

A simplicidade do Evangelho que narra simplesmente os maiores feitos da História e que são as de Cristo como Lurdes, Fátima e outras aparições, as da Santa Montanha são um novo Evangelho, um grito novo de penitência e conversão.

Efigênia Dias Teixeira

O Livro de Tombo conta, nas primeiras páginas, eventos ditados por Sebastião Lourenço Ferreira, marido da vidente e por Adílio Emídio de Almeida, um dos filhos do

⁹³ Este caderno está em poder de Beatriz e serviu como fonte no capítulo 1.2 O Menino Jesus Celeste.

proprietário da fazenda, eventos estes que tiveram a participação dos dois, se não como protagonistas principais, como co-autores dos mesmos. Com o passar do tempo, o Livro passa a registrar somente as mensagens que eram ditadas por Levina, sem narrações explícitas às histórias que se passaram na serra, mas tendo em seu conteúdo referências a fatos que ocorriam durante as aparições e que fornecem elementos para se reconstituir grande parte da história da Santa Montanha. Efigênia, que também era vidente, assumiu a função de secretária de Nossa Senhora, acompanhando Levina em todos os momentos em que ocorriam aparições, viajando com ela pelas cidades vizinhas para onde levavam a imagem do Menino Jesus Celeste, em uma participação estreita de ajuda na divulgação das mensagens da santa. Esta senhora permaneceu morando na montanha até a morte da vidente e só depois que passou a necessitar de cuidados em decorrência de sua idade avançada é que se mudou para a casa de sua filha.

Orlandina: Mas lá na santa tem escrito. A Efigênia deixou alguma coisa escrito lá. Tudo o que passou lá, ela escreveu. Porque tem muita mensagem. E muita mensagem mesmo, não sei o que eles arrumou. A Efigênia é que era secretária de Nossa Senhora. Nossa Senhora falou: “Efigênia é minha secretária.” Tudo ela é que escrevia. A Efigênia não largava ela [Levina], que a Efigênia era secretária de Nossa Senhora.

Teresa Rosa contou que, do jeito que o Menino Jesus havia previsto, Efigênia deixou a Santa Montanha, passando a morar com a família em Juiz de Fora.

Escuta aqui, minha filha, escuta aqui. Um dia Jesus chamou ela, Jesus disse pra ela assim: - “Efigênia, você não vai perseverar aqui na Santa Montanha, não”. - “Não, Jesus, eu não vou sair daqui não, eu quero morrer aqui, Jesus, eu quero ficar aqui.” Ele falou: -“Não, seus filhos não vão deixar você ficar aqui, não.” A Efigênia. E eu passava o que passasse, mas eu ficava. Morrer, em qualquer lugar a gente morre mesmo. Mas acabou os filhos...

Um dos apóstolos de Nossa Senhora, já falecido, foi Antônio Virmieiro, pai de Irmã Henriqueta. Este senhor, desde o início dos relatos das aparições, frequentava assiduamente a montanha e em 1977 mudou-se com sua família para uma casa que construiu no local. Ele e sua esposa dedicaram-se, desde que tomaram ciência da presença de Nossa Senhora e Jesus na Serra da Mutuca, a trabalhar para eles, de acordo com o desejo dos dois. Na entrevista com Irmã Henriqueta, ela fala sobre a devoção de seu pai a Nossa Senhora e ao Menino Jesus e sobre sua participação nos acontecimentos, desde antes que a pequena ermida fosse construída.

Ele era apaixonado pela Santa Montanha. Nossa Senhora, o pai não deixava por nada. Ele vinha, ele disse que na época que Jesus estava... Pra celebrar a missa, não tinha capela, não tinha onde colocar o Santíssimo. Então ele [o

padre] vinha com o Santíssimo e deixava lá na fazenda. Celebrava missa lá e depois vinha com o Santíssimo. Diz o papai que veio uma nuvem de vagalume alumando a estrada pra Jesus passar. Aqui nesse trecho aqui. O padre com o Santíssimo e aquele monte de vagalume alumando o caminho, porque não tinha luz, não tinha nada. Pois os vagalumes que veio alumando o caminho de noite.

Teresa começou a freqüentar a montanha com sua mãe, Dona Elvira Leocádio, fazendo um percurso pela serra, por um caminho em que saíam da zona rural de Ervália e que demorava aproximadamente seis horas para ser percorrido, caminhando a pé, atravessando a Serra da Mutuca. Ela contou como viveu um período atribulado, passando por grandes dificuldades físicas e financeiras, quando se mudou para a montanha com Dona Elvira, a pedido de Nossa Senhora. Seu relato revela um Menino Jesus rigoroso, que exigia obediência total a seus pedidos e não admitia nenhuma falha por parte daqueles que se tornaram os apóstolos de sua mãe.

Depois Nossa Senhora chamou a gente, eu vim pra cá, morei dois anos e cinco meses ali na casa... Aquela casa foi feita pra mim. Aí foi um dia que eu cheguei, a Dona Levina, foi num sábado, o Menino Jesus Celeste já tinha ido lá, deitado lá, mandou forrar, deitou ele lá e mandou pôr uma pedra, uma pedrinha lá, outra cá. Ela fez uma cruz. Quando eu cheguei, a Dona Levina falou assim: Vamos aqui, que o Jesus já marcou o lugar da sua casa. Eu cheguei, que eu olhei, falei: - “Aqui que o Jesus marcou o lugar da minha casa, Dona Levina? Isso aqui é brejo.” Um lugar assim, úmido. Falei assim: - “Ai, meu Deus, aqui que marcou, não.” - “Cala essa boca, ele falou que cala essa boca.” Um pito, né? Me passou um pito porque eu estava reclamando. Em vez da gente aceitar, estava reclamando.

Em companhia de sua mãe Elvira, Teresa passou a morar na montanha logo que conseguiu construir uma casinha no lugar escolhido por Jesus, contando com a ajuda de romeiros e moradores. Nesta época, início dos anos 1980, o lugar já era freqüentado por muitos padres que realizavam as cerimônias religiosas e passavam os finais de semana hospedados na casa da vidente. Teresa assumiu a função de cozinheira dos padres, mas adoeceu, vítima de uma anemia em estágio avançado e precisou voltar para Ervália, para se tratar. Uma das exigências do Menino Jesus era que seus apóstolos pedissem autorização para tudo o que fizessem e ela saiu da montanha sem que Ele permitisse. Como castigo pela desobediência, mãe e filha foram obrigadas a deixar a casa:

Vê como é que Jesus castiga a gente também, boba? Eu voltei lá pra tratar, mas não fui pra ficar. Aí Jesus falou que eu não podia voltar pra cá mais não. Ai, minha Nossa Senhora! Não podia voltar, não. Eu tinha desobedecido. Mas eu tinha pedido, que tinha que pedir licença. Mas só que eu não fui no dia que eu pedi licença. Tinha que pedir de novo. Naquele tempo, ninguém fazia nada sem que pedisse. Se não pedisse, era castigado. Era um puxão de orelha daquele que a pessoa ganhava. Então aí eu fui. Ele falou que eu não

podia vim. Depois Jesus mandou um recadinho pra mim. Que eu tirasse a minha bagagem. Que ele ia pôr outra gente na casa. E marcou o prazo que tirasse. Ainda marcava o prazo, minha filha. Jesus é severo, ninguém brinca com Deus, não, que ele é severo.

Sem uma outra alternativa, Teresa e Dona Elvira voltaram a morar em Ervália e durante um período de cinco anos continuou indo regularmente à Capela de Nossa Senhora, mas sem poder ir à casa da vidente, onde se davam as aparições do Menino Jesus. Depois que voltaram para Ervália, trabalharam como domésticas na cidade, onde moraram com as filhas de sua antiga patroa. Mas Teresa disse que sentia que não era esta sua missão e voltou com Dona Elvira para a roça, passando a morar em um barraco nos fundos do quintal de uma vizinha, Fernanda. Depois de cinco anos em Ervália, em um dia em foi à montanha rezar na capelinha de Nossa Senhora, Levina mandou dizer que o Menino Jesus estava pedindo que elas voltassem. Foi num mês de outubro que receberam um recado de Jesus para que se mudassem definitivamente para a montanha.

Teresa: Lá em cima eu fiquei morando lá, eu fiquei quase cinco anos, quase cinco anos. Não, eu vinha aqui, depois que eu melhorei, eu voltei. Mas eu vinha só na Capela. Vinha na Capela, rezava e ia embora pra casa. A mamãe vinha, descia, não tinha nada que segurava a velha. Ela vinha mesmo. Ela vinha primeiro domingo, dia 15 e 25. Ela vinha.

Teresa Rosa contou que sentia uma vontade imensa de voltar a morar na serra, mas não havia casa disponível para que elas se mudassem e nem recursos para construir uma. Mesmo assim, atendendo ao pedido de Jesus, juntou seus pertences e levou sua mãe para morar com ela no porão da casa da vidente, dentro da data marcada por Ele.

Quando foi no dia 18, 19, 20, quando foi 21, bateu cedinho na minha porta. Eu falei: - “Quem está batendo?” Sete horas. Eu fui abrir a porta, era o Joaquim Guido. - “Estou com um recadinho de Jesus aqui pra você”. Ele tem uma casa tijolada aqui em baixo. - “Eu estou com um recado de Jesus pra vocês. É pra vocês juntar a cuia toda, dia 23 vocês chegam lá na montanha”. - “Aonde eu vou ficar?” - “Vai ficar lá no porão, mesmo. Do padre. Da casa da Dona Nelvina, do padre de lá”. Falei: - “Nossa Senhora! Mas lá é laje, seu Joaquim, não tem como fazer um fogão de lenha. Como é que a gente vai arrumar, eu não tenho um fogão a gás. Como é que a gente vai arrumar pra ficar nesse lugar?” Ele falou: - “Não sei, Jesus mandou”.

Contando com recursos de uma prima, Teresa conseguiu comprar um fogão a gás e uma panela de pressão que precisava para cozinhar. Aos poucos, com esmolas doadas pelos moradores e romeiros, conseguiu erguer uma casa enquanto morava no porão da casa de Levina e com a ajuda do amigo José Lopes, que trabalhou na construção. O resto do dinheiro para o término da casa foi doado por um afilhado de

Dona Elvira chamado Miltinho e finalmente, depois de vários anos, mãe e filha conseguiram se estabelecer na montanha. Teresa diz:

Minha mãe andou, esse barraco aqui foi feito de esmola. O povo ajudou. Ajudaram. Quando eu cheguei para aqui, já tinha os tijolos. Deu pro Seu Zé Lopes, Seu Zé Lopes já deu de comprar os tijolos. Seu Zé Lopes, ele que consertou essa casa toda aqui pra mim. Ele ajudou.

Dona Elvira, cumprindo o que prometeu a Nossa Senhora, viveu como um apóstolo obediente e dedicado a Ela e nunca mais saiu da Santa Montanha, falecendo aos cem anos de idade, como disse Teresa. Esta ainda mora na mesma casa e continua seguindo todos os pedidos da santa, perseverando, como ela mesma diz, na missão que compreendeu que lhe foi dada quando Nossa Senhora se mostrou a ela.

Porque quando eu vi Nossa Senhora, o que ela mostrou pra mim? Segurando, quando ela abriu a mão? O que ela mostrou? Foi o terço. Me mostrou o terço, quer dizer, eu tenho que cumprir uma missão. Ela abanou, ela abriu as mãos, que ela abriu, a capa abriu tudo, aquele olhar. Ô, meu Deus, nunca esquecerei disso. Quando eu dei conta de si, eles estavam me esfregando, eles buscaram água pra mim. Aí eu não vi mais. Ela queria só isso, provar pra mim que Ela estava ali, apesar de que eu falei que não acreditava. Eu acreditava se eu visse. São Tomé, tem que ver pra crer.

Nossa Senhora um dia falou pra minha mãe: - “Minha filha, você vai ter vida longa.” Olha, minha mãe morreu lúcida, falando, cem anos. Não é brincadeira não, ela teve a morte de um santo. Foi escolhida por Nossa Senhora pra ser um apóstolo fiel dela e eu também. Foi escolhida por uma folha. Minha mãe era parteira, não tinha sol, não tinha chuva, não tinha noite, não tinha dia. E nem um calçado no pé ela não punha. E ela teve essa vida longa, ela foi conhecer médico foi depois agora que ela adoeceu mesmo pra morrer. A minha mãe está ali. Só que eu não levantei o túmulo dela, mas vou levantar. Eu não quero separar dela, porque nós duas fomos juntas até o fim. Eu sou um dos doze. Justamente. Sou dos doze. Eu falei: - “Mãe, o que a senhora cumpriu, eu quero perseverar até o fim.” Não é fácil, a gente sabe que não é fácil. É alto e baixos. ... eu sou feliz, eu sou a pessoa mais feliz do mundo por estar aqui neste lugar, chamada, convidada por Jesus e Nossa Senhora. Eu serei condenada se eu renegar as coisas de Nossa Senhora. Eu peguei uma folha, deu o leteiro, Nossa Senhora me convidando pra mim ser um apóstolo dela, pra trabalhar pra Ela enquanto vida eu tivesse.

Terezinha Anacleto também mora na Santa Montanha, com um sobrinho, em uma casa rodeada de flores. Para chegar até lá é necessário passar para dentro dos portões do jardim do Convento das Irmãs Carmelitas e, seguindo à direita, percorrer uma trilha em um declive suave dentro da mata até uma tronqueira, que a partir daí se alarga, de modo a permitir a passagem de um carro, em um caminho onde, em todo o percurso, se ouve o canto dos pássaros. A paisagem no caminho, durante o mês de janeiro, é repleta de flores silvestres de todas as cores e durante o trajeto vê-se, no meio

da vegetação, grandes pedras, algumas se equilibrando sobre as outras, em um desafio à gravidade. Esta mulher, tímida e de aparência frágil, contou, em sua sala, como se deu o seu chamado para se tornar um dos apóstolos de Nossa Senhora e os problemas que enfrentou para cumprir esta missão. Foi quando morava na roça, em Ervália, em uma casa na beira da estrada, entre os povoados de Santa Teresinha e Ventania, que soube das aparições de Nossa Senhora na Serra da Mutuca e logo passou a frequentar o local, participando de todas as rezas em devoção à santa.

Meu irmão veio aqui no dia que Ela apareceu. Ele chegou lá em casa umas 10 horas da noite e falou assim: - “Ah, mãe, a senhora não sabe de uma coisa.” - “Quê que é?” - “Vou contar a você uma novidade, que lá embaixo, nos terrenos do Juca Emídio, Nossa Senhora Aparecida apareceu lá. Deu aparição lá.” A minha mãe perguntou a ele: - “E você viu também?” Ele falou assim: - “Eu não vi não. Mas vi uma luz, um clarão da luz muito bonito, custou a apagar.” Ele viu a luz debaixo da pedra. Quando foi na quarta-feira, de manhã, minha mãe arrumou e vieram. Vieram mais duas irmãs minhas, agora eu não estou a par se foi a Ivone e a Florinda ou se foi a Laura. Daí em diante, nós ficamos assim, nós era bastante gente em casa, um dia vinha um, outro dia vinha outro, fazia novena de quarta-feira, todo dia que a Dona Levina falava que tinha aparição a gente vinha. Porque no começo, Ela ficava presente quase de hora em hora. Nós chegava aqui, nós vinha, trazia flores.

Aurora, irmã de Terezinha, ficou incumbida por Levina de fornecer as flores que eram colocadas no altar de Nossa Senhora, na ermida que foi construída no local das aparições. Levina atravessava a serra para buscar as flores e elas se encontravam a meio do caminho e, voltando juntas, enfeitavam a capela. Com o falecimento de Aurora, Terezinha assumiu este encargo, ficando também responsável pela arrumação e limpeza do lugar para a celebração das missas.

A Dona Levina ia lá pro alto, ela [Aurora] ia lá pegava as flores e levava pra ela lá na estrada. Entregava lá no caminho que ia lá pra Ervália. Aí Jesus falou que era pra ela trazer as flores pra colocar. Então ela ficou encarregada de colocar as flores. Ela vinha com ela [Levina], que ela passava na estrada, ela pegava as flores e vinha junto com ela e levava as flores e arranjava. Depois que a Aurora faleceu, eu vinha com ela de companhia, quando ela passava, eu vinha com ela de companhia. E ela ia arrumar a capela e eu ficava do lado de fora, varrendo.

Teresinha contou que desde o início das aparições, Nossa Senhora dava mensagens a partir de letras que eram vistas em alto relevo nas folhas de árvores e cipós, por várias pessoas. Estas folhas eram levadas a Levina e, durante as aparições, a santa dizia uma mensagem dirigida àquela pessoa. Foi através de uma destas mensagens

que ela foi escolhida para ser um de seus apóstolos, substituindo sua irmã que havia falecido. É ela quem narra:

Eu fui chamada pelas letras. Depois que a Aurora faleceu, a Nossa Senhora falou assim: A Teresinha está seguindo tudo direitinho, fazendo as penitências tudo que Nossa Senhora pediu, que a gente fazia penitência de joelhos. Ela pedia jejum, a gente fazia, então Nossa Senhora me chamou, eu ficava tranqüila assim. Falava: -“Não vai me chamar.” Quando chamou, a gente dava aquele choque, né? Quando a Nossa Senhora me chamou lá dentro e falou com a Efigênia que era pra colocar, que tudo ela escrevia, que era pra colocar meu nome como apóstolo, que ninguém hoje quer ser apóstolo de Nossa Senhora. Você está seguindo tudo direitinho o que a Nossa Senhora pede, aí eu consegui. Depois ela chamou nós pra vim pra cá, aí já foi assim mais difícil, porque a gente, tinha muita gente dentro de casa, pra concordar tudo de vim.

Durante um tempo, Terezinha continuou morando com sua família em Ervália, mas sempre indo à montanha em todas as ocasiões em que Nossa Senhora se apresentava, cumprindo com sua promessa de servir a Ela. Ela contou que não sentia cansaço por ter que caminhar a pé, durante as várias horas que levava para chegar e não se importava com o tempo e nem com horários.

Muita gente falou assim: - “Vocês não vai morar lá também não? Os apóstolos vão fazer uma casinha lá?” Eu falei, nós morava perto, porque lá de casa, pra nós era mesmo que fosse aqui. Como eu estou aqui, pra ir na santa, nós não tinha hora pra vim aqui não. Era de tarde... Subia e descia, mas a gente, pra nós era vargem, não via nada. De noite, chovia, nós estávamos aqui assistindo, terminava tudo, nós subia. Ia na missa de noite.

Apesar da dificuldade que a família de Terezinha encontrava para fazer a mudança para a montanha, por ser muito numerosa, ela disse que quando Jesus decidiu que eles deveriam passar a residir no lugar, parte da família juntou os pertences e, aos poucos, caminhando e transportando móveis e utensílios nas mãos, passaram a morar em uma casa que ficou desocupada e foi reformada por José Lopes, onde ela ainda continua morando e pretende permanecer até o resto de sua vida. Terezinha diz:

No dia que Jesus marcou pra nós entrar aqui, quando cheguei, ela [Levina] já estava aqui, ela mais as meninas dela arrumando a casa pra nós chegar. Jesus marcou até a hora de eu chegar aqui. Nós viemos para aqui dia 23 de dezembro, véspera de Natal. Ele marcou a hora de nós chegarmos aqui. Nós era pra chegar ao meio-dia, nós saímos de casa cedo, mas esse irmão meu que tinha problema andava devagarinho. Então nós chegamos aqui quase na hora. Mudança, não tinha condução, não tinha condução pra nada pra carregar nossas coisas. Juntamos umas coisinhas. Cada vez que vinha trazia um pouco. Cama, aqui já tinha, as moradeiras aqui da casa vendeu algumas coisas que elas já tinham. Tinha a casa, só não tinha fogão, que a casa ficou tudo... que o Seu Zé que arrumou um pouco esse cômodo aqui. Nós cozinhas demais, o suspiro do fogão saiu na pilastra, a fumaça não saía pra

fora, então enfumaçou muito a casa. Mas ele marcou a hora de nós chegarmos aqui. Dia 23 de dezembro.

Para Berger e Luckmann, desde seu nascimento, o ser humano sofre interferência do meio social em que vive. Para eles, a constituição biológica do homem permite que ele se adapte às forças ambientais que atuam sobre ele.⁹⁴ Mas não há uma constituição biológica humana que permite uma perfeita adaptação ao ambiente, como se dá com os outros animais.

Há somente a natureza humana, no sentido de constantes antropológicas (por exemplo, abertura para o mundo e plasticidade da estrutura dos instintos) que delimita e permite as formações socioculturais do homem.⁹⁵

As formações socioculturais, em suas diversas variações, obrigam o ser humano a construir sua própria natureza, fazendo com que ele se produza a si mesmo. Ao se correlacionar com o ambiente, ele amolda-se ao meio, ajustando-se à multiplicidade das determinações socioculturais. “As maneiras de tornar-se homem são tão numerosas quanto as culturas humanas.”⁹⁶ Para manter o equilíbrio entre ter um corpo, agindo no meio ambiente e ser um corpo, exteriorizando significados subjetivos, o ser humano, necessita do meio social. Para conseguir este equilíbrio é preciso um relativo fechamento ao mundo, pela produção da ordem social, que se realiza através da contínua exteriorização do ser humano sobre o meio que habita. A ordem social não faz parte do ambiente natural do homem, ela é produzida pela atividade humana sobre o mundo como uma necessidade que provém da instabilidade do organismo humano.

E é agindo sobre o mundo, que o ser humano vem a adquirir hábitos que proporcionam alívio psicológico ao estreitar as opções, a fim de evitar o gasto de energia para outras decisões. Os hábitos passam a distinguir os atos de maneira característica, de forma tipificada e as ações habituais, realizadas por tipos de atores, dão origem à instituição. Dito de outra maneira, qualquer uma dessas tipificações é uma instituição. Os hábitos criam padrões de conduta, institucionalizando as ações humanas ao tornar habitual o processo de comunicação entre os indivíduos e esta tipificação de condutas é experimentada como se possuísse realidade própria, exterior e coercitiva. Berger e Luckmann dão a este processo o nome de objetivação. “Um mundo

⁹⁴ Cf. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 69.

⁹⁵ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 70.

⁹⁶ Idem. p. 70

institucional é experimentado como realidade objetiva”.⁹⁷ O ser humano produz um mundo que reage sobre ele. “*A sociedade é um produto humano. A sociedade é uma realidade objetiva. O homem é um produto social.*”⁹⁸

A linguagem é o instrumento por meio do qual as instituições se mantêm. Há uma tendência nas instituições em se manter em um sistema coerente onde os significados compartilhados levam à compreensão de que as ações isoladas estão articuladas, formando uma totalidade consistente, onde não somente as ações são tipificadas, mas também o modo como elas se apresentam.

As instituições incorporam-se à experiência dos indivíduos por meio de papéis. Ao desempenhar papéis, o indivíduo participa do mundo social. Ao interiorizar estes papéis, o mesmo mundo torna-se subjetivamente real para ele.⁹⁹

A identidade é sustentada pela sociedade. “*Numa perspectiva sociológica, a identidade é atribuída socialmente, sustentada socialmente e transformada socialmente.*”¹⁰⁰ A personalidade, que significa o indivíduo em seu papel social, em interação com os outros, não é preexistente e sim atribuída pela sociedade.

Os papéis estão presentes em toda conduta institucionalizada. É através da representação deles que os indivíduos mantêm o controle sobre as instituições. Para os autores, alguns papéis, mais que outros, têm o condão de representar simbolicamente a ordem institucional, “*integrando todas as instituições em um mundo dotado de sentido.*”¹⁰¹ Para isto, é necessário que um papel seja representado não só através de rotinas mas que também neste ato esteja envolvido um corpo de conhecimento adequado a este papel, o que implica a distribuição social do conhecimento. Estes papéis específicos exigem especialidades.

No mundo que estava sendo criado na Serra da Mutuca, percebe-se o processo de institucionalização através dos papéis que foram sendo tipificados e assumidos em torno das aparições de Nossa Senhora, através da vidente Levina. Esta, como mensageira da santa, passou a reunir em torno de si um grupo de pessoas que passaram

⁹⁷ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 83.

⁹⁸ Idem. p. 85.

⁹⁹ Id. pág. 100.

¹⁰⁰ BERGER, Peter. Perspectivas sociológicas, uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 2010, pág. 112.

¹⁰¹ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 102.

a exercer papéis específicos, especializados, nos quais dividiam e compartilhavam o conhecimento em um sistema coerente.

Em todas as entrevistas que realizei, com moradores e pessoas que frequentam a Santa Montanha, um nome se sobressaiu em todas elas, o do Senhor José Lopes de Lima. Para entrevistá-lo, contei com a colaboração de um dos filhos de Orlandina, Edson Teixeira, que marcou a entrevista e me levou de carro até a sua casa na zona rural, próxima a Guiricema, ainda pela manhã. O caminho foi percorrido com alguma dificuldade, devido ao barro na estrada, que no mês janeiro se acumulou com as chuvas. Depois de atravessar quatro porteiros e de caminhar um trecho no mato alagado, fui recebida com muita atenção por este senhor de aparência bondosa e pés no chão. Ao pedido das Irmãs Carmelitas, o Seu José havia escrito várias páginas em um caderno, onde conta a história da Santa Montanha desde a época em que o Senhor Ciro Teixeira, sogro de José Emídio, era proprietário da fazenda. Depois que ele leu o que havia escrito, permitindo também que eu gravasse durante a leitura, conversamos durante muito tempo, na companhia de sua esposa Juraci. Seu José disse estar tendo falhas de memória, mas durante toda a entrevista demonstrou grande lucidez, lembrando detalhes de acontecimentos ocorridos na serra, sem nenhum vestígio de esquecimento.

Foi através de Efigênia Carmanini que Zé Lopes soube das aparições de Nossa Senhora na montanha.

Aí eu comecei a conviver lá sempre. Quando foi num certo tempo lá, Nossa Senhora vai pediu que eu mudasse pra lá. Mudasse pra lá pra cuidar das construções lá. Aí, como diz, eu juntei os cacarecozinhos. Tinha uma casa ali onde mora a minha filha, era uma casa pequenininha, ruinzinha, então eu saí daí e fui pra lá.

Quando o Senhor José passou a morar na serra, ele já havia sido curado de uma enfermidade crônica após tomar o Óleo de Nossa Senhora na casa de Efigênia Carmanini. Ele contou como a santa chamava seus apóstolos e a atribuição dada a eles.

Isso aí foi logo no início mesmo que Ela escolheu, chamou as pessoas de apóstolos lá. Que é pra poder ajudar a rezar, distribuir as mensagens e coisa e tal lá, então falou sobre esses apóstolos.

Seu José trabalhava como carpinteiro e pedreiro e em todas as construções na Santa Montanha ele colaborou com seu trabalho. Em 1979 ele se mudou com sua família para a serra, a pedido de Nossa Senhora, para cuidar das casas que estavam sendo erguidas.

Ih, não, eu fui o braço direito deles, lá, uai. Todas aquelas casas que têm ali têm participação minha. Eu que comprava material.

[Eu me mudei em] 17 de fevereiro de 79. Mas eu já estava trabalhando lá, tinha 3 anos que eu estava trabalhando lá. Eu saía daqui a pé, ia trabalhar e voltava pra dormir cá e cedo eu voltava pra lá outra vez. Foi indo, peguei cansar. Aí, um dia Nossa Senhora falou que era pra eu mudar pra lá, cuidar das coisas dela lá.

A família do Seu Zé Lopes era grande, ele e sua esposa Juraci tiveram onze filhos, mas quando ele se mudou para a montanha, alguns já eram adultos e não moravam mais em sua companhia. O mais velho, Anchieta, já estudava em um seminário e seguiu a vida religiosa. As duas filhas do casal, ainda crianças, entraram para o convento das Irmãs Carmelitas, mas quando moças saíram e se casaram. Outros dois de seus filhos, também menores, Gabriel e Aureliano, começaram a estudar no seminário que havia sido criado recentemente na montanha. Aureliano completou os estudos e foi ordenado padre por Jesus. Orlandina disse que algum tempo depois ele se mudou para Juiz de Fora, estudando novamente em outro seminário vinculado a Roma, onde foi ordenado mais uma vez. Gabriel foi levado para o Paraná por Frei Cristóvão, e também ordenou-se padre.

José Lopes: Elas foram com 10 anos, saíram moças mesmo. É o que eu falo, elas não sabiam o que queriam nada. Foi aí que resolveram tomar destino.

Orlandina: O menino do José Lopes foi ordenado ali, o padre Aureliano. Mas não aceitou, foi pra fora, acabou de estudar lá. Foi pra fora e ordenou de novo. Onde é que ele ordenou? Ele ordenou em Guiricema. Ele veio de Juiz de Fora e ordenou lá no Guiricema. Os dois meninos do Zé Lopes. Um não era padre não, era menino ainda, foi pra Toledo. Estudou lá em Toledo. O frei Cristóvão levou ele pra Toledo. Lá no Paraná. E trouxe ele, a ordenação dele foi aqui em Guiricema.

Os moradores da Santa Montanha, quando se referem à Igreja, tal como existe no momento, dentro das normas instituídas pelo Concílio Vaticano 2º, dizem se tratar da “Igreja Moderna”, em contraposição à “Igreja Tradicional”, anterior ao Concílio, que é vivida por eles. O que pude perceber no Senhor José Lopes é um esforço para conciliar e justificar o que viveu e praticou por muitos anos com o discurso “oficial” da Igreja na “modernidade”, com o qual tem contato através de seus três filhos que são religiosos. Sua vida modesta na zona rural esconde um homem culto, que se dedica à leitura, já exerceu o magistério e conhece parte da Europa. Em nenhum momento percebi qualquer hesitação em relação à sua crença nas aparições de Nossa Senhora e do Menino Jesus na montanha, apesar do seu discurso “moderno”. Sua calma, seu espírito

de conciliação e sua capacidade de ouvir tiveram importância fundamental na criação da Santa Montanha.

Eu já fui até em Portugal, fui em Fátima, fui em Santiago de Compostela agora em 2007 mas, eu, pra imagem, como diz, eu sou um pouco cético porque eu tenho até muita imagem em casa mas eu não sou muito devoto de imagem não. Imagem é o seguinte, por exemplo, eu tenho devoção a Nossa Senhora Aparecida, que é padroeira do Brasil, pra que eu falar assim, eu vou pedir, vou fazer pedido a Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Fátima, de Lourdes, pra que isso, gente? A mãe não é a mesma? O povo faz isso, mas, coitadinhos, a gente não pode julgar os outros porque é ignorância religiosa. Por exemplo, o Menino Jesus, basta uma imagem do Menino Jesus só, mas os outros levam, o que vai fazer com aquela imagem agora? Tem que ficar lá.

Via sim, ela [Levina] via mesmo, Ele [Jesus] apresentava na imagem pra ela, ficava vivo na imagem pra ela. Mas eu digo assim, como diz, a quantidade de imagem, porque o povo, a devoção, vou levar uma imagem pra ajudar.

Imediatamente após tomar conhecimento de que uma santa estava aparecendo na Serra da Mutuca, Orlandina passou a se tornar visitante assídua do lugar. Foi recebida por ela em sua casa no Distrito de Villas Boas, para onde se mudou depois que ficou viúva. Seu filho Antônio havia me prestado muitas informações sobre a Santa Montanha e foi ele que me levou para a entrevista. O que mais me chamou a atenção nesta mulher gordinha, de 77 anos, foi o brilho que vi em seus olhos azuis. Percebe-se neles vivacidade e senso de humor e uma energia muito grande que transmitiu na maneira como relatou o que viveu como apóstolo de Nossa Senhora. Dos seus doze filhos, os dois últimos nasceram durante um período muito atribulado na serra, que Orlandina dividiu com seu marido Tolé (Alberto) e seus amigos em um comprometimento total com os pedidos de Nossa Senhora e do Menino Jesus Celeste.

Um ano depois da primeira manifestação da santa, esta pediu que Orlandina se tornasse um de seus apóstolos. Conforme ela contou, sentiu medo da responsabilidade que o encargo trazia.

A Vica me chamou para ser apóstola. Porque tinha os apóstolos. A Vica me chamou para ser um dos apóstolos. Eu fiquei com medo. Eu fiquei com medo. Ela falou que era Nossa Senhora que tinha me chamado. Eu fiquei apertada. Fiquei mesmo, que o negócio lá era sério. Era muito sério mesmo. Muito rigoroso, muito sério.

Nossa Senhora, então, disse a Orlandina que daria um sinal para que ela não tivesse dúvidas a respeito da missão que estava lhe dando. Era o ano de 1967 quando

passou por uma experiência que descreveu como aterrorizante. Sua amiga e comadre, a vidente Levina, transmitindo uma mensagem de Nossa Senhora, disse a ela que, no outro dia, às sete horas da manhã, a santa iria enviar um sinal no sol. No horário marcado, Orlandina saiu na varanda da sala para confirmar o que havia sido dito por Nossa Senhora. Foi quando se viu envolvida por algo vindo do céu, como uma nuvem vermelha que desceu cobrindo toda a região ao alcance de sua vista.

Eu estava na minha casa, estava olhando o sol. O sol ia sair às sete horas. Só eu que deu curiosidade de olhar. Mais ninguém. Eu fui ver se via o sinal no sol. Começou o sol a sair, formou uma bola azul. Desceu uma nuvem vermelha, avermelhada até a terra. Até na terra. E eu no meio daquela nuvem. Neste instante, eu tomei um arranco, que eu estava na porta da sala e eu fui parar lá dentro da cozinha. As meninas me perguntaram: - “Mãe, o que a senhora viu?” Eu não podia falar. Perdi a fala. Você acredita, menina, que aquele calor ficou dentro do meu coração? Quase que eu morri. Não é do sol, era uma nuvem vermelha que desceu. O sol virou uma bola azul e desceu aquela nuvem de fogo, fogo, fogo. Eu estava no meio da nuvem, a nuvem me pegou. Me pegou o coração, não queimou o corpo, não. Desceu no mundo todo. Lá perto da minha casa todinha. Naquela vargem toda. Não é nuvem, é como nuvem, mas não pegou fogo em nada. Só eu senti. Entendeu? Da minha casa tem o outro lado, não tem? A gente enxergava só a porteira da casa da Efigênia. Aquela nuvem desceu assim igual a uma fumaça. Aí eu vi o sinal que estava no sol. Eu, quando eu vi aquilo, gritei: - “Me valha, minha Nossa Senhora da Aparecida!” Este calor, o calor do sol ficou dentro do meu coração, queimava igual fogo.’

A sensação de calor provocada pela nuvem permaneceu durante todo o dia, fazendo com que Orlandina tivesse a impressão de que o seu coração ardia em fogo. À noite, sem conseguir dormir, em desatino, pediu a sua filha Lúcia e sua sobrinha Lelena, que residia com sua família, que a levassem à Serra da Mutuca. A ermida já havia sido construída e, chegando ao local, Lúcia foi chamar Levina em casa. Orlandina contou que, ao se ajoelhar para pedir perdão a Nossa Senhora, foi tomada por um torpor, um sono leve, em que ouviu o som da voz de uma criança cantando. Com a chegada de Levina, Orlandina despertou, percebendo que o calor que a queimava por dentro havia sido amenizado, apesar de ainda senti-lo em seu coração.

Aí Dona Vica veio, eu falei: - “Dona Vica, eu vim pedir perdão a Nossa Senhora porque não agüentei, não agüento esse queimor.” Um queimor que não saía de mim. Queimor no coração. Queimando igual fogo. O queimor não parou, não. Continuou, eu estava em tempo de morrer. Eu não dormia, nós saímos à meia-noite por aquele cofó acima. Nesse instante, eu ajoelhei nos pés de Nossa Senhora e pedi perdão. Eu dormi um sono tão bom, eu me sentia... Nesse sono tão bom que eu me senti aliviada do calor, só sentia cheiro de rosas, cravo e essência. O local perfumou tudo. Aquele local ali. E eu ajoelhada lá, pedindo perdão. Aí eu falei assim: - “Dona Vica, eu vim aqui pedir perdão a Nossa Senhora e acordei a menina da senhora”. A

Aparecidinha dela estava pequena. Falei assim: - “Vim acordar a menina da senhora”. - Eu falei assim: - “Eu ouvi uma voz de criança, cantando longe. Depois eu acordei”. Ela falou assim: - “Não, você não acordou minha menina, quem estava cantando em volta de você era Nossa Senhora e ela colocou um manto na sua cabeça e cobriu você toda com o manto de rosas”. Na hora que eu pedi perdão a ela. Aí eu falei assim: - “Agora então você pode ir embora, comadre, eu vou embora”. Desci a serra. Aí fiquei muito ruim ainda. De calor.

Orlandina contou como era o dia a dia dos apóstolos. Nossa Senhora exigia total dedicação de seus escolhidos e aquele que não conseguia cumprir o que era determinado, era afastado por Ela. Começou, então, para estas doze pessoas, um longo período de provas e sacrifícios, que se estendeu durante anos. Nossa Senhora pedia em suas mensagens, além de orações e obediência aos preceitos católicos tradicionais, que seus apóstolos passassem por penitências que exigiam grandes esforços físicos como sacrifício para a salvação da humanidade. Uma das primeiras exigências foi a de que as pessoas percorressem a distância de 162 metros entre a casa das videntes até ao local das aparições, de joelhos e rezando a Coroa do Terço. Muitas pessoas não conseguiam fazer todo o percurso, pois seus joelhos sangravam. Elas ficavam extenuadas em consequência dos jejuns e do cansaço físico. O que relatou Orlandina e também o que consta em mensagem de 02 de março de 1971 exemplifica os sacrifícios praticados pelos apóstolos:

Quero que vocês tenham forças para trabalhar para Mim. Aos que fizeram o jejum de nove sextas-feiras, passando a café e água, ofereçam-no pela conversão dos pecadores.

Nossa Senhora pede a Levina e a Efigênia que façam uma novena: ficar nove dias junto aos pés da Virgem Maria Santíssima (elas ficaram...).

Peço uma penitência de três terços, desde a casa dos videntes até o local das Aparições, seguindo devagarinho e só olhando para o chão. Não olhar para os lados para não caírem em tentação.¹⁰²

Os papéis assumidos pelos indivíduos em sociedade se apresentam como representações institucionais e é através deles que as instituições se tornam reais, pois é através destes papéis que os significados objetivados em uma sociedade são compreendidos pelo indivíduo como realidade. A sociedade existe a partir da consciência que os indivíduos têm dela e esta consciência, que é individual, é

¹⁰² Apóstolos da Virgem Maria. Santa Montanha: 30 anos de aparições, Direitos reservados à Obra da Divina Misericórdia: 1ª edição, 2 de fevereiro de 1966, p. 24.

determinada pelo meio social.¹⁰³ “Ao desempenhar papéis, o indivíduo participa de um mundo social. Ao interiorizar estes papéis, o mesmo mundo torna-se subjetivamente real para ele.”¹⁰⁴

Todo papel tem sua disciplina interior, aquilo que os monásticos chamariam de sua “formação”. O papel dá forma e constrói tanto a ação quanto o ator. É difícil fingir neste mundo. Normalmente, uma pessoa incorpora o papel que desempenha.¹⁰⁵

Ao mesmo tempo em que instituições, papéis e identidades existem como o produto da exteriorização do homem sobre o mundo, também existem como objetividades presentes no mundo social. A sociedade oferece não só os papéis e identidades que o indivíduo irá desempenhar no mundo real, mas leva o homem a objetivar internamente os sentidos objetivados com que se identifica, tornando-os seus sentidos. O processo que permite a simetria entre o mundo objetivo da sociedade e o mundo subjetivo do ser humano depende inicialmente da capacidade de se estabelecer um diálogo interno. Ao conversar consigo mesmo, com as objetivações de si mesmo, ele aceita os papéis e identidades estabelecidos pela estrutura social, levando à socialização, se não completa, pelo menos a um nível elevado que vem a permitir sua persistência no tempo. Esta conversa interna entre o “eu” socializado e o “eu” total irá permitir que o mundo construído socialmente venha a ser interiorizado ao produzir “uma identificação da personalidade com o sentido objetivo das ações.”¹⁰⁶ Orlandina demonstra, em sua fala, como se dá o processo do estabelecimento da identidade através do diálogo interno.

Ela [Levina] falava nas mensagens: Os apóstolos que renegarem Nossa Senhora – na hora do aperto, então, que ela falava mais – que renegarem as verdades de Nossa Senhora, vai ser encontrado na porta do inferno. Nós chegava a adoecer mesmo, de noite você começava a pensar, você ficava doente. Não dá pra ficar doente? Um aperta daqui, outro aperta dali. Não tinha igreja, não tinha padre lá. Falavam que lá era macumba branca. O padre falava, gritava na igreja. A gente via que não tinha nada de macumba lá.

¹⁰³ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 105.

¹⁰⁴ Idem. pág. 100.

¹⁰⁵ BERGER, Peter. Perspectivas Sociológicas: Uma Visão Humanística. Petrópolis: Vozes, 2010, pág. Pág. 111

¹⁰⁶ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 105.

De acordo com o que disseram os entrevistados, diversas atribuições foram dadas por Nossa Senhora a seus apóstolos. Estes eram encarregados de dar assistência à vidente durante as aparições e se identificavam pelo uniforme que usavam. Também deviam organizar orações, controlar o movimento de romeiros e visitantes, cozinhar para os padres que prestavam assistência religiosa no lugar e, mais que tudo, era exigido pela santa que praticassem muitas penitências. Estas penitências também eram acompanhadas pelas pessoas que tinham o hábito de visitar a montanha, como também por romeiros, crianças, e moradores.

Orlandina: É. Muita penitência. Aqui em baixo, perto da casa, não tem uma porteira? Quando vai daqui pra lá, a primeira casa assim, que é das Vilela. Ali começava, ali, naquela direção ali. Ainda deve ter um muro que punha porteira num lado de outro assim. Tinha um muro. Começava a fazer a penitência ali. A penitência, todo mundo fazia, os apóstolos tudo fazia. Tudo era apóstolo. Não era só doze, tudo era apóstolo. Ela falava que eram 72. E mais doze. Era muita gente que ia ali. Subia de joelho, arrancava assim. Passava boi, passava no meio da gente. Eu não contei pra você. Os apóstolos tinham que ficar com o cabelo sem cortar muitos anos. Não podia pintar, não podia. Tinha a roupa de usar, não podia pintar, o cabelão amarrado, os cabelão, aquilo grande. Muitos anos. Enquanto Ela [Nossa Senhora] não deu licença de cortar, não podia cortar. Mandou usar os vestidos de frequentar lá. Era azul, escrito assim: Menino Jesus Celeste, cada um com um nome.

Teresa Rosa contou que, além das penitências, Nossa Senhora também pedia que seus apóstolos fizessem jejuns prolongados acompanhados de novenas que incluíam comer apenas comida de sal por vários dias, seguido de comida apenas doce. Aldir Emídio (Padre Estêvão) e um de seus irmãos costumavam praticar estas novenas e jejuns. É Aldir quem conta:

Porque foi muita oração, muita gente, muita penitência. Teve assim, antes, Nossa Senhora deu penitência de passar só com comida salgada nove dias seguidos, não podia tomar nada, o açúcar, o café, nada doce. Nove dias. Aquele que achasse melhor ser o doce, comesse o doce nove dias, mas também nada, nada, nada com sal. Nada temperado, nem o leite podia ter sal, aquele temperozinho no leite. Os apóstolos e os outros também, muita gente fazia. O meu irmão estava casado de pouco, achou que o doce era mais fácil, ele começou no doce, doce, doce. E aquela fraqueza foi aumentando, ele passou a cozinhar feijão, cozinhou feijão e pegava lá na panela e punha açúcar no feijão e comia feijão com açúcar. Mas ia a novena até o fim.

A pedido de Nossa Senhora, várias novenas eram realizadas na ermida, com orações ininterruptas, que exigiam que as pessoas pernoitassem no local durante os nove dias de duração da penitência. Como no início só havia a capelinha, que por ser muito pequena não comportava as pessoas, estas dormiam no chão, em cima de uma pedra

grande que havia em frente. A dificuldade para cozinhar alimentos era suprida com um fogão improvisado e cada um contribuía com a comida na medida de sua capacidade.

Orlandina: Tinha jejum, tinha que dormir naquele local ali. Nove noites, dormir ali. Na capelinha. Marcava as pessoas que iam dormir. No chão. Levava esteira. Rezava até meia-noite e depois ia dormir.

Teresa Rosa: Nossa Senhora pedia pra nós fazer, lá de Ervália, nós fizemos uma novena aqui, na capelinha, dormindo. Na capelinha. Nove dias. Nove dias nós ficamos lá. A comida nossa fazia ali. Nós fazíamos a comida ali. A menina da Efigênia, a Zita, sempre fazia lá um doce, um arroz doce, sempre trazia pra nós, montava num cavalinho lá e trazia. Ali nós passávamos. Gente, tantas coisas boas, ninguém reclamava nada, que estava ruim, que estava passando mal, dormindo nas pedras, porque a pessoa dormia na pedra, jogava só um lençol e aquilo ali era muito escorrido. A mesma coisa, você chegava lá em cima, a gente estava rolada cá embaixo. E ninguém nunca reclamou.

Vários relatos dizem que não era somente Nossa Senhora que pedia penitências. Com a chegada do Menino Jesus à montanha em 1976, muitas vezes Ele próprio participava das novenas e sacrifícios que pedia pela conversão dos pecadores e salvação das almas, sempre presente em sua imagem que Levina trazia no colo. Irmã Henriqueta desde pequena acompanhava estes momentos e ela quem conta:

Mas quando Ele ficou presente, Ele fazia penitência, Ele ia com a gente, madrinha carregando Ele nos braços. Ele ia e a gente fazia penitência, Ele que me pediu as penitências que eu fiz aqui. Que no começo, Nossa Senhora pedia aos apóstolos, eles vinham nas primeiras sexta-feiras e no sábado. Eu também fazia, pequenininha, eu lembro que tinha as penitências. Vinha aquela carreirinha lá da casa dos romeiros, que a casa dos romeiros era perto da casa da Dona Inhana por ali, não tem uma casinha pra lá do santuário? Pois é, a penitência vinha de lá pra cá até aqui na capelinha. E aqui perto da casa dos padres tinha um morro, pura areia, o pessoal vinha agarrado pela parede ali a fora, eu morria de rir, que eu era criança, eu achava tão... Eu não machucava não, não machucava nada. Eu fazia penitência atrás deles. Eu passei, eu fiquei quatorze dias fazendo penitência. Jesus me chamou pra fazer penitência de joelhos, eu fiquei quatorze dias fazendo penitência. Nossa, rezamos muito, fizemos muita penitência. Todo dia. Teve uma vez que Ele pediu pra fazer nove por dia. Nós fizemos nove penitências num dia, de joelhos.

Com o tempo, Nossa Senhora pediu que fosse construída uma rampa¹⁰⁷ feita de cimento grosso, que começa na rua, sobe em curva à esquerda e termina no cruzeiro que foi levantado ao lado da igreja, que os apóstolos subiam de joelhos e rezando o terço. Esta rampa existe ainda e serve para que os moradores e religiosos cumpram os pedidos da santa.

¹⁰⁷ Anexo 32.

Catarina: Que essa rampa aí foi feita pra fazer penitência. Mas assim, a gente não sabe. Falou: ah, que coisa bonita! Ela [Nossa Senhora] falou assim: É bonita, mas isso aí é pra subir de joelho até lá no pé da... até lá na cruz. É, a gente não sabia. Isso. Só essa que ficou. Essa aqui da rampa ficou pra todo mundo, essa. Na sexta-feira. Toda sexta-feira tinha que fazer. Eu ainda faço ainda. Alguma pessoa ainda faz, alguma. Mas eu faço.

Orlandina: A rampa foi muito tempo. Meu marido fazia, o Adílio, o Astolfo, os filhos do Seu Juca Emídio. O Adílio, o Astolfo, a família deles, tudo fazia penitência. Eu fazia, o Tolé fazia, Dona Levina, Efigênia, tudo fazia, o Zé Lopes, tudo fazia. Foi durante uns três anos. Porque foi de arrancar pedaço de joelho, mesmo.

Durante a entrevista com Orlandina, ela contou que, além da finalidade de conversão e salvação das almas, os sacrifícios exigidos dos apóstolos por Nossa Senhora tinham uma outra finalidade bem mais terrena. Eles serviam para prepará-los para um acontecimento que estava por vir e exigiria muito mais dedicação e persistência daquelas doze pessoas escolhidas:

Ali era pra ficar nos combates, aceitar tudo o que vinha. Era pra aceitar tudo o que vinha. Por causa da Santa Revolta que ia haver. A revolta, ainda chamava ela de Santa Revolta ainda. Essa confusão toda não tinha não. Depois é que começou. Já começou no começo. No começo já começou a fazer penitência. Por causa da Santa Revolta.

2.2 A Santa Revolta

Uma das questões levantadas por Berger e Luckmann em relação ao processo de institucionalização é a de apurar como e até que ponto os produtos da atividade humana podem ser apreendidos como fenômenos não humanos ou super-humanos. A capacidade do ser humano de se esquecer que o mundo é uma criação sua, e de produtor de um mundo passar a se ver como produto deste, é chamada por eles de reificação. A consciência, ao objetivar o mundo humanamente criado, inverte a relação entre criador e criatura, e os significados humanos são compreendidos como facticidade não humana.

Outra maneira de dizer a mesma coisa é que a reificação é a apreensão dos produtos da atividade humana *como* se fossem fatos da natureza, resultados de leis cósmicas ou manifestações da vontade divina.¹⁰⁸

O conceito de reificação (*Verdinglichung*), tal como utilizado por Berger, advém de Marx, que o correlaciona ao conceito de alienação (*Entfremdung*). Na alienação, o mundo social produzido pelo ser humano deixa de ser reconhecido como resultado de sua atividade em sociedade e a relação dialética entre homem e mundo é perdida pelo

¹⁰⁸ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 118.

esquecimento de que os fatos sociais são projeções objetivadas da consciência subjetiva. Na reificação, que Berger compreende como uma modalidade extrema de objetivação do mundo pelo ser humano, a sociedade criada por este não só passa a ser vista como algo que existe fora dele, mas também como um epifenômeno de processos não humanos sobre o qual não é capaz de exercer controle.

Deve-se acentuar que a reificação é uma modalidade da consciência ou, mais precisamente, uma modalidade da objetivação pelo homem do mundo humano. Mesmo apreendendo o mundo em termos reificados, o homem continua a produzi-lo. Isto é, paradoxalmente o homem é capaz de produzir uma realidade que o nega.¹⁰⁹

As instituições, no processo de reificação, aparecem como desvinculadas da atividade e significação humanas, como fatos da natureza em que segmentos da ordem institucional podem ser compreendidos como “um microcosmo refletindo o macrocosmo do universo total, feito pelos deuses.”¹¹⁰ Os papéis vividos neste mundo reificado são apreendidos como inevitáveis e a própria identidade assim como a dos outros são ofuscadas estreitando “a distância subjetiva que o indivíduo pode estabelecer entre si e o papel que desempenha.”¹¹¹

O Concílio Ecumênico Vaticano 2º, inaugurado pelo Papa João XXIII em outubro de 1962, foi concluído sob o papado de Paulo VI, em dezembro de 1965. Era desejo do Papa João XXIII que a Igreja mudasse de mentalidade, para poder melhor enfrentar e acompanhar as transformações do mundo moderno. A imediata implantação das reformas instituídas, segundo Carlos Alberto Steil

...fez com que os primeiros anos do Vaticano II fossem marcados por uma onda iconoclasta que retirou as imagens dos santos das igrejas, suprimiu muitas procissões, proibiu diversas manifestações populares religiosas e ridicularizou devoções tradicionais [...]. Ao mesmo tempo em que buscava a reconciliação com a sociedade secular e acolhia os anseios das classes ilustradas, o Concílio produzia uma seleção cultural que marginalizava os devotos do catolicismo popular.¹¹²

¹⁰⁹ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 119.

¹¹⁰ Cf. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 120.

¹¹¹ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 121.

¹¹² STEIL, Carlos Alberto. Maria. O Sertão das Romarias: um estudo antropológico sobre o Santuário do Bom Jesus da Lapa – Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

Os efeitos do Concílio Vaticano 2º, que coincidiram com os primeiros anos das aparições de Nossa Senhora na Santa Montanha, se fizeram presentes no início de 1969 atingindo de maneira violenta o movimento religioso que havia se iniciado com as aparições da santa na Serra da Mutuca. A notícia da presença de Nossa Senhora Aparecida na montanha chegou até ao bispo da Diocese de Leopoldina, Dom Gerardo Reis, que esteve no Distrito de Villas Boas para realizar crisma na Igreja de São José, ocasião em que aproveitou para se colocar frontalmente contra as manifestações em torno das aparições. É Maria que relata:

O [Bispo Dom Gerardo] que era bravo veio. Chegou muito bravo. Veio, veio. Chegou muito bravo, falou muita coisa, mas só que a parada dele foi muito pouca, que ele veio em Villas Boas, acho que fazer crisma. Então ele chegou aqui. Mas só que ele não falou muita coisa também não. Aí desceu, olhou e saiu e foi embora.

No ano de 1968, o pároco de Guiricema ainda era Padre Galdino da Rocha Passos, que havia aderido ao movimento na montanha. Este padre convidou um missionário claretiano, Padre Geraldo Maria de Oliveira, para trabalhar com ele junto aos paroquianos. Padre Geraldo passou a ir regularmente o local das aparições e junto com Padre Galdino, celebrava missas e outras cerimônias religiosas. Ao retornar à sua paróquia no início de 1969, após uma cirurgia, Padre Galdino recebeu a notícia de sua transferência para outra cidade. Padre Geraldo ainda continuou por uns tempos em Guiricema, mas foi impedido pelo Bispo de pregar missões em sua Diocese. Os motivos da transferência de Padre Galdino e do impedimento da presença do Padre Geraldo na paróquia foram relatados por Maria e José Lopes:

Maria: Contra o bispo eles vinham. Tinha um padre Geraldo aqui, no começo de Nossa Senhora, quando Nossa Senhora apareceu, nossa mãe, como celebrou missa aqui! A missa dele era linda, a missa dele, mas como juntava gente! Ou querendo ou não querendo, mas o povo vinha. Ih, mas a missa dele era linda. A missa dele era a coisa mais bonita! Ele [o padre Galdino] foi porque o bispo tirou. Porque o bispo não acreditava aqui. Então o bispo pegou tirou ele daqui. Aí vinha assim, quando os padres começavam a vir aqui e às vezes vinha aqui pra rezar com o povo, então já... sempre ele trazia, sempre ele trocava. Ele trocava de padre pra poder ficar aqui. E aí começou, o padre vinha pra poder combater. O bispo, o bispo. O bispo que trocava.

José Lopes: Padre Geraldo veio à Santa Montanha e concluiu que se tratava de uma verdade, mesmo sem autorização do ordinário, no caso Senhor Bispo diocesano, ele celebrou algumas santas missas na casa da mensageira e ainda pregava a favor. Padre Geraldo, tendo terminado as missões, despediu, mas dizendo que não mais voltaria por receber descompostura do senhor Bispo por haver celebrado missas aqui no local onde Nossa Senhora estava

aparecendo. Padre Galdino precisou fazer uma cirurgia. Quando voltou, o senhor Bispo já havia colocado outro padre no lugar dele.

Uma mensagem datada de 20 de dezembro de 1968, transcrita por Efigênia no 1º Livro de Tombo, mostra que nesta data Padre Galdino e Padre Geraldo ainda estavam em Guiricema e participavam das cerimônias religiosas oferecidas a Nossa Senhora:

Eu convidei o Pe Geraldo Maria de Oliveira, as 3 hora, à missa do Pe Galdino, será a coroação, a coroação será do Pe Galdino e do Pe Geraldo Quem dar o viva, eu dou a meus filhos, Eu estou presente Os 2 Pe foi escolhido por Nossa Senhora. Missa cantada as 10 horas e as 3. horas.

Também foi transcrito por Efigênia, na página seguinte, com data de 22 de dezembro de 1968 e antes que a resistência da Diocese de Leopoldina em relação às aparições começasse a se manifestar, uma exortação de Nossa Senhora a seus discípulos a que tenham coragem para segui-la, mostrando que, em muitos lugares, o mal impediu que suas mensagens fossem ouvidas.

Em muitos lugares não pôde seguir minha santa aparição. Aqui no meu lugar na Santa Montanha, meus filhos não pode ter medo: conseguir, minhas palavras e de Jesus não volta atrás, a minha missa é às 10 horas no dia de Natal não pode ter medo conseguir meus filhos, o demônio não tem parada, está procurando um lugar para ele.

No início de 1969, foi transferido para a paróquia de Guiricema o padre João Bentijes, que iniciou então um verdadeiro movimento de “caça às bruxas”. As manifestações de religiosidade por parte dos populares, que vinham se desenvolvendo na região, não davam sinais de que poderiam ser contidas apenas com palavras durante o sermão nas missas de sábado e domingo. A solução encontrada pelo padre João para fazer cumprir as determinações do bispo de Leopoldina em deter o fenômeno que eclodia na zona rural de sua paróquia e que ia de encontro às normas institucionais, em especial aquelas que advinham das recentíssimas alterações provocadas pelo Concílio Vaticano 2º, o levou a praticar atos descritos como verdadeira selvageria e inexplicáveis para a família de Levina e toda a população. Para o padre do município, as pessoas que se reuniam em torno da vidente para ouvir as mensagens de Nossa Senhora estavam sendo enganadas por ela por pretextos não totalmente esclarecidos. Durante a missa do sábado, Levina foi expulsa da igreja e ofendida pessoalmente pelo padre João, sendo acusada perante todas as pessoas de ser portadora de doença mental e de estar praticando macumba. Orlandina e José Lopes contaram o que presenciaram em vários momentos que demonstram a oposição colocada pela Diocese de Leopoldina às

aparições através do Padre João. Esta oposição está registrada no 1º Livro de Tombo, com data de fevereiro de 1971:

... unir os apóstolos todos, saibam fazer este pedido da Virgem M^a Santíssima cada um escreve uma carta e manda para o Bispo. O Pe. está cercando todos que têm que tomar conta daqui.

Orlandina: Começou a reunir os apóstolos, no início já veio os apertados. Aí começou os combates. De padre e também de polícia. O combate, combate dos padres daqui com os padres de lá. Os padres de lá vinham de fora. Porque o povo não deixava de freqüentar, começou também os padres vir aqui. No princípio eles foram, depois é que revoltou. Depois o bispo revoltou. Porque Dom Gerardo falava que ela [Levina] era louca e estava enlouquecendo o povo tudo aqui. Chamava ela de louca, ela era louca. Ela está louca e está enlouquecendo esse povo daqui. De religião.

José Lopes: O senhor Bispo mandou para Guiricema um padre holandês, João Bentijes, esse sim era bravo mesmo. Sofremos muito com ele. Num certo dia, em uma missa em Villas Boas, ele disse: - “Quem quer ficar com a mulher que lê folhas ou o Bispo? Quem quer ficar com o Bispo levante o braço.” E todos levantaram o braço. Nesse momento, ele fez que todos prometessem a Jesus Sacramentado que não viriam mais à Santa Montanha. Nesse momento, padre João batia na porta do sacrário e dizia: - “Aqui está Jesus e agora vocês fiquem sabendo que vocês prometeram a ele.”

Efigênia Teixeira, que nesta época já exercia a função de apóstolo escolhido por Nossa Senhora, foi obrigada a entregar no altar, publicamente e durante o horário da missa, a fita que usava como presidente do Apostolado da Oração do Coração de Jesus. Todas as pessoas conhecidas como moradoras e frequentadoras da Santa Montanha foram expulsas da igreja, aos gritos, pelo padre João. Orlandina se encontrava na igreja neste dia e conta:

Em maio de 69, foi quando o padre João... nós não podíamos ir à igreja, não. Pedi a fita da presidente do Apostolado, que é a Efigênia. Eu quero a fita da presidente do Apostolado, que ela não é mais presidente do Apostolado. Vou nomear... dentro da igreja, cheio de gente.

Este fato foi confirmado por Teresa Rosa, que lembrou a reação de Efigênia ante a ofensa recebida:

Primeiro aqui teve o padre João, que retirava eles tudo da Igreja. Expulsaram eles, eles foram expulsos da Igreja. Tomou [a fita] da Efigênia, do Apostolado da Oração. E a Efigênia, ela não, ela preferiu entregar a fita. Prefiro a fita entregar e ficar com Nossa Senhora.

Padre João Bentijes, logo que chegou a Guiricema, deixou bem claro qual era a finalidade de sua vinda. Durante a primeira missa que celebrou na Igreja de São José,

em Villas Boas, ele informou a seus paroquianos que foi enviado por Dom Gerardo para colocar um fim ao que chamava de “macumba branca lá da serra”.

Orlandina: O padre João falou assim. Chegou na igreja, falou assim: Eu vim aqui – na primeira missa que ele teve aqui – eu vim aqui não é pra Villas Boas, não é pro Guiricema, não é pro Tuiutinga, não é pra Dom Silvério. Eu vim aqui pra Villas Boas, pra acabar com aquele negócio lá na serra. Aquela macumba branca que está lá na serra. É assim que ele falava. E outra coisa, o padre João mandou o pessoal levantar a mão e jurar no Santíssimo lá que não ia lá mais. Que não ia lá mais. O povo aqui de Villas Boas. Os combates dos padres começou na Igreja de São José de Villas Boas. Aqui. Vinham aqui pra combater com o povo. Eles vinham celebrar a missa e o pessoal da montanha, nós, todo mundo que morava na redondeza aqui, vinha pra igreja. Não tinha outra igreja, tinha que vim aqui. O padre falava: - “Quem for lá na serra, não precisa vir aqui nessa santa missa. E nem comungar.” Quem frequentava lá, ficava tudo apertado. Que era nós.

Aldir (Padre Estêvão): Depois nós tivemos o combate contra a Santa Montanha. Foi do padre João Benes [Bentijes], que esse atacou a Santa Montanha para ver se terminava, se acabava. Até as pessoas que iam confessar com ele, ele apertava na confissão pra deixar de vir à Santa Montanha. Eu lembro que meu cunhado tinha morrido de pouco, então um dos meus irmãos foi confessar e ele queria que o meu irmão promettesse de não vim à Santa Montanha. Falava santinha, naquela época. Naquela época não falava Santa Montanha, não. Não pode ir lá na santinha.

Um fato interessante ocorreu envolvendo a imagem de Nossa Senhora Aparecida que foi levada por Padre Galdino à montanha, quando pároco de Guiricema. Durante uma missa, que a família de Levina ainda freqüentava em Villas Boas, o Padre João Bentijes exigiu, na presença de todos, que Sebastião Ferreira devolvesse à igreja a imagem que ficava na ermida, na montanha. Observa-se neste episódio o que Berger e Luckmann assinalam sobre a reificação: o mundo, mesmo sendo apreendido em termos reificados, continua a ser produzido pelo ser humano.

Orlandina: - “A Nossa Senhora Aparecida que vocês levaram pra Santa Montanha, o Sebastião Ferreira fazer o favor de trazer ela e colocar no mesmo lugar que tirou.” Aí quando foi de manhã cedinho, bem cedinho – nós não viu não – ele falou que trouxe ela de manhã cedinho. Colocou lá, pegou a chave e colocou lá. A imagem que levou daqui pra rezar lá, que buscaram a imagem da igreja pra pôr lá. Ainda tinha uma redoma de tábuas, pôs ela. O padre João fez trazer ela e pôr aqui. Fez o marido de dona Levina fazer o favor de trazer a imagem e colocar no lugar onde é que você tirou. Ele trouxe ela e pôs aí. Pra devolver, ué! – “Vocês faz o favor de trazer a imagem e colocar no lugar que vocês tirou.” Todo mundo na missa e o padre falando.

Contando com recursos dos moradores da Serra da Mutuca e redondezas e romeiros que vinham principalmente da cidade de Ervália, a imagem que foi devolvida à igreja de Villas Boas por ordem do padre João Bentijes pôde ser substituída por uma

outra, que foi feita de acordo com o pedido de Levina. Irmã Auxiliadora, a madre superiora do Convento das Irmãs Carmelitas, contou que Levina encomendou a imagem de Nossa Senhora a um fabricante de imagens sacras, mas pediu que seu rosto e mãos fossem pintados de branco. Quando a tinta secou, o rosto e as mãos da santa estavam escuros. Este senhor confeccionou nova imagem, mas a tinta branca, após a secagem, novamente escureceu. Levina compreendeu que assim era o desejo de Nossa Senhora. A imagem foi colocada na Capela das Aparições¹¹³, levada em uma procissão que partiu de Ervália e que reuniu inúmeras pessoas e representa Nossa Senhora da Conceição Aparecida, vestida de manto azul.

Orlandina: Aí a Dona Vica mandou, não sei de onde que veio, mas eu sei que passou pra Ervália. Estava muito combate cá. Passou pra Ervália, quando apontou lá no alto da Mutuca lá, que era Mutuca lá, agora que é Santa Montanha, aí começou a soltar foguete na procissão. Muita gente ia lá naquele dia, que freqüentava, gente de Santa Teresinha, de Ervália, desceu, veio cá na terra do Juca Emídio. Eles receberam ela, rezou cá, depois subiu soltando foguete, colocou lá na igreja, está lá até hoje.

Uma mensagem de Nossa Senhora, datada de 13 de dezembro de 1970, fala sobre a expulsão dos freqüentadores da Santa Montanha por Padre João e mostra as dificuldades que a família de Levina e as pessoas que acompanhavam as aparições passaram a sofrer durante os próximos anos.

A justiça que nos espera é a Justiça Divina. Quem esperar a Justiça Divina, alcançará. Meus filhos, confiem em Jesus e em Mim. Vocês foram expulsos da Igreja, mas não do Divino Espírito Santo, por isso vão sofrendo e confiando em Jesus e em Mim, mais tarde vocês vão alcançar a paz.¹¹⁴

Durante o período em que Padre João e Padre Vinícius permaneceram em Guiricema, Nossa Senhora pediu que algumas pessoas fossem conversar com o Bispo Dom Gerardo, pedindo a ele que fosse à montanha para verificar o que estava ocorrendo. Também pedia que as pessoas escrevessem à Diocese de Leopoldina solicitando a intervenção da Igreja para estudar os fenômenos que estavam acontecendo em grande quantidade. Estes pedidos, transcritos por Efigênia Teixeira no Livro de Tombo, mostram que, durante muitos anos, os apóstolos, romeiros, religiosos e moradores insistiram no reconhecimento das aparições de Nossa Senhora e do Menino

¹¹³ Anexo 23.

¹¹⁴ Apóstolos da Virgem Maria. Santa Montanha: 30 anos de aparições, Direitos reservados à Obra da Divina Misericórdia: 1ª edição, 2 de fevereiro de 1966, p.20.

Jesus pela Igreja, através de inúmeras cartas e pedidos a Dom Gerardo.¹¹⁵ A cada pedido, mais aumentava a intransigência do Bispo em relação às aparições. Os relatos dizem que o marido de Orlandina, Tolé, na companhia de Aloísio de Almeida e seu irmão Astolfo e do carioca Padre José Guerra, que passou a frequentar a montanha, foram, em uma ocasião em que polícia de Guiricema esteve na serra, a pedido da santa, conversar com o Bispo em Leopoldina. A reação deste com a visita foi narrada por Orlandina e Teresa Rosa:

Orlandina: O padre José mais o Aloísio, o Tolé, o nome do meu marido é Alberto. O Aloísio, o Tolé e o padre José foram lá no Bispo. Apareceu Nossa Senhora e mandou eles irem lá no Bispo e eles foram lá. O padre falou um bocadinho com o Bispo, mas ele quase bateu neles lá. Dom Gerardo. O padre José que foi. Ele não aceitava a aparição de jeito nenhum. O Bispo ficou muito bravo. Pergunta ao Aloísio. Diz o Aloísio que ele tocou ele mais o Tolé igual está tocando animal. Pra lá assim. Conversou com o padre José um bocadinho, mas não aceitou também, não.

Teresa Rosa: Aí que ela pediu que Dom José fosse lá em Leopoldina pra buscar o Bispo. Astolfo foi também, boba. O pai do padre Estêvão foi também. Mas quase bateu neles. – “Vocês estão chegando? Eu já sei, já sei.” Foi nesse mesmo dia. No dia em que essa polícia esteve é que a Nossa Senhora pediu que o Bispo viesse. A Nossa Senhora falou certo, que eles viessem pra cuidar. Porque têm que ter um Bispo pra cuidar. Mas não vieram. Quase que bateu nele, foi coisa horrorosa pra eles.

Com a expulsão da igreja, Orlandina disse que os seguidores da santa não tinham mais como assistir a missas, que foram substituídas por mensagens ditadas na casa da vidente Levina, onde, durante as aparições, recebiam a comunhão diretamente de Nossa Senhora, chamada por ela de comunhão espiritual.

Orlandina: Nós íamos à missa aqui, não tinha lugar pra nós ir à missa. Depois nós afastou. Nós afastou. Todo dia às 3 horas da tarde, Nossa Senhora ficava presente e ela falava assim: - “Vocês estão recebendo a comunhão espiritual. Nossa Senhora está dando a comunhão espiritual pra vocês.” Isso foi lá na casa dela [Levina], ainda. Nós assistíamos essa aparição lá na casa dela.

Durante quase todo o ano de 1969 e 1970 o Padre João exerceu a função de pároco de Guiricema, impedindo que as pessoas que freqüentavam a Serra da Mutuca

¹¹⁵ Apóstolos da Virgem Maria. Santa Montanha: 30 anos de aparições, Direitos reservados à Obra da Divina Misericórdia: 1ª edição, 2 de fevereiro de 1966, pág. 29: “Peço aos apóstolos que enviem um abaixo-assinado para o Sr. Bispo, dizendo que há cinco anos desejo aqui meus filhos reunidos. (13.12.1971)”. Pág. 37: “Eu sou a Virgem do Céu, peço que os abaixo-assinados sejam ao Sr. Bispo (D. Gerardo, de Leopoldina) (15.03.1975)”. “Filhos, escrevam para os padres, explicando que, nos primeiros sábados e primeiros domingos, Eu estou aqui juntinho com os videntes. Na Santa Montanha, tudo deve ser examinado pelo Bispo”. (15.03.1975)

entrassem na Igreja de São José. Para ajudá-lo a combater as aparições e demonstrações de devoção a Nossa Senhora, ele contou com a ajuda de outro padre também chamado João. João Arrolo passou uma temporada curta na cidade.

Orlandina: O padre João, não sei o sobrenome dele não. O padre João, um grandão, um padre grandão. Tinha dois padres João, um moreninho, tinha um moreninho que ficou pouco tempo aqui, João Arrolo. Ele veio conhecer, estavam os dois juntos. Mas ele foi embora, pegou um carro lá em Rio Branco, sei lá como foi, acho que ele ficou com medo. Medo dos combates, ele foi embora daqui, não ficou não. E o padre João continuou debatendo. – “Eu não vim aqui por conta de Guiricema, eu vim aqui a mandado do Senhor Bispo, para acabar com essa macumba branca lá da serra.” Ficou mais ou menos um ano. Em 69, o padre João já tinha feito os combates dele aí.

Padre Humberto foi o substituto do Padre João. Ao conhecer o local das aparições, passou a participar dos momentos em que a santa se manifestava e além das celebrações de missas, mandou erigir um cruzeiro ao lado da ermida, que muitos anos depois foi transferido para o cemitério que fica à direita da igreja. José Lopes disse que conversava sempre com este padre durante o tempo em que ele morou em Guiricema e que durante a estadia dele, as pessoas que se afastaram por proibição do padre João voltaram a freqüentar a serra.

Eu, conversando com o padre Humberto, ele me disse: - “O que tem vocês irem lá rezar? A gente pode rezar até debaixo de uma árvore.” Com isso, fomos libertados para freqüentar novamente este lugar sagrado, onde nossa querida mãe de Jesus escolheu para colocar seus pés, não olhando a gravidade de nossos pecados.... Padre Humberto é que abriu caminho pra nós poder voltar lá, nós estávamos proibidos de voltar lá pelo Padre João. Ele veio depois do Padre João. Ele falou: -“Não, gente, vem proibir os outros de rezar! Pode rezar até embaixo de uma árvore, porque vocês estão indo lá pra rezar.”

O tempo de Padre Humberto em Guiricema não foi longo, e logo depois Dom Gerardo enviou um padre que chegou mais determinado que João Bentijes a colocar um fim nos acontecimentos da Serra da Mutuca. Este padre se chamava Vínicius.

Como a pressão da Diocese de Leopoldina estava insustentável, no início dos anos 1970 Levina voltou a morar na Terra Fria, zona rural de Ervália, submetida à Diocese de Mariana, que assumiu a posição de não interferir nos fatos que ocorriam na paróquia. A família morou em um povoado chamado Ventania, na casa de sua amiga Perciliana, que também foi um dos doze apóstolos de Nossa Senhora. Logo depois, fez diversas mudanças dentro do município. Nesta ocasião, em Muriaé, cidade próxima a Ervália, muitas pessoas freqüentavam a casa de um menino chamado José Geraldo,

onde também relatavam aparições de Nossa Senhora. A pedido da santa, Levina, Perciliana e Teresa Rosa viajaram até lá e tiveram a oportunidade de conhecer alguns padres, Padre Emílio Soares da Silva, Padre José Guerra, Frei Benigno Dissel, Padre Ademar Ferreira e uma religiosa carmelita, Irmã Ana, que passaram a conviver na Serra da Mutuca e a prestar serviços religiosos à população e aos romeiros. Teresa Rosa contou como ela, Levina e Perciliana conheceram os primeiros religiosos que passaram a freqüentar a montanha. Nesta época, possivelmente em 1975, Padre Vinícius era o pároco de Guiricema e Levina estava morando em Ervália.

Teresa Rosa: Ela [Levina] se retirou daqui, foi pra Terra Fria. Porque ela era de lá mesmo. De lá, nós fomos numa aparição do Zé Geraldo. Nossa Senhora pediu que fosse. Lá em Ervália. Aparecia pra ela lá em Ervália também, mas aparecia no Zé Geraldo, um moço. Então, nós fomos nessa aparição. Alugamos um ônibus e nós fomos lá. É lá que nós conhecemos o padre Emílio, o padre Ferrari, o padre José, a Madre Ana. Lá que nós fomos conhecendo eles. Daí falou da aparição aqui. Aí eles vieram. Foi lá, nessa aparição do Zé Geraldo. Que tinha a Perciliana que ia muito nessa aparição lá. Então ela ia nessa aparição, ela falou. E Nossa Senhora pede a dona Nelvina pra ir. E nós fomos. Depois que nós fomos lá, ficamos conhecendo os padres. Aí os padres começaram vir dando assistência aqui à Santa Montanha.

Embora não tenha havido uma explicação muito clara por parte dos entrevistados sobre os motivos que levaram estes padres que estavam submetidos a uma diocese no Estado do Rio de Janeiro a peregrinar pelo interior de Minas Gerais, o que foi dito por José Lopes leva a concluir que estes religiosos estavam se insurgindo contra as reformas do Concílio Vaticano 2º. Maria e Aldir contaram que Padre José e Padre Emílio abandonaram a diocese a que estavam filiados e, aos poucos, passaram a residir definitivamente na montanha. Com o tempo, vários outros religiosos também se mudaram para o povoado que estava começando a ser construído.

Maria: Mudou pra cá. Eles largaram lá, o padre José largou a paróquia dele lá. Mudou pra cá, veio embora pra cá. O padre Emílio também a mesma coisa. Largou a paróquia e veio embora. Veio embora pra cá. E o frei Benigno também a mesma coisa.

Aldir (Padre Estêvão): Eles vieram, primeiro eles começaram a vim e voltar. Padre José vinha e voltava. Padre Ferrari vinha e voltava, padre Celso, frei Faustino veio também. Padre Capitanelli, vários padres. Depois que foi feita a casa dos padres, o frei Benigno veio e já ficou. O padre Emílio veio e ficou. O padre José, como morava com a irmã dele, foi feita uma casinha separada para ele. Isso foi em 79. Em 81, em outubro de 81 veio o frei Cristóvão, de moradia. E depois passaram vários outros aí, que ficaram por pouco tempo.

Mesmo morando em Ervália, Levina ia com a família todo primeiro domingo e nos dias 15 de cada mês à Serra da Mutuca, acampando no local das aparições. Alguns dos apóstolos sempre faziam companhia à vidente e passavam a noite dormindo em frente à ermida e cozinhando em um fogão improvisado. Os padres, especialmente o padre José, padre Emílio e padre Ferrari, também se encontravam com a vidente no primeiro final de semana de cada mês para celebração de missas na capelinha.

Teresa Rosa: Tinha vez que a gente fazia ali uma trempezinha ali indo pro convento, de pedra. A Efigênia trazia um tacho de vasilha. Era do lado de fora. Não tem uma caixa d'água grande ali? No céu aberto. Pois é, ali fazia uma trempe de pedra e punha comida. Dormia na capelinha. A Orlandina trazia muito leite, fazia café com leite pra nós, porque a gente não se alimentava direito. Não tinha jeito de alimentar direito. Nós ficávamos ali, ali fazia comida. Tinha vez que fazia uma sopa só. Aí fazia uma caçarola grande pra fazer uma sopa pra todo mundo.

A sociedade, como produto da atividade humana coletiva, ao se confrontar como objetividade com o indivíduo, exige dele sua cooperação. O processo progressivo de construção da realidade social força o indivíduo a participar coletivamente dos seus significados objetivados. No processo extremo de objetivação, que é a reificação, a consciência, não mais dialética, compreende a própria atividade como um processo, um destino ou sina. O ser humano apreende-se como facticidade, e embora continue construindo o mundo no qual age, o compreende como *opus alienum*, algo situado fora dele e sobre o qual não é capaz de exercer qualquer controle. A resposta que Orlandina deu a uma pergunta que fiz sobre o período que duraram as penitências pedidas por Nossa Senhora, antes e durante a Santa Revolta, exemplifica a compreensão da inevitabilidade do mundo reificado: “Eu não marquei a data. A gente ia passando por aquele negócio, não sabia o que ia acontecer.”

Em um final de semana, à tardinha, Padre Vinícius, na companhia de outro padre também chamado João, subiu a montanha para impedir a celebração da missa. Conforme foi relatado por vários dos entrevistados, Padre Vinícius se dirigiu ao Padre José, Padre Ferrari e Frei Faustino, ordenando que eles não exercessem suas funções, sob pena de serem levados à polícia. Teresa Rosa e Terezinha Anacleto estavam presentes e assistiram ao que o padre falou:

Teresa Rosa: O padre José vinha e celebrava mesmo. Até o dia que o padre Vinícius veio e tinha um outro padre com ele, um padre baiano, de tardinha assim, era noite já. Que o padre José ainda estava sentado aqui embaixo, ele ia até atender confissões. E os padres, esse padre chegou. O padre Vinícius e

o padre João. Nesse dia, eu estava. Eu assisti à cena dele. Entrou, ficou lá dentro e aí o padre Vinícius falou assim: - “Ó, aqui não vai celebrar, aqui não vai fazer batizado, não vai fazer casamento, não vai fazer nada. Está proibido de fazer as coisas aqui. Não pode fazer nada.” Falou pra eles assim. O padre ficou caladinho, não respondeu nada. E o outro padre estava, o padre Ferrari. O padre Ferrari estava até preparando já pra celebrar a missa. Foi, falou, falou, depois o outro subiu mais em cima, num degrau mais em cima e falou: - “Isso aqui é pura macumba, isso aqui é macumba branca.” Falou assim: - “Vocês prometem de não celebrar, nós vamos embora. Agora, se vocês celebrarem, nós manda a polícia.” Eles foram embora. Ninguém falou nada. Deixou falar sozinho. Eles entraram no carro e foram embora. Quando eles chegaram lá embaixo, o padre Ferrari foi celebrar a missa.

Terezinha Anacleto: No dia que esse Padre João veio de tarde, eu estava. Ele chegou e falou que não era pra celebrar missa, que não tinha nada lá. Falou o que tinha que falar, assim que ele saiu o padre celebrou a missa e nós fomos embora.

O padre Vinícius tomou conhecimento de que, após a sua saída da montanha, tudo continuou da mesma maneira, com os padres celebrando missas, com os romeiros presentes como sempre, Nossa Senhora se manifestando, todos ignorando totalmente o que ele havia dito. Conforme havia ameaçado, o padre requisitou a força policial de Guiricema que, no outro dia, levada por um ministro da eucaristia, subiu a serra e revistou a ermida. Várias pessoas que estavam no local foram chamadas à Delegacia de Polícia e levadas à casa paroquial para prestar explicações a Padre Vinícius sobre o descumprimento de suas ordens. Quem ainda se lembra bem do que aconteceu naquele dia é Teresa Rosa:

E a Irmã, a Madre Ana entrou com eles [a polícia] lá dentro, mostrou tudo as coisas que tinha dentro da capela, o Óleo de Nossa Senhora. Porque tinha o óleo. Mostrou tudo pra eles, eles viram que não tinha nada de mais. Esse Geraldo Miranda, ele era até ministro da eucaristia, veio junto com ele. Aí entrou lá com o boné na cabeça, falta de respeito.

Celebrou, aí quando foi no outro dia, aí veio polícia. A polícia pediu pra não celebrar, se celebrassem então eles iam ser chamados lá. Aí elas foi. Foi a Dona Nelvina, foi a Efigênia, me parece que foi o padre Estêvão ou foi o Astolfo e o Adílio, eles tudo foi lá em Guiricema. Que o padre falou pra ir porque ele celebrou. Se celebrasse, ele ia ser chamado, então eles foram. Mas mandou chamar, boba. A polícia falou que eles tinham que ir. Então eles foram. Atender o chamado do padre. Era o padre Vinícius. A senhora sabe, quando ele viu, eles chegaram na casa paroquial, que eles viram, ele só abriu só a metadinha da porta assim. Que ele viu aquela multidão, ele afundou pra dentro. Eles foram atender, né? Depois eles conversaram, estava tudo muito bem, conversaram, sobressaíram bem, vieram embora.

Padre José, Padre Emílio e Padre Ferrari, apesar do que disse Padre Vinícius, continuaram com as práticas religiosas, ignorando a imposição do colega, e celebravam missas na casa da vidente, em Ervália e na ermida da montanha, quando Levina vinha

na primeira semana de cada mês e também, sempre que ela podia, nos dias 15 e 25, o que atraía sempre milhares de pessoas.

Orlandina: Santa Terezinha, um arraialzinho, depois Ervália. O padre José vinha, celebrava lá. Quando não era lá, ele vinha aqui na Santa Montanha. Eu escrevi um bocado pra não esquecer. O padre José vinha do Rio de Janeiro. Depois que o padre José pegou vim, os padres pegou invocar com o padre José. Os de Guiricema, pegou invocar com o padre José. O padre Vinícius. Depois do padre João, padre Vinícius. E o padre Vinícius também combatia, mesma coisa. Só não era brabão igual o padre João. O padre João só faltava bater nas pessoas dentro da igreja.

Teresa Rosa: Agora lá no local, pegou celebrar depois que levantou aquela capelinha. Foi até o meu cunhado que ajudou a fazer. Levantou aquela capelinha, aí os outros padres começou a celebrar. Aí que começou a guerra toda. Aí começou a guerra porque eles não queriam que celebrasse.

Alguns dias depois que Padre Vinícius foi à montanha, em um domingo, às 10 horas da manhã, quando uma multidão se encontrava reunida assistindo à missa na ermida, Sebastião Ferreira soube que a Polícia Federal, especificamente o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), órgão governamental à época da ditadura militar que se iniciou no Brasil no ano de 1964 e que também tinha a função de repressão a movimentos populares, estava chegando à Serra da Mutuca. A Polícia Federal invadiu a fazenda do Senhor Juca Emídio, subindo a serra e ameaçando com armas todas as pessoas que lá se encontravam. Efigênia, Geralda dos Reis e Inês Florentina (Zita), filha de Efigênia foram presas e colocadas dentro do carro-prisão, que foi trancado e posto sob o sol. Padre José foi agarrado de maneira truculenta pela batina, junto ao pescoço e obrigado a se sentar, ficando sob a mira do fuzil que o policial portava. No local havia cerca de duas mil pessoas que, com o barulho provocado pelas sirenes do carro do DOPS, subiram a serra apavoradas, gritando e correndo para todos os lados.

A reificação provoca no ser humano a compreensão de que os significados humanos são um produto da “natureza das coisas”.¹¹⁶ Tanto os papéis como as instituições são tidos como inevitáveis, levando à identificação da própria identidade com as tipificações atribuídas no mundo social. O mundo das instituições, ao se fundir com o mundo da natureza, torna-se necessidade e destino, não podendo ser alterado ou vivido de outra forma.¹¹⁷ Através do que disse Teresa Rosa sobre o momento em que Sebastião avisou que a Polícia Federal estava subindo a montanha, vê-se o processo de

¹¹⁶ Cf. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 119.

¹¹⁷ Idem. pág. 121.

reificação neste mundo que estava sendo criado. Para aquelas pessoas, não havia como evitar os acontecimentos, pois estes obedeciam ao curso natural das coisas e não dependiam da vontade humana.

Teresa Rosa: Aí o Sebastião falou assim: - “Ó, eu vou avisar vocês, preparem porque vem aquela Polícia Federal aí, a DOPS, é de Belo Horizonte.” Falam: “Deixa vim, uai. Fazer o quê?” Aí, minha Nossa Senhora! Nós estávamos rezando, a Orlandina estava embaixo, a Efigênia também estava lá pra baixo na casa da Lúcia, a Irmã do Espírito Santo que é a Geralda dos Reis estava pra lá e nós estávamos cá em cima com a Dona Nelvina e muita gente. Nossa Senhora! Era uma festa. E com pouco que a polícia chegou. Já veio com aquela zoeirada, zoeirada, buzinando, buzinando e chegou, e foi chegando e botou todo mundo pra correr. Muita gente subiu essa serra, a senhora olhava, essa serra era uma procissão.

Irmã Henriqueta: Eu estava aqui no dia da polícia. Eu tinha muito medo de polícia, não tinha costume com polícia, nem sabia o que era arma de fogo, eu nunca tinha visto, estava sempre na roça. Os pais da gente não tinha nem nada. Aí nós estávamos aqui tudo assistindo à missa, aí chegou a DOPS, o carro de polícia aqui. De dia. Ah, mas foi uma gritaria, gente correndo, todo mundo indo embora. Nós descemos por aqui, aquele monte de gente. O Padre José: - “Vai rezando o terço, vai rezando o terço.”

José Lopes ainda não havia chegado à montanha nesse dia. Quando soube o que estava acontecendo, subiu a serra para ajudar seus amigos e encontrou vários policiais armados de fuzis impedindo o trânsito no local. Quando tentou entrar, foi barrado por um deles que o ameaçou com a arma e o fez desistir.

José Lopes: A Polícia Federal, isso foi mesmo no início. Quando estava a ditadura, a ditadura veio falar assim: “Ah, está aparecendo lá, deve ser o assunto de droga lá, que eles vivem com... gostam de aparição de Nossa Senhora pra iludir o povo, mas aquilo deve ser droga.” Mandou a Polícia Federal cá. Cheguei, tinha um policial em cima de um barranco assim, com a arma na mão, não sei se é fuzil, o quê que é aquilo, aí falou assim: - “Não, volta, não vai não, não vai não.” Estava querendo que obedecesse a ele pra poder cuidar do assunto. Tá. Não vai não. Então eu falei assim: “Não vou não.” Eu voltei pra trás e juntei com as irmãs lá, as moças, as mulher lá que estava lá. Vão rezar lá, vão rezar o Credo lá.

...supõe às vezes que o Bispo mandou, mas eu não posso falar que seja o Bispo não. Eu não posso falar não, que era tempo de ditadura aí. A ditadura é que deve ter, às vezes, falado, né? Então, todo movimento assim, sabe lá se tem um levante lá preparando pra derrubar a ditadura. Então eles voltaram pra cima. Que havia muita gente, naquele tempo estava fervendo de gente. Então, deve ser a ditadura.

Esta conclusão a que José Lopes chegou, de que o DOPS subiu a montanha para investigar o local à procura de pessoas que estavam preparando um levante contra a ditadura e procurando plantação de maconha não encontrou respaldo no que os outros entrevistados disseram. Aqueles que se recusaram a sair da ermida, como Teresa Rosa,

Terezinha Anacleto e Irmã Henriqueta, que desceu e logo voltou, ouviram dos policiais acusações de prática de macumba, do mesmo modo a que estavam acostumadas a ouvir dos padres de Guiricema, João e Vinícius. Também receberam ordens da polícia para “lavar roupa” e procurar o que fazer, mas em nenhum momento foram acusadas de subversão à ditadura militar ou de plantarem maconha e as três mulheres que foram presas não foram interrogadas a este respeito. Também havia o antecedente de Padre Vinícius, que havia ameaçado levar a polícia até ao local das aparições e a presença da polícia de Guiricema levada por um ministro da eucaristia ligado ao padre. A polícia de Guiricema já havia efetuado revista no local procurando indícios de qualquer ato criminoso e nada encontrou, notícia que certamente devia ter sido dada ao DOPS. A conclusão a que se pode chegar, também baseada no que disse Orlandina sobre esse dia, é que a Polícia Federal foi enviada à montanha a pedido da Diocese de Leopoldina.

Teresa Rosa: Depois a Efigênia veio, a Efigênia veio por fora com a Zita e a Irmã do Espírito Santo. Aí eles tacaram ela lá dentro daquele camburão. Prenderam elas, coitadinhas. Eles falou assim: - “Sabe pra onde vocês vão? Vamos levar vocês pro Tribunal.” Elas falou: - “Tribunal de onde? Tribunal aqui da terra, de coisas da terra? Nós não temos medo. Nós não temos medo, não. Nós temos que ter temor do tribunal de Deus. Esse, nós temos que temer ele.” E elas ficaram presas.

José Lopes: Aí, quando chego lá, diz assim: A Polícia Federal está aí, prendeu o Padre José, prendeu Dona Efigênia, prendeu não sei quem lá mais, pôs no camburão, então tá. Pronto. Aí eu cheguei, tinha um grupo de mulher, cá pra baixo assim tinha um pé de cajá grande assim, as mulheres estavam encostadas naquele pé de cajá, hoje não tem isso mais não. Aí elas falaram assim: Ah, a polícia está aí, já prendeu o Padre José, tototô, prendeu a Dina, sei lá, pôs no camburão.

Os romeiros que se encontravam na serra quando da chegada do DOPS correram montanha abaixo ou subiram em direção a Ervália, mas alguns continuaram por perto e também foram detidos. Levina, sua filha Maria, Madre Ana, Jovem, irmã de Henriqueta, Terezinha Anacleto e a própria Irmã Henriqueta, que voltou ao local, testemunharam a violência com que a polícia tratou Geralda, Efigênia, Zita, Perciliana e Padre José. Orlandina não estava neste momento, mas ouviu dos outros o que aconteceu.

Orlandina: A menina da Vica que vive no convento. Geralda. Ela tem apelido de Dina. A Geralda, a Efigênia e a Perciliana foram presas no camburão sem ar. Fechou tudo. Deixou presa e ficou combatendo com o padre lá e caçando tudo lá dentro o quê que tinha lá, que era macumba. Disse que era macumba.

Terezinha Anacleto: Quando foi no outro dia, nós voltamos, que o padre estava aí. O Dom José que celebrou. Esse dia veio só ele com as polícias de

cá. Depois no outro dia que a DOPS veio também, nós estávamos. No dia que a DOPS chegou, todo mundo viu aquele carro assim diferente, já conheceu que era ela, que era eles. Eles chegou, já foi mandando o pessoal afastar, todo mundo afastar, que vieram conversar com os padres. O pessoal ficou tudo assim quieto, ninguém queria sair, mas Nossa Senhora pediu que obedecesse, então o pessoal foi pra descer, então todo mundo saiu, retirou. Ali no trecho que a senhora passa, ali era um vale assim fundo, uns ficou sentado naquele barranco, as mulheres desceu mais pra baixo, deu espaço.

Teresa Rosa: Todo mundo correu, mas nós não correu não. Eu lembro direitinho, eu, a Dona Nelvina. A dona Nelvina e nós, primeiro ela. A Dona Nelvina, o marido dela também ficou pensando assim de fazer alguma coisa com ela. A Madre Ana estava lá embaixo também. Nesse dia, a Irmã estava. Ficou eu, a Dona Levina, a Maria e a Jovem, irmã da Henriqueta. Nós ficamos. Nós ficamos lá dentro do local. Os outros estão correndo, nós ficamos quietos. O Sebastião também ficou mais embaixo. Aí, coitadinho do Dom José, tadinho, a polícia já com aquela metralhadora, pegou nele e fez ele sentar. Tinha uma porção de gente que eles puseram assim. Pegou assim na coisa dele e sentou. Ele ficou amarelinho, sentadinho, caladinho. E a polícia botando os outros, botou todo mundo pra correr. Depois ele virou pra nós. Ele falou assim: - “E vocês? O que vocês ficam fazendo aí? Vão trabalhar, vai lavar roupa. É mandado, tem que fazer mesmo.”

Irmã Henriqueta: Eles falavam: - “Vai embora, as mulheres vai lavar roupa, os homens vão trabalhar na roça. Vocês ficam aqui perdendo tempo não.” Aí nós descemos e ele [Padre José] ficou. Aí estava a madrinha. A madrinha [Levina] também saiu, ficou a Dona Efigênia, a Irmã do Espírito Santo e a filha da Dona Efigênia. Dom José, eles pegaram ele e sentaram ele aqui na escadinha, fiquei com uma pena dele, ainda vi toda essa cena.

Efigênia contou a todos, depois de libertada, que o calor e o abafamento que sentiram quando ficaram presas dentro do carro-prisão, de repente foram substituídos por uma temperatura amena, com a presença de Nossa Senhora ao lado delas. Também neste episódio verifica-se a continuidade da produção do mundo, dentro do processo de reificação.

Irmã Henriqueta: Aí, depois que a DOPS foi embora. Prendeu a Dona Efigênia no camburão com a Irmã do Espírito Santo e filha dela, a Zita. Ficou presa, acho que mais de uma hora. E a Dona Efigênia falou que Nossa Senhora assistia, porque lá no lugar onde que eles prendem os presos é quente, fechava tudo, punham pra castigar elas. Mas elas não sentiram nada. Nossa Senhora ficou presente. Disse ela que Nossa Senhora dava aquela brisa, aquela fresca lá dentro, deu aquela paz nelas.

Teresa Rosa: E elas não podiam, que elas ficaram separadas assim. Mas viu que Nossa Senhora, uma delas viu que Nossa Senhora que estava mandando aquele ar frio pra elas lá dentro. As três.

Aloísio de Almeida estava presente no momento em que a Polícia Federal chegou à Santa Montanha, portanto metralhadoras e amedrontando todos os que lá se encontravam. Sua indignação ao relatar estes fatos, mesmo após quarenta anos dos

acontecimentos, revela a intensidade com que o Bispo Dom Gerardo usou de todo e qualquer recurso a seu alcance para impedir as manifestações de religiosidade na Serra da Mutuca.

Aloísio: Vou falar com vocês, se estivessem plantando droga lá, está certo de ir. Rezando?! Polícia tudo com metralhadora assim. Você via revoltado, Nossa Senhora. Fiquei revoltado. Se eu tivesse uma arma pra matar todo aquele policiamento, eu matava eles tudo na hora. Tanta raiva, de ódio que eu fiquei daqueles homens. – “Ih, rapaz, você está ficando doido, ô polícia. Você levando a metralhadora no padre José, rapaz! Isso é um santo. Isso é um santo, doutor. Tem que acabar é com aquele padre lá de Guiricema. Tem que acabar com aquele padre de Guiricema lá, aquele é o demônio que está lá. Tinha que acabar com ele lá. Pega aquele padre e consome ele de lá. Nós devia matar aquele trem, aqui é a coisa mais linda que tem aqui. Quem não conheceu Nossa Senhora Aparecida, rapaz? Aquele padre, consumir aquele padre lá. Se vocês não tirar ele de lá, nós vamos tirar ele.”

As três mulheres e Padre José foram libertados pelos policiais federais que, após dispersarem o movimento, saíram do local. Logo que desceram, Padre Ferrari mandou passar uma corrente com cadeado no Porteirão, que fica a meio caminho da montanha e que dá acesso ao local onde está localizada a ermida, para impedir nova entrada dos policiais na propriedade particular, que havia sido invadida arbitrariamente, sem um mandado judicial. Por ordem de Nossa Senhora, Padre Ferrari retirou o cadeado.

Teresa Rosa: O padre Ferrari foi lá embaixo na porteira, naquele Porteirão e mandou amarrar ela com um cadeado lá. Pra elas [Polícia Federal] não passar pra cá. Aí Nossa Senhora mandou: - “Vai tirar, abrir lá, deixa que eles venham.” Nossa Senhora falou, então desce e conversa com o padre Ferrari. Que o padre Ferrari era cabeçudo mesmo assim das coisas. Ele entendia muito bem. Ele era do Rio, nem sei adonde foi o lugar que ele morava, não.

A segunda investida da Polícia Federal aconteceu alguns dias depois. Foi Orlandina que contou o que ocorreu e neste momento seus olhos se iluminaram ainda mais revivendo o que enfrentou em companhia do Senhor Juca Emídio. Através de suas palavras pode-se visualizar o que foi vivido por ela e compreender que a única finalidade do DOPS na Serra da Mutuca era dispersar o movimento em torno das aparições de Nossa Senhora com a expulsão dos padres do Rio de Janeiro. Ainda nesta noite, estes padres foram levados novamente pela Polícia Federal para conversar com Padre Vinícius na casa paroquial, sendo expulsos de Guiricema por ele sob ameaças de prisão.

Já era noite e Orlandina estava na casa de Juca Emídio, sogro de sua filha Lúcia, quando ouviu a sirene do carro da Polícia Federal passando pela fazenda, acompanhada da polícia de Guiricema.

Orlandina: Quando foi de noite, já tinha escurecido. Eu estava sozinha com o Juca Emídio, o Juca Emídio era velho. Estava sozinha com o Juca Emídio e a mulherzada estava tudo pra santa. Lá pra igreja. Eu mais a Lúcia, o seu Juca estava lá, eu tinha feito janta pra eles, esperando pra vim jantar. Aí escutei aquele Xiiiiimm lá embaixo na porteira. Era um carro da polícia, do tamanho de um ônibus. Você sabe que carro que é, né? Aí eu falei assim: - “Ih, seu Juca, mas o negócio na Santa Montanha está bom, que nunca vi tanto carro, está subindo carro demais pra lá.” E apontou esse carro com sirene tocando. Já tinha anoitecido. Quando subiu, foi direto lá pra Santa Montanha.

A cena que havia já ocorrido durante a invasão do DOPS se repetiu com a polícia chegando, novamente assustando todo mundo, espalhando a multidão que lá se encontrava, gritando e ameaçando os padres que estavam no local. Tolé, que foi assistir à missa, quando viu a chegada da Polícia Federal, pediu que saíssem do lugar e fossem todos à fazenda do Juca Emídio para conversarem:

Orlandina: O Tolé falou: - “Aqui, vocês podiam atender um favor que eu vou pedir. Aqui é o local de Nossa Senhora, o pessoal está aqui por conta de oração, rezando, vocês não querem fazer o favor de nós descer, todo mundo, os padres, de nós conversar isso lá na fazenda do Seu Juca, não?”

Padre José, neste momento, estava celebrando a missa. Os policiais concordaram com o pedido de Tolé que, junto com os outros padres, Padre Emílio, Padre Ferrari e Frei Faustino, desceram para a fazenda. Padre José acabou de celebrar a missa e desceu atrás deles. A polícia chegou primeiro, assustando o Senhor Juca e Orlandina:

E desceu mesmo, o camburão igual ao ônibus. Aí eu vi que ele estava chegando no terreno assim, tudo escuro, aquela luzinha ruim do moinho, era luz de moinho, sabe? Aí falei assim: - “Seu Juca, o negócio está ficando sério, um ônibus cheinho de polícia, a polícia tudo estranho.” O Juca Emídio falou: - “Vai lá não, porque eles são muito atrevidos. Deixa eu ir sozinho.” O seu Juca era muito velho. Falei assim: -“O senhor não vai sozinho, não. Vou alumiar a escada, vou acender uma vela pra alumiar a escada pro senhor, pro senhor não cair lá.” Nessa escada da fazenda. Mas ele falou assim: -“Você não vai lá não, porque eles são muito atrevidos.” - “Não tenho medo de polícia atrevida não, eu vou alumiar pro senhor.”

A conversa dos policiais girou principalmente em torno dos padres. Juca Emídio foi interrogado sobre o porquê de permitir a presença deles e de todo aquele contingente de pessoas em sua propriedade. Enquanto isto, aqueles que estavam presentes para assistir à missa e à aparição de Nossa Senhora e haviam corrido com a chegada da

polícia, voltaram e se aglomeraram no terreiro da fazenda, junto com vários moradores de Villas Boas que não frequentavam a montanha, mas foram atraídos pelas luzes e sirenes da viatura. Levina e Efigênia Teixeira também desceram com Tolé e os padres, e foram todos levados pela Polícia Federal até a casa paroquial, onde os esperava Padre Vinícius. Levina, Perciliana e Efigênia não foram intimadas a comparecer à presença do Padre Vinícius, mas decidiram acompanhar os padres José, Ferrari e Frei Faustino.

Orlandina: Então, o padre estava acabando de celebrar a missa, todo mundo descer. Aí o padre acabou de celebrar a missa, eles desceram. O padre desceu por dentro, a pé. Antes dele descer, a polícia desceu primeiro pra poder esperar ele acabar de celebrar a missa. Aí eles entrou e falou assim: - “Nós vamos conversar com os padres, tirar esse padres aí pra fora.” Dalí a bocadinho, chegou o padre Ferrari, chegou o Tolé, chegou o padre José, mas o padre José chegou por dentro com uma bolsa, com o Santíssimo exposto dentro na bolsa, que ele tinha que celebrar a missa, deixou o Santíssimo exposto dentro da bolsa. Falou comigo: - “Escute, você não tem lugar pra você esconder esta bolsa pra mim, não? O Santíssimo está dentro da bolsa e eles são muito atrevidos.” Falei: - “Onde que eu vou enfiar essa bolsa, padre? Eles vão mexer pra todo lado aí.” Eu lembrei da despensa, na cozinha, uma despensa na cozinha, eu falei assim: - “Pode pôr aqui atrás da porta, que tem um chaveiro.” Ele falou: - “Aí está bom. Aí está bom que eles não vão mexer.” Menina, precisa você ver. Perciliana, Efigênia, aí, nestas alturas que foi policiamento pra lá, os pessoal que não estava indo pra lá com medo dos combates - ele afastou o pessoal da igreja, muitos afastou - foi tudo. Pra ver o que ia acontecer. Foi pra ver o que ia acontecer. O terreiro encheu, nossa, tanta gente que estava lá, os que estavam chegando pra ver o que a polícia ia fazer. O padre Ferrari falou assim: - “O padre José não vai não, que ele está velho. Nem o frei Faustino. Quem vai é eu, eu que vou responder por eles.” Padre Ferrari, um altão. Eu vou responder por eles. “Então vamos.” Tinha até o Zé Soldado de Guiricema, um que queria mandar também, sabe? Entraram tudo, eles foram na frente. A polícia de Guiricema. A Dona Vica falou assim: - “Compadre Tolé, isto é com nós também, a Perciliana e a Efigênia, nós temos que apoiar o padre José, ele não pode ir sozinho não.” Entrou Dona Vica na caminhonete, o Tolé foi atrás na caminhonete. Dona Vica, Efigênia, Perciliana e mais alguém que quis ir. E a Dona Vica com um raminho de flor na mão assim, falou: “Comadre, reza pra nós aí.” Eu ia rezar com aquela zoeira na cabeça, de tanta gente, tanta zoeira?! - “Reza pra nós aí.” E foi. Chegou lá em Guiricema, o padre Ferrari chegou e o pessoal foi atrás, o pessoal curioso foi atrás pra ver o que ia acontecer. Chegou lá, o padre - qual que eu falei o nome derradeiro dele aí? - Padre Vinícius. O padre Vinícius chamou o padre Ferrari, pôs o padre Ferrari pra dentro da casa paroquial, fechou a porta e ficou conversando os dois. E eles ficaram lá esperando, o Tolé mais Dona Vica, Efigênia. Não sei o que eles conversaram lá... Pra eles conversarem. Pra conversar. - “Eu respondo pelos outros.” Padre Ferrari era muito mandão também. - “Eu respondo pelos outros dois.” Todos os três eram do Rio. - “Eu respondo pelo padre José e pelo padre Emílio, eles estão velhos e doentes, eles não vão lá, não. Padre José, padre Emílio. Eles estão velhos e doentes, eles não vão lá não.” E desceram. E as mulher foi junto. Que estavam acompanhando, foi junto. Chegou, passou o padre na frente, conversou, conversou lá e falou: - “Amanhã, quero que o senhor retire lá pra fora.” O padre falou assim com

ele: - “Amanhã o senhor retire lá pra fora.” Esse padre de Guiricema, padre Vinícius.

Depois da conversa a que foram obrigados pela Polícia Federal, em que Padre Vinícius exigiu que os outros padres voltassem para o Rio, Padre José e seus amigos subiram a montanha e, para evitar maiores conflitos, no outro dia, pela manhã, foram embora, levados de carro por Tolé.

Eles vieram embora. Quando chegou lá em cima, o padre quer que retire daqui pra fora. Não pisar aqui mais não. Quando foi nove horas da manhã, o padre pediu o Tolé, que nós tínhamos caminhonete, o padre pediu pra levar eles lá em Ervália, nós passamos por aqui. Por uma estrada que tem aqui. Daqui tem uma estrada que passa. Mandou que retirasse os padres da Santa Montanha. Não queria os padres na Santa Montanha. Quando foi nove horas, o padre chamou o Tolé, montaram no carro do Tolé e foram pra lá. Pra Ervália. De Ervália pegou carona pro Rio de Janeiro.

A partir desse dia, Padre José, Padre Ferrari, Padre Emílio e Frei Faustino passaram a ir à montanha sem atravessar a cidade, na maioria das vezes. A polícia mantinha vigilância na entrada de Guiricema, impedindo que eles chegassem à Serra da Mutuca. Como Levina já havia se mudado para Ervália, as missas eram celebradas em sua casa onde também continuaram acontecendo as aparições de Nossa Senhora. No primeiro domingo de cada mês e nos dias 15 e 25, quando todos seguiam para a montanha, o único caminho que permitia seu acesso era atravessando a Serra da Mutuca a partir de Ervália.

Orlandina: Sabe onde mora a minha irmã, a Teresinha, na saída do Rio Branco? Eles ficavam ali, esperando a condução pra ninguém ver ele, o padre José. Ele não estava dando as caras pro outro padre saber por onde ele estava andando, não. O padre José vinha do Rio de Janeiro, teve umas vezes que o Tolé teve que levar ele passando pela serra aqui pra não passar no Guiricema, por causa dos padres de Guiricema. Brincadeira, minha filha, você precisava ver como o trem estava feio depois que teve um combate lá, da polícia de Guiricema com os padres.

O Livro de Tombo, ao transcrever as mensagens da santa, também conta a história da perseguição sofrida por aqueles que acompanhavam as aparições e seguiam os pedidos de Nossa Senhora. No final de 1968, os “combates” entre a Igreja e os fiéis ainda não haviam se iniciado, mas seus seguidores já estavam sendo alertados para os problemas que iriam surgir.

Os apóstolos de Nossa Senhora que foram escolhidos por Nossa Senhora eles pensam que vai ser traído um só? Eu escolhi meus apóstolos, só 12 apóstolos que estão preparados para sofrer com a minha santa aparição.¹¹⁸

Em muitos lugares não pôde seguir minha santa aparição. Aqui no meu lugar na Santa Montanha, meus filhos não pode ter medo: conseguir, minhas palavras e de Jesus não volta atrás, a minha missa é às 10 horas no dia de Natal não pode ter medo conseguir meus filhos, o demônio não tem parada, está procurando um lugar para ele.

Credo, credo, credo. Para quê que responde o credo 3 vezes? É para esmagar o capeta, preparai as minhas famílias, nós temos que combater para aumentar a santa religião. Eu estou preparando os meus filhos quem estiver preparado está comigo, quem zombam destas mensagens será encontrado no inferno.¹¹⁹

Na pág. 123 do 1º Livro de Tombo, em 21 de fevereiro de 1971, Nossa Senhora fala da pressão que seus apóstolos estavam sofrendo. Também uma mensagem datada de 20 de fevereiro de 1969, logo após a chegada de Padre João a Guiricema, ela se refere à oposição que seus seguidores começavam a sentir:

... quem confia nas palavras de Jesus e Maria Santíssima pode resistir tudo a quem merecer, meus filhos só peço não renegarem as minhas palavras as palavras é da Virgem Maria Santíssima, a Virgem Maria Santíssima vai explicando se houver mais alguns aperto vocês vão me renegar?¹²⁰

Não tenham medo, pois Eu ajudarei a Santa Revolta!¹²¹

As invasões da polícia na montanha foram diminuindo aos poucos. Mas durante muitos anos, os padres foram proibidos de passar por Guiricema a fim de chegarem a serra. Acredita-se que foi por ordem de Dom Gerardo que um padre chamado Sebastião, que trabalhou com Padre Raimundo na paróquia de Visconde do Rio Branco, ia constantemente a Villas Boas para investigar o movimento que não foi detido, apesar do envolvimento da Polícia Federal através do DOPS e da pressão que Padre Vinícius exerceu sobre seus paroquianos e moradores de Guiricema. Foi Teresa Rosa quem disse em sua entrevista: - “Esse padre, mas ele combateu muito, mas não venceu. Ninguém parou. O povo vinha todo mês.”

Orlandina: Continuou a polícia uns dias ainda. Depois, tinha um padre Sebastião, esse padre Sebastião morava em Rio Branco. Ele ficava encostando, pegando passarinho naquelas vargens, acho que ele estava pesquisando, sabe? Pra polícia de Guiricema. Fazia com coisa que estava pegando passarinho por aquelas vargens afora, foi muito tempo. Vigiando.

¹¹⁸ Anotação no 1º Livro de Tombo, datada de 17 de novembro de 1968.

¹¹⁹ Idem. Em 13 de dezembro de 1968.

¹²⁰ 1º Livro de Tombo, em anexo.

¹²¹ Apóstolos da Virgem Maria. Santa Montanha: 30 anos de aparições, Direitos reservados à Obra da Divina Misericórdia: 1ª edição, 2 de fevereiro de 1966, p. 17.

Depois, não deu conta mesmo, largou pra lá. Depois do Dom Gerardo, os outros não envolveram muito não.

Padre Vinícius permaneceu como pároco da cidade de Guiricema até o ano de 1983, conforme disse Irmã Lourdes em sua entrevista. Teresa Rosa contou que, tempos depois destes acontecimentos, ele arrependeu-se de seus atos e foi um dia à montanha para se desculpar:

Ele se arrependeu. Ele falou que ele era mandado, o Bispo mandou que ele fizesse. Ele era da Paróquia, aqui. A Paróquia aqui pertencia a eles, o Município. Então ele arrependeu, ele falou que era mandado. Com a Esperança que ele ainda falou. Uma vez que ele veio aqui. Ela falou: “Pois é, Padre Vinícius, o senhor também aquela vez o senhor veio, atacou tanto a Santa Montanha”. – “Mas eu fui mandado”. Que depois disso ele voltou aí. Ele veio aqui. Veio. Muita gente era mandado. Tinha que falar. Aí ele falou.

Em 1977, Levina já havia se submetido ao exame médico que provou sua sanidade mental e, na companhia do Menino Jesus Celeste, retornou à montanha.

2.3 Da construção do mundo

2.3.1 Dos religiosos

Quando Levina voltou a residir na Serra da Mutuca com sua família, em 1977, os padres José Guerra, Emílio, Frei Benigno e Irmã Ana já estavam há dois anos acompanhando as aparições de Nossa Senhora e passaram a residir na montanha, na Casa dos Padres e no Convento, que foram sendo construídos aos poucos.¹²² Padre Ferrari e Frei Faustino iam para lá quase todos os finais de semana, nos dias em que ocorriam as aparições. Depois que o atestado de sanidade mental de Levina emitido pelo SNDM foi enviado ao Bispo Dom Gerardo, com exceção dos sermões dos padres de Guiricema contra as aparições e seus seguidores e os cuidados dos religiosos que vinham do Rio de Janeiro e de outras cidades para não se encontrarem com a polícia e não serem vistos na cidade, não aconteceu mais nenhum enfrentamento com a Diocese de Leopoldina no local. Nos anos 1980, os dois incêndios ocorridos, que consumiram toda a vegetação e fauna exuberantes da serra, foram atribuídos a um ato de algum desconhecido ou, em hipótese menos provável, a um acidente decorrente da época de

¹²² Os motivos que levaram estes religiosos a abandonarem as dioceses, as congregações e ordens a que estavam vinculados e sua posição em relação às reformas instituídas pelo Concílio Ecumênico Vaticano 2º não foram abordados nesta pesquisa. O que se levou em consideração foi a participação destes religiosos na criação deste mundo Santa Montanha e como a presença deles foi apropriada pela população para a construção social desta realidade.

seca. A possibilidade de que o incêndio possa ter sido proposital é reforçada pelo fato de que, logo que o fogo começou a consumir a vegetação, e mesmo antes que todos os moradores e visitantes o tenham percebido, um avião, que ninguém sabe dizer de onde veio, ficou sobrevoando a serra, alertando sobre o perigo. O segundo incêndio, em 1985, foi mais devastador que o primeiro, não deixando qualquer vestígio de vegetação, chegando a queimar parte de algumas casas.

Irmã Henriqueta: Aí depois, não sei se no outro ano, se não me engano, eles tornaram a botar fogo, eu não sei se lá de cima o fogo. Mas queimou a Santa Montanha inteirinha. Inteirinha. O pessoal lá de baixo falou assim: - “Pronto, o fogo tomou conta da Santa Montanha, era aquele fumaceiro.” Não, não sei se foi gente mesmo maldoso que fez isso. Era véspera de primeiro domingo e vinha gente. Queimou os canos d’água tudo. Tinha tanta gente aqui, os pessoal de fora ajudou até a apagar fogo. Nossa, foi uma tragédia, aquele fogaréu na Santa Montanha. Queimou os bichinhos de extinção que tinha aí, foi a maior judiaria. Árvore de lei, queimou muita coisa aí. Queimou a Santa Montanha inteirinha. Pra conseguir apagar, teve que apagar por ele mesmo, não conseguia apagar fogo não. Era muita raça de fogo. Não tinha como apagar, o mato estava seco demais, era época de seca. Nossa Senhora, foi um horror! Foi pulando, o fogo ia queimando, queimando essa parte aqui embaixo tudo. Queimou tudo na Santa Montanha, não ficou um lugar sem queimar. Foi alguém que pôs. Depois ficou passando de avião por cima, que eu acho que esse fogo veio lá de cima, falando assim: - “Sai daí de Santa Montanha, sai daí que vocês vão queimar.” E tampou o avião bem baixinho, gritando: - “Sai daí, gente, que vocês vão queimar, morrer queimado.” Estão desconfiados, nós desconfiamos que eram eles que tinham posto. Apagou por si mesmo, porque não tinha mais nada pra pegar.

A vida cotidiana é sentida como realidade através da interação social, na maneira como são partilhadas as experiências. A encontrar o outro, na situação face a face, a subjetividade deste outro torna-se acessível a mim, tornando mais real a minha subjetividade e as tipificações da realidade cotidiana são apreendidas na maneira como esse relacionamento ocorre. A minha própria subjetividade passa a ser percebida através da atitude que o outro manifesta sobre mim. “É tipicamente uma resposta ‘de espelho’ às atitudes do outro”.¹²³

... na maior parte do tempo, meus encontros com os outros na vida cotidiana são típicos de duplo sentido, apreendo o outro *como* um tipo, e interatuo com ele numa situação que é por si mesma típica.¹²⁴

¹²³ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 47.

¹²⁴ Idem. pág. 49.

O processo de interação social no mundo em formação se dá também, e principalmente, através da conversação. Faustino Teixeira, ao analisar a obra de Berger, observa que

Esta tarefa de construção social do mundo não é, porém, um empreendimento isento de dificuldades. Enquanto processo de ordenação e nominação da experiência, ele pressupõe o estabelecimento e manutenção de uma conversação permanente do sujeito com os outros significativos implicados no processo de socialização. A *conversação* ocupa para Berger um lugar decisivo na afirmação da plausibilidade do mundo socialmente construído. É através dela que ocorre a apropriação do mundo objetivo pelo sujeito, bem como a manutenção do mundo como real para ele.¹²⁵

O outro é apreendido através de esquemas tipificadores e quanto mais próximas as relações, no encontro face a face mais maciça se torna a realidade que é compartilhada. A soma destas tipificações é a estrutura social sobre a qual a realidade da vida cotidiana se assenta. Os produtos da atividade humana, partilhados em comum, ao mesmo tempo em que se apresentam como objetos existentes no mundo cotidiano, são também objetivações da subjetivação humana, que contém significados que são compreendidos através da linguagem. A linguagem ordena e estrutura os acontecimentos e seu acervo social de maneira lógica dentro dos setores da vida diária onde a realidade se apresenta, permitindo a construção de uma história compartilhada. A vida conjunta, através de rotinas consideradas certas pela apropriação dos papéis do outro, determina o próprio desempenho, e a interação das ações, a divisão do trabalho e a formação de hábitos expande o mundo compartilhado. “Em outras palavras, um mundo social estará em processo de construção, contendo nele as raízes de uma ordem institucional em expansão.”¹²⁶

O processo de expansão do mundo que estava sendo criado na Serra da Mutuca pode ser observado nas rotinas e na identificação dos papéis com a objetividade das ações das pessoas envolvidas, em que cada indivíduo apreende a realidade através do trabalho conjunto que foi dando origem a uma história comum.

Maria: Tinha missa às 5 horas, tinha 6 horas, tinha à tarde, tinha com os horários que a gente dava para assim, pra quem trabalhava, já tinha os horários.

¹²⁵ TEIXEIRA, Faustino (Org.) in Sociologia da Religião. Petrópolis: Vozes, 2003, pág. 224/225.

¹²⁶ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 80.

O Menino Jesus Celeste, que já havia sido introduzido neste mundo que estava se formando, dividindo as atenções com sua mãe, conforme dito pelas pessoas entrevistadas, passou, junto com Ela, a convidar diversos religiosos para residir na serra. Depois que os devotos de Nossa Senhora foram expulsos da Igreja pelos padres João e Vinícius e da resistência do Bispo Dom Gerardo em reconhecer as aparições e seu esforço para reprimir as manifestações de devoção à santa, não restou a estas pessoas outra alternativa a não ser praticar sua religião, vivendo sua fé fora dos domínios institucionais.

Um episódio ocorrido com Levina, logo após uma das invasões da montanha pela polícia, foi narrado por Teresa Rosa. Em seguida à retirada dos policiais, a vidente entrou em estado de êxtase durante a aparição da santa. Padre José e várias outras pessoas procuraram o Bispo Dom Gerardo em Leopoldina, cidade que fica distante de Guiricema a menos de cem quilômetros, pretendendo levá-lo a presenciar esta manifestação especial de Nossa Senhora à vidente. O que se seguiu à chegada de Padre José e alguns moradores, desacompanhados do Bispo, que era esperado por todos, mostra um momento em que já se verificava a ruptura da comunidade religiosa que se formava na serra com Igreja Católica como instituição.

Teresa Rosa: Aí quando nós estávamos esperando o Bispo chegar, eles chegaram, logo fizeram uma fila de um lado e de outro. Nós fizemos aqui, desde lá dentro da Capela. A Dona Levina ficou lá dentro da Capela e ela deitada lá, só tampada com um lençol. E todo mundo com a vela acesa, de um lado e de outro, esperando o Bispo chegar. Chegou o padre José sem nada, e os outros que foram com ele. Nada. Aí ela falou: - “Não veio, mãe?” Nossa Senhora é minha mãe. Aí Nossa Senhora falou assim: - “Eles não vieram então ficam chupando o dedo.” Lembro disso direitinho. Não vem pra tomar conta, então os outros iam tomar conta. Os outros que iam tomar conta.

Os apóstolos, moradores e romeiros, pedindo esmolas e contribuindo com seus próprios recursos financeiros e mão de obra, em regime de mutirão, iniciaram as construções na montanha¹²⁷ com o pouco que possuíam e conforme pedido por Nossa Senhora em várias de suas mensagens. As entrevistas dizem que as aparições de Jesus não tinham data nem hora marcadas para acontecer e a vidente Levina passou a se dedicar inteiramente a suas ordens. O Menino Jesus vivia na montanha entre as pessoas e foi ele e Nossa Senhora que determinaram onde seriam construídas todas as casas, o

¹²⁷ Anexo 24

santuário, o convento e o seminário. Também era só com a autorização deles que as pessoas podiam se estabelecer no local.

Maria: Isso aí... porque quando mamãe estava viva, pedia ao Menino Jesus. Pedia Jesus, Jesus aprovava, marcava até o lugar de fazer até casa. Que tem muita casa aqui que foi a casa marcada, Jesus que marcou.

Quando Teresa Rosa e sua mãe Dona Elvira fizeram sua mudança definitiva para a montanha, como já foi dito, não havia lugar disponível para que elas morassem. Ela contou que o local da casa onde ela reside há muitos anos e onde conversamos durante a entrevista, foi marcado por Nossa Senhora e nele havia apenas algumas paredes com um forro de tábuas. O Menino Jesus pediu a algumas pessoas que tomassem providências para conseguir o dinheiro para dar andamento ao término da casa e foi ele que supervisionou o trabalho de construção.

Teresa Rosa: Aí já tinha marcado o lugar da minha casa. Isso aqui foi marcado por Ela. Nossa Senhora. Marcou. Perto da Maria de Lourdes, em frente a uma pedra grande. Essa casa aqui. Jesus tinha falado pra mim, se você não der expediente na sua casa, eu vou pôr você do jeito que está lá. Vê como ele apertou pra mim. Pra mim e mamãe. Vocês vão entrar lá do jeito que está. Não tem telhado, só estava assim ripado, não tinha piso nenhum, não tinha nada. Falei assim: “Jesus, como que vai fazer, não tem nada lá, Jesus.” Ele falou assim: “Você confia em mim?” Falei: “Confio.” Aí chamou a Aparecida Grande, chamou a Gema, olha, de repente, saiu tudo. Elas fizeram uma lista de tudo o que precisava. Telha, as coisas pro banheiro, as coisas pro fogão, até forno no fogão teve. O fogão que eu tirei. E nisso o moço [pedreiro] tinha chegado e Jesus falou assim: “Olha, só emboça o banheiro e quarto seus e o resto deixa que depois, só depois que vocês entrarem lá vai acabando.”

O dinheiro para construir a casa onde a família de Levina passou a morar foi conseguido por Orlandina, pedindo esmolas com Maria de Lourdes, uma catequista carioca que conheceu Levina em Muriaé na aparição de Nossa Senhora ao menino José Geraldo, e que também se tornou um de seus apóstolos:

Orlandina: Primeiro fez a igreja. Ela vinha de Ervália, cozinhava lá debaixo do fogão de barro que ela fez. Aí a Dona Levina chegou lá em casa com o Menino Jesus e falou assim: - “Jesus veio cá pra você levantar dessa cama aí e ir comigo pedir esmola pra fazer minha casa na montanha.” Fui a Mirai, fui em Guiricema, fui no Seu Zé aqui embaixo, que aqui não podia pedir que o pessoal não acreditava por causa dos padres. Ainda eu tive que andar pra outro lado. Eu ia pras roças. Eu tirei um bocado, Maria [de Lourdes] tirou um bocado no Rio, ela morava no Rio, nessa época ela morava no Rio ainda. Ela tirou um pouco no Rio, eu tirei um pouco aqui e mais os apóstolos davam também, davam as coisas, dava pra fazer, dava pra companheiro, pedreiros, né? E construiu a casa dela.

Teresa Rosa narrou como ela e Levina fizeram penitências na intenção de obter recursos para a construção da casa para a moradia da família da vidente. Este mundo, ao mesmo tempo em que era construído em seu aspecto físico, expandia-se também em significados simbólicos. Conforme Berger e Luckmann, a legitimação não só explica a ordem institucional em seus imperativos práticos, mas também impõe validade cognoscitiva às suas objetivações.

O dia desses nove dias nós fomos parar lá no Juca Emídio, lá no Recreio que ele morava, pra baixo de Villas Boas. Um sol quente que estava estalando. Nós fomos lá. Lá Nossa Senhora esteve presente também, na casa dele. Jesus não deixou nós tomar nem um copinho d'água em lugar nenhum, era pra fazer uma penitência. Subimos a serra, tomamos água. E nesse dia aí que nós terminamos, nós subimos a serra de tarde, elas ficaram tudo na minha casa. Nós ficamos, no outro dia que eles foram embora. Aí foi nossa penitência. Até fazer a casinha dela ali.

Logo depois que a casa de Levina ficou pronta, os padres, que se hospedavam na fazenda com Aloísio, passaram a ficar na casa da vidente sempre que vinham para celebrar missas, muitas vezes dormindo no porão. O 2º Livro de Tombo fala várias vezes sobre o Padre Dante, a partir de 1976, mas nenhum dos entrevistados fez menção ao seu nome. Também Padre Celso Caucig é citado repetidas vezes no mesmo Livro e na mesma época, como também por vários dos entrevistados. Teresa Rosa contou que ele residiu na montanha durante um período.

Orlandina: Dom Gerardo viu que não teve jeito mesmo, eles parou. Dom Gerardo é que era o bispo. Parou de mandar. (...) Depois que os padres começaram a tomar frente mesmo, os padres tomou a frente, os padres não respeitou isso não. Padre José, Padre Emílio, Frei Benigno, e o Frei Agostino - Frei Agostino eu só vi uma vez, que ele era muito velhinho - esse padre, ele... o padre José, ele não baixou a potoca pra padre de Guiricema, não, sabe? Depois que os padres tomou providência. Os padres tomou providência, fez a Casa dos Padres, o padre tomou providência. Aí tinha padre morando aí. Cuidando das coisas de Nossa Senhora. Veio as Irmãs...

Há uma anotação no 2º Livro de Tombo, datada de novembro de 1976, que se refere a uma mensagem vista em uma folha por Teresinha S. Fernandes, que confirma o que disse Orlandina sobre a liderança assumida pelos padres do Rio de Janeiro: “Padre José não vai embora ele vai tomar conta das aparições da S. Montanha.”

Teresa Rosa e Maria cozinhavam e ajudavam no serviço das casas. O Senhor Juca Emídio já estava idoso e se mudou da serra, deixando Aloísio e sua esposa Lúcia na sede da fazenda, que forneciam alimentação para os padres, com a ajuda das outras mulheres. Para evitar maiores problemas, ele decidiu doar meio alqueire de terra no

local das aparições, para ser utilizado por uma instituição a ser criada que, no início, se chamaria Obra de Nossa Senhora.

Orlandina: O Senhor José Emídio, vendo essas pessoas todas, resolveu doar este lugar. Resolveu doar assim: aperto de padre, aperto de polícia e ele no meio ali, que o terreno era dele. Ele resolveu doar o terreno ali, o local. Meio alqueire ali, mais ou menos meio alqueire para a Obra de Nossa Senhora.

Aloísio: O pai doou só o lugar de fazer a igrejinha lá, onde é que Nossa Senhora apareceu lá. Papai doou um meio alqueire pra santa ali. Pra Santa Montanha. Tem a igreja grande e tem a outra capoeirada cá, não tem? Pois é. O pai doou aquele pedaço maior todinho ali.

O que foi arrecadado pelos apóstolos em dinheiro e material de construção foi o suficiente para construir somente a casa da vidente, uma parte do Convento e a Casa dos Padres. Conforme foi dito pelos moradores, Nossa Senhora já havia pedido, em 15 de outubro de 1976, a construção de um santuário e do Convento das Irmãs Carmelitas¹²⁸, mas não havia como contar com recursos da população de Guiricema, que não subia a serra a pedido dos padres. Em 1977, poucos dias antes da chegada do Menino Jesus Caminho para o Céu, uma mulher chamada Esperança Ribeiro Borges, vinda de Uberaba em uma romaria, recebeu um chamado de Jesus em uma de suas aparições na Capela, para que passasse a residir na Santa Montanha para cuidar das construções que estavam começando a ser erguidas. Esperança, atendendo ao pedido, passou a morar, a princípio, na casa de Levina, até que a sua fosse construída.

José Lopes: Logo em seguida, aparece entre os visitantes e romeiros, uma senhorinha de porte elegante e de bom trato pessoal que havia vindo de Uberaba, mas sendo nascida em Araxá. Essa senhorinha era a que chamávamos de Dona Esperança. Seu nome todo era Esperança Ribeiro Borges. Esta era filha de um fazendeiro de nome João Ribeiro. Ela, por ser católica praticante, professora, radialista e muito falante, gostou do que conseguiu captar sobre o episódio da Santa Montanha.

Maria: Então ela [Esperança] ficou sabendo tudo, então ela veio fazer uma visita o lugar. Quando ela veio, só tinha Jesus Celeste. Aí depois Jesus Celeste chamou ela pra vim embora pra Santa Montanha.

Não havia dinheiro para dar continuidade às construções do Santuário, da Casa dos Padres e do Convento, não havia luz elétrica, o acesso à montanha continuava precário e as poucas pessoas que moravam no local ainda viviam no meio da mata. Maria contou que Levina ficou preocupada porque sabia que, sozinha, não conseguiria

¹²⁸ Apóstolos da Virgem Maria. Santa Montanha: 30 anos de aparições, Direitos reservados à Obra da Divina Misericórdia, 1ª edição, 2 de fevereiro de 1966, pág. 58: “Peço, meus filhos, hoje, a construção do Santuário e do Convento das Irmãs”.

levar adiante os pedidos de Nossa Senhora. Apesar disso, acolheu Esperança em sua casa a pedido de Jesus, confiando em que a santa faria com que seu desejo fosse realizado. Algum tempo depois que Esperança havia se estabelecido na serra, possivelmente em 1980, de acordo com os relatos de Irmã Leonor, um casal, o Senhor Alberto Goeth e sua esposa Nazareth, apareceu em uma romaria vinda de São Paulo. O Senhor Goeth era de família abastada e fez amizade com Esperança, tomando conhecimento do desejo de Nossa Senhora e da dificuldade de Levina em cumpri-los. Ele decidiu então comprar a fazenda do Senhor Juca Emídio e passou a morar com sua esposa na montanha. Foram eles que terminaram de construir o povoado, não só aquilo que foi pedido por Nossa Senhora, mas também deram o dinheiro para que Esperança pudesse construir o calçamento e várias casas para que apóstolos e fiéis passassem a residir no lugar. Madre Auxiliadora disse, quando conversamos informalmente pela primeira vez, que uma viscondessa chamada Maria Aparecida Waldmann, que passou a frequentar assiduamente a montanha, também contribuiu com seus recursos financeiros nas construções.

Irmã Leonor: E tinha a casa dos padres. Não tinha luz, tinha uma luz aqui na Esperança, que vinha de um dínamo lá da fazendinha, e tinha a fazendinha embaixo. Tinha uma luz aqui e uma na ermida, o resto era com vela acesa, na escuridão.

José Lopes: Aí entra a história de Dona Nazaré. Esta senhora, casada com o senhor Alberto Goeth, era devotíssima de Nossa Senhora. Passando alguns dias em companhia de Dona Esperança e sabendo e acreditando nos acontecimentos, pôs de pronto a ajudar a obra da Santa Montanha. Assim obteve recursos para a parte velha do convento. Arrecadou dinheiro entre seus amigos em São Paulo para a construção do Santuário da Divina Misericórdia. Deu grande contribuição no calçamento da chegada.

Irmã Henriqueta: Ela [Esperança] era perfeita, ela foi um braço forte na Santa Montanha. Foi ela que começou tudo isso aí, essas construções. Porque ela conseguiu essa amiga dela em São Paulo. Ela [Dona Nazareth] bem veio, ele [Senhor Goeth] gostou daqui, quis comprar o terreno. Ela ficou de cima, ela lutou para a Santa Montanha, ela foi uma lutadora.

Aloísio contou que, nesta época, final de 1970 e início de 1980, o prefeito de Guiricema, Zezito Martha, abriu a estrada para a serra, permitindo a passagem de automóveis: - “Era o prefeito da época, abriu a estrada pra serra assim. Abriu tudo por cima lá.”

As instituições, ao serem objetivadas, são experimentadas como um fato exterior que possui realidade própria e que atua coercitivamente sobre o ser humano e a história

pessoal é localizada dentro desta realidade exterior. O indivíduo, ao refletir sobre sua experiência, ajusta seus significados em uma biografia consistente, em um sistema coerente no mundo social que habita e a totalidade de sua vida é sentida como subjetivamente significativa.¹²⁹ Para Berger e Luckmann, um mundo é criado quando “os papéis institucionais tornam-se modos de participação em um universo que transcende e inclui a ordem institucional”.¹³⁰ A legitimação é o processo que explica e justifica a ordem institucional, dizendo ao indivíduo não só que ele deve agir no mundo, mas também explica as razões pelas quais ele age. Para os autores, este processo ocorre em quatro níveis distintos de conhecimento. O primeiro se dá através de objetivações linguísticas, em nível pré-teórico, nas explicações que são o fundamento do conhecimento evidente. O segundo nível se refere a ações concretas que relacionam conjuntos de significações objetivas, de forma rudimentar, expressos principalmente através de adágios, máximas morais, lendas e histórias populares.¹³¹ A legitimação, em seu terceiro nível, ocorre quando as instituições são transmitidas através de uma iniciação formalizada, através de pessoal especializado, que contém teorias explícitas. Nesta etapa, as teorias legitimadoras já desenvolvidas passam a gerar seus próprios procedimentos institucionais, adquirindo autonomia em relação às instituições legitimadas. E finalmente, a quarta e última etapa da legitimação ocorre quando o conjunto de teorias é integrado em uma totalidade simbólica. Os domínios separados da realidade passam então a ser explicados e justificados dentro do mundo simbólico, onde diferentes esferas da realidade são reunidas em um único universo de significação. Através do que disseram Maria e Orlandina, pode-se compreender, no processo de legitimação, como o universo simbólico integra todos os setores da ordem institucional “que constitui então um universo no sentido literal da palavra, porque *toda* a experiência humana pode agora ser concebida como se efetuando *no interior dele*”.¹³²

Maria: Então quando Nossa Senhora apareceu, o povo, ela pediu o santuário. Ela pediu um santuário aqui. Mas a minha mãe pegou pensou assim: “Meu Deus, mas como é que eu vou ter, vai ter um santuário aqui? Porque a gente não tem condições de fazer, como é que vai ser? Ah, meu Deus, assim como

¹²⁹ Cf. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 84.

¹³⁰ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 128.

¹³¹ Cf. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 125.

¹³² BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 127.

Ela marcou e Ela falou que quer o santuário, com certeza que vai entrar uma pessoa que vai cuidar disso. Que vai cuidar.” Então, aí depois que ela ficou preocupada, porque Nossa Senhora tinha pedido o santuário e ela não... como é que ela ia, como é que ia fazer o santuário sendo que ela não tinha condições de fazer? Então, aí que apareceu esse Seu Goeth mais a dona Nazaré, comprou o terreno.

Orlandina: Aí passado um tempo chegou o senhor, ele chama Alberto também. Ele chama Alberto. Aí depois o Sr. Alberto Guedes [Goeth], daquela gente Matarazzo lá de São Paulo, comprou a fazenda toda. Foi por intermédio da Esperança que ele apareceu. Por intermédio dela. Ele chegou, ela conversou com ele tudo como é que estava a situação da Santa Montanha, ele já foi dando jeito de comprar a fazenda e veio para aí. A Dona Nazareth não saía daí também não. Vinha ela, seu Guedes, ficava a semana inteira na casa. As obras, quem administrava as obras era ela [Esperança]. Do convento e da casa dos padres. A igreja foi a Dona Nazareth que construiu. Todinha, todinha, todinha. E ajudou, a casa dos padres ela ajudou a fazer. Foi ela que apareceu pra fazer o resto de obra grande. Nossa Senhora já tinha mostrado, ela [Levina] já tinha ido no Rio, o Menino Jesus mostrou que ali era a igreja, que aquele lugar, tinha até um trem meio brejo ali, depois consertou aquela água, teve que canalizar, teve que fazer uma fundura medonha, pra poder levantar com cimento, foi muita coisa gastou ali. Fez depois a casa dos padres, fez o convento, tudo a Dona Nazareth ajudou muito, muito, muito. O povo daqui não ia, ficou com medo dos padres, os que vinham de fora que iam, os pouquinhos que iam daqui não aguentavam fazer. Aí apareceu Dona Nazareth, ajudou demais. Que apareceu porque Nossa Senhora mandou. Como é que ia arrumar?

Quando a Casa dos Padres ficou pronta, Padre José, Padre Emílio e Frei Benigno, abandonaram a diocese e/ou congregação a que estavam filiados e fixaram residência na montanha. Ao pedido insistente de Nossa Senhora em suas mensagens, as mudanças introduzidas pelo Concílio Vaticano 2º foram completamente ignoradas e estes religiosos, que não haviam concordado com a reforma conciliar, encontraram um local para viver de acordo com suas convicções, rompendo com Roma. Todos eles continuaram usando diariamente os hábitos e batinas que antes os distinguiam, celebravam missas em latim e de costas para o público, dando comunhão diretamente aos fiéis que a recebiam de joelhos, com as mulheres usando véus nas cabeças durante as celebrações e a exigência de confissões antes da comunhão diretamente com os padres.

Irmã Leonor: Tinha os padres, tinha... Deixa ver. Quando eu vim pra cá, não tinha nenhum padre morando aqui, mas logo... Eles vinham nas aparições, Dom José, o Padre José Guerra, Padre Emílio, Frei Benigno veio depois. Ele nos ajudou em muita coisa pro convento, ele era Carmelita, ele nos ajudou em muita coisa no convento. O Padre Emílio era de Nossa Senhora da Salite, era sacerdote de Nossa Senhora da Salite. Depois, mais tarde ainda veio o Frei Cristóvão que era franciscano. Todos eles moraram aqui.

José Lopes: Por aqui passaram vários padres. Um alemão, Frei Faustino, um holandês, Frei Benigno, um italiano, padre Celso Caucig. Em português, padre Emílio Soares da Silva. E alguns padres brasileiros, Padre José Guerra Dias e Padre Ademar Ferrari.

Terezinha Anacleto: Ele [Padre José] já pegou, tinha uma irmã dele, a irmã dele com ele. Jesus chamou eles pra cá, ele veio. Ele era muito obediente, tudo o que Jesus falava com ele, então... Largou tudo e veio. É, ele deixou tudo, porque pra Deus a pessoa tem que renunciar a tudo. Largou tudo. Ele [Padre José] era de São Gonçalo, ele morava lá em Niterói. Largou tudo e veio pra cá. O Padre Ferrari não veio morar aqui não. O Padre Ferrari não morou aqui, não. O que ficou um pouco mais aqui foi o padre Emílio, frei Benigno... Também largou a Paróquia dele e ficou aqui. Frei Benigno e ficou o Padre Celso também aqui. Não voltou. Esses dois [Emílio e José] morreram aqui. Agora o outro foi embora, o frei Benigno, não sei pra onde que foi.

Maria: Então eles foram convidados aqui, eles vieram de mudança, largaram a Paróquia deles, que o padre José tinha uma Paróquia lá no Rio. Então Nossa Senhora convidou ele pra vim pra Santa Montanha. Ele pôs pronto de vim pra Santa Montanha. Coitado, como ele sofreu! Porque o superior dele, pra ele sair de lá foi um sofrimento terrível pra ele. Não liberou e ele saiu assim mesmo, sem liberar. Abandonou e ele obedeceu e veio.

Aloísio: Mas muito padre, Nossa Senhora, muito padre que passou ali. Padre Geraldo lá do Goiás, ficou ali muito tempo. Eles ficavam lá em casa, eu que dava comida a eles lá. Na fazenda. Essa mulher, a Lúcia, cozinhou muito pra eles. A Lúcia que era cozinheira dos padres lá. Cozinhas lá na fazenda. Eles dormiam lá também. Eles dormiam no chão.

Orlandina: O primeiro que celebrou lá foi o padre Geraldo. Geraldo Maria de Ferreira. Acho que assim mesmo que ele chamava. Era de fora. Era missionário. O segundo foi o padre Galdino. Eu pus aqui os padres que passaram lá. O padre Geraldo, padre Galdino, padre Humberto, padre José Guerra Dias, padre Celso, frei Faustino, frei Benigno, padre Ferrari, o bispo Dom Mauro, que veio de São Paulo, bispo Dom Nicolau, que veio de São Paulo, o bispo Dom Múzio, que veio do Oriente. Ele falou que é do Oriente. É tão diferente, a roupa dele é tão diferente, as vestes dele. Tão diferente daqui. Dom Aloísio, já morreu. O padre Claro, o frei Cristóvão, o padre Emílio. O padre Demerval é vivo ainda, esse quando vem, ele celebra lá. O bispo Roque, eu esqueci o nome dele direitinho, eu sei que no final é Roque.

No mês de outubro de 1981, Frei Cristóvão Pirolli chegou à montanha e, como relatado, foi chamado por Nossa Senhora a morar no povoado que estava sendo construído. Com a colaboração de Padre José, Padre Emílio, Padre Ferrari e Frei Faustino, deu continuidade ao seminário, que chegou a abrigar aproximadamente vinte estudantes ao mesmo tempo e funcionava na Casa dos Padres.¹³³ Frei Cristóvão era franciscano e, pelo que se conclui com o que foi dito por Orlandina, também estava desligado de sua Ordem e não tinha moradia fixa.

¹³³ Anexo 25

Orlandina: Quem criou o seminário foi o Dom José mesmo, com o Padre Ferrari. Não estou lembrada se foi ele ou se foi o Dom José mesmo. O Frei Cristóvão que ordenou eles [Padre Estêvão, Padre Antônio e Aureliano], agora que eu estou lembrando. Foi o Frei Cristóvão. Eles estudaram com o Frei Cristóvão. Não, quem dava aula era o frei Cristóvão e Dom José. O Dom José era bispo, ele ordenou como bispo na Santa Montanha também. O frei Cristóvão andava daqui pra ali também. Voltou de lá, andava pra tudo quanto era lugar. Ele contava muita história do Rio Grande do Sul. Era mais do Rio Grande do Sul.

Maria: Tinha o Frei Cristóvão também, que tinha vindo pra cá, foi Jesus também que chamou. Era um frei, ele veio pra cá também, fez o seminário, tinha seminário, tinha seminarista. Eu sei que tinha uma porção, tinha uns vinte e poucos.

Aldir: Nós chegamos a ser dezesseis pessoas. Até quando o Menino Jesus falou assim: - “Vamos começar um seminário na Santa Montanha.” O Padre Emílio ficou admirado: - “Mas não pode, não tem como fazer um seminário aqui, não tem casa.” A resposta da vidente foi essa: - “A casa já está pronta.” Que era a Casa dos Padres. E assim deu a continuidade.

Logo após a criação do seminário, também chegou à serra, vindo de São Paulo, um bispo da Igreja Católica Apostólica Brasileira (ICAB), chamado Dom Mauro, que foi acolhido por Nossa Senhora e pelo Menino Jesus. Este bispo passou a residir na montanha e trouxe com ele vários padres e seminaristas da ICAB, juntando-se aos outros religiosos que haviam rompido com a Igreja Romana. Junto com Dom Mauro, às vezes também vinham à montanha dois outros bispos da ICAB, Dom Nicolau e Dom Antônio. Dom Aloísio também foi citado por Orlandina, mas não consegui apurar se este bispo também era da Igreja Brasileira. Dom Mauro também lecionava no seminário junto com Frei Cristóvão, Padre José e Irmã Leonor. A Santa Montanha, neste período que durou vários anos, de 1977 até a morte da vidente, passou a abrigar religiosos oriundos de diversas Ordens, Congregações e Dioceses da Igreja Católica Romana, da Igreja Católica Brasileira, da Igreja Palmariana e, durante um curto período, da Igreja Ortodoxa, que passaram a trabalhar em conjunto com os fiéis na construção de um mundo religioso peculiar, que se submetia somente às ordens diretas do Menino Jesus e de Nossa Senhora. Irmã Henriqueta já havia entrado para o convento na época em que Dom Mauro se mudou para a montanha e disse que foi ele que ordenou os padres que estudaram no seminário que foi criado em 1980.

Irmã Henriqueta: [Dom Mauro] Era bispo da Igreja Brasileira. Aí ele veio, ele se converteu, fez a abjuração que eles falam, escreveu que ele estava deixando a Igreja Brasileira, com Jesus. Deixou a congregação dele pra lá e veio pra cá morar aí. Morou aí. Ele deve ter ficado aqui... Não sei se eu era postulante ainda quando ele veio ou se eu era professa já. Ele deve ter ficado uns três ou quatro anos por aqui. Porque ele é que ordenou esses padres aí.

Todos os padres ele que ordenou. Dava, ele dava aula sim. Ele era muito prendado. Ele começou a trazer esse pessoal pra cá. Veio Bispo, veio Igreja Brasileira, um tal de Dom Geral, veio um outro, um padre não sei se era beneditino, mas era também da Igreja Brasileira.

José Lopes lembra-se bem de Dom Mauro e chegou a trabalhar com ele na construção do santuário e narrou como a Igreja Brasileira esteve presente na montanha durante muitos anos.

José Lopes: Seminarista também teve. Uma vez teve um rapaz, esse padre, eu não sei bem, diz ele que era da Igreja Brasileira mesmo, ele trouxe um punhado de gente lá de Volta Redonda pra estudar aí. Aí ficou tratando dele lá. Esses padres da Igreja Brasileira foram vários, mas fugiu da cabeça o nome deles. Dom Mauro. Tem mais sim, mas eu não lembro o nome deles. Teve vários. Tem mais sim. Tinha um que andava de traje franciscano aí, não lembro nome nenhum. Ah, meu Deus, oh! Da Igreja Brasileira, tudo que não sabia a origem dele, era Igreja Brasileira. Era. Não sabia a origem, já sabia, era Igreja Brasileira.

O conhecimento, que era transmitido de maneira formalizada neste universo em construção, demonstra, conforme Berger e Luckmann, o processo de legitimação com a criação dos próprios procedimentos institucionais utilizados na transmissão deste conhecimento: aos seminaristas através da educação especializada ministrada pelos padres e pela Irmã Leonor, às crianças com a criação de uma escola liderada por uma religiosa que veio do Ceará e de aulas de catecismo dadas também pela mesma Irmã Leonor, assim como também a toda a população, romeiros e visitantes da montanha durante as aparições de Nossa Senhora e do Menino Jesus, através de ensinamentos do Evangelho a que chamavam todos à participação.

Irmã Leonor: O seminário foi Nossa Senhora. Olha, ela pediu ao Padre Estêvão foi logo em 80, em janeiro de 80, no dia primeiro de janeiro ela pediu pro Padre Estêvão ir para a Casa dos Padres, e eu não sei se já vestindo a batina. Pra começar. Depois do Padre Estêvão, começou a chegar mais gente. Eu sei que eu dei aula também pro seminário. Teve uma época que houve uns 12 seminaristas ou treze seminaristas. E de fora também vinha padre, agora eu não me lembro, mas tinha uma cidade aí. Eles vinham aqui e de lá eles trouxeram também meninos pra formarem aqui.

José Lopes: Eu tinha feito uma batinha, eu mesmo tinha costurado ela, para um menino meu, mas não é esse não. Era o Eduardo, esse é casado lá em São Paulo. Tinha feito uma batinha pra ele, pra representar nesse dia. E a batinha ficou guardada lá em casa. Um dia, o Gabriel pegou aquela batinha, vestiu ela, foi parar lá em cima lá. Ele foi ficando falando que ele queria ir pro seminário lá. Então vai. Mas ele não tinha leitura, não tinha nada. Lá eles foram ensinar ele lá.

Beatriz: Escola a gente não teve. Não estudava. Quer dizer, a gente estudou assim, porque uma irmã que veio... É uma irmã que veio lá do Ceará, ela deu

aula pra gente, mas assim um só saber ler e escrever mesmo, fazer conta, essas coisas.

Irmã Leonor: Então a minha história, a minha vinda é essa. E daí Ela [Nossa Senhora] mandou que eu ficasse dando catecismo pras crianças, eu ficava ajudando a Esperança na casa.

No 2º Livro de Tombo, Efigênia escreveu: “Mensagem das 6 horas da noite, primeiro domingo de dezembro de 76.” Pelas suas anotações nesta data e pelo que foi dito por Catarina, Orlandina e Teresa Rosa, vê-se de que modo o conhecimento era transmitido a todos. Durante esta aparição, a santa faz com que algumas das pessoas presentes expliquem publicamente os quadros da Via Sacra:

Explicações dos quadros N.S. quer que explicam as 6 horas que N. S. escolheu:

1º Quadro) O Rei e o Moço – Sebastiana S. Teixeira¹³⁴

1º Q: Pilatos lava as mãos - Orlandina P. Teixeira

2º Q: Jesus carregando a cruz – Maria das Graças Siqueira

3º Q: 1ª Queda de Jesus – Inez Flauzina Teixeira

4º Q: Encontro de Nossa Senhora – Efigênia Dias Teixeira

5º Q: Simão Sirineu ajuda Jesus – Nadir Almeida Siqueira

6º Q: Verônica enxuga a face de Jesus – Terezinha Rosa

7º Q: 2ª Queda de Jesus – Maria do Nascimento

8º Q: Jesus consola as filhas de Jerusalém – Terezinha Anacleto

9º Q: Jesus cai pela 3ª vez – Nicolina Anacleto

10º Q: Jesus é despojado de suas vestes – Lúcia Teixeira Almeida

11º Q: Jesus é pregado na cruz – José Lopes de Lima

12º Q: Jesus morre na cruz – Maria de Lourdes

13º Q: Jesus é descido da cruz – Perciliana O. Teixeira

14º Q: Jesus é sepultado – Geralda dos Reis

Catarina: Ela [Nossa Senhora] vinha ali pro meio-dia até, ficava até às 2 horas. Mais ou menos. Tinha dia até às 2 horas, uma e meia. Dando as mensagens dela. Dando explicação pras pessoas. E quem tinha recebido sua graça também tinha que ir lá e falar, sabe? Tadinha, às vezes ela mandava a gente, as freiras, falar duas palavrazinhas. Falava um bocadinho, que elas saíam, aí falava um bocadinho.

¹³⁴ O texto foi transcrito do 2º Livro de Tombo, onde consta a repetição do numeral ordinal 1º.

Orlandina: Tinha vez que ela chamava fulano pra falar as coisas, chamava fulano, chamava sicrano. Chamava gente de romaria que vinha de fora pra falar alguma coisa pra Nossa Senhora.

Teresa Rosa: E Jesus ficava presente todo dia às 7 horas da noite, era uma beleza. Eles ensinavam. Nossa Senhora ensinava canto, Jesus ensinava. Ensinava a cantar.

Em uma mensagem de Nossa Senhora, datada de 06 de novembro de 1976 e escrita no 2º Livro de Tombo, consta:

N. S. pede ensinar as crianças o catecismo as crianças não estão sabendo como rezar a Deus. N. S. pede nos primeiros domingos trazer as crianças para aprender o catecismo, vão chegar em frente ao altar pedindo Jesus que aumente a nossa fé.

Em 1985, Dom Mauro ainda morava na Santa Montanha, e os relatos indicam que foi ele que fez a sagração de Padre José Guerra¹³⁵, juntamente com Nossa Senhora e o Menino Jesus. Beatriz me cedeu um santinho comemorativo da sagração de Dom José. Além de uma oração, nele consta: “Gratidão à Igreja, à Santa Montanha fiel dedicação em minha Sagração Episcopal. Dom José D. Guerra Dias. Santa Montanha, 06 de junho de 1985.”

A partir desta data, Padre José Guerra passou a ser identificado como Bispo Dom José. Conforme disse Aldir, tanto a sagração deste padre como as ordenações dos seminaristas foram feitas em obediência às ordens de Nossa Senhora e do Menino Jesus, através de revelações. Orlandina contou que depois que Dom Mauro foi embora da montanha, as ordenações foram feitas por Dom José.

Aldir: Eles [os bispos e padres] vieram, que quem enviou foi através das revelações. Que Nossa Senhora determinava e eles acompanhavam. O Menino Jesus determinava e eles cumpriam. Davam aulas. Era uma aula assim de ensinamentos, mas não com aquele currículo. Aquele apanhado de filosofia, de catecismo, de moral, de latim. Era um apanhado, não era uma aula com aquele currículo, não. Com quatro anos, Nossa Senhora mandou me ordenar. Com quatro anos que eu estava lá. Foi de 81 a 84.

Teresa Rosa: Acontece que a Santa Montanha... Porque isso aqui era aparição. Não falo, porque o Bispo que podia ter entrado, foi chamar ele e ele não veio. Então isso aqui ficou com a aparição. Então, estava fora da Igreja. Então é por isso. Eles não falou pra senhora, não? Pois é, porque estava fora da Igreja. Então, por isso, nesse ficar fora da Igreja, eles [Padre Estêvão e Padre Antônio] ficaram sendo padres só aqui na Santa Montanha. Lá fora eles não ficaram reconhecidos como padres.

¹³⁵ Anexo 29.

Beatriz: Quem fez a ordenação deles foi Jesus. Por isso que eles não são considerados como padres. Pela Igreja não. Funcionava aqui com o Frei Cristóvão. O Frei Cristóvão deu pra eles todo o parecer de padre, o que era ser padre, que eles estudaram bastante.

Orlandina: Mas ultimamente quem ordenou mesmo foi o padre José. O padre passou o visto, o padre José passava o visto também. Lá na Santa Montanha. Nossa Senhora ordenou ele por bispo. Padre José.

Padre José, Dom Mauro, Irmã Leonor e Frei Cristóvão, trabalhando em conjunto, deram continuidade ao seminário, lecionando para os seminaristas que vinham não só por iniciativa própria, mas também enviados pela Igreja Brasileira através dos seus Bispos. O que se pode concluir pelo que disse Paulo, marido de Beatriz e que estudou no seminário durante o ano de 1988 e 1989, é que nesta época não havia preocupação dos moradores em relação à origem dos religiosos que moravam e freqüentavam a Santa Montanha e que a desvinculação com a Igreja Católica Romana como instituição não era mais uma questão que tivesse relevância neste mundo religioso agora já legitimado.

Paulo: Então, eu entrei foi em novembro de 88. Fiquei estudando, estudei com frei Cristóvão. O padre José dava aula pra nós também. Acho que dava aula de Teologia, se não me engano. Acho que era Teologia Moral. Ou religiosa. Na época, me parece que o Dom Mauro, não sei se era da Igreja Ortodoxa, acho que não era não, era da Igreja Brasileira. O Dom Mauro. Mas ele vinha aqui como se fosse da Igreja Católica. As pessoas me chamavam de Irmão José.

O convento das Irmãs Carmelitas, para onde Levina foi levada por Padre Ferrari e ficou hospedada em 1976, quando se submeteu aos exames psiquiátricos, estava sendo criado por Madre Ana, religiosa vinculada à Igreja de Palmar de Troya, na Espanha. Irmã Ana e suas noviças, em 1977, também passaram a residir na montanha, onde construíram uma casa que funcionava como convento. Pelo que foi relatado por Irmã Leonor e Irmã Henriqueta, vários padres que freqüentavam a Santa Montanha também estavam ligados à Igreja do Papa Gregório XVII, sendo que alguns deles foram para a Espanha.

Irmã Leonor : Palmar de Troya era um bispo. Ele conservava Papa Gregório XVIII¹³⁶, eu nem me lembro. Então ela [Irmã Ana] seguia Palmar de Troya. Era independente. Era um Papa que tinha Irmãs, tinha padres, tem tudo. Tanto que os padres daqui chegaram a ir para lá.

Irmã Henriqueta: Elas eram Carmelitas, eram 4 Irmãs. Eram Carmelitas. Aí ela veio, fez o convento, ficou, não demorou nada. Daí ela foi pra Palmar de

¹³⁶ Irmã Leonor referiu-se ao Papa Gregório XVII como Papa Gregório XVIII.

Troya, não sei onde, é pra fora do Brasil. Na Espanha. Foi pra Espanha, depois ela voltou pro Brasil. Depois que ela voltou, ela veio aqui ainda. Mas aí não sei se ela adoeceu, nem sei. Ela estava começando a formar o convento dela também, acho que é. Era em Sepetiba, não era em Niterói não.

Foi transcrito no Livro de Tombo uma mensagem de Nossa Senhora, datada de 15 de março de 1975, que mostra a época em que os devotos da santa conheceram os religiosos que passaram a freqüentar a montanha. Foi a pedido dela que os moradores alugaram um ônibus e foram a Muriaé conhecer José Geraldo, que também relatava visões de Nossa Senhora, que se manifestava a ele como Nossa Senhora da Consolação. Teresa Rosa participou da romaria e conta como os fatos aconteceram.

Peço-lhes que façam uma romaria, para conhecer as Aparições de Nossa Senhora da Consolação em Muriaé. Levem a Bandeira de Nossa Senhora.¹³⁷

Teresa Rosa: É o Zé Geraldo. Então, nós fomos nessa aparição. Alugamos um ônibus e nós fomos lá. É lá que nós conhecemos o padre Emílio, o padre Ferrari, o padre José, a Madre Ana. Lá que nós fomos conhecendo eles. Daí falou da aparição aqui. Aí eles vieram.

Irmã Henriqueta e José Lopes também contaram que, durante um período, um bispo da Igreja Ortodoxa residiu na serra, onde pretendia se fixar. Também pelo que disse Irmã Henriqueta sobre este episódio, percebe-se o processo de legitimação, em que o mundo simbólico aparece em sua função nômica, uma ordem já estabelecida no local, que envolvia toda a realidade em um único universo de sentido.

Irmã Henriqueta: Dom Múzio (Dom Moussa). Ele queria morar, queria tomar conta, pôr a Igreja dele aqui, a ortodoxa. Aí foi lá no convento. Chegou lá, conversou com as Irmãs. Falou: - “Eu sei que vocês não me aceitaram, vocês não estão me aceitando.” Nós ficamos caladinhas, não falamos nada. Quem mandava era Jesus, não era nós. Jesus, acho que através da gente, ele mostrava o que ele queria, eu acho. Pelo jeito ele não aceitou as propostas que Jesus queria que ele fizesse. Essa gente ortodoxa, acho que não gosta de imagem, parece que é isso. Então aí, acho que não acertou bem não. Foi embora e não voltou mais não. Chegou até a celebrar uma missa aí.

José Lopes: Teve um bispo oriental lá sim. Mas esse até que diz que era Igreja Siriana. Igreja Siriana. Eu esqueço o nome dele também. Não, esse não esteve muito tempo não. Ficou um tempinho sim, mas não esteve muito tempo. Chegou [a morar], chegou sim. Dom Múzio veio do Oriente, esse daí era da Igreja Oriental.

É importante que se ressalte que durante todo o período de construção do povoado da Santa Montanha, conforme relatado pelas pessoas entrevistadas, nada acontecia que não fosse pela vontade de Nossa Senhora e do Menino Jesus Celeste, que

¹³⁷ Mensagem escrita no Livro de Tombo, datada de 15 de março de 1975.

se faziam presentes durante todo o tempo através da vidente, ordenando este mundo e participando de todos os momentos de sua criação, mantendo sempre um contato direto e pessoal com todas as pessoas envolvidas. As brincadeiras pedidas pelo Menino Jesus Celeste, que começaram na sua chegada à montanha após 1976, continuaram durante anos, de acordo com o que disse Paulo, que também participava de todas elas.

Teve também brincadeiras com o Menino Jesus. Na rua, aquela brincadeira de cada um... como é o nome daquela brincadeira? Eu não sei, ela pegava um pedaço de pano, de pano não, de cano ou pau, deixava atrás da pessoa e saía correndo. E todo mundo em fila assim, um atrás do outro, correndo em volta e a pessoa tinha que correr atrás da pessoa que deixou o cano atrás dela até pegar a pessoa. Se pegasse, caía fora. Era velho, era todo mundo. Era freira correndo, era padre também.

Este relacionamento estreito de Jesus com os moradores é narrado por Irmã Henriqueta:

Não tinha hora pra Ele [Menino Jesus] não. Às vezes, o pessoal estava trabalhando lá em cima, fazendo construção, Ele ia lá, em cada um deles, ia no colo deles. Assim, a gente convivia com Ele direto. A gente nem tem que pensar em mais nada. Com Ele, era tão bom aquele tempo, Nossa Mãe, aquele tempo que não volta mais. Nossa Senhora, a gente às vezes estava trabalhando, estava sempre com a anteninha ligada. Jesus estava presente, parece que ele mexia com a gente.

Nossa Senhora e o Menino Jesus Celeste acompanhavam todos os atos de seus apóstolos e fiéis, muitas vezes demonstrando o seu desgosto em relação àqueles que desobedeciam às suas ordens não só através de palavras durante as aparições, mas também de fatos que manifestavam o seu descontentamento:

Paulo: E tem uma vez que eu também lembro que, não sei o que aconteceu, o sacrário fechou e na hora que o padre ia dar comunhão, acho que frei Cristóvão ia abrir o sacrário e travou e não abria de jeito nenhum. Jesus tinha ficado bravo e foi assim. Parece que foi isso. Fechou o sacrário e não abria de jeito nenhum. O sacrário pra dar comunhão. Por causa de desobediência do povo, das pessoas. Pra tudo tinha que pedir para o Menino Jesus.

Henriqueta: Jesus falou assim: - ‘Qualquer desobediência que tem, abre a porta pra ele [o Outro] e ele volta’. A desobediência. Um dia Jesus estava rezando, falou assim: - “Se vocês não obedecerem direito, ele está lá no Porteirão, lá embaixo. Se vocês não obedecerem, ele vem. Ele vem, por causa da desobediência vocês abrem a porta pra ele”.

Catarina: Agora, o Menino Jesus era todos domingos. Agora, se tivesse alguma coisa errada, aí Jesus não vinha também não. Aí ela [Levina] falava com nós: - “Hoje não vem”. Aí a gente, nós, todo mundo ficava pensando o que podia ser. Porque era desobediência da gente. Aí ele ficava tristonho e não vinha.

Este mundo que estava sendo criado externamente, também se legitimava como um mundo simbólico, onde *nomos* e *cosmos* aparecem como co-extensivos. Para Berger, “a religião é a cosmificação feita de maneira sagrada”,¹³⁸ relacionando-se com o ser humano, embora compreendida como distinta dele. A religião inclui o ser humano e o transcende. Para Berger, a religião está contida na legitimação e embora esta seja mais abrangente que a primeira, existe uma importante relação entre as duas, pois enquanto a legitimação estabelece uma simetria entre as definições objetiva e subjetiva da realidade, a religião legitima ao relacionar a realidade suprema com as precárias construções empíricas da sociedade.¹³⁹

Provavelmente, a mais antiga forma dessa legitimação consista em conceber a ordem institucional como refletindo diretamente ou manifestando a estrutura divina do cosmos, isto é, conceber a relação entre a sociedade e o cosmos como uma relação entre o microcosmo e o macrocosmo. Tudo “aqui em baixo” tem o seu análogo “lá em cima”.

Esta relação entre *nomos* e *cosmos* aparece claramente na Santa Montanha em várias narrativas dos entrevistados, que mostram que a realidade vivida pelos seus habitantes é apenas o reflexo de um mundo que transcende o que há de humano, composto de significados que ordenam e dão coerência a todos os atos realizados pela vontade de um poder que se situa além da esfera terrena. Neste mundo, cada ato ou fato é revestido de conteúdo simbólico. “Os *nomoi* humanamente construídos ganham um *status* cósmico”.¹⁴⁰

Teresa Rosa: Tinha morrido uma prima minha, ela morreu no dia de Santa Bárbara. Então no outro dia foi o enterro dela. A minha mãe que arrumou ela direitinho, ainda pôs a mãozinha dela tudo assim. E no dia que ela foi enterrar, ela levantou esse dedo. Esse dedo dela assim foi pra cima, assim, no dia em que ela foi enterrada. Eu perguntei, eu muito curiosa pra perguntar, esse dia em que ela [Levina] estava em êxtase. –“Minha Mãe, aquela Sebastiana, ela também era apóstola de Nossa Senhora aqui. Ela morreu. Por que, Mãe, que ela levantou esse dedo, que ela ficou com esse dedo aqui?” Ficou assim. Ela [Nossa Senhora] falou assim: “Ela estava indicando que ela lá ia pro céu.” Por isso que ela apontou o dedo. Que ela foi uma filha fiel a Ela. Cumpriu tudo o que Nossa Senhora queria. Ela estava pronta pra fazer. Então ela deixou o mundo pra seguir Nossa Senhora. Então Nossa Senhora, ela já estava preparada, ela foi pro céu.

¹³⁸ BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, pág. 38.

¹³⁹ Idem. pág. 45.

¹⁴⁰ Idem. pág. 49.

Em um outro relato da mesma Teresa Rosa, compreende-se este mundo humano, efervescente de pessoas, milagres, manifestações misteriosas, santos, anjos e demônios como refletindo o cosmos inteiro através da simbologia do mundo católico. Na primeira vez que Levina levou a imagem do Menino Jesus Celeste à montanha, embalado em uma caixa, várias pessoas a acompanharam e durante o percurso pararam na casa de Teresa para almoçar. Ela conta como Jesus, através do mistério da multiplicação dos pães, fez com que a comida que ela fizera desse para alimentar muito mais pessoas do que eram esperadas, e todos se fartaram.

Ela trouxe Ele, Ele veio. Veio, elas vieram pra Ervália. Ela ainda falou: “Terezinha, faz almoço aí pra umas onze pessoas. Nós vamos passar aí. Nós almoçamos, depois você e a Dona Elvira, nós vamos descer, nós vamos lá pra montanha”. Nós viemos a pé lá de Ervália. Ela estava lá, ela também passou lá em casa. E umas meninas lá do Zé Fernandes, tudo vieram. Eu tinha feito o almoço, eles almoçou e a Dona Levina disse: “Teresinha, o Jesus que está dentro desta caixinha aqui”. Era uma caixa grande, que veio muito bem arrumadinho ali pra... calçadinho ali pra não... Mas sempre falando pra ela. Ela falou assim: “Ele fala”. – “Jesus fala?” Dona Levina: “Fala. Ele está falando aqui pra todo mundo só comer um pratinho de comida, servir só um pratinho”. Esperando uma quantidade de gente, acabou vindo mais. Sabe que todos repetiram? Multiplicou, né? Multiplicação dos pães, Ele não multiplicou os pães? Então! A comida deu pra todo mundo.

Os universos simbólicos, para serem compreendidos, têm que ter um significado dentro da sua história. Eles legitimam a biografia e a ordem institucional, pois integram no mesmo universo de significação os enclaves que surgem dentro da realidade dominante, protegendo contra o caos e anomia ao ordenar “todas as realidades concebíveis dentro do mesmo universo simbólico”¹⁴¹ tornando-o mais real. Os atos mais triviais tornam-se impregnados de profunda significação.

O homem, ao se exteriorizar, constrói o mundo *no qual* se exterioriza a si mesmo. No processo de exteriorização projeta na realidade seus próprios significados. Os universos simbólicos, que proclamam ser *toda* realidade humanamente dotada de sentido e apelam para o cosmo *inteiro* a fim de significar a validade da existência humana, constituem as extensões máximas desta projeção.¹⁴²

É interessante perceber nos relatos o que Berger e Luckmann descrevem como uma dialética entre exteriorização e objetivação. Os indivíduos, em um contínuo exteriorizar-se na montanha, legitimavam o mundo humano reificado, através do

¹⁴¹ Cf. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 128/129.

¹⁴² BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 136/137.

compartilhamento das instituições que refletiam o mundo simbólico. Este momento já havia sido identificado antes, quando Teresa narrou o episódio em que Levina via Jesus ajudando José Lopes na construção de sua casa.

Também da mesma forma que os arcanjos Miguel, Rafael e Gabriel, o Encardido, parte deste mundo, se mantém presente, atuando dentro dele e promovendo o equilíbrio na eterna batalha entre o bem e o mal.

Maria: Eu tenho São Miguel direto. Eu, igual meus netos sai, vai pra escola, eu já falo, eu tenho muita fé. São Miguel, São Gabriel, São Rafael. Eu já mando tomar conta. Um filho meu sai, uma filha minha sai, eu já falo: São Miguel, São Gabriel, São Rafael, toma conta.

Teresa Rosa: Eu sempre não temia ele [Encardido] muito, não, porque eu rezo muito, eu ando com o escapulário de Nossa Senhora, ele não gosta. Eu rezo, eu fico só e Deus aqui, todo santo dia eu joga água na minha cama e no canto da casa tudo, rezando o Credo.

Uma vez, duas novenas nós fizemos ali. Uma vez que ela [Levina] estava em Ervália e depois uma outra vez que era pra fazer aquela casa ali dos padres e a casa da Esperança. Arrumaram um trator que não saía nada, o trator só ficava sapateando. Não cortava nada. Arte do Inimigo, ele não queria que fizesse era nada, só podia ser isso, então, pelejava, não saía nada. Nada, nada, nada mesmo. A Esperança ficou no desespero, que a Esperança que foi a cabeça disso aí das construções. Minha Nossa Senhora! Nossa Senhora falou: - “Faça uma novena.” Olha, a Dona Nelvina tinha a casa dela ali, já. Nós fizemos a novena lá na Capela, nós não íamos em casa pra nada, nem ela. Nove dias nós ficamos ali fazendo a novena. Nós fomos parar lá embaixo com Nossa Senhora Aparecida. Fomos lá no Adílio, no Juca Emídio. Essa outra foi pra conseguir cortar, abrir o lugar de fazer a casa dos padres lá em cima e a casa da Esperança. Porque não tinha jeito. Aí conseguimos. Com oração. O dia que nós estávamos fazendo esta novena que nós ficamos lá, Nossa Senhora de noite chega rosas. E todo mundo dormindo num punhado de rosas. Dona Levina: “Está vendo?” Ela [Levina] deitada, a gente pertinho dela, esse povo falava assim, é ela que jogou. Mas não era. Era Nossa Senhora. Todo mundo queria pegar umas pétalas de rosa. Pétala de rosa, pétalas de rosa mesmo.

Aldir me contou em entrevista como ocorreu sua entrada para o seminário. Ele era proprietário de uma pequena casa comercial na Santa Montanha, uma “venda”, como é chamado na região o estabelecimento que fornece gêneros de primeira necessidade. Nossa Senhora havia pedido a ele que se tornasse um de seus apóstolos, mas Aldir recusou por considerar o compromisso muito sério. Um tempo depois, Nossa Senhora, através da vidente, manifestou seu desejo de que Aldir entrasse para o seminário.

Aldir: Um dia eu estava com a imagem do Menino Jesus na mão, aí fiquei com aquele costume, aquela fé, pegava a imagem e ficava conversando como quem conversa com um bebezinho, não tem nada, mas você está ali

falando. Ali estava pra falar os seus pedidos, eu entrei com ele na mão assim, aí a vidente... Estava falando assim baixinho, ninguém escutando, só eu e Ele, aí a vidente falou assim: - “O Menino Jesus está falando que você vai pro seminário”. Eu fiquei assim meio sem graça com aquilo, com aquela resposta. Falei: “Não”.

Conforme ele disse, a princípio, não tinha intenção de tornar-se padre. Alguns dias depois, durante uma das aparições de Nossa Senhora na capela e perante várias pessoas, Ela pediu a ele que desse uma resposta a seu pedido. É ele quem narra:

Quando eu cheguei na capela, Nossa Senhora diz assim: - “Eu mandei te chamar porque eu quero a sua resposta. A pergunta que o meu bendito filho te fez. Eu preciso da sua resposta”. Eu fiquei ali ajoelhado, não sabia o que fazia, meio amarelado, falei: - “Como é que eu faço, meu Deus? Sei que eu tenho que resolver.” Estou ali caladinho, a vidente: - “Nossa Senhora está esperando a sua resposta”. E eu estou quieto. Aí foi mudada aquela voz de uma mãe mais exigente.- “Nossa Senhora manda você levantar, virar para o povo e dizer se aceita ou não aceita o pedido de ir pro seminário.” Aí foi falado bem alto assim. Como é que eu tenho que falar agora? Tem que falar que sim, porque Jesus já chamou, Nossa Senhora já chamou, eu acredito nos dois, falar que não pra Nossa Senhora e o Menino Jesus? É uma ingratidão muito grande. Acabei dando o sim. Dei o sim, Nossa Senhora já marcou só um mês pra mim colocar a batina.

Teresa Rosa: [Padre Estêvão] Foi ordenado por Jesus e Nossa Senhora. Ordenado pelo Jesus. Então eles ficaram reconhecidos só aqui na Santa Montanha. Lá fora não.

Um dos filhos de José Lopes, Gabriel, estudou no seminário da montanha, mas ainda criança foi levado por Frei Cristóvão para Toledo, no Estado do Paraná, onde foi ordenado. Seu outro filho, Aureliano, tornou-se padre na Santa Montanha. Alguns anos depois, recomeçou seus estudos na Congregação dos Padres Sacramentinos de Nossa Senhora, para onde Padre Demerval, outro padre que também residia periodicamente no local, o encaminhou, ordenando-se padre, desta vez vinculado à Igreja Romana. Quando era ainda criança, passou a ajudar nas celebrações das missas, até um dia em que Nossa Senhora pediu a ele que entrasse para o seminário e se tornasse religioso. Após completar o seminário, Aureliano passou a ser chamado de Padre Miguel.

José Lopes: Ele [Aureliano] tinha trabalhado durante o dia, chegou em casa, tomou banho, vestiu a roupinha, deixa eu ir lá pra cima. – “Uai, Nossa Senhora pediu, eu atendo, eu vou pra lá. Vou ser padre sim.” Tá bom, foi. Mas depois ficou uns tempos lá, estava com 17 anos... – “Jesus quer que ordene o Padre Aureliano.” Tá, ordenou ele. Mas ele chegou a celebrar missa lá, atendia confissão e tudo.

Outro religioso, Padre Antônio, que passou a residir na Santa Montanha desde que chegou vindo de uma romaria da Bahia, também estudou no seminário que foi criado

por Frei Cristóvão. Embora eu tenha tentado entrevistá-lo, não consegui dele nenhuma informação, que foi categórico em sua negativa. Nos relatos de Paulo, consegui saber alguma coisa sobre ele antes de sua chegada à montanha:

É baiano, lá de Salvador. Ele tem muita coisa também interessante porque ele passou uma experiência na vida dele, que ele quase morreu. Ele foi atropelado. Teve visão. Foi atropelado e ficou não sei quantos dias ou mês, sei lá, muito tempo ele ficou desacordado. Ele teve traumatismo craniano. Ele era pra ter morrido. Acho que não morreu por milagre. E nesse tempo que ele ficou fora de si, ele teve visão, acho que sobre o futuro do mundo, alguma coisa assim.

Conforme havia sido pedido por Nossa Senhora desde o início das aparições, a construção do povoado foi concluída. O Senhor Alberto Goeth e sua esposa Dona Nazareth, antes de falecerem, doaram a fazenda para a Obra da Misericórdia, que passou a ser administrada pelos religiosos que permaneceram na montanha. Orlandina assistiu a todos os momentos da criação desde mundo religioso e foi ela quem narrou como isto aconteceu:

Orlandina: Aí, depois do santuário pronto, tudo prontinho, ele [Senhor Goeth] ainda mandou fazer uma porção de casa que as pessoas às vezes não tinha uma casa direito pra morar. Ele ainda pediu poder fazer as casas pras pessoas. Depois disso ele ainda viveu acho que mais uns dois ou três anos, não sei. Aí ele adoeceu. Ele morou aqui, ele ficou aqui uns tempos, ele vinha, vez em quando ele ficava. Ele vinha assim, passava mês, dois meses. Aí ele ia pra São Paulo de novo. Aí depois ele ficou doente, já não pôde vim mais. Aí ele acabou falecer. Aí acabou falecendo, ficou a mulher dele. Aí a mulher dele foi mantendo também as coisas que precisava de fazer, a família deles. Aí foi mantendo. Aí a mulher dele também acabou falecendo. Aí ficou só a Esperança. Aí a Esperança que começou tomar conta de tudo, foi tudo entregue, ele passou antes dele morrer, ele passou o terreno tudo pra Obra da Misericórdia. Ele passou tudo antes dele morrer.

Esperança Ribeiro, conforme disseram várias pessoas, dedicou o resto de sua vida à Santa Montanha, falecendo depois que as construções pedidas por Nossa Senhora ficaram prontas.

José Lopes: Diz ela que chegou. Nossa Senhora chamou, ela veio. Aí ela juntou a mala dela e tudo e veio definitivo. Depois, chegou. Mas tinha que fazer casa pra ela e tudo, e ela ficou morando com a Dona Nelvina dentro de casa. Tinha um quartinho lá, ela ficou ali. Mas aí ela deu, como diz, corpo e alma pra Santa Montanha. Ela construiu a casa da Dona Esperança, dela, construiu o Convento, construiu a Casa dos Padres, construiu o Santuário. E depois que acabou a construção do Santuário, a frente da Igreja afundou. A empreiteira era muito porca, encheu de terra lá até se acalmar, meteu cimento pra cima, depois passou alguns dias aquilo afundou. Afundou, perdeu o serviço. Ela estava com um dinheiro no banco, na poupança lá, tirou o dinheiro e empatou ali. Pra refazer o que estava perdido. Aí ela saiu

sem dinheiro, foi embora. Ela estava meio doente, então foi embora. Daí uns tempos, ela morreu. Quer dizer, o que ela tinha ela deixou tudo aqui. Deixou tudo o que ela ganhava de aposentadoria dela, foi empinando tudo aí, pegou tudo o que tem. Era solteira. Largou tudo e veio morar. Mas como diz, Nossa Senhora entregou pra ela.

Em 1990, os padres que freqüentavam a Santa Montanha, com exceção de Padre Emílio, que havia falecido em 1983 e Dom José Guerra, que continuou residindo no povoado dando continuidade ao seminário, vindo a falecer em 1989, deixaram a serra. Irmã Leonor disse que alguns deles foram para a Espanha, para a Igreja de Palmar de Troya. Frei Cristóvão, conforme também contou, continuou no Brasil, mas não voltou a exercer suas funções na montanha. Irmã Henriqueta relatou que, depois de alguns anos, ele voltou ao lugar a passeio e que faleceu há uns três anos atrás. Em 1989, com o falecimento de Dom José, o seminário foi desativado. Ninguém soube dizer o que aconteceu com Padre Ferrari e Frei Benigno, que também não mais apareceram no povoado.

G: Ficou muito tempo o seminário. E acabou por quê?

Orlandina: Porque as pessoas acabou. O padre José morreu.

G: Não tinha quem ensinasse mais?

Orlandina: Não tinha quem ensinasse.

Irmã Leonor: Eu sei que o Padre Emílio morreu aqui. O Padre José morreu aqui. O Frei Cristóvão, ele foi morar, não me lembro porque foi, ele também saiu daqui. Ele foi pra Mato Grosso ou Goiás, não sei se foi Mato Grosso ou Goiás. Acho que foi Goiás. Não sei se ele fundou lá um tipo de seminário, não sei como é que foi, eu sei que ele fez um movimento lá. Frei Benigno saiu daqui porque Nossa Senhora afirmou que o Papa verdadeiro era João Paulo II. Ele era de uma congregação de Belo Horizonte. De Carmelitas Calçados. Mas também muitos abandonaram, ficou o Padre Estêvão. O Padre Antônio veio depois com uma romaria da Bahia. Aí ficaram, os dois é que ficaram. Que perseverou. A família do Zé Lopes, dois ficaram ali muitos anos. Um se ordenou.

Maria: É, seminarista. Então, depois, aí foi ficando. Vindo as pessoas aqui, eles queriam vim para o convento, às vezes moça queria vir pro convento. Vinha pedir Jesus se podia vim. Então Jesus pegava falava que podia vim. Então vinha, ficava uns tempos. Passava uns tempos. Se elas visse que dava, continuava. O que não desse, voltava e ia embora. Aí os seminaristas aí foi ficando, foi ficando uns, uns foi saindo, uns foi saindo. Outros foi saindo. Eles foi crescendo, aí vocação foi mudando. Vieram crianças. Aí então vocação foi mudando, mudando, então cada um procurou a casa dos seus pais. Aí ficou só os padres [Antônio e Estêvão].

Durante o tempo da pesquisa, fiz três entrevistas com a vidente Maria, que sempre me recebeu com boa vontade e atenção. À medida que os outros entrevistados

forneciam mais elementos, eu voltava a conversar com ela, que me disse o que ocorreu com sua prima Geralda Clementina e as outras três crianças, netas da Dona Mariazinha, que também participaram das visões de Nossa Senhora na serra.

Maria: E ela [Geralda Clementina] não contou, da boca dela não contou pra ninguém. Ela não contou pra ninguém, ninguém ficou sabendo. Minha prima não. Depois que ela viu Nossa Senhora, ela não voltou na nossa casa mais. Aí ela foi embora, foi pra Muriaé. Eles mudaram dali, foi pra Muriaé. E de Muriaé ali eles ficaram e até hoje, nem se eu ver ela hoje eu não conheço. Ficou só nós. Que ela tinha medo, diz ela que não podia falar não, porque lá na aparição de Nossa Senhora de Fátima, então porque tinha morrido as duas crianças, ficou uma e morreu duas crianças, então ela falou, disse que não podia contar não porque nós íamos morrer. Pelo menos uma de nós ia morrer. Duas iam morrer.

[Os netos da Dona Mariazinha] Eles continuaram vendo. Depois a avó morreu. Que a avó já estava de idade, a avó morreu. Aí ficou os três, as três crianças pequenas. Aí eles fizeram assim, cada um pegaram um, uma foi pra Juiz de Fora, outra foi, acho que foi pra Volta Redonda, o menino, nem sei pra onde foi, eu sei que repartiu as três crianças. Porque a tia morava em Volta Redonda, que era tia deles. Então, não sei se a tia que levou. Agora eu vi falar, de uns tempos pra cá eu descobri aonde está a mais velha. Diz que ela está pra cá de Juiz de Fora. Não voltou não. Depois disso não voltou mais não.

Os religiosos que permaneceram na montanha, Aldir e Antônio, continuaram celebrando missas, casamentos, batizados e propagando as mensagens de Nossa Senhora e do Menino Jesus juntamente com as Irmãs Carmelitas. Nesta época, o lugar já era conhecido como Santa Montanha.

Aldir: Foi diminuindo, aí ficou só eu e o Padre Antônio. Mesmo os padres, alguns foram embora, dois faleceram aqui, doentes. A gente celebrava, mas a pedido de Nossa Senhora e do Menino Jesus, não assim ligado por documento. Ligado espiritualmente, diretamente a Deus, a Nossa Senhora e ao Menino Jesus. É só revelação, revelação de Nossa Senhora e do Menino Jesus. O bispo não aceitava, mas também não mandava aquela proibição pra parar, de jeito nenhum. Eles não tinham essa autoridade.

Teresa Rosa: Nossa Senhora. Nossa Senhora que pôs esse nome de Santa Montanha. Que ela pôs esse nome? Foi mais no princípio. Foi no princípio, que começou aquela multidão, depois do Menino Jesus. Acho que sim. Foi depois do Menino Jesus que pôs Santa Montanha. Santa Montanha era Mutuca. Mutuca, Mutuca. Mas depois botaram Santa Montanha.

O universo simbólico promove a legitimação definitiva da ordem institucional, ordenando a biografia e a história em uma memória onde as ações individuais são compartilhadas com os outros e servem de referência comum. Este universo capacita o

indivíduo a encontrar a “localização” da morte,¹⁴³ integrando-a na realidade dominante. Apesar do terror da própria morte, quando esta é inserida no universo simbólico, é possível continuar vivendo dentro da sociedade sem paralisar as rotinas da vida cotidiana.

Esta legitimação, portanto, fornece ao indivíduo uma receita para uma “morte correta”. No caso ótimo, esta receita conservará sua plausibilidade quando a morte do indivíduo estiver iminente e lhe permitirá, de fato, “morrer corretamente”.¹⁴⁴

Irmã Leonor: Não dá pra sair não, não dá. Porque aqui a gente tem tudo, tudo o que precisa para a vida espiritual, para a vida material, pra tudo. Já estou com a sepultura pronta já. Tem uma sepultura com a Irmã Ana sepultada, mas nós fizemos já com dois andares.

Teresa Rosa: Agora ficou um bocado dessas Anacleto, já tem quatro das Anacleto que já morreram. Perseveraram aqui, está ali. Morreram aqui, está ali. A Dona Nelvina está aqui, gente. Ela não quis ir pra lugar nenhum, é aqui, ela quis ficar aqui. Tem Irmã Ana, tem Irmã Glória, o filho dela [Levina] está aí, os pais da Henriqueta está aí. Os dois pais dela estão aí, também foram apóstolos de Nossa Senhora. A minha mãe está ali. Só que eu não levantei o túmulo dela, mas vou levantar. Eu não quero separar dela, porque nós duas fomos juntas até o fim.

2.3.2 As Irmãs Carmelitas

A Igreja Católica Palmariana a que Madre Ana e suas noviças eram vinculadas foi criada em 1976, em Palmar de Troya, na Espanha, por Clemente Domínguez y Gomez e Manuel Alonso Corral. Esta Igreja é conhecida por abrigar a Ordem das Carmelitas da Santa Face. Clemente havia sido ordenado bispo em 1976 pelo arcebispo vietnamita Ngo Dinh Thuc Pierre Martin e, em 1978, após o falecimento do Papa Paulo VI, autoproclamou-se Papa Gregório XVII. Após sua morte em 2005, foi sucedido por Manuel Alonso Corral, que assumiu a chefia da Igreja Palmariana sob o nome de Papa Pedro II. Em várias buscas pela internet, tentei encontrar referências à Igreja Palmariana que me levasse a algum registro que informasse sobre sua existência no Brasil. Apesar de vários “sites” fazerem menção à Igreja de Gregório XVII, o que dizem alguns deles é que nunca houve representantes desta Igreja no país. Em julho de 1976, de acordo com

¹⁴³ Cf. BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 133.

¹⁴⁴ BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 133.

o que consta em várias anotações no 2º Livro de Tombo, as carmelitas palmarianas já frequentavam a montanha.

Teresa Rosa: Que veio uma irmã, quem ficava aqui era a Irmã Luzia, que via Jesus. É, a do convento. Essa que chamou a Dona Levina pra ver que Jesus estava chamando ela, estava conversando com ela. Vinha, ela morou com eles uns tempos aí, mas não foi muito não. Depois ela voltou. É o Zé Geraldo. Então, nós fomos nessa aparição. Alugamos um ônibus e nós fomos lá. É lá que nós conhecemos o padre Emílio, o padre Ferrari, o padre José, a Madre Ana. Lá que nós fomos conhecendo eles. Daí falou da aparição aqui. Aí eles vieram.

Irmã Henriqueta e Teresa Rosa disseram que o tempo de Madre Ana e suas noviças na Santa Montanha não foi longo, mas nas entrevistas realizadas pode-se verificar que, por aproximadamente seis anos, estas religiosas frequentaram a serra com assiduidade. No episódio em que o DOPS invadiu a montanha, o que deve ter ocorrido no início de 1976, Madre Ana é citada por alguns dos entrevistados e os nomes de Irmã Luzia e de Irmã Conceição constam de várias mensagens no 2º Livro de Tombo. Conforme disse Irmã Leonor, quando de sua chegada no início de 1980, estas religiosas mantinham o seu convento na serra.

Irmã Leonor : Tinha uma congregação aqui, até eu esqueci de falar isso. Quando eu vim pra cá, tinha a Madre Ana e mais três irmãs, três noviças. Elas ficavam na Casa dos Padres, fizeram uma separação lá e o Menino Jesus deixou que elas ficassem lá. E ela construiu uma casa, está lá em cima, que a gente vê do Santuário. Não tem uma casa grande lá? É logo depois do Santuário. Lá ela que abriu o convento, achando que seria o convento que Nossa Senhora queria aqui. Foi ela que construiu o daí. E quando a Esperança me escreveu, ela disse: Aqui é uma comunidade composta de padres, religiosas e leigos. Falei: Bom, então se eu vou pra lá, eu vou pra essa congregação. Certa de que eu ia para aquela congregação.

Teresa Rosa: Lá em Ervália, me parece que ela morou em quatro lugares lá. Quando foi o último, de lá é que ela foi parar no Rio. Ela estava em Ervália. Ela foi no Rio. Foi com a Perciliana e a Efigênia. Elas foram pra casa da Madre Ana, que a Madre Ana vinha muito aqui com os padres. Que veio uma irmã, quem ficava aqui era a Irmã Luzia, que via Jesus. É, a do convento. Essa que chamou a Dona Levina pra ver que Jesus estava chamando ela, estava conversando com ela. Vinha, ela morou com eles uns tempos aí, mas não foi muito não. Depois ela voltou.

Irmã Henriqueta: Só tinham quatro [Irmãs]. Aí, aquela imagem de Nossa Senhora Aparecida era dela, São José, tudo era dela. Ela deixou aí, ela fez o convento, onde mora o Padre Estêvão. Tinha a Irmã Luzia, tinha a Conceição e tinha mais duas, acho que a Irmã Lúcia e a Irmã Miriam.

Foi no final de 1978 que Irmã Leonor tomou conhecimento das aparições de Nossa Senhora e do Menino Jesus na Serra da Mutuca. Em janeiro de 1979, saindo de

férias, viajou até Guiricema para conhecer o lugar. Inicialmente, tinha intenção de permanecer apenas três dias, mas foi impedida de voltar para Campos de Jordão, onde pretendia descansar, por causa das fortes chuvas que ocorreram nesta época.

Irmã Leonor: Eu era missionária de Jesus Crucificado. Estava no meu vigésimo quarto ano de missionária e eu era vigária de paróquia, porque o Bispo tinha uma paróquia complicada lá com o padre e o Bispo pediu missionária e eu me ofereci e fui ser. E depois que eu fiquei vários meses sozinha, foi uma missionária comigo, Irmã Dolores. E quando foi em Finados, a família dela foi passar conosco e a cunhada dela me contou sobre a Santa Montanha. Falou coisas maravilhosas sobre o Menino Jesus, coisas maravilhosas de Nossa Senhora. E daí eu fiquei tão impressionada que eu não tive mais sossego. Eu pedi o endereço e escrevi para a Esperança. A Esperança era dona desta casa. E quando eu cheguei aqui, foi no dia 17 de janeiro de 1979. E começou uma chuva intensa, choveu um mês seguido, noite e dia sem parar e Nossa Senhora dizia na aparição: - “Vocês vão ver os homens pescando no Rio de Janeiro nas ruas, pescando peixes nas ruas”. Trouxeram, um senhor trouxe o jornal e mostrou o peixe.

Maria: Porque a irmã Leonor já era freira em São Paulo. Então ela veio pra cá pra Santa Montanha. Ela veio fazer visita. Na Santa Montanha. Ela veio fazer visita, aí Jesus chamou ela pra ela vir pra cá.

Minha entrevista com Irmã Leonor aconteceu na casa que era de Esperança e que fica ao lado dos portões do convento, em frente à árvore onde foram relatadas as primeiras aparições de Nossa Senhora. Esta casa pertence a uma senhora chamada Sônia, que reside em Ponte Nova e organizava excursões à Santa Montanha quando a vidente ainda era viva. Desde que tomou conhecimento das aparições, Sônia passou a residir temporariamente no lugar, comprando a casa que era de Esperança, quando esta faleceu. Eu a conheci em uma de suas idas à montanha e conversamos algumas vezes, mas não tive oportunidade de entrevistá-la. Irmã Leonor é a mais velha das Irmãs Carmelitas e é uma mulher bonita, alta, de olhos e pele claros e sua figura impõe uma autoridade que contrasta com a delicadeza e humildade que demonstra no trato pessoal. Ela me contou, muito comovida, o motivo que a levou a romper com sua congregação e a se mudar definitivamente para a Santa Montanha:

E eu fiquei presa aqui e não pude ir pra Campos do Jordão. Fiquei presa, mas fiquei presa pelo Menino Jesus, fiquei apaixonada por ele. E daí eu dizia assim comigo: - “Eu não posso mais morar lá naquela minha cidade, não posso mais ser vigária, eu quero ficar aqui.” Mas eu não dizia pro Menino Jesus, eu só sentia no meu coração.

Durante este período em que permaneceu na montanha, Irmã Leonor foi convidada por Nossa Senhora a se mudar para a serra e imediatamente, atendendo ao pedido, voltou para Corumbataí onde era vigária de paróquia, resolveu sua dispensa

com o bispo local e em pouco mais de uma semana se estabeleceu definitivamente na Santa Montanha.

Irmã Leonor: E Nossa Senhora dava aparições nos primeiros domingos e nos dias 15. Então, quando foi no dia 15 de fevereiro, Ela me disse que eu fosse e estivesse aqui definitivamente no dia 3 de março. Ela me deu 10 dias pra conversar com a família e conversar com o bispo porque eu era responsável pela Paróquia. E daí então, no dia 3 de março de 79 eu estava aqui com as minhas malinhas arrumadas. Até Nossa Senhora falou: - “A Irmã Leonor arrumou as malinhas e veio aqui.” Então a minha história é essa, assim é que eu vim conhecer a Santa Montanha e fiquei aqui.

Apesar de ter tido bastante contato com Madre Auxiliadora e obtido dela muitas informações, não consegui entrevistá-la formalmente. Soube pelas outras pessoas que ela era professora na Universidade Federal de Viçosa antes de iniciar sua vida religiosa. Ela já freqüentava o lugar antes da chegada de Irmã Leonor e seus pais, bem como um de seus irmãos, residiram na serra, onde construíram uma casa. Madre Auxiliadora ingressou no convento das Irmãs Carmelitas em 1980, como postulante, e pouco tempo depois dos votos tornou-se a Madre Superiora, substituindo Irmã Leonor. Em uma das primeiras vezes que estive na Santa Montanha, Madre Auxiliadora me pediu que não me referisse a elas como carmelitas porque ainda não eram filiadas a nenhum Carmelo, mas por mais que me esforçasse, nunca consegui encontrar um termo que melhor refletisse a vida destas mulheres que não fosse “Irmãs Carmelitas da Santa Montanha.” Madre Auxiliadora ingressou no novo convento junto com Irmã Leonor.

Irmã Leonor: E quando foi no dia 25 de março de 80, daí entrei eu e a Irmã Auxiliadora. Mas aí nesse tempo já a Madre Auxiliadora já freqüentava aqui também, já vinha, aqui é perto de Viçosa.

José Lopes: A Auxiliadora não era freira. Tornou-se freira aqui. Quer dizer, a mãe dela construiu casa aí, ficou morando, o pai dela era Juiz de Direito e a mãe acho que era professora aposentada. Eu não sei, nem sei se era aposentada. Então construíram a casa e vieram pra cá. E a Irmã Auxiliadora tinha vontade de entrar na congregação, então ela veio ser religiosa.

Irmã Henriqueta morava em Ervália e ainda era criança quando soube das aparições de Nossa Senhora. O município de Ervália divisa com a Santa Montanha na Serra da Mutuca e o caminho que permite transitar entre um lugar e outro sem atravessar outros municípios é através da montanha.¹⁴⁵

Irmã Henriqueta: Subia. Vinha, subia e descia. Então, no começo, que Nossa Senhora ficava presente duas vezes por mês, ela ficava no primeiro domingo e nos dias 15. Aí dia 15 tinha duas aparições, tinha uma às duas horas e uma

¹⁴⁵ Anexo 26.

às 7 horas da noite. E a gente ficava, ia embora à noite, de noite, chegava em casa de madrugada. Vinham a pé. Devia demorar umas, no máximo umas 6 horas ou 8, sei lá, umas 6 horas, nem me lembro mais assim o horário. Seis horas a pé.

Logo que a vidente retornou à montanha, a família de Irmã Henriqueta deixou Ervália, construindo uma casa no terreno que já havia sido doado por Juca Emídio à Obra de Nossa Senhora, onde passaram a residir. O Senhor Antônio Virmieiro e sua esposa também haviam sido chamados por Nossa Senhora para serem seus apóstolos e se dedicavam ao cumprimento de suas ordens. Irmã Henriqueta contou que Madre Ana havia conversado com ela sobre a possibilidade de sua entrada para o convento, mas que nunca havia pensado sobre isto. Foi a pedido do Menino Jesus Celeste que passou, pela primeira vez, uns dias fora de sua casa:

Quando ele [Menino Jesus Celeste] veio, ele me chamou e pediu pra ficar lá com eles, pra costurar, fazer roupinha pra ele. Aí eu fiquei lá. Nunca tinha saído de casa, nunca saí de perto da mamãe e do papai, acabei ficando lá com eles, na primeira sexta-feira. Aí passado depois de um ano, acho que foi depois de um ano, ele chegou em 76, em abril de 77, em novembro, a gente mudou pra cá. Aí a gente veio pra cá.

Irmã Henriqueta contou que também foi convidada por Nossa Senhora para ser um de seus apóstolos. Quando o convento da Irmã Leonor ficou pronto, atendendo ao pedido de Jesus, ingressou como postulante, no mês de abril de 1980. Perguntei a ela se sentiu dificuldades quando deixou sua casa e quanto tempo levou para se adaptar à nova vida:

[Adaptei] Imediatamente, tenho a impressão que ele [Menino Jesus] me conquistou de uma tal maneira, eu não sei, não consigo nem saber explicar. Porque foi antes da gente mudar pra cá. Ele foi na nossa casa fazer uma novena, pra construir a casinha da vidente. Então ele foi pra lá. Quando ele foi embora, mas eu chorei uma quantidade. Assim de repente, ele ficou, conquistou a gente tão forte, que eu não podia largar ele. O meu pensamento era só em Jesus, não precisava de mais nada. Mamãe ainda falava: - “Você tem coragem de ir pro convento? Pro convento tem que ir criança”. Eu falei: - “Ah, mãe, Jesus pediu, eu vou. O que ele mandar eu fazer, eu faço”. Qualquer coisa que ele mandasse eu fazer, eu fazia. Foi uma coisa que plantou dentro de mim, uma coisa que nem eu sei explicar. Então, ele que chamou.

Da mesma forma que Irmã Leonor e Irmã Henriqueta, Irmã do Rosário disse que foi cativada pelo Menino Jesus. Ela entrou para a vida religiosa aos 17 anos e quando visitou a Serra da Mutuca pela primeira vez, ainda era vinculada à Congregação dos Santos Anjos, no Rio de Janeiro. Em um passeio a Vassouras, soube por uma amiga das aparições na montanha. Nesta época, estava sendo transferida para o Estado de Santa

Catarina. Escreveu então uma carta para Nossa Senhora indagando sobre sua mudança e fazendo uns pedidos sobre sua vida religiosa. Depois de receber a resposta, decidi conhecer o local. Ela narra:

Então eu perguntei a Nossa Senhora se era desejo dela que eu fosse para o Sul. Ela disse assim na resposta: - “Vá por enquanto”. Mas eu não entendi nada, queria que Nossa Senhora fosse me chamar. Não entendi nada. Aí isso foi em outubro de 79 e fim de janeiro eu vim cá, minha família é daqui de Pires, lá de baixo. Na volta eu passei aqui. E justamente coincidiu que era 2 de fevereiro, era dia de festa de Nossa Senhora. Cheguei, estava cheio de gente. E caiu sábado e domingo. Mas eu não vim com intenção de ficar. Cheguei na capela, na hora que a vidente desceu com o Menino Jesus, nesse braço direito, não dava pra ver a cabecinha dele, só um pedacinho. Mas foi mesmo como uma flecha em cima de mim. Vontade de ficar aqui. Mas que isso, não posso deixar minha Congregação. Mas aquilo ficou o resto do dia, aquele tormento na cabeça. Eu ainda resisti. Mas como é que eu venho, eu vou deixar a minha Congregação? – “Nossa Senhora disse que a senhora venha e não demore muito”. E minhas malas já tinham ido pro Sul, pra Santa Catarina. Eu venho, Nossa Senhora disse que não é pra demorar muito, eu venho. Mas eu fui embora, cheguei no Rio eu tive que seguir pro Sul. Mas de lá eu escrevi, perguntei a Nossa Senhora quando eu teria que vir, eu perguntei outra vez. Ela disse: - “Vem e não demore muito”. Eu fui pra lá em fevereiro, cheguei lá acho que dia 5 de fevereiro, isso de 80. Em 28 de julho do mesmo ano, eu cheguei aqui. Abriu pra eu vir dia 25 de março e dia 28 eu cheguei aqui, com a graça de Deus, muito feliz.

Irmã do Rosário disse que sentiu dificuldade para romper imediatamente com a Congregação dos Santos Anjos, mas que depois que se estabeleceu na serra, encontrou, da mesma forma que Irmã Leonor, tudo o que necessitava para se sentir realizada em sua vida espiritual e material.

Irmã do Rosário: Foi difícil porque a Madre não acredita em nada de aparição. Nem importância tem aparição nem nada. Eu não contei que eu vinha pra cá não. Então eu vim e depois daqui eu escrevi pra ela, dizia que eu estava aqui, pedi pra continuar e que ela me desse a dispensa dos votos. Dos votos de lá. Aí ela fez uma carta, mandou pro Papa, veio o papel. Vieram duas Irmãs aqui, me trouxeram a resposta que o Papa deu licença, eu fiquei. Graças a Deus. Vai fazer 31 anos. [Não senti falta] Nem de conforto, nada. Nem pensava. No princípio, era pobrezinha, pobre mesmo. A gente tinha alegria, que tinha a alegria de Jesus e Nossa Senhora.

Quando passei a residir temporariamente na Santa Montanha, Irmã Zélia foi designada para me atender e foi ela que me levou à casa que aluguei. Ela é uma mulher muito simpática, alegre e comunicativa. Em algumas vezes que passei pelo jardim do convento a encontrei molhando as flores, sempre com um sorriso nos lábios. Quando completou 80 anos, pouco tempo depois da minha mudança, me disse que havia se “aposentado” e que Irmã Lourdes ficaria encarregada, no lugar dela, de manter contato

com os romeiros e visitantes. A partir daí, minha relação com as Irmãs se dava principalmente através da Irmã Lourdes. Foi ela e José Lopes que me contaram sobre a vinda de Irmã Zélia para a Santa Montanha:

Irmã Lourdes: Ela [Irmã Zélia] morava em Belo Horizonte. Ela trabalhava lá com o Bispo, Dom Serafim, e ela veio aqui. Jesus mandou eu conversar com ela e Jesus convidou ela pra ficar, vim pra cá. Mas ela chorava, mas ela chorava. Mas a alegria dela foi tanto... Isso aí ela vai contar. Aí Jesus mandou eu escrever o enxoval pra ela, que tinha que trazer. Ficou não sei quantos anos fora. Dez ou quinze anos, não sei. Ela ficou muito tempo fora da congregação. Aí veio pra cá.

José Lopes: Tem mais a Irmã Zélia também, que ela nem estava mais funcionando na congregação, mas... Que congregação? Nossa Senhora chamou e ela veio pra cá. Congregação de Cantarina, Franciscana ou Cantarina me parece que é. Cantarina, Franciscana ou Cantarina, a congregação dela.

Irmã Lourdes me disse que é nordestina e que era filiada à Congregação Missionários de Jesus Crucificado. Em 1983, ficou conhecendo Sônia, em Ponte Nova e chegou à Santa Montanha participando de uma romaria organizada por ela.

Eu estava no Alto Paulista, pra lá de Marília. Estava numa casa paroquial lá, casa de missão e de lá morreu uma Irmã, uma Irmã nossa em Ponte Nova e ela [uma Irmã] pediu pra eu vir no lugar dela que ela não podia viajar. Mas ela tinha falado na Santa Montanha. Aí eu vim pra Ponte Nova, cheguei, fiquei sabendo que ia ter uma excursão pra cá. A Sônia que fazia essa excursão. Novembro de 83. A chuva começou fortíssima à noite, quando foi três horas da manhã, a Sônia levantou-se e falou: “Mãe do Céu, se a Senhora quer que eu leve a Irmã na Santa Montanha, a Senhora pára a chuva”. Na mesma hora, a chuva parou. Na mesma hora. Não pingou mais um pingo de chuva.

Quando chegou à Santa Montanha, Irmã Lourdes conversou com Irmã Leonor e deixou uns pedidos escritos para Jesus, que naquele dia não se manifestou. Conforme relatou, Nossa Senhora apareceu, mas veio chorando muito. A vidente distribuiu o óleo, dizendo que o Menino Jesus Celeste não estava presente. Apesar disso, Irmã Lourdes disse que sentia a presença dele:

Mas eu olhava pra ele, eu falei assim: - Jesus está presente, a vidente é que não quer falar. Mas o olho dele, é como se estivesse olhando pra gente. Falei: Ele está presente.

A resposta de Jesus foi enviada a ela por carta, que recebeu poucos dias depois de sua ida à montanha.

Viajei, quando cheguei em casa a carta já estava lá. De Jesus, a resposta. Quando eu li, que estava depois do meu nome, esta, mais tarde, estará aqui

conosco, mas eu tirei o sapato, mas eu pulava de alegria. Pulava de alegria, mas de alegria. Mas daí pra lá eu fiquei ainda seis meses lá. Aí, quando foi seis meses depois, eu perguntei o que eu podia fazer, se eu ia pra Sônia, ele [Jesus] falou: - Não, vem direto pra cá. Aí eu peguei o ônibus e vim direto pra cá. Cheguei aqui sete e meia da manhã. Dona Levina estava lá, a Irmã Leonor... Eu cheguei, cheguei no sábado, aí Jesus ficou presente à noite e falou pra Irmã Leonor: - “Segunda-feira você desce com ela pra comprar a roupa marrom pra fazer o hábito dela.” Quando foi oito dias depois, eu já estava de hábito. Cheguei no sábado, no outro sábado, eu já estava de hábito. Aí comecei a minha vida.

Durante todo o período em que permaneci na montanha e ainda durante minhas idas não tão regulares, Irmã Lourdes me visitava quase todos os dias e conversávamos na cozinha, tomando café, quando sempre me cobria de atenção com seu coração generoso. Ela me contou que sua congregação anterior não permitia que as religiosas ficassem muito tempo no mesmo lugar e que ela era sempre transferida de uma cidade para outra e que por isso não havia muita possibilidade de se criar laços de amizade. O chamado de Jesus e Nossa Senhora foi tão forte para ela que a solução encontrada para se desligar de sua congregação foi a fuga do convento onde vivia. Da mesma maneira que Irmã do Rosário, somente depois de se estabelecer no lugar é que comunicou à sua congregação que não mais voltaria.

Fugi da Congregação. Porque a Madre Jesus falou se eu falasse, eles me trancavam, não deixavam eu sair. E de fato a Superiora Provincial veio atrás de mim. Veio. E quando eu cheguei aqui que eu escrevi pra Geral falando que eu estava aqui. E que daqui eu não ia sair. Aí a Provincial veio atrás de mim.

Diversas religiosas que residiram no convento da Santa Montanha foram citadas nas entrevistas. Algumas já faleceram e foram enterradas no cemitério que fica ao lado do santuário. Outras viveram ali por vários anos e depois seguiram outro caminho. Irmã Leonor conheceu e conviveu com todas elas:

Irmã Leonor: Eram duas Irmãs Ana. Tinha uma que está sepultada no túmulo onde nós fizemos mais duas gavetas. E a Irmã Ana era um modelo de religiosa. Era um encanto em todo sentido. Aqui que ela, a Irmã Glória, vieram idosas já. Queriam ser freiras lá, não conseguiram. A Irmã Glória era pretinha. Então determinadas congregações... Então ela veio aqui, Nossa Senhora chamou, feliz da vida ela recebeu o hábito e viveu uma vida santa. As duas exemplares. Porque fui eu, a Madre Auxiliadora... Nós entramos no dia 25 de março de 80. Quando foi em maio de 80, daí entrou a Irmã Henriqueta, vestiu o vestido de postulante, que tem graduação também. Vestiu o vestido de postulante, ela, a Irmã Maria do Divino Espírito Santo que é filha de Dona Nelvina e que é a que viu Nossa Senhora e acho que tinha mais umas duas meninas que estavam por aí também vestiram o hábito. E daí começou a chegar gente, logo chegou a Irmã do Rosário, logo chegou a Irmã Lourdes. Bem mais tarde foi chegando a Irmã Glória, chegando a Ana

que depois ficou a Irmã Ana. Chegou a Glória, depois ficou Irmã Glória. Depois foi chegando, quem mais? A Irmã Zélia. Chegaram outras também que saíram. Que vestiram aqui, fizeram a confissão, tudo, depois saíram. Foram muitas. Se estivessem todas, nós seríamos mais de trinta. Agora nós somos nove.

José Lopes: [Vieram] De várias congregações. A Irmã Leonor e a Irmã Dulce é de uma congregação. A Irmã do Rosário é de outra congregação, dos Santos Anjos. E as outras foram consagradas aqui mesmo. Tinha uma Irmã, a tal Irmã Glória, ela era pretinha, já estava bem velha já, mas ela tinha uma vontade enorme de ser freira. Mas nunca eles aceitaram ela pra freira. Então Nossa Senhora aceitou. Aí ela conseguiu essa consagração.

Irmã Henriqueta: Aí depois entrou a Irmã do Espírito Santo, que é a filha da vidente. Aí foi entrando gente, naquele ano veio muita gente. Abriu o convento, quando foi inaugurado, aí foi vindo. Veio a Irmã Rosário no mesmo ano, a Irmã Helena, do Rio Grande do Sul. Eu sei que tinha uma sobrinha da Maria das Flor. Também não perseverou, foi embora. Mas teve bastante gente aí, depois saiu pra lá.

Irmã do Rosário: Irmã Leonor, a Madre Auxiliadora ainda era postulante. Ela, a Irmã Henriqueta, a Irmã do Espírito Santo eram postulantes, mais três. Duas ou três que saíram. Irmã Rita, Irmã Consolação e tinha uma outra, Teresinha, parece que foi antes de eu chegar. Eu sei que eram umas sete Irmãs. Mas assim, Irmã mesmo era só a Irmã Leonor. Irmã Auxiliadora era postulante, Irmã Henriqueta, estavam todas assim de pretinho. Irmã Espírito Santo.

Geralda dos Reis¹⁴⁶, a primeira criança a quem Nossa Senhora se manifestou, vive no Convento das Carmelitas desde que este foi criado e se tornou Irmã do Divino Espírito Santo. Ela participou intensamente de todo o processo de criação da Santa Montanha, sendo citada com frequência no Livro de Tombo e tentei algumas vezes abordá-la, mas, apesar de sempre se mostrar simpática, não consegui que nossa conversa se prolongasse por mais que alguns minutos. Beatriz e Maria disseram que Geralda é muito tímida e tem a saúde delicada.

G: A Geralda. É, mas a Geralda fica muito caladinha, assim, eu nem tentei conversar com ela não, porque...

Aloísio: Porque ela tem medo de soltar, tem medo de falar. Ela é bicho do mato.

Três outras religiosas que também não entrevistei são a Irmã Raimunda, Irmã Maria Isabel e Irmã Maria da Paz.¹⁴⁷ Esta última me disse que era professora em São Paulo antes de conhecer a Santa Montanha e se tornar religiosa. O jardim que fica nos fundos da casa que aluguei é cultivado por ela, que concordou que eu dissesse que

¹⁴⁶ Anexo 27.

¹⁴⁷ Anexo 28.

aquele também era o “meu” jardim. As rosas, quando florescem, são colhidas por elas, para enfeitar o altar de Nossa Senhora.

Para Berger e Luckmann, o conhecimento é distribuído socialmente. Com a segmentação da ordem institucional, surge o problema objetivo que consiste em integrar e legitimar todos os significados dentro da sociedade inteira. A segmentação institucional e a distribuição do conhecimento propiciam o surgimento de “subuniversos de significação socialmente separados”.¹⁴⁸ Quando isto acontece,

... haverá não somente o problema da integração total dotada de sentido, mas também um problema de legitimação das atividades institucionais de um tipo de ator com relação aos outros tipos.¹⁴⁹

No mundo Santa Montanha, durante vários anos, principalmente de 1976 a 1989, observa-se a existência de vários subuniversos de significação coexistindo uns com os outros, cada um com tipos de indivíduos exercendo papéis específicos, integrados em torno da vidente Levina. Esta capacidade de instituições distintas

de conservarem-se unidas, a despeito da impossibilidade de admitir isso *a priori*, só pode ser explicado com referência à consciência reflexiva dos indivíduos que impõem certa lógica à sua experiência das diversas instituições.¹⁵⁰

Para os autores, há uma dialética entre a produção social e o mundo objetivado que é produto dela.¹⁵¹ A multiplicidade das instituições, cada uma delas sustentada pelo interesse social do grupo que produz seus próprios significados, ao propiciar a criação dos subuniversos de significação socialmente separados pode vir a ocasionar conflitos ou competição entre os diversos grupos. Estes subuniversos podem se apresentar de forma visível a todos ou podem se manter ocultos à visão geral. Os subuniversos trazem o problema de fornecer a legitimação global e as legitimações específicas das instituições dentro de um único universo de sentido.

Pode-se verificar na Santa Montanha, durante o período citado, a existência de cinco grupos institucionais principais (que serão relacionados mais à frente), que podem ser também divididos em subgrupos, que foram se formando em torno do significado integrador que reunia toda a sociedade e que também legitimava as instituições em

¹⁴⁸ Cf. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 113.

¹⁴⁹ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 112.

¹⁵⁰ Idem. pág. 111.

¹⁵¹ Idem. pág. 116.

torno dele: Nossa Senhora Aparecida. Não há como levantar qualquer dúvida, e esta também não é a finalidade deste trabalho, em relação à veracidade dos motivos que mantinham todos os grupos dentro de uma mesma realidade. O que se deduz pelos diversos relatos recolhidos, é que as pessoas que se reuniram ao redor de Nossa Senhora e de Jesus estavam, à sua própria maneira, vivenciando de modo verdadeiro sua experiência religiosa. O que é importante destacar é que a presença de Nossa Senhora, na companhia de seu filho, o Menino Jesus Celeste, possuía tamanha força simbólica que conseguia ligar e manter os diversos subuniversos de significação sob um único dossel sagrado, estável e estruturado sobre o catolicismo.

N. S diz padre Celso a Madre Ana e ao Padre José que pode atender aqui porque a verdade está para muitos.¹⁵²

José Lopes: Dom Mauro, teve um outro também acho que era da Igreja Brasileira. Dom Mauro, Dom Carlos, não lembro o nome dele mais. Acho que eles davam aula sim. Agora, por exemplo, pra fazer o presbitério lá, pra pôr ardósia no presbitério, aí o Dom Mauro quem cuidou daquilo lá. Fui com ele muitas vezes lá em Ubá levar a ardósia lá pra cortar, que ele não tinha ferramenta nenhuma pra cortar. Ajudou. Estava tudo junto. De vez em quando, às vezes saía aquele, depois aparecia um outro lá. Ah, isso aparecia. De vez em quando aparecia um da Igreja Brasileira lá. Vinha, mas é o tal caso. Deus não dispensa ninguém não, nós é que fazemos seleção de pessoas. Imagina, Deus não, pra Deus não. Mas aí, chegava lá, dava chance pra eles lá.

É também através do que disse José Lopes que se compreende a existência dos diversos subuniversos de significação reunidos na montanha com o mesmo propósito da prática da atividade religiosa e de como os moradores incorporavam a existência dos diversos tipos de atores em um mesmo universo maior que englobava todos os outros.

A reforma do Concílio, ela começou antes, antes do Concílio. Foi em 62, Nossa Senhora apareceu em 66, né? E com a reforma do Concílio, o Bispo de Campos, com 20 padres, não aceitaram a reforma do Concílio. Mas eram santos, pessoas boas, pessoas santas. Aí o Concílio não deu abertura pra nenhum desses casos. Então eles ficaram abandonados. O Bispo depois acabou morrendo, e os padres ficaram a mercê, não tinham nem uma capela onde podia celebrar a missa. Quem quisesse celebrar era assim, se algum falasse que podia celebrar aqui na minha casa, eles vinham pra cá e celebravam. Mas não tinha paróquia, não tinha nada. Então eu creio que Nossa Senhora apareceu aí, foi justamente pra dar essa abertura pra eles. Então, Nossa Senhora, que é mãe, como mãe, a mãe sempre dá um jeitinho para os filhos. Ela falou: - “Eu vou dar um jeitinho pra vocês.” Então daí é que ela pediu, né? Os padres celebram a missa em latim, de costas para o público, eles próprios que dá comunhão, ninguém dá. Então é assim. Nossa Senhora veio facilitar pra eles, abrir o caminho pra eles.

¹⁵² 2º Livro de Tombo, mensagem em dezembro de 1976.

O primeiro grupo que se formou era constituído pelos romeiros, visitantes constantes ou eventuais que passaram a frequentar a montanha a partir dos relatos das aparições. Embora se saiba que grande parte destas pessoas é levada pela curiosidade, este também não deixa de ser um motivo da busca pela religião. Conforme relatado, milhares de pessoas subiam a Serra da Mutuca aos primeiros domingos de cada mês, participando de todos os eventos em adoração a Nossa Senhora até a morte da vidente.

O segundo grupo foi sendo criado pelos moradores em torno da montanha e das cidades vizinhas, que se dedicaram e ainda se dedicam, após 45 anos do primeiro relato das aparições, a manter a presença de Nossa Senhora no mundo. Este grupo foi formado por pessoas que passaram a residir no local e/ou tornaram-se apóstolos e que foram os responsáveis pela propagação das mensagens da santa, organizando e mantendo o movimento em torno dela, vivendo de acordo com seus pedidos e de seu filho. A dedicação e o esforço destas pessoas podem ser comprovados neste capítulo que se refere ao processo de objetivação, especialmente nos subcapítulos referentes aos apóstolos de Nossa Senhora e à Santa Revolta.

Dois outros grupos que tiveram participação relevante na formação da Santa Montanha eram constituídos, um, pelos padres, bispos e seminaristas da ICAB e o outro, pelos adeptos da Igreja de Palmar de Troya. Como já foi dito, os motivos que levaram estes religiosos a romper com a Igreja Romana não serão abordados neste trabalho, mas os relatos dos entrevistados mostram que, além da dedicação à vida religiosa, havia entre eles outros interesses que autorizam a considerá-los integrantes de subuniversos de significação distintos.

E por último, mas não em menor grau de importância, o grupo institucional criado a pedido de Nossa Senhora, que se iniciou a partir da chegada de Irmã Leonor à montanha.

Quando Irmã Leonor passou a residir na Santa Montanha, os conflitos entre a Diocese de Leopoldina e os fiéis de Nossa Senhora já não envolviam mais a polícia. As Carmelitas da Santa Face, que tiveram grande participação no movimento de resistência ao fim das aparições, chamado por Nossa Senhora de “Santa Revolta”, moravam no convento que foi construído por Madre Ana. O 2º Livro de Tombo relata, em dezembro de 1976, o pedido de Nossa Senhora de que estas religiosas permaneçam na montanha, como também demonstra o desejo de ligação com a Igreja Romana.

Madre Ana N. Senhora escolheu para fundar o seu convento Católico Romano para estudos, tanto que N. Senhora tem pedido.

N.S diz que quer a Irmã Luzia aqui de morada pra toda a sua vida.

Teresa Rosa relata um diálogo entre Madre Ana e Padre Ferrari que demonstra a participação das carmelitas de Palmar de Troya no episódio em que Levina ganhou a imagem do Menino Jesus Celeste:

[Jesus]: “Eu quero ir pra montanha.” Ela [Madre Ana] falou assim: - “Não quero trazer, não pode.” Aí o padre Ferrari falou com a Irmã Madre Ana. A Madre Ana falou: - “Não, não pode, Jesus não pode.” O padre falou assim: - “Deixa, se ele quer ir, deixa ele ir. Ele tem que ir. Se ele quer, deixa ele ir.”

Aloísio também narrou sobre uma ocasião em que Juca Emídio, intervindo sobre um conflito que envolveu Sebastião Ferreira, ameaçou trancar a ermida e colocar um fim às manifestações religiosas em sua propriedade. O Menino Jesus Celeste determinou então que um dos proprietários da fazenda abrisse a ermida, mas após fazer uma penitência que consistia em andar de joelhos o caminho da ermida até a casa de Levina onde ficava sua imagem e voltar também de joelhos para abrir a porta. Nesta ocasião, Irmã Leonor ainda não havia chegado à montanha e Irmã Luzia morava no convento construído por Madre Ana, interagindo estreitamente com os moradores, participando do mesmo “contexto total de sentido objetivo para a experiência”.¹⁵³ Foi ela quem acompanhou Aloísio na penitência.

Aloísio: Vieram ficando quietas. A irmã Marta, a chefe delas, a tal Irmã Luzia, ô Irmã pra ser boa. “Seu Aloísio, - a Irmã Luzia, Irmã boa pra danar, - deixa eu te pedir.” Que ninguém me pedia, que eles achavam que eu era meio violento, meio bravo. Aí ela perguntou assim: “Se eu pedir um favor, você faz?” – “Faço, Irmã, o que a senhora pedir pra fazer, eu faço.” – “Aí então, quando você acabar de tirar leite, eu vou te falar.” Aí de onde ela estava, ela estava sentada em cima da pedra, lá. Espera. – “Pode falar agora, irmã.” – “Pra abrir a igreja lá, você tem que pegar... Todo mundo fala que você não faz. Você pegar ir de joelho lá buscar a chave lá no pé do Menino Jesus pra poder vim cá de joelho pra abrir a igreja”. Falei: - “Só isso, Irmã? Daqui a meia hora está aberto”. Tomei um banho, mudei a roupa e fui pra lá e bati o joelho no chão. Daí todo mundo sem jeito, fui lá, rezando. Ela de joelho também comigo. Ela falou: - “Eu vou junto com o senhor, com você”. Aí foi, rezamos, rezamos, rezamos, peguei a chave, pedi perdão, vim cá, abri a chave, aí todo mundo bateu palma. Eu falei: - “Uai, porque que não abre? É uma vergonha a igreja fechada! O culpado é o papai, tinha que mandar é o papai vim de joelho, com aquele botinho dele”.

¹⁵³ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 112.

As mensagens no Livro de Tombo registram que, desde 1971, Nossa Senhora pedia a construção de um santuário.¹⁵⁴ A partir de 1976, seus pedidos passaram a incluir também um Convento de Irmãs Carmelitas e uma casa para os padres.¹⁵⁵ Embora já existisse no lugar o convento de Irmã Ana quando Irmã Leonor se mudou para a montanha, ela disse que Nossa Senhora pediu a construção de uma outra casa para que iniciasse um novo convento sob sua direção. Esperança, contando com esmolas e doações dos romeiros e moradores, atendeu ao pedido. Um ano depois, Irmã Leonor, na companhia de Irmã Auxiliadora, passou a morar no novo convento.

Irmã Leonor: Mas Nossa Senhora não quis aquela congregação, ela quis formar uma congregação comigo. Comigo é que começaram a congregação que ela queria, uma congregação de Carmelitas do jeito que ela queria. Porque a Madre Ana tinha o jeito especial dela, ela seguia muito Palmar de Troya. Eu fiquei morando com a Esperança um ano e Nossa Senhora mandou construir o convento, ela dizia assim, o convento da Irmã Leonor.

Berger e Luckmann não excluem a possibilidade de conflitos entre os diversos subuniversos de significação em decorrência da multiplicidade de perspectivas sobre a sociedade total.¹⁵⁶ Em um relato de Irmã Leonor constata-se a existência de divergências decorrentes da competição entre os grupos que eram formados pelos religiosos:

O Frei Benigno saiu daqui porque Nossa Senhora afirmou que o Papa verdadeiro era João Paulo II. Não era da congregação dela [Irmã Ana] não, mas ele era de uma congregação de Belo Horizonte. De Carmelitas Calçados. Mas ele veio pra morar aqui. Porque tinha missa tradicional e tudo. Mas então... E daí a Irmã Ana começou a ficar muito enciumada, muito tudo e eu sei que houve uma época então que ela resolveu ir embora, foi lá pro Rio de Janeiro.

Conforme contou Irmã Leonor, algum tempo depois que o convento foi construído e começou a funcionar, ela foi designada pelo Menino Jesus a se tornar porta-voz de Nossa Senhora junto aos Bispos da Igreja Católica Apóstolica Romana para que estes iniciassem o processo de reconhecimento das aparições na montanha. Era desejo da santa a vinculação do mundo religioso que se formava com Roma. Pode-se verificar nos 1º e 2º Livros de Tombo várias mensagens com pedidos ao Bispo Dom

¹⁵⁴ Anotação no 1º Livro de Tombo, datada de 06.01.1971: “Se todos se converterem, teremos esperança de ter aqui um santuário.”

¹⁵⁵ Anotação no 2º Livro de Tombo, datada de 05.10.1976: “Filhos, peço que façam o Convento das Irmãs Carmelitas e o Convento dos Padres também.”

¹⁵⁶ Cf. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 114.

Gerardo para que conhecesse a Santa Montanha e constatasse pessoalmente a veracidade das aparições:

21 de fevereiro de 1969: Bispo Dom Gerardo não tenha medo da Virgem Maria Ela está presente a todos os seus filhos na Santa Montanha.

03 de janeiro de 1971: ... a Virgem M^a Santíssima, pedindo e repetindo que faz o abaixo assinado para o Pe. do lugar, se não houver nada pode escrever para o Bispo e a Santa Sé. Eu peço meus filhos todos que mande esta mensagem para o Pe. do lugar e o Bispo.

29 de fevereiro de 1971: Escrevam uma carta ao bispo.

13 de dezembro de 1971: Peço aos apóstolos que escrevam uma carta ao senhor bispo, dizendo que há cinco anos desejo aqui meus filhos reunidos.

13 de maio de 1972: Vão insistindo com o abaixo-assinado para o Sr. Bispo.

2º Livro de Tombo em 1973: Os apóstolos de Nossa Senhora deve rezar a coroa do terço, não pode esquecer até os primeiros domingos os apóstolos tem que conseguir com a chamada de nossa Senhora, não esperar a paciência do Sr. Bispo, este aviso de Nossa Senhora tem que conseguir, toma providência da Santa Sé. Como a Virgem Maria Santíssima tem todo o poder de chamar todos atenção. Os apóstolos de Nossa Senhora Aparecida deve contar só as verdades e não as mentiras.¹⁵⁷

15 de março de 1975: Eu sou a Virgem do Céu, peço que os abaixo-assinados sejam enviados ao Sr. Bispo (D. Gerardo, de Leopoldina). Na Santa Montanha, tudo deve ser examinado pelo bispo.

15 de julho de 1976: ... nós temos que aceitar o que aceita a S. Igreja Católica Apostólica Romana se muitos não tem dúvida o que nós fazemos é o que a S. Igreja Católica manda [...] Jesus confirmou a S. Igreja Católica Apostólica Romana.¹⁵⁸

José Lopes: Nossa Senhora enviou emissários a conversas com o então Bispo de Leopoldina que respondeu não atender àquele apelo, por achar que era uma farsa. Todos os meses eram feitos abaixo-assinados ao Bispo e ele nem dava atenção.

Um ano depois de sua chegada, Irmã Leonor começou a percorrer um longo caminho, em viagens pelo Brasil, em busca do reconhecimento das aparições de Nossa Senhora e de Jesus, através dos bispos da Igreja Católica. Após enviar diversas cartas a vários bispos, cônegos, cardeais, núncios e até ao próprio Papa sem obter resposta, Irmã Leonor passou a procurá-los pessoalmente.

Irmã Leonor: E depois que o convento foi fundado, eu fiquei sendo superiora um pouquinho de tempo, mas logo depois a Madre Auxiliadora ficou a Madre do convento e eu fiquei a serviço do Menino Jesus pra conversar com os Bispos, pra mandar carta pro Papa, pra toda correspondência de todos os

¹⁵⁷ 2º Livro de Tombo, pág. 163.

¹⁵⁸ Mensagem gravada no Livro de Tombo com data de 15 de julho de 1976.

Bispos. Eu tinha endereço de todos os Bispos. Mandeï cartas, tenho tudo escrito aí.

Todas as tentativas de aproximação com a Diocese de Leopoldina resultaram frustradas. Apesar disso, durante vários anos, as Irmãs Carmelitas, lideradas neste trabalho pela Irmã Leonor e apoiadas pelos moradores e fiéis, em cumprimento aos desejos de Nossa Senhora e do Menino Jesus, insistiram no reconhecimento oficial das aparições pela Igreja Romana. De acordo com o que ela mesma contou, durante muito tempo pediu para ser recebida por Dom Gerardo na Diocese de Leopoldina, somente conseguindo uma audiência por intermédio do Bispo Dom Agnelo, que a conhecia pessoalmente. Em uma correspondência ao Bispo Dom Gerardo¹⁵⁹, em que insistia novamente em uma entrevista, datada de 15 de fevereiro de 1982, diz Irmã Leonor:

Dom Gerardo, há pelo menos dois anos e cinco meses, gostaria que V.Exa. me visse pessoalmente. E em me vendo, certamente V. Exa. iria se lembrar que não sou a pessoa que imaginou ser eu.

Nesta correspondência, ela expõe seu currículo como religiosa, relata parte da história da Santa Montanha e entre outras coisas, diz:

Dom Gerardo, não está V. Exa. jogando fora a porção mais rica do seu rebanho? “A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se PEDRA ANGULAR.”

Perdoe-me, Dom Gerardo, mas são dezesseis anos que Nossa Senhora aparece aqui. O que Ela diz está acontecendo no mundo, na Igreja e se realizando na Santa Montanha apesar de todos os ataques, todas as decisões firmes de acabar com a Santa Montanha nestes dezesseis anos. E apesar de tudo, a Barca de Virgem Maria vai-se formando serena, tranquila, dia por dia, vagarosa, como sói acontecer com as coisas de Deus, mas segura. Quem a pode estar sustentando atrás das frágeis criaturas que aqui vivem?

O resultado da entrevista de Irmã Leonor com o Bispo Dom Gerardo não produziu qualquer resultado positivo, apesar dela expor com detalhes suas razões, baseando seus argumentos em postulações com base religiosa.

Irmã Leonor: Fui à nossa Diocese, Leopoldina, conversar com o Bispo porque Dom Agnelo pediu pra ele nos atender, porque ele não queria atender. Aí foi a Dona Efigênia, eu, a minha mãe estava morando comigo aqui um pouquinho de tempo, ela foi comigo, mas só a Dona Efigênia e eu que conversamos com o Bispo. A resposta que ele deu foi: - “O Papa é o Bispo de Roma, eu sou o Bispo desta Diocese. O Papa manda lá e eu mando aqui.”

¹⁵⁹ As cópias das correspondências enviadas ao Bispo de Leopoldina, bem como aos Bispos integrantes da CNBB, estão em uma pasta que Irmã Leonor mantém no convento. Ela permitiu que eu lesse, copiasse e usasse na dissertação.

A entrevista de Irmã Leonor com o Bispo Dom Gerardo foi relatada por ela em correspondência ao Cardeal Rossi em 27 de maio de 1982 e quando pedi que me autorizasse a publicar os documentos, que são guardados em uma pasta no convento, concordou, somente pedindo que omitisse um ou outro detalhe de cunho pessoal. Parte da correspondência entre ela e o Cardeal Rossi e também enviada a Dom Gilberto Pereira Lopes, que ela autorizou a publicar, diz:

Estive ontem, 25.05.1982, com D. Gerardo Ferreira Reis em sua casa – Leopoldina - , acompanhada de D. Efigênia Dias Teixeira, que sempre secretariou as Mensagens de Nossa Senhora, desde o início, até 1979, mais ou menos.

Disse-me D. Gerardo, que recebera dia 25.05.1982, carta de V. Exa.

Decididamente, ele se nega a ter diálogo com a Santa Montanha, afirmando:

1º) Que não acredita em aparições nem daqui, nem de Fátima, nem de Lourdes, e de lugar nenhum.

2º) Não crê em Milagres que provam curas, e portanto nega os sinais deixados por Nossa Senhora.

3º) Considera a Santa Montanha como um lugar que não existe para ele.

4º) Mandou que eu continuasse o processo que já está em Roma, por Roma mesmo. ISTO ELE DISSE, QUANDO LHE PERGUNTEI SE POSSO SOB SUA RESPONSABILIDADE, CONTRARIAR MINHA CONSCIÊNCIA.

Em cópia desta correspondência, Irmã Leonor pede ao Cardeal Rossi que entregue a Santa Montanha ao Bispo de Campinas, Dom Gilberto Pereira Lopes. O resultado foi narrado por ela:

Irmã Leonor: Eu fui em Campinas, foi em Campinas que eu levei, quando eu fui conversar com o bispo. Porque a minha família é de Campinas. Quando eu fui conversar com o bispo pra ele levar o material pra Roma, eu aproveitei e levei o óleo pra fazer exame. Eu ia muito a Campinas naquela ocasião porque tem que ver uma coisa, tem que ver outra. E quando eu fui pra Brasília, ele é que arrumou o carro que ia pra Belo Horizonte. Ele falou: Você vai é nesse carro. O Menino Jesus. Gente que vinha de Belo Horizonte pra cá, conversou com as pessoas e explicou. E tinha uma que conhecia uma pessoa em Brasília que ia me hospedar lá. E ela se comunicou com essa pessoa, que eu não conhecia nada. Sabia nada. Fui sozinha de Belo Horizonte a Brasília e lá uma pessoa foi, me hospedou e me levou até o Núncio. Tudo foi encaminhado, tudo foi encaminhado. Muitos Bispos responderam bem. Mas muitos também me afastaram. E tenho as respostas aqui das cartas todas que eu mandei pra todo mundo, eu tenho a resposta, uma resposta, uma resposta dizendo que eu era nem sei o quê lá. Que eu não era freira. Então foi assim, Nossa Senhora queria aprovação de Roma. Ela

pedia. E ela mandou seguir todos os trâmites. Os trâmites é o seguinte: primeiro fala com o vigário, se o vigário não atender, você vai com o Bispo. Se o Bispo não atender, você vai com o Núncio. Daí eu fui pra ver. Se ele não atender, você vai com o Papa. Nós seguimos todo esse trâmite. Nada. Mas Deus tem os planos dele, ele sabe o que faz.

As correspondências que Irmã Leonor enviou à Diocese de Leopoldina e a vários bispos através da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), ela permitiu que eu escaneasse. Entre os diversos documentos, constam: o histórico das aparições e milagres, partes de mensagens, correspondência ao Papa João Paulo II em 25 de março de 1982, carta enviada ao Cardeal Rossi, carta de agradecimento a Dom Ricardo em 30 de março de 1992 pela visita que este fez à Santa Montanha a seu convite, resultado do laudo sobre o óleo que mandou analisar no laboratório de análises clínicas em Campinas, atestado médico emitido por um oftalmologista relatando a recuperação da visão de um paciente em 22 de novembro de 1977 após o uso do óleo de Nossa Senhora, outro atestado relatando a cura de um caso citado pelo médico como “desesperador”, com recuperação rápida do paciente após a ingestão do óleo e cópia de parte de um Boletim Semanal da CNBB com resposta do Bispo Dom Gerardo sobre a correspondência que foi enviada por ela aos Bispos do Brasil.

Ao longo dos anos, as Irmãs Carmelitas, sob a liderança de Madre Auxiliadora, e tendo à frente em seu trabalho de reconhecimento das aparições a Irmã Leonor, que se dedicou integralmente a atender ao pedido de Nossa Senhora para que se obtivesse a aprovação de Roma às aparições, inibiu o desenvolvimento dos outros grupos religiosos, os outros subuniversos de significação representados pelos religiosos da ICAB e da Igreja Palmariana, que foram desaparecendo aos poucos. Em 1990, após o falecimento de Dom José, já não havia mais nenhum dos padres das duas Igrejas na montanha. Berger e Luckmann, ao falarem sobre conflitos entre subuniversos de significação distintos, dizem:

Estes conflitos sociais traduzem-se facilmente em conflitos entre escolas rivais de pensamento, cada qual procurando estabelecer-se e desacreditar, quando não liquidar, o corpo de conhecimento competidor.¹⁶⁰

Pode-se observar o que foi dito pelos autores sobre a existência destes conflitos através do que foi relatado por Irmã Henriqueta e por Orlandina:

¹⁶⁰ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 114.

Irmã Henriqueta: [Dom Mauro] Foi embora. Quando ele já estava com vontade já de querer fazer o contrário, o que tinha que fazer na Santa Montanha, ao invés de ajudar ele queria já destruir... Queria trazer gente da Igreja Brasileira pra cá. Jesus começou a chamar a atenção dele. Aí ele começou a comentar sobre a Igreja Brasileira, aí Jesus começou a chamar a atenção dele. O Dom Mauro ficou uns três ou quatro anos, acho que uns quatro anos tenho a impressão que ele ficou. Era engraçado, Goretti, a coisa mais interessante. Quando ele falou assim, deixou tudo na Santa Montanha na mão dele, o convento, os apóstolos, eu comento isso com a Irmã Auxiliadora de vez em quando. Jesus falou assim: - “Está tudo entregue nas suas mãos.” E tirou o poder dele. Achei interessante é isso. Ele perdeu a graça, ele não conseguiu. Deu um jeito, dali um instante, ele foi embora. Ele não conseguiu, ele não deu um passo depois disso. Eu lembro direitinho. Jesus falou: “Agora está tudo nas suas mãos. O convento, a Santa Montanha, está tudo por sua conta. Os apóstolos...” Mas ele tirou o poder. Ele não teve ação nenhuma. Começou a falar por fora, mandando, falando com o Prefeito, com o pessoal daí de fora, falando mal da madrinha, que a madrinha não era vidente nada, que não estava vendo nada. Começou a falar o contrário, por causa de que Jesus chamou atenção dele. Por causa que ele estava falando sobre a Igreja Brasileira lá no seminário.

Orlandina: A primeira que foi para ali, foi a madre Ana. Faleceu no Rio de Janeiro. Ficou um tempo aí, depois não queria obedecer, foi embora. Essa não enterrou lá, a Ana que enterrou é outra. A Madre Ana foi a primeira Irmã que veio do Rio de Janeiro para aqui. É lá do padre Ferrari. Depois ela pegou a não querer obedecer às ordens ali e ela foi embora. Aquela casa que o padre Estêvão mora é dela. Ela morreu, largou aquela casa lá.

Em acordo com as Irmãs Carmelitas, Aldir (Padre Estêvão) e Padre Antônio, que foram ordenados por Dom Mauro em obediência às ordens de Nossa Senhora e do Menino Jesus, deram continuidade ao mundo religioso já legitimado, até o falecimento da vidente Levina.

Berger diz que um subuniverso de significação pode alcançar um nível relativamente autônomo, podendo, a partir daí, “exercer uma ação de retorno sobre a coletividade que o produziu”.¹⁶¹

Após a morte da vidente Levina em 2002, a fazenda onde se situa a Santa Montanha passou a se tornar propriedade da instituição que foi criada pelas Irmãs Carmelitas, Padre Antônio e Padre Estêvão, chamada Obra da Divina Misericórdia. O subuniverso de significação representado por estes religiosos, que começou a ser criado após 15 anos da primeira aparição da santa, exerceu, conforme Berger e Luckmann, uma ação de retorno sobre a comunidade e, a partir do falecimento da vidente, assumiu a posição de liderança, não somente no aspecto material, mas também como responsável

¹⁶¹ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 115.

pela continuidade deste mundo religioso. A transformação da sua posição na sociedade ao longo do tempo pode ser observada através do que disseram os entrevistados.

José Lopes: Ali, o convento, nunca teve Superiora. É porque Nossa Senhora falava que Superiora ali não precisava, que Ela que dirigia as Irmãs, então não precisava da Superiora, não.

Teresa Rosa: Nossa Senhora falava: “Meus filhos, eu não vim aqui buscar beleza. Não vim buscar riqueza. Não vim buscar nada, vim aqui para salvar as almas”. A senhora vê bem, né? Este cantinho aqui vai salvar muitas almas. Já salvou e vai salvar muitas almas. Porque as Irmãs são muito firmes nas orações. Elas continuaram.

Maria: Elas fizeram registrado e pôs o terreno na Obra da Misericórdia. Tudo aqui, tudo é da Obra da Misericórdia. É, que foi doado, foi. E agora ficou. Agora, elas quer vender, então se elas quiserem vender um pedaço, elas podem vender e o dinheiro pode entrar pra arrumação da igreja, que precisa de arrumar, pra conservar, pra conservar as coisas que a vez tá estragando, não tem condições de arrumar, então já um dinheirinho que já entra.

Orlandina: Depois que apareceu a Dona Nazaré, comprou o resto da fazenda e doou pra Associação da Misericórdia. A Santa Montanha todinha é da Consagração de Nossa Senhora. Daquela porteira pra cima. Não tem a porteira na chegada?

Em 2003, os religiosos e moradores da Santa Montanha decidiram buscar o apoio da Administração Apostólica Pessoal São João Maria de Vianney, com Diocese em Campos. Foi um processo de aproximação difícil e longo e que ainda, durante o tempo da pesquisa, não havia se completado. Moradores e religiosos disseram ter confiado nas palavras de Nossa Senhora, que, antes da morte da vidente, previa a chegada de um bispo que iria cuidar da Santa Montanha.

Irmã Lourdes: Mas Nossa Senhora falava assim: - “Estou esperando um bispo pra tomar conta da Santa Montanha”. Vários meses ela falava isso. – “Estou preparando um bispo pra tomar conta da Santa Montanha”. A gente ficava: - “Quem é esse bispo, meu Deus?” Ninguém sabia quem era esse bispo. Depois que a vidente morreu, que nós soubemos bem claro que em Campos tinha um bispo tradicional.

José Lopes: E no dia das aparições de Nossa Senhora, Nossa Senhora falou... as aparições que teve lá antes de Dona Levina morrer, Nossa Senhora falou assim que o Papa estava ajeitando... acho que ela falou assim que estava ajeitando um bispo pra Santa Montanha. Aí tá bom. Depois aparece esse Dom Fernando aí de Campos, que aceitou a Santa Montanha como é.

Irmã do Rosário: Olha, pouco antes da morte da vidente, Nossa Senhora deu uma mensagem e disse assim: - “Olha, eu estou trabalhando um bispo pra tomar conta da Santa Montanha.” E a gente não sabia que Ela já ia levar a vidente.

Aldir relatou as dificuldades que os moradores encontraram até que Campos consentisse em agregar a Santa Montanha à sua Diocese:

Aldir: Foi em Janeiro de 2003, nós fomos a Campos. O Dom Fernando não prometeu resolver a nossa situação. Ele prometeu ajudar naquilo que fosse possível. Porque enquanto ele esperava nossa visita, que estava sendo agendada, ele procurou saber sobre Santa Montanha. Então alguns bispos deram má informação sobre a Santa Montanha. Então, quando fomos a primeira vez, ele falou: - “A informação da Santa Montanha não é boa. Eu vou prometer ajudar naquilo que for possível. Não vou prometer resolver a situação.” Nós estivemos lá em janeiro. Quando foi em março de 2003, nós voltamos, que era uma festa que tinha lá, quando foi a ordenação do padre Antônio de Pádua, em junho ou julho, ele era seminarista lá em Campos, aí nós voltamos de novo. E além de não ser bem recebido na segunda vez, nós voltamos na terceira. Sobre mim, ele pegou informação com o padre Demerval, da Congregação do Sacramentino lá de Belo Horizonte, padre Miguel, que tinha sido ordenado aqui comigo e ele falou assim: - “Se esse dois padres não forem mentirosos, você não é ruim pessoa, não.” Mas foi um período difícil, mas acabou tudo, uma falação medonha, não tem nada a aproveitar. Aí foi fim de 2003. Aí a Diocese ficou sem Bispo. A Diocese de Leopoldina. Dom Célio deu a licença deles poderem movimentar aqui. E Campos só podia dar a atenção aqui com a licença de Leopoldina. Mas aí Dom Célio saiu da Diocese. E a Diocese ficou vaga. Acho que uns 6 meses, até que chegou Dom Dario. Começaram a vir mesmo foi todo sábado, no princípio de 2004.

Com a morte de Levina, o movimento popular, que se dava através de milhares de pessoas que subiam a montanha a cada primeiro domingo do mês, data em que ocorriam as aparições da santa, foi reduzido a algumas dezenas de visitantes que assistem às missas no final de semana, celebradas pelo Padre Manuel, padre designado pela Diocese de Campos para dar assistência à Santa Montanha, e que continuam sendo celebradas no rito tridentino. No primeiro domingo do mês de fevereiro de 2011, data da comemoração da primeira aparição de Nossa Senhora na montanha, mais de uma centena de pessoas assistiu à missa. No momento da pesquisa, os religiosos que permanecem no local encontram-se filiados, com autorização de Dom Dario, Bispo da Diocese de Leopoldina até 2011, à Administração Católica Pessoal São João Maria de Vianney, que se originou da União Sacerdotal São João Maria Vianney. Esta entidade era formada por uma associação de sacerdotes e foi fundada em 1982, por D. Antônio de Castro Mayer, quando se separou da União São Pio X, que era chefiada pelo Bispo Dom Lefebvre. Esta rompeu com Roma após a reforma conciliar e celebra o rito romano tradicional na Diocese de Campos. No ano de 2002, a União São João Maria de Vianney, liderada pelo Bispo Dom Licínio, sucessor de Castro Mayer, reconciliou-se com a Santa Sé, passando a se denominar Administração Apostólica Pessoal São João

Maria de Vianney. No momento da pesquisa há um processo junto a Roma para a criação de uma paróquia na Santa Montanha e regularização do Carmelo que, conforme dito pelos religiosos que moram no lugar, encontra-se em fase final de concretização. A Administração Apostólica Pessoal São João Maria de Vianney possui seu próprio Bispo e se submete diretamente a Roma, usa o rito romano tradicional e constitui paróquias pessoais. Com a filiação a Campos, mudanças estruturais ocorreram na rotina dos moradores da montanha.

Aldir (Padre Estêvão): Eu fiquei assim. Antes de nós procurarmos Campos, a Irmã Auxiliadora e a Irmã da Paz escolhiam uma das mensagens e eu lia ela depois da missa. Eu atendia às confissões, o padre Antônio celebrava a missa e eu lia uma das mensagens já dita e dava uma explicação sobre a mensagem. Rezava um pouco e dava uma explicação sobre a mensagem. Depois que procuramos Campos, nós paramos. Foi pedido pra parar. Que até aí tinha seguido revelações, de agora em diante vamos seguir a Igreja. Eu fiz mais ou menos duzentos batizados, por aí. E também não negado pela Administração, não. O bispo da Administração disse simplesmente pra parar já a função, mas o que foi feito, estava feito. Tanto casamento, quanto batizado. Continuo ajudando aí na Igreja e dando comunhão normal. Ministro. Dando comunhão, tem a licença pra expor o Santíssimo, sem dar a bênção final. Pode expor o Santíssimo todo dia pra adoração e como se fosse, para a Igreja moderna, como se fosse um ministro extraordinário. Pode mais do que os outros. E interiormente, me continuo padre. Não exerço a função, mas interiormente me considero padre.

José Lopes: Delas [Irmãs] pra Campos. É o tal caso, o bispo autorizou, como diz, os padres de Campos a cuidar daqui, né? Então é o seguinte, já ficou a autorização pra elas. Então agora elas, o Bispo de Campos já está ajeitando até pra elas, como diz, fazer a eleição canônica da congregação delas. Então elas... eu acho que não saíram ainda não, mas já está na mão do Papa já. Está todinho encaminhadinho já.

Aldir: Elas [Irmãs] vão ser reconhecidas pela Igreja como Irmãs Carmelitas. Que antes eram reconhecidas só por Deus. Pela revelação de Nossa Senhora.

Berger e Luckmann dizem que os universos simbólicos se cristalizam através da objetivação, sedimentação e acumulação de conhecimento.

[O universo simbólico] Com relação ao passado, “estabelece uma “memória” que é compartilhada por todos os indivíduos socializados na comunidade. Em relação ao futuro, estabelece um quadro de referência comum para a projeção das ações individuais.¹⁶²

Apesar de todas as modificações que foram introduzidas após o falecimento de Levina pela Diocese de Campos, o que se constata pelas entrevistas é que há uma

¹⁶² BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 135.

continuidade na linha do pensamento simbólico que sempre integrou no mesmo universo de significação os atos praticados por cada um dos participantes deste mundo/cosmos, tanto religiosos quanto moradores e romeiros.

Teresa Rosa: Então eles não celebram, mas os padres de lá chamam eles de Irmão, Irmão Antônio, Irmão Estêvão. Mas nós não fala, não. Nós, fora dos padres dele lá fora mesmo, pra nós é Padre Antônio, Padre Estêvão, não tem jeito. Acostumamos. Então, se eles foram ordenados por Jesus, eles continuam.

Beatriz: Era pra chamar de frei. Frei Antônio. Só que a gente chama ele de padre mesmo. Está acostumado a chamar de padre.

Aloísio: [Padre Estêvão] Estudou lá. Agora os padres falam que ele não pode ser padre. Então quando ele está lá, ele celebra missa. Já fui muito à missa dele, ele batizou os meninos meu. O Estêvão também pra mim é padre, ué. Ele é um caboclo simples, simples demais da conta, e simples ele está até hoje. E sabe celebrar uma missa em latim.

José Lopes: Não, não muda nada não, porque o Bispo de Campos era, como diz... só que eles não tocam nada em assunto de aparição. Isso não. Aparição de Nossa Senhora não. Mas, como diz, deu como eles queriam, porque eles não tinham, não é? Mas como celebra só em latim, as mulheres têm que usar vestido, véu na cabeça e coisa e tal lá, então está de acordo com o que Nossa Senhora pediu. Então Nossa Senhora deu essa abertura pra eles. Então, Nossa Senhora, que é mãe, como mãe, a mãe sempre dá um jeitinho para os filhos. Ela falou: - “Eu vou dar um jeitinho pra vocês.” Então daí é que ela pediu, né? Os padres celebram a missa em latim, de costas para o público, eles próprios que dá comunhão, ninguém dá. Então é assim. Nossa Senhora veio facilitar pra eles, abrir o caminho pra eles.

Irmã do Rosário: Comunhão eles podem dar, mas celebrar missa não, que Dom Fernando tirou. Mas vem o padre no sábado, celebra sábado e domingo, graças a Deus, e tudo direitinho como era antigamente. Isso é o que Jesus queria.

Teresa Rosa: Porque a gente tinha que pedir licença pra semana, ninguém andava sem pedir licença. Tinha que ter a licença de Jesus. E até hoje eu sigo o mesmo. Eu peço a Jesus no sacrário. É o mesmo Jesus vivo. Peço licença de Jesus. Eu peço licença. Quando chega no domingo, já peço a ele licença pra semana. Se eu precisar sair, qualquer coisa que eu precisar de fazer, a licença de Jesus. Que eu não saio sem a licença dele. Mas antes disso, eu vou lá comungar, porque os padres dão comunhão pra gente, então ali eu já peço, entrego tudo a ele, entrego o meu dia pra ele, que ele faça de mim a vontade dele. E não a minha. Eu estou aqui pra servir ele, não pra ser servida. Então, a vontade é do Pai.

2.3.3 A vidente Levina

Controle social, para Berger, é o meio usado pela sociedade para manter seus membros enquadrados dentro dela. Ele diz que a forma de controle mais usada em todas

as culturas é a violência, não só nas culturas arcaicas, mas também no mundo moderno que habitamos.

Não podemos realmente censurar estes teóricos se recorrem a vários resistentes suportes para o frágil poder do simples argumento contra seus competidores. Em outras palavras, as definições da realidade podem ser reforçadas pela polícia.¹⁶³

Normalmente, a mera ameaça da violência já é estímulo suficiente para manter a ordem social. Há também mecanismos de controle subsocial mais sutis e muito potentes que são usualmente utilizados, como a persuasão, o ridículo, a difamação e o opróbrio. O que faz com que o ser humano aceite ser manipulado com eficiência é “um desejo humano de ser aceito, talvez por qualquer grupo que estiver à mão.”¹⁶⁴ A moralidade, os costumes e as convenções, entre outros, também são instrumentos eficientes, embora não venham a acarretar sanções legais. Para Berger, um instrumental de controle bastante desenvolvido para deter os desafios aos costumes de nossa sociedade consiste em rotular uma pessoa como “adoidada”.

Desta forma, o indivíduo que não satisfaz os critérios de normalidade estabelecidos pela administração ou por seu bispo, é ameaçado com o desemprego e com a perda de ligações sociais, mas além disso também é estigmatizado como uma pessoa que com toda justiça poderá ser afastada da categoria dos homens responsáveis...¹⁶⁵

Podem ocorrer em uma sociedade o monopólio de uma única tradição simbólica, mantida por seus especialistas. Os indivíduos em posição decisiva de poder impõem suas definições da realidade liquidando os competidores com os meios de que dispõem, quer fisicamente ou através de mecanismos como incorporação, integração, segregação, etc.¹⁶⁶ Os indivíduos se encontram localizados no centro da sociedade em níveis interrelacionados que determinam uma hierarquia, de forma que, como membro da sociedade, está inserido dentro de um sistema de estratos, ou camadas sociais. “A soma desses estratos constitui o sistema de estratificação de uma determinada sociedade.”¹⁶⁷ Berger diz que as instituições, que se inserem nos estratos sociais, obrigam o ser humano a seguir por caminhos que a sociedade considera desejável. “E o truque é

¹⁶³ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 155.

¹⁶⁴ Cf. BERGER, Peter. Perspectivas sociológicas: uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 2010, pág. 85.

¹⁶⁵ BERGER, Peter. Perspectivas sociológicas: uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 2010, pág. 87.

¹⁶⁶ Cf. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 157.

¹⁶⁷ BERGER, Peter. Perspectivas sociológicas: uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 2010, pág. 91.

executado ao se fazer com que esses caminhos pareçam aos indivíduos como os únicos possíveis.”¹⁶⁸ Assim, a sociedade aprisiona o indivíduo, fazendo com que ele acredite que o papel institucional predefinido socialmente é o único que poderia tomar. Berger diz que, na concepção durkheimiana, a sociedade é um fato objetivo, externa a nós, e que predefine todos os nossos atos, manifestando-se sobretudo na forma de coerção. Mas para ele, a sociedade não é somente algo que existe “lá fora”, mas também existe no “aqui” do nosso ser mais íntimo.

A sociedade não só controla nossos movimentos, como ainda dá forma à nossa identidade, nossos pensamentos e nossas emoções. As estruturas da sociedade tornam-se as estruturas da nossa própria consciência. A sociedade não se detém à superfície de nossa pele. Ela nos penetra, tanto quanto nos envolve. Nossa servidão para com a sociedade é estabelecida menos por conquista que por conluio. [...] Somos aprisionados com nossa própria cooperação.¹⁶⁹

Para Berger, a liberdade não pode ser demonstrada empiricamente ou por qualquer outro método científico. A premissa da causalidade universal pressupõe que todo objeto científico possui uma causa anterior. A liberdade, por possuir sua própria causa, situa-se fora do universo científico do discurso.¹⁷⁰ Para responder à questão da realidade da liberdade, o autor utiliza-se de Weber, que enfatiza os significados, as intenções e interpretações subjetivas que estão presentes na sociedade e das quais o indivíduo se utiliza em uma situação social.

Ao falar sobre a teoria do carisma desenvolvida por Weber, o autor diz que ela demonstra que existe a possibilidade de definições discordantes em uma sociedade, rompendo o seu consenso. “É possível desafiar efetivamente o Leviatã da predefinição.”¹⁷¹ Quando alguém age de maneira contrária ao que é esperado socialmente, produz uma modificação na sociedade. A introdução de um elemento com grande conteúdo carismático que não se ajusta à estrutura social abala a instituição onde ele se inseria e pode vir a criar contrassociedades de significados discordantes em torno dele, protegidas do controle social em seus aspectos físico e ideológico. O distanciamento provocado pela discordância pode vir a libertar o indivíduo do papel que

¹⁶⁸ BERGER, Peter. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. Petrópolis: Vozes, 2010, pág. 101.

¹⁶⁹ Idem, pág. 136.

¹⁷⁰ CF. BERGER, Peter. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. Petrópolis: Vozes, 2010, pág. 137.

¹⁷¹ BERGER, Peter. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. Petrópolis: Vozes, 2010, pág. 143.

o definia na sociedade, estabelecendo “uma distância interior entre sua consciência e sua representação”.¹⁷²

Ao estabelecer uma diferença entre o animal e o ser humano, Berger diz que a natureza do primeiro não permite escolher um caminho que não esteja dentro de seu aparato biológico, de seus instintos especializados. Ao homem, cabe o direito de escolha. O ser humano opta por agir de acordo com o papel que exercita socialmente sob o que o autor denomina “má-fé” (*mauvaise foi*), conceito que adota de Jean-Paul Sartre. Para Berger, a má-fé ocorre quando o indivíduo nega “a duplicação da consciência desenvolvida pela socialização e a concomitante interiorização da dialética sociocultural.”¹⁷³ Quando age de má-fé, o ser humano troca as decisões que pode tomar por escolha por uma necessidade que é fictícia, agindo de acordo com o papel que é escolhido socialmente para ele e que foi interiorizado, em uma identificação do eu social com o eu total, quando a identidade subjetiva se funde com o tipo social. Para Berger, esta fusão é antropológicamente impossível de ocorrer, portanto, “trata-se de uma mentira da falsa consciência. O indivíduo que age a partir deste pressuposto está agindo de má-fé.”¹⁷⁴ O indivíduo, ao optar por agir de acordo com os papéis que a sociedade impõe a ele, exercita a liberdade para agir de má-fé, mas, ao mesmo tempo, renuncia à própria liberdade. Mas é somente em sociedade que o ser humano pode viver de maneira autêntica, pois é através dos processos sociais que ocorre a transmissão de significados. A sociedade pode representar a fuga da liberdade ou a opção de autenticidade que indica o caminho para a libertação. As instituições são álibis usados como instrumento de alienação. “Pelo menos, algumas instituições, porém, podem tornar-se escudos protetores para as ações de homens livres.”¹⁷⁵

Max Weber, referindo-se à profecia, refere-se à estrutura do “sentido”, dizendo que o sentido coordena a vida ao relacionar o mundo cotidiano com a realidade empírica:

Mas, tenha a profecia um caráter mais ético ou mais exemplar, a revelação profética significa sempre – e isto é o que todas têm em comum – , primeiro para o próprio profeta e, em seguida, para os seus acólitos: uma visão

¹⁷² CF. BERGER, Peter. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 151.

¹⁷³ BERGER, Peter. *O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 106.

¹⁷⁴ *Idem*. pág. 106.

¹⁷⁵ BERGER, Peter. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. Petrópolis: Vozes, 2010.

homogênea da vida, considerando-se esta conscientemente de um ponto de vista que lhe atribui um sentido *homogêneo*. A vida e o mundo, os acontecimentos sociais e os cósmicos, têm para o profeta determinado “sentido”, sistematicamente homogêneo, e o comportamento dos homens, para lhes trazer salvação, tem de se orientar por ele e, sobre esta base, assumir uma forma coerente e plena de significado. A estrutura desse “sentido” pode ser muito diversa e agregar numa unidade motivos que parecem logicamente heterogêneos, pois o que domina toda a concepção não é, em primeiro lugar, a consequência lógica mas as valorações práticas. Significa sempre, só que em graus diversos e com êxito diferente, uma tentativa de sistematização de todas as manifestações da vida, portanto, de coordenação do comportamento prático num *modo de viver*, qualquer que seja a forma que este adote em cada caso concreto. Além disso, traz consigo a importante concepção religiosa do “mundo” como um “cosmos” do qual se exige que constitua um “todo”, de algum modo ordenado segundo um “sentido”, e cujos fenômenos, cada um por si, são medidos e valorados por esse postulado. Todas as tensões mais fortes, tanto no modo de viver intrínseco quanto na relação externa para com o mundo, provêm então da colisão deste mundo, como – segundo este postulado – um todo pleno de sentido, com as realidades empíricas.¹⁷⁶

Nossa Senhora se manifestou a Levina e suas filhas diariamente, durante um período de dois meses. De manhã e à tarde, sempre no mesmo horário, as três se reuniam em frente à árvore coberta de cipós para fazer orações, sempre acompanhadas de pessoas das redondezas que já haviam tomado ciência das aparições. Um dia, durante as orações, Levina estava sentada com sua filha Maria Aparecida, de um ano e cinco meses no colo e na companhia de diversas outras pessoas, quando viu que Nossa Senhora acenava para ela, chamando. Rapidamente entregou a criança para Maria e correu a atendê-la. Este fato foi relatado por Maria que disse que foi neste momento que a santa deu à Levina a missão que a partir de então a tornaria sua mensageira até 2002, quando do seu falecimento.

Maria: Eu achei que ela estava passando mal, mas não era não, a Nossa Senhora é que tinha chamado ela. Então Nossa Senhora entregou o encargo todinho pra ela. Ela falou assim: - “De hoje em diante, minha filha, você está curada, mas você vai trabalhar pra mim. Você vai, durante a sua vida agora, você vai trabalhar pra mim. Você não vai trabalhar pra mais nada. Você vai trabalhar pra mim.” Aí ficou pra ela, Nossa Senhora falou que era pra ela trabalhar o resto da vida dela pra ela, pra ela. Porque ela tinha dado a cura pra ela, mas ela ia ser curada pra ela, pra trabalhar pra Nossa Senhora.

Teresa Rosa: Pois é, ele falou [Padre Antônio de Urucânia] que ela ia ser curada. Mas ainda demorava. Então, só quando Nossa Senhora apareceu, Nossa Senhora curou ela. Pra ela trabalhar pra ela, enquanto vida ela tivesse. E ela trabalhou. Até morrer.

¹⁷⁶ WEBER, Max. Economia e Sociedade. São Paulo: Editora UnB, 2004, pág. 310.

Os relatos dos entrevistados, principalmente de Maria, mostram que Levina, desde seu casamento com Sebastião, passou por um longo período de dificuldades financeiras severas e grande sofrimento, não apenas físico. Quando se casou, no início dos anos 1950 (há divergência entre as datas relatadas), Levina estava com 14 anos de idade e morava na zona rural de Ervália, onde nasceu. No início dos anos 1960, após o falecimento de um filho poucos dias depois do parto, não quis mais morar em Ervália. Sebastião conseguiu um emprego na fazenda do Senhor Juca Emídio, onde passaram a residir com os filhos Antônio, Maria e Geralda. Quando Maria Aparecida nasceu, em 1964, a família já havia se estabelecido na Serra da Mutuca.

Maria: Coitada, ela passou muita dificuldade também porque, em ela mudar do terreno dos pais, que os pais tinham conforto. Em ela mudar do terreno dos pais e morar no terreno dos outros, então ela passou muita dificuldade. Ela passou dificuldade, passou fome. Igual eu, tem mais esse meu irmão que morreu, que é o mais velho, depois eu, depois essa que está no convento, nós passamos até fome. Chegamos a passar fome porque nós mudamos pro terreno do Seu Juca Emídio, ele segurava com a gente porque ele não conhecia. Então ele não conhecia, tinha medo de empregado ficar devendo. Que muitos faziam isto, ficavam devendo, saíam, largavam o patrão pra um lado e iam embora. Então, no ano que nós mudamos, ele segurou com nós. Segurou. Então, não tinha um arroz, não tinha um feijão, não tinha um fubá pra ela fazer qualquer coisa pra nós comer. E meu pai, no lugar em que ele trabalhava na fazenda, então, no lugar que ele trabalhava, ele comia. Ele comia, bebia e nós ficava em casa. Aí mamãe ia pro pé de coco, quebrar coco, esses coquinhos pequenininhos, então ela quebrava coco pra enganar nós, e pegar umas cambevinhas na água poder pôr no borrinho de cinza lá pra assar, nós comer.

Orlandina: Uma casinha muito ruim. Eles eram muito ruizinho de sorte, mesmo. Sorte financeira. Tudo naquelas esteirinhas. Aqueles cobertorinhos São Vicente, aqueles trem tudo esquisito.

Teresa Rosa: A senhora vê, ela teve bastante filho, acho que uns dois que morreu e esses quatro. Com essa disenteria toda. É um mistério. Ela sofreu.

Levina nunca aprendeu a ler e pensava que seu nome era Nelvina. Também não sabia ao certo a sua data de nascimento. Casou-se ainda criança e aos 18 anos já tinha dois filhos, Antônio e Maria. Toda sua vida foi passada na zona rural, vivendo com grandes sacrifícios após o seu casamento e acometida de uma doença crônica que a debilitava. Exercia seu papel de esposa e mãe, presa da moralidade, costumes e convenções sociais, sem nenhuma perspectiva de ascensão econômica ou pessoal.

José Lopes: Diz ela que chamava Nelvina, mas ela, como diz, muito simples, muito iletrada, então ela não sabia nem o nome dela direito. Então, ela falava as coisas de meia língua, então depois é que a Gema descobriu que o nome dela é Levina, não Nelvina.

Irmã Lourdes: Não, não sabia ler nem escrever. Jesus ensinou ela a escrever, ela escrevia o nome dela. Mas não sabia ler nem escrever. Mas as mensagens do Céu ela sabia. Por isso, como ela falava, Nossa Senhora respeitava. Faltando letra, na hora que ela estivesse falando. Era pra escrever como ela falava. Tem que ser. Porque fala uma coisa e escreve de outro jeito, corrigindo, não pode. O que estava escrito lá, falta letra, é daquele jeito que tem que ser.

Teresa Rosa: Porque não é fácil uma pessoa analfabeta igual ela era, não sabia leitura nenhuma. Ela não tinha leitura, não. Ela não tinha leitura e um santuário daquele tamanho.

Irmã Henriqueta: Cada um registro dela tinha um nome diferente. Ela custou a colocar o nome dela direitinho. Nelvina Sérgia de Lima, Nelvina da Silva Ferreira. Cada registro dela estava com um nome. Os documentos dela, era tudo cada um de um jeito. Nossa Senhora, ela custou a colocar certinho. Eles fizeram uma porção de documentos das meninas dela. Cada um que nascia, estava com um nome diferente. O nome dela diferente. Era uma confusão.

Aos 29 anos de idade, Levina foi submetida a um fato que teve um impacto profundo em sua vida e que a levou a desafiar a justiça e a ordem institucional religiosa estabelecida na região: as aparições de Nossa Senhora Aparecida na Serra da Mutuca. A sequência dos acontecimentos a partir deste fato demonstra, conforme Berger, como ocorre a libertação do controle social e as suas conseqüências. Demonstra também como o ser humano, mesmo inserido no meio social, criando instituições e vivendo nelas, pode existir em liberdade, escolhendo de maneira consciente os papéis que deve representar como membro de uma comunidade.

Citando Heidegger e o conceito de *Man*, Berger diz que “Existir autenticamente consiste em viver em plena consciência da natureza singular, insubstituível e incomparável da personalidade.”¹⁷⁷

As alterações promovidas pelo Concílio Vaticano 2º, que começaram a se manifestar no início do ano de 1969 na zona rural de Guiricema, poderiam ter sido assimiladas da maneira como ocorreu nas cidades vizinhas: com alguma estranheza a princípio, desgosto de uns e aclamação de outros, mas em um processo constante que se firmava a cada dia e acomodava as mudanças produzidas no imaginário religioso e, por conseqüência, no mundo social. No alto da Serra da Mutuca, a reforma da Igreja Católica, em seu processo de racionalização, bateu de encontro ao fenômeno das aparições de Nossa Senhora Aparecida, que há três anos já reunia em torno da vidente

¹⁷⁷ BERGER, Peter. Perspectivas sociológicas: uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 162.

Levina milhares de pessoas. O impacto da presença da santa e dos inúmeros fenômenos relatados a partir de então, levou ao que Berger descreve como a consciência de que não se é obrigado a assumir o papel social exigido pelo consenso geral, mas que há outro caminho que se pode seguir. E este caminho, conforme ele diz, consiste em se libertar da ordem institucional vigente. Diversos meios de coerção social foram usados para reprimir as manifestações da população em torno de Levina e das aparições de Nossa Senhora. O ridículo, o opróbrio e a difamação foram maneiras que a Diocese de Leopoldina usou para desacreditar a vidente. Diversos relatos demonstram o uso destes meios de coerção social, mas a ameaça de violência, e em algumas ocasiões não somente a ameaça, mas a utilização concreta desta força foi o meio utilizado, não só contra a vidente, mas também contra a população de Guiricema, da zona rural de Villas Boas e das cidades vizinhas que freqüentavam a montanha e que insistiam nas demonstrações de devoção à santa. Na primeira década que se seguiu às aparições de Nossa Senhora na Serra da Mutuca, o Código Penal de 1940, vigente no Brasil, previa pena de detenção para charlatanismo e curandeirismo, que consistia, o primeiro, no ato de inculcar ou anunciar cura por meio secreto ou infalível; o segundo, ao descrever como crime, o ato de prescrever, ministrando ou aplicando qualquer substância, usar gestos, palavras ou qualquer meio e fazer diagnósticos. Durante a pesquisa, nenhum dos entrevistados relatou o fato da vidente ter sido submetida a um processo judicial. Mas pelas entrevistas comprova-se que ela era constantemente intimada a comparecer à Delegacia de Polícia e que foi obrigada a se submeter a uma perícia psiquiátrica, não em um hospital particular ou do INSS, mas no Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM), órgão federal criado pela ditadura militar. A lei vigente à época e os relatos que dizem que Levina foi presa e obrigada a fazer os exames psiquiátricos no Rio de Janeiro, e também como descrevem a maneira humilhante e autoritária com que ela foi tratada pelos médicos e policiais, autorizam a concluir que este fato se deu através de coerção judicial.

Teresa Rosa: A coitadinha da Dona Nelvina foi tão maltratada, mas tão maltratada, ela recebia cada uma carta de fazer medo. Não sei, atacando ela. Só não chamava ela de santa porque ela não merecia. Achava que ela não merecia nome de santa. E não tinha nome de ninguém, não sei como essas cartas chegavam aqui. Não sabia quem escreveu, não. É do, mesmo, do Encardido. Do Inimigo, porque só ele que podia fazer uma coisa desta.

Orlandina: Ela foi presa, elas não contou pra você, não? [Foi fazer] Exame psicológico, de doutor. Ela que me contou. Sabe porque ela foi lá fazer? Porque Dom Gerardo falava que ela era louca e estava enlouquecendo o

povo tudo aqui. Aí levaram ela, não sei quem chamou, levou ela e lá ela... Deve ser os padres que estavam vindo aqui. A favor dela. O padre falou que ela era louca. O Dom Gerardo falava que ela era louca. Aí ela foi. Lá ela passou por um médico japonês, primeiro andar. Um médico japonês no primeiro andar. Investigou ela de toda maneira, de religião, de tudo. Diz ela que só falava: - “Estou fazendo aquilo que Nossa Senhora está mandando.” E foi andando. Diz ela que foi em 12 andares. Só subindo os apartamentos. Teve um andar que tinha 100 polícias lá num lugar escuro. E levavam a mão nela, falavam que ela devia lavar roupa, ir trabalhar para os outros. Que ela estava falando mentira, falando mentira. Chegou no doze andar, era o mesmo que estava cá embaixo. Ele mudou todo o jeito. Mudou a roupa, mudou toda a roupa. Botou até uma máscara. Mudou toda a feição. E chegou lá, ele falou com ela assim: - “A senhora está com uma aparição de santa lá, a senhora é mentirosa.” Ela falou assim: - “Estou fazendo aquilo que Nossa Senhora manda eu fazer.” Aí ele apertou ela muito, falou muito com ela, ela virou pra ele e falou assim: - “O senhor já me perguntou isso lá no primeiro andar. O senhor me perguntou isso no primeiro andar.” Ele apertou, apertou ela. Tudo que apertou ela, ela falou que respondeu. - “Vocês podem fazer o que quiserem, que eu vou trabalhar pra Nossa Senhora, com o terço na mão, minha ordem é essa aqui. Rezar o terço e pedir pra rezar o terço.”

Teresa Rosa: Eles [os policiais] falou: Por que a senhora anda com esse terço? Ela falou: “Pra salvar as almas.” E fazendo muita pergunta pra ela. Aí ele falou assim: - “Eu vou levar você pra ilha dos bichos”. Ela falou: “Eu vou.” Já ia. Não importava, porque ela estava pra seguir Jesus e Nossa Senhora. Se Nossa Senhora curou ela, pra quê? Ela não precisava temer nada.

No ano de 1977, mesmo após Levina haver se submetido aos exames médicos psiquiátricos, a resistência da Diocese de Leopoldina ainda se fazia notar, o que é demonstrado em uma mensagem transcrita por Efigênia no Livro de Tombo: “... como a vidente está escutando tantas calunia sofrendo tanto, oferece tudo para a salvação das almas.”¹⁷⁸

A coerção exercida pelas autoridades policiais não se dava somente sobre a vidente. Orlandina narra o que ocorreu com seu marido logo após o episódio em que a Polícia Federal invadiu a montanha e deu ordem para que os padres do Rio de Janeiro saíssem do local.

Orlandina: Eu estava lá na santa, e o sargento foi lá em casa, na minha casa cá embaixo. Perguntando pelo Alberto. O sargento de Guiricema. Deixou uma intimação pro Alberto comparecer lá à uma hora da tarde. Mandaram lá na santa me chamar, que o sargento tinha deixado um pedido pra ele comparecer lá à uma hora. Nunca mais o Tolé chegava, o Tolé estava comprando café por este alto de serra aqui, e nunca mais chegava, fiquei aflita. Dali a um bocadinho o Tolé chegou. Falei: “Tolé, foi bom você chegar, porque tem uma intimação pra você comparecer no sargento de Guiricema, à uma hora da tarde, está passando da hora já.” Na mesma hora

¹⁷⁸ Mensagem no 2º Livro de Tombo, datada de 06 de março de 1977.

ele entrou na caminhonete e saiu de novo. Ver o que o sargento queria com ele, não sabia nem o que estava acontecendo. O Tolé chegou lá, falou assim: “Eu chamei você aqui pra saber se aqueles padres saíram de lá. Você vai me informar se eles estão lá ou se saíram de lá.” O Tolé falou: “Saiu, eles foram pra Ervália, eu que levei eles pra Ervália.” Ele não falava mentira não, sabe? – “Eu que levei, eles pediram pra levar eles pra Ervália, eles pegaram o carro e foram embora pro Rio.” – “É só isso que eu queria saber.” O sargento. Ih, foi muita confusão de polícia!

Levina, conforme disseram todos os entrevistados, era uma mulher tímida e humilde e encontrou, nos primeiros tempos das aparições, dificuldades em enfrentar a quantidade de pessoas que acorriam à montanha a procurá-la:

Teresa Rosa: Elas ficavam presas mais dentro do quarto. A mãe com as filhas. Porque era muita gente e pergunta uma em cima da outra pra pessoa, cansa muito. Eles passaram até fome, coitados. Porque era demais o povo. Era um jubileu de gente, era muito.

Aos poucos, à medida que as aparições se sucediam e que o discurso de Nossa Senhora se delineava, Levina vai assumindo a posição de sua mensageira, redefinindo a realidade ao rejeitar os mecanismos institucionais e libertando-se do jugo monopolista representado pela Igreja Católica. A dificuldade que a vidente encontrou em romper com a ordem institucional vigente, que exigia obediência como requisito para a permanência dentro de sua estrutura social, pode ser percebida através do que disse Maria:

Maria: Que ele [pai] muito era católico também, que a gente sempre foi católico, família católica, minha avó sempre foi rezadeira da Igreja, foi católica, então ajudava muito no padre, na Igreja, então a gente cresceu naquele ambiente ali, né?

Conforme vários relatos, as mensagens de Nossa Senhora eram transmitidas por Levina às pessoas no momento das aparições que, à medida em que eram recebidas, iam sendo faladas pausadamente, com a vidente repetindo, em sua linguagem simples e com regionalismos, aquilo que Nossa Senhora determinava.¹⁷⁹ Algumas vezes a vidente “entrava em êxtase”, e muitos destes momentos foram relatados. Nestas horas, ela não mantinha a consciência do que ocorria à sua volta, mas continuava transmitindo as palavras de Nossa Senhora e do Menino Jesus Celeste, somente tomando ciência do que aconteceu através de outras pessoas. Estes momentos foram descritos como se os dois, Mãe ou Filho se apossassem de seu corpo e se manifestassem através dele. Teresa Rosa contou que este acontecimento se deu com Levina pela primeira vez quando o DOPS

¹⁷⁹ Beatriz me forneceu duas fitas cassete que contém gravações de mensagens no momento em que eram transmitidas por Levina.

invadiu a montanha, logo após os policiais se retirarem. Vários relatos também falam sobre estes momentos:

Eles (o DOPS) foram embora. Aí o povo que subiu, voltaram tudo de novo. Aí que foi o drama. A Dona Nelvina, isto foi às 10 horas do dia, a Nelvina ficou naquela capelinha ali, perto do altar, deitada. Ali ela ficou em êxtase. Até acho que seis horas da tarde. Eles não falaram isso pra senhora, não? Ela ficou em êxtase. E pediu... A Nossa Senhora presente. Ela estava em êxtase, mas Nossa Senhora presente nela. Não era ela que falava, era Nossa Senhora que falava. Porque ela não via nada. Em êxtase, foi essa a primeira vez.

Aloísio: Ela ficava desmaiada lá. Não era ela que falava, era o Menino Jesus que falava em torno dela ali. Ela falava desmaiada lá, do jeito que ela ficava, ela ficava de vidente, ela ficava. Ela falava. Mas ela não sabia de nada. O Menino Jesus parece que falava pra ela. Você ia lá, ajoelhava lá e eu mesmo nunca fui não, mas vinha de gente conversando com o Menino Jesus. Ela falava sobre... o Menino Jesus que incorporava nela. A Orlandina que sabe explicar, eu não sei explicar aquilo ali não.

Orlandina: Estava na hora da aparição, ela [Levina] chegava. Começava a rezar ali, as orações que ela começava a rezar, fazia o nome do Padre, começava a rezar, ali ela entrava em êxtase. As letras que estava falando que ela lia, ela não sabia ler. Depois ela pegou pra ler o Evangelho, sabe, os artigos do Evangelho da Bíblia, pegava a ler a mensagem ali. Lia, mensagem ela lia. Mensagens de Nossa Senhora. Ela não sabe ler, não. Não desmaiava, ficava falando. Só uma vez que ela caiu. Só uma vez que eu vi ela caindo. Mais é de joelhos e falava, falava, falava. – “Mas Nossa Senhora falou assim, assim e assim.” - “Não sei, não, falou?” Muita gente perguntava as coisas, ela falava assim: - “Não sei não, falou?” Ela não sabia, não. Depois ela voltava. Só um dia que ela deitou assim, que chegou a cair. Só um dia. Mas ela ficava ajoelhada, falando.

Teresa Rosa: Nada, quando passava aqui, ela não sabia de nada quê que ela falou. Ela sabia se passasse a gravação pra ela, sempre o Padre José gravava. Ela via pela gravação, não sabia nada. A senhora precisava ver que coisa mais linda quando ela estava no Céu. Diz ela que o céu é tão bonito, é lindo o céu. De vez em quando ela entrava [em êxtase]. Depois terminou. Foi êxtase, ali ela passou da vez. Mas mesmo assim, ela dando as mensagens dela, ela diz que não sabia nada, não. Diz ela que não sabia o que ela estava falando ali nada. Ela sabia só quando as Irmãs passavam pra ela a gravação. Ela ficava assim quietinha, se ela ficasse de joelhos, ela não mexia com nada. Não olhava pra nada, pra lugar nenhum. Ela ficava seriinha ali. Era muito bonito a aparição, Nossa Senhora.

Nossa Senhora e Jesus não se manifestavam a Levina somente para transmitir suas mensagens, mas também a levavam a experimentar outros estados da realidade. Teresa contou que em uma ocasião Levina foi conduzida em êxtase por Nossa Senhora a conhecer o Céu, o Inferno e o Purgatório. Durante estes momentos, ela descrevia o que presenciava.

Foi ao inferno. Nossa Senhora! Mas em êxtase. Ela estava em êxtase. Levou ela ao inferno, ela viu o inferno. Ela chorava, que coisa triste. Como que ela

falava! Depois ela falava: - “Mãe, me tira daqui.” Aí Nossa Senhora tirou ela do inferno, levou ela no Purgatório. Aí no Purgatório também tem o fogo, né? Quase que é o mesmo fogo do inferno. Ela chorava, que chorava, chorava. - “Me tira, está queimando, olha meu dedo como queima.” Aí Nossa Senhora tirou ela e levou ela pro Céu. Ah, mas ela ria. Como ela ria. Ela dava risada e falou: - “Mãe, não quero voltar mais. Deixa eu aqui, Mãe.”

Como consequência de sua proximidade com o sagrado, representado por Nossa Senhora e pelo Menino Jesus, Levina foi assumindo o papel de líder da comunidade religiosa que se formava. Esta posição é descrita em várias narrativas, que demonstram, conforme foi dito por Berger, que um líder carismático pode criar instituições discordantes dentro da sociedade e estabelecer uma outra definição da realidade, reunindo em torno de si diversas pessoas e libertando os indivíduos dos papéis sociais considerados desejáveis.

Apesar desta nova realidade se manter em torno da vidente Levina, era compreendido, não só por ela, mas por todos à sua volta, que a missão que lhe foi dada por Nossa Senhora como sua mensageira a tornava apenas um instrumento através do qual eles, Mãe e Filho, se manifestavam no mundo. Um dos folhetos que foram distribuídos à população de Guiricema e cidades vizinhas pelas Irmãs Carmelitas (não datado) e que obtive delas, estabelece as normas a serem seguidas pelas pessoas durante sua permanência na Santa Montanha, conforme pedido pelo Menino Jesus: “Tudo na Santa Montanha se faz sob ordem e orientação do Menino Jesus e Nossa Senhora. São eles que dirigem a Santa Montanha.”¹⁸⁰ José Lopes, ao falar sobre a saída de suas duas filhas do convento, reforça este entendimento:

Elas foram com 10 anos, saíram moças mesmo. É o que eu falo, elas não sabiam o que queriam nada. Foi aí que resolveram tomar destino. Igual essa aí. Cheguei um dia lá: - “Pai, quero sair do convento, você compra mala pra ir”. Falei: Ah! Queria sair escondido. Falei assim: - “Escondido não. Tem que sair é nas vistas dos outros. Tem que pedir licença a Jesus ainda”. - “Ah, mas a madrinha não deixa”. Todas elas tratavam a Dona Nelvina de madrinha. - “A madrinha não deixa”. - “Deixa sim. Deixa. Jesus é quem governa isso aqui. Tem que fazer pedido a Jesus”. Mas pedido da dona Nelvina tinha que fazer. Cheguei lá e falei: - “Dona Nelvina, as meninas querem sair do convento, mas eu quero que elas façam o pedido de Jesus. Saída fugida igual às outras têm saído aí, não.”

Quando perguntei se as decisões na Santa Montanha eram tomadas por Levina, a resposta que Teresa Rosa deu demonstra que, neste mundo simbólico, tudo se concretizava através da vontade de Jesus e Nossa Senhora, que ordenavam todos os atos

¹⁸⁰ Folheto cedido pelas Irmãs Carmelitas.

humanos, manifestando-se através de sua mensageira, que não possuía privilégios especiais e se submetia à sua vontade, participando, juntamente com todas as outras pessoas, das penitências dolorosas para a salvação das almas e conversão dos pecadores, exigidas pelos dois.

[Quem dirigia tudo] Nossa Senhora. Jesus e Nossa Senhora. Ela [Levina] fazia apenas, eu sou apenas instrumento de Jesus, ela falava. Jesus fazia tudo. Que até uma vez, Jesus adulto apareceu pra ela e falou, se ela não obedecesse, Ele ia levar ela e botar ela no purgatório. A Dona Levina. Ela estava com não sei se 37 anos, eu sei que era uma coisa assim, Ele falou pra ela. Ela falou: - “Não, eu estou pra servir a Jesus e Nossa Senhora. Eu estou disposta a dar meu sangue a correr por Jesus e Nossa Senhora.” E como de fato ela foi até o fim.

Irmã Lourdes: Com ele [Jesus] mesmo, Dona Levina fazia penitência com Ele no braço. Eu não tinha chegado aqui ainda. Acho que aqui fizeram nove penitências, chovendo, e ela de joelhos e ela com Jesus vivo no braço. Fazia penitência de joelhos lá de baixo até aqui. Lá no começo do cafezal. Do cafezal dava a volta toda pra vim pra cá. Até na Capela. E procurando lugar de colocar o joelho pra não ferir tanto. E quantas vezes feria! Mas era penitência mesmo.

Uns dez anos depois da primeira aparição de Nossa Senhora na montanha, Sebastião, que até então apoiava Levina em todos os momentos, passou a descumprir as ordens de Jesus e Nossa Senhora. Foi relatado que a vidente tentou manter seu casamento até o momento em que a santa determinou que Sebastião deveria se retirar da serra, e em cumprimento às suas ordens, Levina pediu que ele se mudasse. Maria disse que seu pai passou a residir em Ervália, vindo a constituir nova família, falecendo alguns anos depois.

Maria: ... mas quando ela falou, quando Nossa Senhora falou com ela que ela tinha que trabalhar, que ela ia curar ela, que ela ia curar ela mas curar pra ela. Pra ela trabalhar o resto da vida pra ela. Só que ele já não aceitou. Aí ele já não aceitou, ele não aceitou, ele ficou ameaçando, fez ameaça, ela sofrendo muito, ela sofrendo demais. Coitada, ela sofreu muito, muito, ele deixou conta depois pra ela pagar, que ela não sabia, ela não sabia que tinha tanta conta pra pagar.

Orlandina: Ele era o marido dela. Ele era. Mas não era dos doze. Todos os apóstolos, e as pessoas moradores da Santa Montanha que não obedecerem, vão ser expulsos de lá. Teve uma parte lá que ele não estava obedecendo. A Dona Levina falou: - “Nossa Senhora vai expulsar ele daqui.” Era marido dela, mas Nossa Senhora mandou.

Teresa Rosa: Aí começou o drama do marido dela. Que ela sofreu muito com o marido. Foi uma coisa terrível. Aí passou ele a já não acreditar. Sei ele que levou sete dias pra ver Nossa Senhora. Os outros viram mais depressa ainda, ele levou sete dias. Aí começou o drama com ela. Aí ela sofria, mas sofreu mesmo. Coitadinha, como sofreu. Mas ela venceu. Depois

acabou ele largando ela mesmo. Largou e ela ficou cumprindo a missão dela. Ficou na missão dela, e levou a missão dela até mesmo no fim.

Maria: Continuaram. As mesmas pessoas... foi continuando, a gente ajudando, ajudando mamãe, aí a mamãe lutava com dificuldade também. As pessoas ajudavam e ela foi continuando. Porque Nossa Senhora pedia.

Todos os entrevistados que conheceram Levina em vida e conviveram com ela a descrevem como uma pessoa honesta, trabalhadora, que vivia com grande simplicidade, possuidora de uma fé inabalável e que dedicou sua vida a divulgar os desejos de Nossa Senhora e Jesus, transmitidos a ela durante suas aparições.

Aloísio: Mas graças a Deus, a mulher era... Toda vida que você chegava na casa dela, na casa do Sebastião, a mulher tratava a gente bem, vinha com a mãozinha posta assim. A dona Levina era uma peça muito rara, não tem mulher igual àquela não. Era santa, santa mesmo. Ela é santa também. Ela vai virar santa. É que ela era boa mesmo. E toda confusão que dava, ela ficava: Nossa Senhora. Só ficava rezando. – “Tem que seguir assim, gente, eu não posso ir pra cá porque o Menino Jesus pediu assim. Tem que ser assim.” Você pode virar, de qualquer tipo que você virasse, o negócio era seguir. Ela seguiu mesmo. Depois morreu, coitada.

Irmã do Rosário: Que ela era muito amorosa, muito meiga, uma pessoa muito boa. Muito distinta. A gente nunca ouviu uma mentira daquela boca. Nunca. Ela repetia aquilo que Jesus e Nossa Senhora diziam. Simplesmente. Aquela pessoa simples, nem ler ela sabia. Mas é correta. Correta. Em tudo. Então, ela não deixava nada errado, corrigia tudo direitinho. Jesus dava os recadinhos pra gente, ela dava, puxava as orelhas na hora de dar o recado, tudo assim.

O significado que Berger atribui à palavra êxtase difere daquele que é usado no sentido místico. Êxtase (ekstasis), para ele, significa o ato de saltar de um mundo para outro, um mudança de universos, que modifica a maneira com que se percebe a sociedade, “fazendo com que a *determinação* se converta em *possibilidade*.”¹⁸¹ Deste modo, êxtase tem relevância não só metafísica mas também sociológica. Ao citar a teoria weberiana do carisma, Berger diz que os significados sociais aprovados podem ser desafiados. E este desafio liberta o indivíduo do controle social. Dentro desta definição de Berger, o que foi dito pelos entrevistados sobre a vidente Levina demonstra que ela escolheu o caminho da liberdade. Como líder carismática da comunidade dissidente, Levina desafiou “a ordem estabelecida das coisas em nome de uma autoridade absoluta que lhe foi dada por Deus”¹⁸² escolhendo de maneira consciente o papel de mensageira de Nossa Senhora e do Menino Jesus.

¹⁸¹ BERGER, Peter. Perspectivas sociológicas. Uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 152.

¹⁸² Idem., p. 142.

Para Weber,

O carisma pode ser – e somente neste caso merece em seu pleno sentido este nome – um dom pura e simplesmente vinculado ao objeto ou à pessoa que por natureza o possui e que por nada pode ser adquirido.¹⁸³

Berger diz que Weber considerava o fenômeno do carisma como um movimento de curta duração e que a “rotinização” o integra novamente nas estruturas sociais. Mas apesar do retorno dos velhos padrões no curso da rotinização,

o mundo nunca mais é o mesmo. Muito embora a mudança não tenha sido maior do que os revolucionários esperavam, houve, não obstante, uma mudança. Às vezes, só com muito tempo se pode ver quão profunda foi a mudança.¹⁸⁴

Levina faleceu no dia 22 de abril de 2002 e foi enterrada no cemitério que fica à direita do Santuário da Divina Misericórdia. Nunca possuiu bens materiais, vivendo ao lado de seus filhos e netos na Santa Montanha, tendo apenas o suficiente para sua subsistência.

Quaisquer que sejam nossas possibilidades de liberdade, elas não se poderão concretizar se continuarmos a pressupor que o “mundo aprovado” da sociedade seja o único que existe. A sociedade nos oferece cavernas quentes, razoavelmente confortáveis, onde podemos nos aconchegar a outros homens, batendo os tambores que encobrem os uivos das hienas na escuridão. “Êxtase” é o ato de sair da caverna, sozinho, e contemplar a noite.¹⁸⁵

2.3.4 Mensagens e profecias

Berger diz que “a linguagem é capaz de se tornar o repositório objetivo de vastas acumulações de significados e experiências, que pode então preservar no tempo e transmitir às gerações seguintes”.¹⁸⁶ A linguagem, como sistema de sinais, possui caráter objetivo, possui facticidade externa e efeito coercitivo. Ela objetiva a experiência em desenvolvimento tipificando-a em categorias de modo a que façam sentido não só àquele que se utiliza dela, mas também a quem ela é dirigida. Ao abarcar esferas da realidade não pertencentes à vida cotidiana, a linguagem se utiliza de símbolos para exprimir experiências da realidade particular, inserindo-as objetivamente na realidade diária.

¹⁸³ WEBER, Max. Economia e Sociedade. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 2004, p. 280.

¹⁸⁴ BERGER, Peter. Perspectivas sociológicas: Uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 143.

¹⁸⁵ Idem. p. 166.

¹⁸⁶ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 56.

Qualquer tema significativo que abrange assim esferas da realidade pode ser definido como um símbolo, e a maneira lingüística pela qual se realiza esta transcendência pode ser chamada de linguagem simbólica.¹⁸⁷

Também para Levi-Strauss, “a linguagem é um fenômeno social” e “...a língua vive e se desenvolve como elaboração coletiva...” “A linguagem é, portanto, um fenômeno social que constitui um objeto independente do observador...”¹⁸⁸

Os acontecimentos que Efigênia transcreveu nos três Livros de Tombo às vezes se misturam com suas falas, as da vidente e também das pessoas que eram chamadas durante as aparições para dar explicações sobre trechos do Evangelho ou sobre acontecimentos corriqueiros que envolviam a santa. As frases quase não possuem pontuação e as falas muitas vezes se entrelaçam com aquilo que a vidente transmitia de Nossa Senhora. Além de inúmeras mensagens que aconteceram durante 36 anos, existem também escritos sobre diversas profecias que envolvem religiosos, moradores e romeiros e até os Papas Paulo VI e João Paulo II. Algumas das religiosas disseram que, durante um período nos anos 1980, as mensagens não foram registradas no Livro de Tombo e nem foram gravadas, por ordem de Nossa Senhora e de Jesus. Nesta época, as Irmãs divulgavam as mensagens através de folhetos que eram distribuídos aos romeiros e população vizinha.

Está anotado no 1º Livro de Tombo, por Onofre Dias Paz Sobrinho, com data de 30 de janeiro de 1968, a primeira vez em que Nossa Senhora passou a dar mensagens através de folhas de árvores. O padre missionário Geraldo Maria de Oliveira, que havia sido convidado por Padre Galdino para pregar na montanha, tinha ido à casa da vidente Levina para fazer um pedido a Nossa Senhora:

Ele pediu a Nelvina Sérgia de Lima (Vica), esposa de Sr. Sebastião Lourenço Ferreira quando ele foi saindo no terreiro a folha caiu no meio da cozinha ela gritou ele. O que ele tinha pedido ele tinha recebido entregou e ele viu letras mas não compreendeu ela pegou na folha e leu explicando esta oração para que rezassem o terço da Virgem Maria Santíssima e pedindo ao missionário Pe. Geraldo M. Oliveira.¹⁸⁹

Pouco mais de um mês depois, outras letras foram vistas em uma folha por Manuel Francisco Alves, que a levou para Levina para que ela dissesse a que se referiam. Conforme dito, Nossa Senhora, nessa ocasião, transmitiu o significado das

¹⁸⁷ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 59.

¹⁸⁸ LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural. São Paulo: COSAC NAIFY, 2008, p. 68/69.

¹⁸⁹ Texto retirado do 1º Livro de Tombo

letras em uma mensagem à vidente, também transcrita por Onofre no 1º Livro de Tombo. Ela pedia que ele rezasse com fé na santa aparição, pois estava perto da Virgem Maria Santíssima.

Orlandina presenciou estas manifestações de mensagens da santa desde o início e, como ela disse, também era uma das pessoas que passaram a ver as letras em alto relevo. Estas letras foram anotadas não só no Livro de Tombo, mas em diversos outros cadernos e um deles que me foi dado por Beatriz juntamente com uma das folhas, foi escaneado e está constando em anexo. A expressão usada pelos entrevistados “tirar letras” significa escrever em um papel os símbolos que eram vistos¹⁹⁰, a princípio em folhas de árvores, mas, aos poucos, também em diversos outros lugares, o que foi registrado por Efigênia no 1º Livro de Tombo:

Mensagens tiradas na capa de Nossa Senhora. Letras tiradas na porta da ermida. Letras tiradas no copo com água consagrada e na Bíblia Sagrada. Letras tiradas em casa de Antônio Adriano. Letras tiradas na parede da casa de Efigênia. Letras tiradas no sacrário da igreja de Limeira. Letras tiradas no céu. Letras tiradas em papel branco. Tiradas na parede da casa dos videntes. Tiradas na pedra Cristal. Tiradas na pedra. Tiradas no quadro do Sagrado Coração de Jesus. Tiradas em um litro de água consagrada. No copo com água.

Orlandina contou como as letras começaram a ser vistas, não só pelos moradores, mas também por vários visitantes do local:

Agora, passado um tempo, as pessoas começaram a ler letras nas folhas. E tiravam letras no papel. Mas foi no mato, lá na capela, no mato. Passou um tempo primeiro, depois começaram. Começaram a ver as letras nas folhas e tiravam as letras no papel e a Dona Vica lia as mensagens. Ela lia as mensagens. A gente pegava as folhas do mato e via letras nas folhas. Eu devia ter guardado estas letras, mas depois a gente pensa que não vai precisar. Aí a gente tirava as letras, tudo maiúscula. Tirava umas folhas assim de letras. Aí levava, a Dona Vica, na hora das mensagens, ela lia naquelas letras e ia falando as mensagens. No princípio, foi assim.

Quando as pessoas se reuniam para rezar no local, eventualmente caía em alguém uma folha de alguma árvore ou dos cipós¹⁹¹ que se apoiavam nelas. Pelo que foi relatado, no início estas letras significavam pedidos de Nossa Senhora para que fossem realizadas novenas.

¹⁹⁰ Anexo 31.

¹⁹¹ Anexo 30.

Nossa Senhora diz que as novenas das letras não passar para a casa dos apóstolos. Quando aparecer, traz as escritas na casa da Vidente que vai aparecer aviso de Nossa Senhora.¹⁹²

Aldir, Terezinha Anacleto, Orlandina e Irmã Henriqueta eram algumas das pessoas a quem as letras de Nossa Senhora apareciam. Mas o Livro de Tombo relata que a capacidade de ver não se restringia aos moradores e apóstolos, mas também os romeiros e freqüentadores ocasionais, em visita à montanha, eram capazes de enxergar os símbolos, que apareciam em alto relevo, brancos ou dourados.

Aldir: Na capelinha ali, na capelinha ali você ficava rezando, daí a pouco caía uma folha lá de cima. Ela vinha, às vezes parava na sua roupa ou então caía assim no seu pé. Você apanhava aquela folha, levava pra vidente, a vidente lia uma folha, lia uma novena na folha a um santo qualquer. Era uma novena de três terços até o dia seguinte.

Teresinha Anacleto: As pessoas viam aquelas letras, tiravam aquelas letras nas folhas e Dona Levina lia, dava novena pra pessoa fazer. Às vezes rezar o terço. Às vezes a gente estava fazendo limpeza, outra hora a gente chegava na capela, caía aquela folha, a gente via aqueles riscos brancos, mas a gente não entendia. Levava pra ela e ela olhava e falava. A gente sabia que pra gente, era só aquele risco na folha, a gente não entendia nada. Pra gente era um risco, aquele risco assim na folha, que a gente não entendia nada. Ela que lia e falava assim, deu novena pra vocês. Tinha dia que dava mensagem.

Orlandina: Nós tirava, só via português. E ela via... igual ao padre, o dia que o padre pegou as folhas de coqueiro com letras e mostrou pra ela, que ela leu, nós vimos a letra, mas nós não sabíamos nem o que era. Aquelas letras eu não sabia o que era, que eu não sabia, nós não sabe essa... E nem as letras que nós tirávamos, nós não sabíamos o que era também não. Não, ela pegava as folhas ali, as folhas e ficava lendo. Era aquelas letras... A Perciliana tirava no jornal, tinha o modo de ver, a Perciliana via letras, tirava, eu sei que tudo... Nós tirava sem saber o que era. Você está entendendo?

Irmã Henriqueta: Eu já tirei letra, a Dona Efigênia tirava, Dona Orlandina, várias pessoas tiravam letra. Tiravam na folha de milho. Às vezes tinha folha de milho, tinha folha de coqueiro, apareciam aquelas letras e a gente tirava. Teve uma vez que caiu uma folha, caía folha da árvore. Um dia nós estávamos assistindo à missa, caiu uma folha ali pertinho da menina, não sei se é sobrinha do Seu Zé Lopes, ela estava ajoelhada. Caiu aquela folha, a gente via aquelas letras, brilhou na folha, a gente só não sabia ler. Essa folha, eu vi que brilhava, vi aquelas letras brilhando. Aí a madrinha depois leu a mensagem nela com essas letras. Era uma época que todas as folhas que você pegava, dava oração nela. Antigamente, pegava folha no chão, tudo, aquelas folhas bonitas. Aí a gente levava pra ela, ela lia.

Letras tiradas na toalha de N.S. Ap. por Efigênia Dias Teixeira no dia 10.12.1970:F.C.E.P.M.H.V.J.C.W.S.A.P.R.S.R.S.R.M.N.C.V.X.R.M.J.R.P.

¹⁹³

¹⁹² Texto retirado do 1º Livro de Tombo, datado de 26 de novembro de 1970.

¹⁹³ 1º Livro de Tombo, 1970.

Terezinha Anacleto contou que ela e sua irmã Florinda foram escolhidas para serem apóstolos de Nossa Senhora através de mensagens dadas por Ela nas folhas. O mesmo foi relatado por Teresa Rosa, sobre ela e sua mãe, Dona Elvira. Irmã Henriqueta disse que, da mesma forma, também foi chamada pelas letras, que foram vistas em uma toalha que estava no altar da ermida e isto ocorreu quando ainda não existia o convento e ela era conhecida por Toninha. Foi Jesus que enviou o convite:

Quando Nossa Senhora me chamou, eu falei: Nossa! Era primeiro domingo, eu lembro direitinho, ela me chamou. Aparecia as letras assim na toalha. A madrinha que viu. Eu também já vi várias vezes. Aí a madrinha falou assim: Vem cá, Toninha. Aí estava a letra na toalha, Jesus chamando eu pra ser apóstola da mãe dele. Jesus que me chamou.

De acordo com o que foi dito pelos entrevistados, os padres que freqüentavam a montanha também eram capazes de enxergar as letras e as levavam para que Levina dissesse o que representavam. Estes padres, apesar de também participarem do fenômeno, queriam uma prova mais concreta de que os sinais deixados nas folhas significavam aquilo que a vidente realmente dizia. Padre José, em uma ocasião em que Levina disse que as letras eram caracteres árabes, as levou para o Rio de Janeiro para serem lidas por alguém que os conhecia. E Frei Benigno testou Levina, em várias línguas, para comprovar que realmente eram de Nossa Senhora as mensagens transmitidas:

Orlandina: O padre José, quando veio para aqui, ele pegou umas folhas de coqueiro, uma folhinha de coqueiro, tinha lá perto da... Que ela não morava ali, não, ela morava lá na frente. Mais pra cima. Aí ele pegou umas folhas de coqueiro, estava tudo escrito em árabe. Aí ele deu à dona Vica, vou falar Dona Vica que eu acho melhor Dona Vica, ela me chamava de comadre, mas eu não gosto de chamar ninguém de comadre, eu falava Dona Vica. Ela pegou e falou com padre José, o padre José mostrou ela, aí ela leu pro padre José a folha. Aí a folha, o padre José mostrou pra uma porção de gente que também não sabia essa língua. Mostrou a uma porção de gente pra ver se lia e não leu. Levou pro Rio de Janeiro, ele morava no Rio de Janeiro, levou pro Rio de Janeiro pra uma pessoa ler. Se era o que a Dona Vica estava falando. Acho que era pra conferir, não sei se ele deu ou se não deu, acho que era pra conferir.

Aldir: E o padre, teve um dos padres que levou várias folhas e aí ela leu. E depois ele misturou com outras folhas e com aquelas folhas já lidas, ele levou pra ela ler. Ela pegava uma folha, essa aqui não tem nada, essa aqui não tem nada, essa daqui não tem nada, essa aqui já foi lida. Não tinha nada escrito, mas ela pegava, essa aqui já foi lida. O padre marcou as que já tinham sido lidas. O frei Benigno falava seis idiomas, fez as mesmas perguntas em idiomas diferentes pra tentar enrolar ela e ela respondia.

Teresa Rosa: Mas os padres que começou vir aqui, mas eles queriam comprovar essas coisas dela direitinho, mas o padre Ferrari não era moleza, não.

Várias pessoas disseram que, entre as folhas enviadas por Nossa Senhora, também havia várias outras que eram inseridas pelo demônio e que também continham mensagens. Levina as identificava imediatamente, e às vezes estas folhas chegavam a queimar suas mãos.

Irmã Henriqueta: [O demônio] Fazia também. Muitas vezes. Eu tinha até medo que na época eu tinha medo, que as folhas que era mensagem de Nossa Senhora, ele aproveitava e colocava a dele também no meio. E a madrinha lia de vez em quando o que ele escrevia na folha pra gente. Muitas vezes ela viu mesmo, na folha não. Mas ele aparecia, ela vivia atrás dele, imitar o que Nossa Senhora fazia. Nossa Senhora de imitação.

Irmã Lourdes: Aí teve um dia que ele falou assim, o Inimigo. Ele começou a imitar Nossa Senhora também, dando as mensagens na folha. Mas Ela sabia qual era a dele, qual era a dela. E quando era dele, Jesus falava assim: “Lê.” Ela tinha que saber onde pegar a folha. Conforme o lugar que ela pegasse, queimava a mão dela. Ele falava assim: - “Ô Lourdes, o que você veio fazer aqui? É pra você fazer a minha vontade. E aqui você não faz a minha vontade.” Aí eu falava assim: “Você vai embora, sujo, não quero nada com você.” Na mensagem, ele dava. E tinha dia que aparecia a cara dele, o focinho dele na folha. Na folha. Mas era muito gostoso, mas tinha hora que a gente passava aperto. Quando a gente passava aperto, a gente ia atrás de Jesus.

Teresa Rosa: A Dona Levina via. Ela via ele [o demônio], por isso que eu falo, ela sabia muito bem o que eram as coisas de Deus. Que no princípio, ele dava mensagem dele também. Ele era mensageiro. A Orlandina não contou, não? Ele tinha a mensagem dele também. Ele é terrível. Mas a Dona Nelvina falava: “Isto aqui é dele.” De Nossa Senhora, ela sabia muito bem o que era de Nossa Senhora. O que era dele ela nem gostava de pegar. Era dele. Então aqui, Nossa Senhora, ele era terrível.

Irmã Lourdes contou que, quando chegou à montanha, em 1983, as pessoas continuavam a ver as letras e que este acontecimento se deu até a morte da vidente:

Quando eu cheguei tinha folha, tudo. Até Dona Levina morrer, tinha folha, tinha mensagens de folhas. Eu cheguei, quando as meninas chegaram, davam folhas pra Dona Levina. Ela sentava até naquela escada ali da Casa dos Padres. A gente pegava a folha e falava: - “Dona Levina, lê essa folha aqui.” E ela falava a folha pra nós. Que Jesus estava falando ou Nossa Senhora estava falando pra gente.

A linguagem constrói esquemas de classificação por meio de campos semânticos utilizando-se do vocabulário, gramática e sintaxe. Os campos semânticos objetivam a experiência, que pode então ser conservada e acumulada através de um acervo social de

conhecimento que passa a ser transmitido a outras gerações.¹⁹⁴ A transmissão do conhecimento se realiza através de tipos, os transmissores e os receptores, sendo que os primeiros muitas vezes necessitam se utilizar de objetos e ações simbólicas para que se efetue a memorização. “Toda transmissão de significados institucionais implica obviamente procedimentos de controle e legitimação”.¹⁹⁵

Durante as aparições de Nossa Senhora, que muitas vezes duravam horas, além de interpretar as letras que apareciam nas folhas, sempre dando uma mensagem ou um pedido de penitências, Ela também se comunicava com as pessoas através da vidente, ouvindo seus pedidos, aconselhando e unindo todos ao seu redor e muitas vezes fazendo previsões de acontecimentos próximos que afetarão o mundo. Em uma ocasião, a santa revelou três segredos que foram repassados a Efigênia que, ao tomar ciência de seu conteúdo, desmaiou perante todas as pessoas que estavam na ermida. Estes segredos, conforme dito por ela, só poderão ser revelados ao Papa. Este fato foi transcrito pela própria Efigênia no 2º Livro de Tombo:

O segredo que veio passar para a minha mão, (este segredo foi passado para a mão de Efigênia Dias Teixeira no dia 5-10-76) foi passado hoje ela ficou tão comovida por este aviso que caiu no chão sem esperar.¹⁹⁶

O indivíduo participa da dialética social ativamente, não de forma inerte. O mundo social é apropriado por ele através da conversação, que mantém sua biografia. A linguagem existe porque é utilizada e, como objetividade, através da repetição, conserva a realidade do mundo. O mundo social é uma ordenação da experiência, e esta ordem significativa, ou *nomos* é imposta na interação social contínua, integrando os atores numa ordem de significado comum. “Participar da sociedade é partilhar do seu ‘saber’, ou seja, co-habitar o seu *nomos*.”¹⁹⁷

As letras identificadas nas folhas muitas vezes eram interpretadas por palavras que Nossa Senhora pedia aos presentes que explicassem, dizendo algo sobre seu significado.

N Senhora diz a Padre José que explica a letra V, vida e vitória NS diz.

¹⁹⁴ Cf. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 60.

¹⁹⁵ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 96.

¹⁹⁶ Anotação no 2º Livro de Tombo, datada de 05 de outubro de 1976.

¹⁹⁷ BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 34.

N.S. pergunta a Irmã Luzia se reconhece as 3 letras que vão ser explicada. C.A.D. Caridade, Alegria, e Deus. N. S diz a Irmã Luzia foi bem explicado.¹⁹⁸

As anotações no Livro de Tombo com pedidos de Nossa Senhora para que as pessoas obedeçam e façam penitências perduraram até o falecimento da vidente. Nas mensagens que se seguem compreende-se que, em seu combate contra o demônio, a santa necessita das orações e sacrifícios das pessoas, fortalecendo-se desta maneira através da fé, penitências e obediência incondicional a seus pedidos, sem o que não poderá afastar o mal do mundo humano.

A Virgem Maria Santíssima quer muita obediência, hoje 21 de setembro. N. S pede muita obediência se não houver obediência N.Senhora fica sem força para extinguir o demônio.¹⁹⁹

Filhos, eu estou socorrendo o mundo inteiro porque o dragão está traindo as almas. Rezem, meus filhos.²⁰⁰

Pede para rezar muito mesmo, que a aparição está quase estabelecida.²⁰¹

Convido-os a fazerem penitências com muita atenção, pois, se fizerem as penitências corretamente, as provas da Aparição podem ser abreviadas.²⁰²

O Terço de Nossa Senhora é para esmagar a cabeça de satanás. Continuem com as novenas.²⁰³

As orações que a Virgem Maria Santíssima está deixando para meus filhos, tudo é para espantar o demônio, tem que ser arretirado, com o poder de Deus e da Virgem Maria Santíssima.²⁰⁴

Hoje N.S pede meus filhos rezai muito para não ser atentado do demônio, como o demônio está nervoso querendo trair, devemos sempre rezar a coroa do terço. N. S veio ao mundo para evitar dos castigo, nós devemos pensar o que N. S quer na S. Montanha. N. Senhora veio pedir oração e penitência.²⁰⁵

Nossa Senhora também diz, em suas em suas mensagens, que veio ao mundo para salvar os homens a pedido de seu filho Jesus, pois a humanidade estava se encaminhando para o inferno em decorrência de seus pecados:

¹⁹⁸ Anotação no 2º Livro de Tombo, datada de 05 de outubro de 1976.

¹⁹⁹ Idem. Datada de 21 de setembro de 1976

²⁰⁰ Idem. Datada de 15 de setembro de 1976.

²⁰¹ Anotação no 1º Livro de Tombo, datada de 23 de janeiro de 1971.

²⁰² Idem. Datada de 29 de janeiro de 1971.

²⁰³ Idem. Datada de 05 de dezembro de 1971.

²⁰⁴ Idem. Datada de 28 de janeiro de 1971.

²⁰⁵ 2º Livro de Tombo, mensagem datada de 15 agosto 1976

N. S diz que veio ao mundo mandada de Jesus Jesus pediu sua Mãe para salvar as almas há tantas que estão encaminhando para o inferno.²⁰⁶

Ela diz que Jesus é que mandou Ela aqui na serra da Montanha, para converter, meus filhos todos: pois diz todos estavam encaminhados para o inferno. Diz não ter vindo ao mundo para grandeza, veio para levar os filhos todos para o céu.²⁰⁷

Apesar de todos os conflitos que envolveram a Diocese de Leopoldina, seus padres, moradores e fiéis, há várias mensagens da santa pedindo orações pelo Bispo e os religiosos envolvidos nos acontecimentos que duraram anos:

N. S. diz para nós não esquecer de rezar muito para o S. Papa pelos Bispos, e pelos padres.²⁰⁸

N S quer que façamos penitência pelos padres que estão contra N.S. N Senhora diz para rezar muito para eles não se perder e não ir para o inferno, o demônio está traiçoeiro tirando a fé de todos.²⁰⁹

Levina não era a única vidente na montanha. Várias pessoas, entre elas Efigênia, tinham visões não só de Nossa Senhora, mas também experimentavam deslocamentos de consciência, que Berger define como êxtase, estados especiais de percepção da realidade, quando em sua presença. Muitas vezes estes momentos eram acompanhados pelo demônio. Em uma destas ocasiões, Nossa Senhora mostrou a algumas das videntes um local que Efigênia descreveu como escuro e ventoso, destinado àqueles que não obedecem a seus pedidos:

Nossa Senhora nos deixou assentadas numa pedra, sem poder levantar-nos. O demônio aproveitou e começou a mandar uns bichos muito feios para o nosso lado enfim apareceu na forma de uma serpente e xingando dizendo: que mulheres feias.²¹⁰

Chegou o tempo de tudo ser esclarecido, N S quer que ficamos juntinhos com N S hoje tem mais aviso, nós vimos o castigo? Quem não confiar na Virgem M^a Santíssima vão ver o fogo! e saímos correndo, nós devemos preparar a nossa vida, que entramos para um mundo ventuoso vem um vento temos que fechar todas as portas vem um escuridão, ficamos todos de joelhos rogando a Deus.²¹¹

²⁰⁶ 2º Livro de Tombo. Mensagem de 1976.

²⁰⁷ 1º Livro de Tombo, mensagem datada de 02 de março de 1971.

²⁰⁸ Idem. Datada de 07 de novembro de 1976

²⁰⁹ 2º Livro de Tombo, mensagem datada de julho de 1976.

²¹⁰ 1º Livro de Tombo, mensagem datada de 1971.

²¹¹ Idem. Datada de dezembro de 1976

Ao participar continuamente da linguagem, o ser humano se apropria do mundo social e ao mesmo tempo em que é o produtor deste mundo, também se produz a si mesmo.

A linguagem nomiza impondo diferenciação e estrutura no fluxo ininterrupto da experiência. Quando um item da experiência é nomeado é *ipso facto* retirado desse fluxo e ganha estabilidade *como* a entidade assim nomeada.²¹²

Nossa Senhora, durante as aparições, se anuncia como a Mãe de todos os seres humanos. Como Theotokos (aquela que carrega Deus), ao gerar a manifestação de Deus em Jesus Cristo quando assumiu a natureza humana, se tornando simultaneamente Deus e homem, divino e humano, Maria, ao se tornar a Mãe de Deus na Terra, faz-se a Mãe de todos os homens. Assim, Ela também é capaz de conceder a graça, revelando-se não apenas humana, mas também divina:

Eu sou a verdadeira Mãe do mundo.²¹³

Filhos, quem lhes trouxe a vida fui Eu, porque lhes trouxe Jesus.²¹⁴

Como Mãe de Deus, Eu vim ao mundo para consolar os meus filhos que estão na aflição e para salvar a todos.²¹⁵

Rezem assim, meus filhos: - “Ó, espírito do mal, retira-te de mim porque eu sou um filho de Deus, de Jesus e de Maria Santíssima, a Imaculada Conceição.”²¹⁶

Eu nunca vou abandonar os meus filhos, porque Eu sou a Mãe de todos! Eu digo: peçam a Graça, que Eu lhes dou!²¹⁷

Maria: [Nossa Senhora] Ela volta. Só que ela foi pro céu de corpo e alma. Porque Jesus ainda morreu. E ressuscitou. Agora, Ela não, Ela já foi de corpo e alma pro céu. Ela subiu, Ela foi de corpo e alma, com tudo. O corpo, a alma dela, tudo. Não, isso não acontece com o ser humano não.

A resistência às mudanças decorrentes do Concílio Vaticano 2º são uma constante nas mensagens e perduraram até 2002. Nestas vê-se pedidos reiterados de Nossa Senhora para que as pessoas pratiquem o jejum antes da comunhão, que a recebam de joelhos na boca, diretamente da mão de um clérigo, nunca de um leigo e somente daqueles que não abandonaram o uso diário das batinas e hábitos. As mulheres,

²¹² BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, pág. 33.

²¹³ 1º Livro de Tombo, mensagem datada de 29 de dezembro de 1970.

²¹⁴ 2º Livro de Tombo, mensagem datada de 15 de outubro de 1976.

²¹⁵ 1º Livro de Tombo, mensagem datada de 05 dezembro 1971.

²¹⁶ Idem. Datada de 03 de outubro de 1971.

²¹⁷ 3º Livro de Tombo, mensagem datada de 02 de abril de 2000.

conforme pedido, somente poderão freqüentar a igreja usando vestidos abaixo dos joelhos e com mangas, e o uso do véu na igreja é obrigatório:

Muitos não amam a Permanência Eucarística porque amam o mundo. Não fazem por merecer.²¹⁸

Filhos, quem disse que a Santa Missa em Latim é invenção? Essa Santa Missa veio do Céu e vocês devem acompanhá-la como no tempo de Jesus.²¹⁹

Aos padres que estão juntinhos de mim, digo: A Missa só pode ser celebrada em Latim. Ninguém pode mudar o que Jesus fez.²²⁰

As missas dos padres sem batina não são válidas. Eles estão cometendo um grande pecado. Estão ofendendo o Sagrado Coração de Jesus.²²¹

Peço que todas as apóstolas recebam a Sagrada Comunhão de véu cobrindo a cabeça, as que não obedecerem vão ser expulsas da mesa da comunhão. De hoje em diante, as mães precisam combater com suas filhas para que elas não entrem nas Igrejas de calças compridas.²²²

Filhos, vocês não podem comungar de pé. É dever de vocês receberem a Jesus com todo o respeito e carinho!²²³

Os padres sem batina, na hora da consagração, pensam que Jesus vem ao altar? Não. Eles estão em desobediência. Qualquer um vai ao sacrário pegar na hóstia. Os padres estão pensando que é um banquete de salão?²²⁴

Quem comunga na mão, fica longe de Jesus. Só recebe a massa, não recebe Jesus.²²⁵

Poucos anos depois dos relatos das primeiras aparições, as mensagens da santa passam a profetizar acontecimentos que se darão em um tempo próximo e que serão antecedidos por guerras em todo o mundo, terremotos, inundações, elevação dos oceanos e sinais nos céus. Estes acidentes naturais vêm anunciar o final dos tempos, tal como conhecido pela humanidade. O acontecimento que antecederá o fim da era conhecida e início de uma nova, não colocará um fim à Terra, provocará a sua transformação, onde os sobreviventes do cataclismo que varrerá da sua face a maioria dos seus habitantes serão submetidos a três dias de escuridão que antecederão três anos de grande fome. Não há como evitar os acontecimentos, mas, conforme consta de diversas mensagens, estes poderão ser amenizados por orações e penitências.

²¹⁸ 2º Livro de Tombo. Mensagem datada de 15 de setembro de 1976.

²¹⁹ Idem. Datada de 02 de outubro de 1976.

²²⁰ Idem. Datada de 31 de julho de 1976.

²²¹ Id. Datada de 01 julho de 1976.

²²² Id. Datada de 15 setembro 1975.

²²³ Id. Datada de 01 julho 1976.

²²⁴ Id. Datada de 31 de julho de 1976.

²²⁵ Id. Datada de 03 outubro 1976.

Maria: Ela [Nossa Senhora] falava assim: Ó, não é o mundo que vai acabar. O mundo não vai acabar, o mundo vai ficar do mesmo jeito, quem vai acabar é o povo. O povo que vai acabar, não é o mundo.

Estes tremor de terra vão chegar a fundar os lugares todos se nós não rezar não fazer penitência.²²⁶

Nossa Senhora apresentou os países que vão ser mais castigados. Ela disse: - "O mar está subindo, avançando para a terra. Terremotos e outros castigo vão acontecer... O tempo está vencendo."²²⁷

Vai chegar um tempo de escuridão, meus filhos, tempo de ingratidão... Neste local há três segredos que só poderão ser revelados ao Santo Padre, o Papa.²²⁸

Filhos, virá um vento e vocês terão que fechar portas e janelas. Virá uma escuridão e vocês ficarão de joelhos, rogando a Deus. Haverá três anos de grande fome. Filhos, de uma hora para outra vocês poderão desaparecer. Chegou o tempo! Façam como eu peço.²²⁹

Tantos castigos estão por vir. Eu tenho pedido, meus filhos, se não obedecerem, vão sofrer... Se não escutarem, ficarão perdidos e cegos.²³⁰

N S diz meus filhos rezai o terço e fazei penitência pode evitar dos três anos de seca.²³¹

N S está reclamando a todos, como veio ao mundo pedindo meus filhos rezai o terço vai haver tantos castigos, vai chegar um tempo de 3 anos de fome, secar todas águas se ninguém quiser obedecer, se não obedecer vai vir estes castigos, vai haver tantas gente cegos mudos e surdos.²³²

Meus filhos, rezai sempre para N S evitar dos castigos vai haver 3 anos de seca faltar água vamos ver o castigo da peste fome e guerra.²³³

N S diz meus filhos tantos castigos, tantos terremotos, vão rezar para o divórcio não entrar no Brasil, o divórcio foi aprovado meus filhos vão rezando que Eu tenho pedido ninguém quer obedecer

Esta geração vai acabar com todas as suas famílias (nações). Será formada outra família. Esta família (geração presente) já não conhece a Deus. Deus vai renovar o mundo para todos os que amam Nossa Senhora e Jesus, seu Filho.²³⁴

Catarina da Costa: Ela falava que Nossa Senhora fala assim. Na hora que Nossa Senhora estava presente lá na ermida. Nossa Senhora está falando que

²²⁶ 2º Livro de Tombo. Mensagem datada de 15.07.76

²²⁷ Idem. Datada de 16 de junho de 1976.

²²⁸ Id. Datada de 08 de dezembro de 1976.

²²⁹ Id., pág. 65/66. Datada de fevereiro de 1976.

²³⁰ Id. Datada de 02 fevereiro 1977.

²³¹ Id. Datada de dezembro de 1976.

²³² Id. Datada de 06 março 1977

²³³ Id. Datada de 06 março de 1977

²³⁴ 3º Livro de Tombo. Mensagem datada de 04 de junho de 2000.

muita cidade vai acabar. Ô, meus filhos, reza, reza mesmo. Faz muita oração e penitência e pede. E vai vim doença também que não vai ter cura. Os doutor não vai saber a doença das pessoas. Não vai conhecer. Falou.

Em cada dia, em cada minuto estou presente, pedindo aos meus filhos que não se esqueçam da oração, porque chegou o tempo, o tempo de todos.²³⁵

Os castigos vão continuar. (...) O tempo do Santo Padre já está vencendo! Meus filhos, o que vocês vão esperar da Santa Igreja? A Santa Igreja vai passar por muito sofrimento! Os cristãos vão sofrer muito!²³⁶

Meus filhos sacudam a poeira! É tempo de todos acordarem! Não durmam! Levantem filhos, porque agora é tempo! Aquele que ficar dormindo ficará adormecido! Procurem-me enquanto é cedo, não deixem para Me procurar tarde, porque um dia vocês irão morrer.²³⁷

Vocês, meus filhos, rezem, porque os castigos vão sempre continuar. Quem está comigo não precisa temer, porque Eu defendo dos castigos, mas quem não está comigo....meus filhos, não abusem, porque Eu sou a Virgem do Céu, eu descí do Céu para dar esses avisos.²³⁸

Os castigos vão continuar. Aqueles que estão comigo, estou cobrindo com Meu Manto, estou protegendo. Eu acompanharei a viagem de cada um.²³⁹

Os castigos vão continuar. (...) O tempo do Santo Padre já está vencendo! Meus filhos, o que vocês vão esperar da Santa Igreja? A Santa Igreja vai passar por muito sofrimento! Os cristãos vão sofrer muito! Os que rezarem, terão a Graça de Deus. E os que não rezarem? São muitos os que cruzam os braços e esquecem de rezar, esquecem de pedir a Deus.²⁴⁰

Tudo que tenho pedido a vocês, (façam), procurem ser mais chegados a Mim, chegados a Jesus, porque este tempo está vencendo. Está tudo na hora!²⁴¹

Irmã do Rosário: Está chegando [o fim dos tempos]. Ainda esse ano [2011] já vai começar os maiores castigos. O Brasil vai sofrer muito. Meu Deus, o Brasil vai sofrer muito. Ela diz que vai começar do Brasil. Pra servir de exemplo, pra ver se haja conversão.

O Espírito Santo é citado por Nossa Senhora como a luz que leva ao entendimento das verdades anunciadas por Ela aos homens, e através do que serão levados a Deus. Assim, a Mãe, ao revelar suas verdades através do Espírito Santo é o instrumento que permite o acesso aos Céus.

²³⁵ 3º Livro de Tombo. Mensagem datada de 01 agosto de 1999.

²³⁶ Id. Datada de 05 de março de 2000.

²³⁷ Id. Datada de 05 de março de 2000

²³⁸ Id. Datada de 03 de outubro de 1999.

²³⁹ Id. Datada de 07 de novembro de 1999.

²⁴⁰ Id. Datada de 05 de março de 2000.

²⁴¹ Id. Datada de 07 de maio de 2000.

Meus filhos, sofram com paciência e esperança para alcançarem a Luz do Divino Espírito Santo.²⁴²

Meus filhos, venham receber as graças do Divino Espírito Santo. Eu sou a Virgem Maria Santíssima. Venho à Santa Montanha para converter os meus filhos e levá-los para o Céu.²⁴³

Venham, meus filhos, conhecer o Divino Espírito Santo! O Divino Espírito encaminha, iluminando o caminho para a Verdade de Nossa Senhora Aparecida.²⁴⁴

A Luz do Divino Espírito Santo está no local de Nossa Senhora.²⁴⁵

Divino Espírito Santo, iluminando o nosso caminho das Verdades, Jesus chamando a atenção com o olhar de Nossa Senhora Aparecida. Vêm em nosso coração esperança, fé e caridade.²⁴⁶

Eu vim pra consagrar todos os meus filhos e desejo levá-los para o Céu. O Divino Espírito Santo veio iluminando os seus caminhos. Meus filhos, digam: - “Ó Mãe de Deus vem para nos socorrer. Nós esperamos alcançar as graças de Deus!”²⁴⁷

Ela também se revela como capaz de perdoar os pecados cometidos pelos seres humanos:

Estou aqui, esperando para perdoar os meus filhos.²⁴⁸

Quem deseja arrepende-se dos pecados venham aos meus pés para ser perdoados.²⁴⁹

O Pai do Céu está enviando Sua Mãe à terra para chamar a atenção de todos vocês. Filhos, vocês pertencem a Deus. Vivam pelas Minhas Verdades. Entreguem todo o seu ser por Mim.²⁵⁰

O mistério da transformação da imagem de Nossa Senhora em sua própria substância, onde se faz presente durante as aparições, é explicada na seguinte mensagem:

A Virgem Maria Santíssima vai ficar encarnada na Imagem Milagrosa agradecendo meus filhos e os apóstolos, a Virgem Maria Santíssima na hora que foi transformada. Eu desci e tomei a forma da imagem. Nós escolhemos

²⁴² 1º Livro de Tombo. Mensagem datada de 02 de janeiro de 1971.

²⁴³ Idem. Datada de 25 de fevereiro de 1971.

²⁴⁴ Id. Datada de 12 de outubro de 1971.

²⁴⁵ 2º Livro de Tombo. Mensagem datada de 15 de maio de 1975.

²⁴⁶ Apóstolos da Virgem Maria. Santa Montanha: 30 anos de aparições. Direitos reservados à Obra da Divina Misericórdia: 1ª edição, 2 de fevereiro de 1966.

²⁴⁷ 1º Livro de Tombo. Mensagem datada de 09 de dezembro de 1971.

²⁴⁸ Idem. Datada de 13 de outubro de 1971.

²⁴⁹ Id. Datada de 15 de agosto de 1971.

²⁵⁰ 2º Livro de Tombo. Mensagem datada de 15 de novembro de 1976.

o que nós vimos. Ela é a padroeira dos meus filhos, então Ela desceu e encarnou na imagem milagrosa.²⁵¹

Em várias mensagens, Nossa Senhora se apresenta como a Consoladora: “Eu, Nossa Senhora, a Consolação dos Aflitos, desejo que redobrem aqui seus sofrimentos, vão rezando o terço dos sofrimentos.”²⁵²

Também se coloca contra o comunismo, o espiritismo e os protestantes:

Eu tenho explicado: Não acompanhem as coisas espíritas, que é um grande pecado. As pessoas que trabalham nessas coisas espíritas se perdem.²⁵³

Peço-lhes que não tomem remédios espíritas com o Óleo Santo. Eu fico tão ofendida! Tanta gente, aqui, leva o Óleo Santo e mistura com espiritismo. Cuidado!²⁵⁴

Filhos, não acompanhem as leis comunistas! Muitos dizem que nem Jesus nem a Mãe do Céu fazem milagres. Os protestantes é que vão fazer?²⁵⁵

Berger diz que a linguagem impõe ordem à experiência ao diferenciar e estruturar o seu fluxo. “É impossível usar a linguagem sem participar de sua ordem.”²⁵⁶ Para ele, é através do mundo social que o ato nomizante ordena, tanto objetiva como subjetivamente. Ao dizer que um item é *isto* e não *aquilo*, distinguindo linguisticamente estes itens, a linguagem os inclui em um *nomos* totalizante.²⁵⁷ É através da linguagem que o conhecimento social é construído e a sociedade impõe o seu saber, pelo processo de objetivação. Este *nomos* objetivo, ao ser apropriado pelo indivíduo na socialização, é interiorizado, de forma a dar sentido à biografia. “...a mais importante função da sociedade é a nomização.”²⁵⁸ É pela socialização que o *nomos* objetivo é interiorizado, quando o indivíduo apreende um acontecimento subjetivo de outrem e o torna significativo também como subjetividade. A sociedade, como realidade objetiva e subjetiva, deve ser entendida como um processo dialético que se manifesta em três momentos: exteriorização, objetivação e interiorização. Berger acentua que estas três etapas não ocorrem em momentos distintos, mas acontecem em um único instante, de forma simultânea. “...estar em sociedade significa participar da dialética da

²⁵¹ 1º Livro de Tombo. Mensagem datada de 09 de dezembro de 1969.

²⁵² Idem. Datada de 09 janeiro de 1972

²⁵³ Idem. Não datada.

²⁵⁴ 2º Livro de Tombo. Mensagem datada de 09 de março de 1976.

²⁵⁵ Idem. Datada de 17 de julho de 1976.

²⁵⁶ BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 33.

²⁵⁷ Cf. BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 33.

²⁵⁸ BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 35.

sociedade.”²⁵⁹ Como o homem não nasce membro da sociedade, mas vem a participar de sua dialética em decorrência de sua sociabilidade, é introduzido no mundo social pelo que o autor denomina interiorização, que constitui a base, em primeiro lugar, da compreensão do outro e por fim “da apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido.”²⁶⁰ A interiorização será objeto do terceiro capítulo.

3 A SANTA MONTANHA

3.1 Da transmissão do mundo

A afirmativa de Berger e Luckmann de que o ser humano é um ser social implica dizer que, no processo de construção do mundo, ele necessita não só da interação com o mundo físico, mas também, e acima de tudo, de se desenvolver em contato com seus semelhantes. Através da externalização do pensamento subjetivo, o ser humano cria um conjunto de objetos, materiais ou não, que podem ser partilhados com os outros seres humanos e que podem ser traduzidos como cultura. A cultura se apresenta como objetividade não somente por se defrontar ao homem como algo que existe fora de sua consciência, mas também por se colocar à sua disposição para ser experimentada em um compartilhamento com os outros.

Em outras palavras, o mundo cultural é não só produzido coletivamente como também permanece real em virtude do reconhecimento coletivo. Estar na cultura significa compartilhar com outros de um mundo particular de objetividades.²⁶¹

A sociedade, parcela da cultura, age sobre o indivíduo de modo a que este somente venha a perceber a própria biografia quando inserido no mundo social. Quando as estruturas deste mundo objetivo produzido são introduzidas na consciência e vêm determinar suas estruturas subjetivas, este processo é descrito por Berger e Luckmann como interiorização.

A interiorização permite que o indivíduo perceba os processos subjetivos do outro como se fossem os seus próprios, proporcionando uma contínua identificação, permitindo assim que ele venha a se tornar um membro da sociedade.

²⁵⁹ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 167.

²⁶⁰ Idem. p. 168.

²⁶¹ BERGER, Peter. O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 23/24.

É através da transmissão do mundo social a uma nova geração que “a dialética social fundamental aparece em sua totalidade”.²⁶² A interpretação de um acontecimento objetivo de outrem como dotado de sentido permite que este acontecimento seja apreendido em sua subjetividade, e assim se estabelece um compartilhamento das situações, que vem a produzir uma ligação subjetiva entre os indivíduos. “Não somente vivemos no mesmo mundo, mas participamos cada qual do ser do outro.”²⁶³ É pela transmissão que o mundo social se cristaliza.

Apenas uma compreensão da internalização dá sentido ao fato incrível de que a maioria dos controles externos funcione durante a maior parte do tempo para a maior parte das pessoas de uma sociedade. A sociedade não só controla nossos movimentos, como ainda dá forma à nossa identidade, nosso pensamento e nossas emoções. As estruturas da sociedade tornam-se as estruturas de nossa própria consciência.²⁶⁴

O reconhecimento coletivo implica dizer que a sociedade se apresenta ao homem como algo que existe fora de si mesmo e que permanece independentemente de sua volição.

Quer dizer que nenhuma construção humana pode, a rigor, ser chamada de fenômeno social a não ser que tenha atingido aquele grau de objetividade que obriga o indivíduo a reconhecê-la como real. Em outras palavras, a coercividade fundamental da sociedade está não nos mecanismos de controle social, mas sim no seu poder de se constituir e impor como realidade.²⁶⁵

Somente através de processos sociais o homem interioriza uma identidade. Apropriando-se do mundo através do outro, é pelo diálogo que o mundo permanece real assim como a consciência da identidade. O mundo do outro passa a ser apropriado como seu próprio mundo. A sociedade, como realidade objetiva é interiorizada, de maneira que vem a imprimir uma identidade subjetiva coerente e contínua. A sociedade, a identidade e a realidade cristalizam subjetivamente no mesmo processo de interiorização levando à compreensão de que a realidade que se percebe do lado de fora corresponde àquilo que é real do lado de dentro, traduzindo a realidade objetiva em realidade subjetiva.²⁶⁶ “Em termos sucintos, todo ato de ligação social resulta numa

²⁶² Cf. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 85.

²⁶³ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 169.

²⁶⁴ BERGER, Peter. Perspectivas sociológicas: uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 136.

²⁶⁵ BERGER, Peter. O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 25

²⁶⁶ Cf. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 173.

escolha de identidade. Inversamente, toda identidade exige ligações sociais específicas para sobrevivência.”²⁶⁷

Ernest Cassirer, ao falar sobre o papel da linguagem na religião, diz que

É que só a linguagem torna possível a persistência do homem na comunidade; e só em sociedade, em relação com o *tu*, adquire real subjectividade o próprio *eu*.²⁶⁸

Uma sociedade que se estabelece no tempo enfrenta o problema da transmissão do mundo à nova geração, que necessita ser ensinada a participar dos programas institucionais desta sociedade. Esta transmissão do conhecimento não significa apenas um processo de aprendizado, mas se estende a uma dimensão que vem a estabelecer uma simetria entre o mundo objetivo da sociedade e o mundo subjetivo do indivíduo. Uma sociedade só conseguirá se manter e persistir no tempo se desenvolver as condições que venham a permitir um grau elevado de simetria entre o mundo social e a própria consciência. Para Berger e Luckmann, a socialização é um processo contínuo que se estende por toda a vida, por isto nunca se completará totalmente. Em decorrência desta peculiaridade, os mundos sociais são precários, dependendo de processos específicos para que se mantenham. A facticidade objetiva do mundo social somente se torna facticidade subjetiva na consciência através da conversação com os interlocutores importantes, os outros significativos. Um indivíduo, ao adquirir uma identidade que pode ser reconhecível, melhor dizendo, ao se tornar uma pessoa, necessita continuar a produzir o mundo e para isto é preciso continuar participando da conversação com seus semelhantes. A interação se dá especialmente através da linguagem e é desta forma que a sociedade impõe uma ordem, um *nomos* às experiências, e a vida social se torna uma vida ordenada e significativa. “O *nomos* objetivo é interiorizado no decurso da socialização.”²⁶⁹ A ordem e o sentido são estruturados não apenas como objetividades institucionais, mas também pela consciência individual. O problema que surge na separação do indivíduo do mundo onde foi socializado é que, ao interromper a interação, a certeza da realidade é ameaçada. A ruptura nômica não é suscetível de ocorrer somente a nível individual, mas pode envolver todo o grupo social ao qual a pessoa pertence. “O mundo começa a vacilar no exato momento em que a conversação

²⁶⁷ BERGER, Peter. Perspectivas sociológicas: uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 115.

²⁶⁸ CASSIRER, Ernest. Linguagem, mito e religião. Porto, Portugal: RÉS-Editora Lda., p. 76.

²⁶⁹ BERGER, Peter. O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 34.

que o sustenta começa a esmorecer.”²⁷⁰ Devido a uma necessidade antropológica, que Berger e Luckmann entendem ser uma exigência humana decorrente de um instinto, o ser humano é compelido a impor uma ordem significativa à realidade. A separação do mundo social provoca, como resultado da constituição humana, tensões psicológicas profundas que podem vir a redundar na ausência de sentido. A sociedade fornece os escudos necessários para evitar a desordem, a incoerência e a loucura. As suspeitas que podem ocasionalmente surgir na consciência em relação à própria identidade como também à dos outros, quando surgem situações marginais, revelando a precariedade do mundo social, são combatidas por procedimentos que “devolvem” a realidade e conservam o indivíduo dentro dos limites seguros.

Berger, ao analisar o processo de socialização, se utiliza do conceito de Mead sobre “outros significativos”.

A criança descobre quem ela é com a descoberta da sociedade. Aprende a desempenhar os papéis que lhe são adequados, ao aprender, como diz Mead, “a assumir o papel do outro”... (...) a criança primeiro assume papéis ligados àquelas pessoas que Mead chama de seus “outros significativos”, isto é, aquelas que lidam com ela mais de perto e cujas atitudes são decisivas para a concepção que a criança faz de si mesma.²⁷¹

A socialização não se dá apenas de uma forma. Na socialização primária, que ocorre na infância, a criança apreende o outro como dotado de significado e através daquilo que percebe significativo para este, passa também a se identificar. Berger e Luckmann dizem acreditar que o processo de aprendizado seria difícil, senão impossível, sem a ligação emocional, pois a socialização primária envolve mais que a apreensão cognoscitiva, pois a interiorização do mundo do outro exige também a absorção de papéis e atitudes daqueles que são significativos. A socialização ocorre na ordem institucional, onde as legitimações são apreendidas pela nova geração. O processo dialético que existe a nível individual na identificação com os outros significativos também corresponde à dialética geral da sociedade. Neste processo, ao mesmo tempo que o indivíduo se localiza no mundo objetivo, também se apropria subjetivamente deste mundo. Na socialização primária, a consciência progressivamente generaliza os papéis e atitudes dos outros particulares, estendendo a compreensão de que estes são significativos para todos. Esta abstração dos papéis e atitudes dos outros

²⁷⁰ BERGER, Peter. O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 35.

²⁷¹ BERGER, Peter. Perspectivas sociológicas: uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 112/113.

significativos concretos é chamada de “o outro generalizado”, que permite ao indivíduo se identificar também com uma sociedade.²⁷²

Mais tarde, a criança aprende que os papéis que representa são relevantes não só para seu círculo íntimo, como também se relacionam com as expectativas da sociedade em geral. Esse nível mais alto de abstração na resposta social é denominado por Mead de descoberta do “outro generalizado.”²⁷³

A interiorização primária, com grande carga emocional, leva a criança a perceber o mundo dos outros como sendo o único mundo existente e concebível e isto se dá principalmente pela linguagem, que reforça a compreensão de que este mundo é absolutamente real, estabelecendo-se definitivamente na consciência. A criança, ao nascer em uma estrutura social objetiva, encontra os outros significativos que lhe transferem o mundo social onde se localizam. Os indivíduos que habitam este mundo social objetivo transmitem à criança aspectos do mundo que escolhem, em decorrência de sua própria biografia, de sua localização social e de sua própria maneira de ver e de sentir o mundo que habita. Assim, a criança absorve a percepção particular dos outros significantes sobre o mundo, e esta é sempre carregada de alto grau de emotividade. “A criança identifica-se com os outros significativos por uma multiplicidade de modos emocionais.”²⁷⁴

Na socialização primária não há problemas na identificação, pois não existe a opção de escolha dos outros significativos e são eles que decidem o conhecimento a ser transmitido. Assim, a identificação é automática e o mundo dos outros significativos é interiorizado como o único mundo possível, permitindo a confiança, não só nas pessoas, mas nas definições das situações dadas por elas. O que resta à criança é “participar do jogo com entusiasmo ou com mal-humorada resistência.”²⁷⁵ Dizem os autores que, mesmo que ao longo do tempo o sentimento original de inevitabilidade se mostre enfraquecido, a certeza fornecida pela socialização primária é conservada.

Berger e Luckmann, ao acentuarem que o processo de interiorização não pode ser considerado como independente, mas que este faz parte de um processo maior que inclui os momentos de exteriorização e objetivação, afirmam que o ser humano não

²⁷² BERGER, Peter. & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 172.

²⁷³ BERGER, Peter. Perspectivas sociológicas: uma visão humanística. Petrópolis, Vozes, 2010, p. 113.

²⁷⁴ BERGER, Peter. & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 170.

²⁷⁵ Idem. p. 174.

pode ser concebido como uma coisa passiva, inerte, que é modelada pela sociedade. O ser humano é formado ao longo de uma dialética que se processa pela conversação da qual participa e através da conversa produz o mundo e é produzido por ele. Ao se apropriar da linguagem em sua facticidade objetiva, o indivíduo também se apropria subjetivamente dela. A linguagem, através da capacidade de impor ordem significativa, ou *nomos*, vem a produzir interação social contínua, integrando os atores em uma ordem de significado comum e é através dela que o mundo objetivo pode ser transmitido a uma nova geração.

A socialização, quando obtém êxito, é capaz de transmitir o sentimento de inevitabilidade, e o *nomos* estabelecido desta forma funde-se em seu sentido com os sentidos do universo, sendo compreendido com uma co-extensão deste. O ser humano passa a projetar assim os sentidos humanos no universo como tal. A religião é a maneira que melhor expressa a cosmificação, por estabelecer um cosmos sagrado, distinto e ao mesmo tempo relacionado com o ser humano. A religião, por relacionar o homem a uma realidade sagrada que ao mesmo tempo o transcende e inclui, ordena e dota de significado a existência, protegendo contra o terror da anomia.

A sociedade é uma estrutura complexa, onde a distribuição do trabalho exige a distribuição social do conhecimento. Esta complexidade da divisão do trabalho cria submundos institucionais tornando a socialização secundária necessária, o que significa a interiorização destes submundos. Embora a socialização secundária seja a interiorização de submundos parciais, esta outra forma de socialização também possui seus componentes cognoscitivos, normativos e afetivos, exigindo, para serem compreendidos, vocabulários específicos a serem usados nas interpretações e rotinas das áreas institucionais. Os submundos diferem do mundo básico adquirido na infância porque não se trata de um mundo total, mas constituídos por partes, pedaços que dependem de um corpo de conhecimentos que leve o indivíduo a se identificar com as tarefas específicas realizadas dentro deste mundo institucional.

A socialização secundária exige um processo de socialização primária, uma personalidade formada e um mundo interiorizado. Nela, o mundo é conhecido no processo de identificação mútua com o outro, mas sem possuir o conteúdo emocional da socialização primária adquirida na infância. Na socialização secundária, outros mundos se apresentam ao indivíduo, entretanto, sem a inevitabilidade do mundo apreendido na

socialização primária, tendo que ser reforçados para que possam parecer reais e inevitáveis. Há casos de socialização secundária em que há necessidade de técnicas intensificadoras. Berger diz que na socialização do pessoal religioso, é neste momento que surge figura do socializador, para que a significação da nova realidade possa se manifestar e que “implicam a institucionalização de um complicado processo de iniciação, um noviciado, no curso do qual o indivíduo entrega-se inteiramente à realidade que está exteriorizando”,²⁷⁶ tornando-se esta uma réplica do caráter da socialização primária.

Compreendem os autores que a socialização jamais chega a se completar inteiramente. A socialização secundária, por se realizar em um mundo mais artificial, é mais vulnerável a deslocamentos, necessitando, portanto, de ser intensificada e reforçada através da rotina. Esta reafirma continuamente, através do processo de institucionalização, a relação do indivíduo com o outro, mantendo a realidade interiorizada nesta relação. “A realidade interiorizada pelo processo social se mantém na consciência por processos sociais.”²⁷⁷

A socialização secundária, de forma diferente da socialização primária, não exige o componente emotivo e ocorre de maneira eficiente através da identificação mútua com os outros indivíduos. Enquanto que na socialização primária os outros significativos são apreendidos como mediadores de uma realidade inevitável, na socialização secundária estes são vistos como “funcionários institucionais”, passíveis de substituição e o conhecimento transmitido desta maneira é mais superficial e sua realidade aparece de forma mais frágil, transmitindo menos confiança que as interiorizações da socialização primária. Além disto, a socialização secundária é menos vulnerável a situações marginais porque possui um caráter mais artificial, podendo a realidade transmitida neste tipo de socialização ser apreendida como trivial. “Tem sentido morrer como homem, mas tem muito pouco morrer como diretor assistente do departamento de meias de senhoras.”²⁷⁸

Berger e Luckmann dizem que não são somente os outros significativos que atuam na conservação da realidade subjetiva. Na formação da identidade há aspectos

²⁷⁶ BERGER, Peter. & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 186.

²⁷⁷ Idem. p. 192

²⁷⁸ Id. p. 191.

que podem influir negativamente na autoidentificação da imagem que o indivíduo possui de si mesmo, o que pode ocorrer quando há um desacordo entre o ambiente mais amplo e os outros significativos. Uma identificação negativa por parte do ambiente mais amplo pode vir a afetar a identidade.

Geralmente falando, em situações nas quais existe competição entre diferentes instituições definidoras da realidade podem ser tolerados todos os tipos de relações entre grupos secundários com os competidores, desde que existam firmemente estabelecidas, relações de grupos primários em cujo interior *uma determinada* realidade é progressivamente reafirmada contra os competidores.²⁷⁹

Ao falar sobre classes sociais e universo simbólico, Gilberto Velho entende que

Por outro lado, o contato com outros grupos e círculos pode afetar vigorosamente a visão de mundo e estilo de vida de indivíduos situados em uma classe sócio-econômica particular, estabelecendo diferenças internas. A interação com redes de relações mais amplas e diversificadas afeta o desempenho dos papéis sociais.²⁸⁰

Em uma análise do processo de transmissão do mundo criado na Santa Montanha pode-se observar diversas características que Berger e Luckmann apontam como integrantes do processo de socialização e que ajudaram a compor um elevado grau de simetria entre a realidade objetiva e a realidade subjetiva partilhada pelos moradores da comunidade pesquisada. Não pretendo relatar aqui os casos em que a socialização primária não produziu a completa interiorização do mundo que estava sendo transmitido, nem aqueles outros casos em que o ambiente externo exerceu um efeito tão amplo que tornou a realidade transmitida pelos outros significantes suscetível de se desconstruir. Isto não elimina a possibilidade, que não considero inexistente, de casos em que a socialização primária se deu mal sucedida.

Também não considerei com maior profundidade os efeitos da socialização secundária sobre os indivíduos integrantes do subuniverso de significação, também participantes da formação da Santa Montanha, constituído por romeiros e visitantes periódicos que ainda mantêm a fidelidade aos ensinamentos de Nossa Senhora e do Menino Jesus comparecendo às festividades ou ainda subindo a montanha a cada primeiro domingo do mês para assistir às missas. A análise da participação destas pessoas (que poderia ser objeto de uma pesquisa sobre peregrinações, entre outras), não

²⁷⁹ BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 195/196.

²⁸⁰ VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 4ª Ed., p. 20.

ocorreu porque deva ser menosprezada a sua atuação na construção deste mundo, mas sim pelo fato de que dar a esta atuação uma relevância maior implicaria em uma outra abordagem, distinta da minha pretensão nesta dissertação. Entretanto, considero importante levar em conta que no processo de criação da Santa Montanha uma parcela destes indivíduos, ao tomar parte nas romarias, rezas e penitências, compondo assim uma instituição e contribuindo para que este mundo fosse legitimado, também se submeteram à socialização secundária, ao atuarem de forma conjunta com os moradores da montanha, criando um vínculo que permitiu que recebessem parte do conhecimento que era distribuído socialmente. Um exemplo a ser citado é o de uma senhora com quem conversei durante a pesquisa, que organizava romarias à montanha e que demonstra, através do vínculo que criou e continua a manter com os religiosos e moradores, que a socialização secundária pode vir a produzir um efeito que embora não contenha elementos para ser considerado um processo de alternância, permite observar que o conhecimento recebido desta maneira pode se tornar bastante similar à socialização primária. Embora Berger diga que na socialização secundária o mundo é conhecido no processo de identificação mútua com o outros, mas sem possuir o conteúdo emocional da socialização primária adquirida na infância, este caso específico, embora não o único, demonstra que a socialização secundária pode resultar quase no mesmo efeito das técnicas intensificadoras que o autor cita como exemplo a socialização do pessoal religioso.

Assim, é a partir do que disseram os entrevistados, pessoas que passaram a residir na comunidade pesquisada ou que nasceram nela, vindo a adquirir uma identidade durante sua criação, que traço uma compreensão dos processos que, a partir de Berger e Luckmann, foram decisivos para uma completa socialização.

Há que se observar, durante os anos que se seguiram aos relatos das primeiras aparições de Nossa Senhora na montanha, três períodos que se destacam no tempo, cada um com suas características específicas. O primeiro período ocorreu durante os anos de 1966 (ou 1964) até o início de 1975, quando os seguidores da santa e moradores em torno da montanha, a partir dos diversos conflitos com a Diocese de Leopoldina, que culminou com sua expulsão da Igreja, passaram a exercitar sua fé e devoção a Nossa Senhora com a criação de um modo alternativo de vivenciar o catolicismo sem a presença regular de padres que oferecessem serviços religiosos; de 1975 a 1990, com a chegada do Menino Jesus Celeste à montanha e a participação dos padres e da atuação

das Irmãs Carmelitas até o falecimento de Dom José e a saída de Frei Cristóvão; e a partir de 1990, quando a comunidade, já legitimada, se manteve estruturada com a presença das religiosas que criaram o novo convento a partir da chegada de Irmã Leonor e dos padres ordenados no seminário da Santa Montanha.

Na primeira década a partir da primeira aparição de Nossa Senhora, pode-se observar de forma mais detalhada o que os autores dizem sobre a necessidade, não só da interação com o mundo físico, mas também do contato com o semelhante para se viver no mundo humano, que necessita ser compartilhado pelos indivíduos que nele habitam. Foi através desta interação que se produziu a ligação subjetiva entre as pessoas e este mundo pôde ser interpretado como algo que contém um sentido. Através dos relatos de diversos entrevistados, pode-se verificar uma profunda integração de situações que foi mantida e fortalecida durante todos os anos que se seguiram às primeiras aparições, inclusive com o entrelaçamento das famílias através do casamento de seus filhos. A vidente Levina, em 1967, data de nascimento de Edson, filho de Orlandina, se tornou sua madrinha de batismo; Terezinha Anacleto e Terezinha Rosa, primas, intensificaram seu relacionamento comparecendo às reuniões quando Nossa Senhora se manifestava; José Lopes, vizinho de Orlandina e Tolé, estreitou os laços de amizade entre suas famílias e com sua grande disposição em ajudar os companheiros, conquistou o respeito e amizade de todos eles, como descreve Terezinha Rosa. Terezinha Anacleto relata como todos se reuniam e compartilhavam o mundo que criavam:

Orlandina: Eu pus Levinda. Eu falo mais embaixo que é Dona Vica, porque nós tudo conversava muito, ela é madrinha de batismo deste menino meu, deste que saiu ali.

Terezinha Anacleto: Nós conhecia naquela época, a Terezinha [Rosa] é minha prima. Desde que nós morava lá em cima, ela ia junto com nós pra reunião [durante as aparições]. Ela morava pra baixo de mim, passava lá em casa e nós íamos pra Santa Teresinha pra reunião. Nós conhecia muito tempo. Era família mesmo.

José Lopes: Ela [Orlandina] é uma mulher muito boa, eu gosto muito dela. Muito boa, muito direita. Muito honesta, aquela mulher.

Teresa Rosa: Quando eu entrei nessa casa aqui, não estava nem acabada. Viemos pra essa casa. E o Seu Zé Lopes desmanchou o quarto aí, fez uma puxadinha aí fora, e fazer um fogãozinho. Eu considero ele um pai. Eu tenho ele como um pai pra mim.

Terezinha Anacleto: Era muito movimento. Tinha essa gente da parte da Dona Levina, vieram aqui um dia, choveu muito, eles passaram lá em casa, dormiram lá em casa.

Terezinha de Souza: E do Alberto, eu sou madrinha da Lúcia, essa que é mãe do menino que tem açougue. Que mora aqui, mulher do Aloísio. O Aloísio... que eles são primos. A gente, com o Aloísio, com o pessoal do Juca Emídio, a minha mãe era prima de primeiro grau da mãe deles. De todos. E o Aloísio casou com a Lúcia do Alberto, meu tio.

Com a chegada dos padres e freiras na Santa Montanha, a partir de 1975, e do Menino Jesus Celeste através das Irmãs Carmelitas em 1976, passou a ocorrer uma intensificação na relação dos moradores com estes religiosos, a partir da ampliação das instituições, como também uma expansão maior do mundo em criação com o aumento do número de romeiros que subiam a montanha em excursões aos primeiros domingos de cada mês, o que exigiu uma rotinização dos procedimentos, processo já descrito no capítulo dois. Foi a partir do ano de 1977 que o proprietário da fazenda doou, por escritura, parte do terreno onde ocorriam as aparições à Obra da Misericórdia e as construções puderam ser erguidas. Com o retorno de Levina a Guiricema e a fixação de residência dos apóstolos e fiéis na montanha em torno da presença de Nossa Senhora, agora acompanhada do Menino Jesus Celeste, a figura da vidente, intermediária entre os dois e a população, representou o elemento carismático que reuniu e integrou todos à sua volta. O mundo onde as pessoas passaram a se inserir com a criação do povoado imprimia sentido à vida de todos, justificando todos os atos, como também exigia que estes atos fossem praticados em conjunto.

Maria: Tinha penitência de joelho, tinha dia que a gente arrancava até a tramela do joelho. Aquilo ficava numa ferida assim. Aí a gente pegava dobrava uma toalha bem dobrada, bem grossa mesmo, ia dobrando, amarrava assim pra gente conseguir fazer a penitência. Aí a gente fazia. Tinha que fazer, com o joelho sangrando. Às vezes tinha dia que o joelho sangrava, o joelho da minha mãe sangrava. Ela chegava a sangrar o joelho. As pessoas tudo que morava aqui tudo fazia. As pessoas tudo que morava fazia. As que morava tudo aqui, tudo fazia penitência. (...) A gente fazia jejum, a gente jejuava pelo menos uma vez por semana. Uma vez por semana tinha jejum. Então a gente jejuava desde que levantasse a gente não comia nada. Nem café, nada, nada. A gente ia até 5 horas da tarde. Aí 5 horas da tarde a gente ia preparar o almoço pra gente almoçar. Isso foi longo. Essa penitência pra nós. Aí depois ela pediu pra nós fazer retiro. Aí nós fez longo, longo retiro. Então a gente, igual quem tinha família, tinha que trocar. Porque tinha que ficar uma pessoa pra cozinhar, pra levar uma comida, que nem em casa a gente não podia ir. Depois ela [Nossa Senhora] pediu mil Ave Maria. Nós rezava. Pedía nove mil Ave Maria, nove mil Ave Maria que ela pediu pra nós rezar. Então, nós ia lá pra capela, a gente rezava lá na capela. Aí reunia as Irmãs, o povo que morava aqui. Ia todo mundo pra lá pra capela e rezava.

Teresa Rosa: Mas eu não morava lá em Ervália, morava mais longe de Ervália um pouco. Mas a residência da gente era Ervália. Mas a gente estava bem fresca em casa, quando pensa que não, estava chegando a Maria com a

Henriqueta lá pra me buscar. Elas chegavam, conversavam, a Nossa Senhora está te chamando. Ela mandava, a Dona Levina falava: “Pode ir lá chamar a Terezinha que a Nossa Senhora quer que ela desce pra cá”. E aí eu não parava. Na mesma hora que eu já estava lá, eu já estava aqui. Eu ajudava a Maria a cozinhar, ela não falou não? Eu e ela cozinhou pros padres. Participava. Quando ia fazer uma viagem que Jesus falava, vamos pra tal lugar assim assim, eu estava na frente também. Nós íamos de ônibus.

Irmã Henriqueta: Pra vim pra cá, nós saímos uma hora da manhã, nós andamos, chegamos aqui lá pras oito horas da manhã. Chegamos aqui. Veio a família dela [Levina], os cunhados, a Terezinha Rosa. A gente passava na casa da Terezinha Rosa com Ele [Jesus], fazia comida e depois descia pra cá.

Aloísio: Tinha a [casa] do Sebastião Ferreira, mas lá estava lotado. Até debaixo do assoalho tinha gente. Acampava, não ia embora.

De acordo com o que dizem Berger e Luckmann, para que o mundo criado possa ser transmitido a uma nova geração, há a necessidade de que a realidade deste mundo seja ensinada e isto ocorre através da participação nas instituições. Os relatos dos entrevistados demonstram a participação das crianças em todas as rotinas, especialmente naquelas que envolviam atos diários de penitências e orações. O mundo era ensinado pelos outros significativos pela inclusão da nova geração em todos os processos institucionais.

Irmã Henriqueta: Eu também fazia, pequenininha, eu lembro que tinha as penitências. Vinha aquela carreirinha lá da casa dos romeiros, que casa dos romeiros era perto da casa da Dona Inhana por ali, não tem uma casinha pra lá do santuário? Pois é, a penitência vinha de lá pra cá até aqui na capelinha. E aqui perto da casa dos padres tinha um morro, pura areia, o pessoal vinha agarrado pela parede ali afora, eu morria de rir, que eu era criança, eu achava tão... Eu não machucava não, não machucava nada. Eu fazia penitência atrás deles.

Terezinha Anacleto: Tinha a Maria do Higininho, ela morava de lado assim desde o Córrego Preto, mas só que era do lado do córrego. Ela vinha com os meninos, igual ao Zé Lopes, vinha ela com o Zé Lopes, com os meninos tudo pequeno, acho que ela tinha umas dez crianças, tudo fazendo penitência. Dona Levina tinha um banco comprido assim na sala, os meninos dela ficavam tudo sentado. Quando eles chegavam, não esperavam a mãe deles mandar não, eles tudo levantavam, pode sentar, que você está vindo de longe.

Através do relato de Irmã Henriqueta, pode-se verificar o que os autores dizem sobre a faculdade que a socialização primária possui de permitir uma contínua identificação com os processos subjetivos do outro, que se realiza automaticamente pela confiança que a criança vem a depositar nos “outros significativos”. É interessante perceber neste relato que este processo não ocorreu de forma totalmente inconsciente, como também o fato de que a adesão de Irmã Henriqueta ao mundo de seu pai foi

impregnada do componente emocional que Berger considera imprescindível à completa identificação.

E desde criança mesmo eu vinha com meu pai pra cá. Papai vinha... papai começou assim que Nossa Senhora apareceu, que ele ficou sabendo, ele vinha, não perdia tempo. Vinha nos primeiros sábados, vinha no domingo, até em dia de semana. Aí eu ficava atrás dele. Mas a gente, quando é criança, não pensa. Sabe que é uma coisa diferente, mas a gente não tem assim aquela expectativa pra saber direitinho das coisas. Mas eu vinha, eu gostava de vim com ele. Sempre vinha com meu pai.

A transmissão do mundo à nova geração não é unilateral e nem é aceita de maneira inerte. A realidade aprendida na socialização, quando o conhecimento objetivo é interiorizado como subjetividade, tem o poder de configurar o indivíduo e irá produzir um tipo específico de pessoa.²⁸¹ Isto se pode observar através dos relatos sobre os filhos de José Lopes, que demonstra o resultado da socialização bem sucedida e no fato de que ela envolve um processo de identificação que vem a permitir que a identidade objetivamente atribuída seja assumida como uma identidade subjetiva.

José Lopes: Eu tinha feito uma batinhinha, eu mesmo tinha costurado ela, para um menino meu, mas não é esse não. Era o Eduardo, esse é casado lá em São Paulo. Tinha feito uma batinhinha pra ele pra representar nesse dia. E a batinhinha ficou guardada lá em casa. Um dia, o Gabriel pegou aquela batinhinha, vestiu ela, foi parar lá em cima lá. Ele foi ficando falando que ele queria ir pro seminário lá. Então vai. Mas depois, o Frei Cristóvão que estava lá, vendo que ele estava com vontade mesmo de estudar, levou ele lá pra Toledo, Paraná.

Ele [Aureliano], acontece é o seguinte. Que Jesus pediu ele que ele fosse padre. Diz ele que nem que pensava... Não, Nossa Senhora, no dia de aparições dela, chamou ele lá e falou que ele entrasse no seminário pra ser padre. Ele tinha trabalhado durante o dia, chegou em casa, tomou banho, vestiu a roupinha, deixa eu ir lá pra cima. – “Nossa Senhora pediu, eu atendo, eu vou pra lá. Vou ser padre sim.” Tá bom, foi. Mas depois ficou uns tempos lá, estava com 17 anos... – “Jesus quer que ordene o Padre Aureliano.” Tá, ordenou ele. Mas ele chegou a celebrar missa lá, atendia confissão e tudo. Mas depois, quando passado uns tempos, o negócio fracassou e ele vai desgostou porque ele sofreu muito lá. Então, aí ele ficou meio triste lá, quando foi um dia ele quis sair. Aí ele deu uma volta. Foi em Leopoldina pra ver se o Bispo queria ele. – “Não quero não.” Ele foi pra Juiz de Fora. Não gostou também de Juiz de Fora. Aí ficou assim meio no ar. Foi pra Santos Dumont, o meu filho mais velho já estava estudando lá, era padre já, tinha sido ordenado, estava em Santos Dumont. Aí ele ficou lá. Lá apareceu até uma advogada, que falou com ele assim:- “Eu não atrapalho você não, se quiser ser padre, mas se você quiser casar, eu caso com você.” Aí ele falou: - “Você me dá um tempo pra mim pensar.” Ele pensou, pensou,

²⁸¹ Cf. BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 92.

falou com ela assim: - “Não, o meu caso é ser padre mesmo.” Aí depois ele tinha, tem um padre que tem até uma casa na Santa Montanha, o Padre Demerval Alves Botelho, que é da Congregação do Padre Júlio Maria. Sempre vinha aí, gostava dele, falava assim: - “Aureliano, o dia em que você quiser entrar na nossa congregação, nós estamos com as portas abertas pra você.” Ele já sabia disso, então como aqui não achou colocação, ele foi pra lá. Então lá ele entrou lá, Congregação dos Padres Sacramentinos de Nossa Senhora.

Terezinha Anacleto: Esse [Gabriel], quando mudou para aqui, ele era pequenininho, na hora que Dom José ia celebrar a missa, ele não alcançava no altar pra acender vela, de vez padre José pedia pra acender vela pra ele. Ele não alcançava pra pegar as velas pra acender. Ele era pequeno. Ele devia ter uns 6 anos. Ele começou pequeno. Quando ele fazia penitência da casa de lá pra cá, o Seu Zé Lopes estava lá com eles, ele vinha lá debaixo, trazia os meninos pra fazer tudo junto, as duas meninas...

Berger e Luckmann dizem que há uma geração que cria um mundo e uma segunda geração a quem este mundo é transmitido. Os indivíduos que configuraram o mundo através de uma biografia compartilhada compreendem o mundo que fizeram e assim têm consciência de que podem vir a desconstruí-lo. É somente durante o processo de transmissão deste mundo a uma segunda geração que a objetividade do mundo institucional se espessa e firma-se na consciência, não podendo mais ser alterado.²⁸² Segundo eles, o mundo criado pela primeira geração é recebido na transmissão como o único mundo existente, não acarretando problemas de identidade. A segunda geração percebe o mundo social como objetividade da mesma forma que percebe a realidade do mundo natural. “O mundo da infância é maciça e indubitavelmente real.”²⁸³

Em uma observação mais atenta, pode-se verificar a existência na Santa Montanha de uma geração intermediária, que, ao mesmo tempo em que recebia o mundo através dos outros significativos, também contribuía ativamente para sua formação. Os autores dizem que a geração que participou da criação de um mundo compreende que foi o autor deste mundo e este só se cristaliza definitivamente na consciência subjetiva quando ocorre a transmissão. A geração a quem este mundo é transmitido percebe a realidade de maneira opaca, porque não contribuiu para sua formação. O que se pode concluir pelos relatos dos entrevistados é que o mundo criado na Santa Montanha não foi recebido completamente pronto pela segunda geração, que crescia participando da própria socialização, exteriorizando também objetividades que

²⁸² Cf. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 82.

²⁸³ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 175/176.

ajudaram a compor a realidade. Assim, vê-se o que Berger e Luckmann dizem sobre o fato de que um mundo objetivo transmitido não é recebido como subjetividade de forma passiva e unilateral. Esta geração intermediária questionou a realidade transmitida, que, apesar de dada, não se revelava completamente inalterável e evidente. Desde modo, pode-se verificar que a socialização, para que se tornasse bem sucedida, necessitou, além do conjunto definido antecipadamente pelos outros significativos, de certa dose de autorreflexão para que se fixasse definitivamente na consciência.

Beatriz: Quando eu comecei a ter dúvida, foi na fase da adolescência. Que tudo não podia, tudo era pecado, tudo era isso, então eu cheguei a desconfiar. Falei assim: Será possível, que Jesus não é tão... como é que fala? Não é rigoroso, não vai prender tanto a pessoa assim. Aí isso era motivo pra mim desconfiar, chegar pensar até que Deus não existia, minha cabeça era assim. Mas depois com tempo não, que eu fui, quer dizer, depois que a vovó morreu. Aí que eu passei a ver que era tudo verdade. E nisso eu fui vendo que era verdade, ela não negou [durante a doença] mesmo estando com a cabeça ruim. Ela nunca negou que viu Nossa Senhora. Ela sempre confirmou. E fui embora e voltei e estou aqui no mesmo lugar.

Berger e Luckmann dizem que, na socialização primária, quando em contato com os outros menos importantes, pode ocorrer um problema na coerência entre o que é transmitido pelos “outros significantes” e os “pouco significativos”, que pode redundar em desafios na internalização da realidade transmitida. Nos relatos de Edson e Beatriz percebe-se que ambos foram expostos a opiniões que questionavam a maneira como os outros significativos se situavam na realidade da comunidade de Guiricema, onde se inseriam, e que demonstram que a fixação na consciência do mundo transmitido necessitou também de que esta segunda geração superasse o que Berger chama de “coro divergente”.

Edson: Eu ia pra escola assim no ginásio, depois passei a estudar no ginásio aqui no Guiricema, aí o pessoal falava que o pai matava... Que o meu pai matava capado toda semana. O pai trabalhava com muita gente, o pai mexia com muita lavoura de café, um movimento doido lá em casa. O pessoal falava assim com as professoras: - “O pai do Edson mata capado pra dar pra Jesus comer. É uma banda de capado pra eles e outra pra Jesus.”

Porque eles falavam que a mulher [Levina] conversava com Jesus, eles falavam que Jesus era de mola, que às vezes apertavam alguma coisa lá, falavam que Jesus era de mola. Hoje tem tanta tecnologia. Isso é invenção deles aí. Crítica, só queria criticar.

Beatriz: [Crescer aqui] Foi um pouco difícil. Porque a gente não tinha assim como crescer... a gente crescia, as outras crianças tiravam sarro da gente porque usava roupas, saia, blusa e quando a gente saía também chegavam as pessoas, tiravam sarro, chamavam a gente... xingavam, chamavam a gente de... que nós era a santa da Santa Montanha. Então era ruim assim pra gente

porque não tinha amizade com ninguém. Então, aí a gente ficava por aqui mesmo, entre nós mesmo. [Os moradores de Guiricema] Eles não frequentavam. Não, eles frequentavam aqui era só pra tirar sarro. As irmãs, chamavam elas de apanhadeiras de café. Tinha birra. Tinha birra, eles não acreditavam que vovó via Nossa Senhora. Então, quem acreditava, eles achavam de fucicar, de encher o saco, de ficar xingando.

O que se pode concluir através do relato de Beatriz é que a conversação com os interlocutores importantes, em contínua orientação na experiência, com sua capacidade de impor ordem significativa, ou *nomos*, veio a permitir que o *nomos* objetivo fosse interiorizado de forma que os indivíduos dele se apropriassem “tornando-o sua própria ordenação subjetiva da experiência.”²⁸⁴ A afirmativa dos autores de que quando surgem situações marginais, revelando a precariedade do mundo social, estas podem ser combatidas por procedimentos que “devolvem” a realidade e conservam o indivíduo dentro do limites seguros é demonstrada:

Beatriz: Bom, teve uma vez que tinha novena, então de 3 em 3 pessoas tinha que descer lá no Porteirão e voltar. Aí nisso eu desci, eu desci, a minha tia desceu com Ele (Menino Jesus) no braço. Na subida, eu já subi com Ele. Não chegou na metade do caminho não, eu senti que Ele foi pesando. Pesando, pesando, pesando, peso de uma criança de uns 5 quilos mais ou menos. Eu comecei a suar, suar, falei assim: - “Meu Deus, essa imagem está pesada.” E eu senti como se tivesse uma criança no colo. E eu fiquei com aquilo pra mim mesmo. Aí foi um ponto quando a gente estava quase chegando aqui em cima, eu virei pra Irmã Do Carmo: - “Engraçado, Irmã Do Carmo, está pesada a imagem.” Ela falou assim: - “Você quer que eu carregue?” Eu falei: - “Não, é meu dever carregar Ele até lá em cima, eu vou carregar.” E nisto eu tinha pedido, se Deus existisse mesmo, que Ele me desse uma prova. Foi aí que eu tive a prova que Ele existia mesmo. Aí quando eu senti que Ele estava só pesado, eu senti Ele mexer no colo como se fosse um nenê de verdade. Aí a vó falou assim: - “Ele te mostrou que Ele está vivo. Ele te mostrou que está vivo.” Quando ela falou assim, aí pronto. Eu abri a boca a chorar.

Edson: Fui criado quase que ali dentro, nós morávamos um pouco ali pra baixo. Teve um dia que estava chovendo muito, chegou um ônibus do Paraná com 45 pessoas. Dormiu tudo lá em casa. Tudo espalhado no chão lá, que não tinha colchão, não tinha nada. Todo dia nós íamos lá de carro acima. O pessoal tinha uma fé muito grande ali. Mas negócio de aparição, todo primeiro domingo ia muito ônibus pra lá. Tinha gente demais lá em cima, Nossa Senhora. Eu tinha uma fé danada.

Beatriz e Irmã Henriqueta, através do que disseram sobre a infância vivida na Santa Montanha mostram o que Berger quer dizer sobre as maneiras de “participar do jogo” na socialização primária com entusiasmo ou com mal-humorada resistência.

²⁸⁴ BERGER, Peter. O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 34.

Beatriz: Mas eu fui vendo por assim... porque o que ela [Levina] falava com a gente, a gente achava demais por causa da aborrecência, que fala, achava que era demais, então quando chegava na época de aparição, se às vezes a gente aprontava alguma coisa, Nossa Senhora chamava a atenção da gente na frente de 100 pessoas, 200 pessoas. Então, às vezes a gente aprontava alguma coisa, alguma malcriação, alguma coisinha de nada, ela costurava a orelha da gente na frente de todo mundo. De todo mundo ali. Aí eu já achava aquilo demais.

Irmã Henriqueta: Eu passei, eu fiquei quatorze dias fazendo penitência. Jesus me chamou pra fazer penitência de joelhos, eu fiquei quatorze dias fazendo penitência.

Porque foi, antes da gente mudar pra cá, Ele foi na nossa casa fazer uma novena, pra construir a casinha da vidente. Então Ele foi pra lá. Quando ele foi embora, mas eu chorei uma quantidade. Assim de repente, Ele ficou, conquistou a gente tão forte, que eu não podia largar Ele.

Apesar da competição entre as diferentes instituições definidoras da realidade, representadas pelos outros significantes e a população de Guiricema que se opôs às aparições da santa na montanha, e do fato de que a segunda geração participou e assistiu à criação do mundo, podendo, portanto, questioná-la, o que se pode verificar é que a identificação com este mundo transmitido pela primeira geração possuía tamanha densidade e coerência que pôde se estabelecer definitivamente na consciência como realidade subjetiva. A presença dos outros significativos na transmissão da realidade, acrescida da confirmação destes carregada do componente emocional, foram instrumentos consistentes para a conservação e confirmação do mundo que estava sendo ensinado.

Edson: Eu estudava aqui em Guiricema. Hoje eu tenho resposta pra tudo isso. Antigamente, quando eu era novinho, bobo lá da roça... A gente passava era vergonha. Igual eu, sempre da roça, criado na roça. Hoje pode falar à vontade. Ele dava mesmo. Aqui nós não damos bezerro pra ajudar a igreja aqui? A igreja precisa de bezerro pra comer?

Beatriz: Então, como é condomínio fechado, então, a gente não deixa a vida moderna entrar. Eles [os padres de Guiricema] querem que a igreja moderna entre. Então a pirraça deles é esta.

Também o que foi dito por Beatriz, Edson e Aci, filhos de Maria, Orlandina e Efigênia Carmanini demonstra a inevitabilidade da realidade transmitida na socialização primária e como o mundo interiorizado permaneceu aderente ao longo do tempo, impedindo que o contato com o mundo externo, que muitas vezes se apresentava discrepante, desconstruísse aquele transmitido pela socialização primária.

Beatriz: Eu uma vez eu fui na missa em São Paulo, era dia dos Reis Magos. Arrependi de ter ido. O padre danou pular, dizer que... um negócio lá, um

negócio de Nordeste, conhece o Nordeste? Então, um negócio de cortar a jaca. Eu sei que o padre pula para um lado, pula pra o outro e meteu o facão na jaca, partiu a jaca no meio. Lá no altar. No altar. Falei: Paulo, vão embora. Vão embora porque... ah, que bom. Tá com palhaçada.

Edson: Nós todos seguíamos Santa Montanha. Tudo. Tudo que falavam lá, regime deles lá de roupa, tudo. Eu não usava bermuda de jeito nenhum. Depois no passar do tempo, foi passando, passando, aí o pessoal foi usando. Minhas irmãs também só andavam de saia comprida. No passar o tempo começou a usar outras roupas. Fora de lá. Eu ando de bermuda aqui embaixo, eu nunca fui lá de bermuda. Nem se me pagar. A Santa Montanha, ninguém pode abusar da Santa Montanha não. Alguma coisa tem de muito importante ali. Ninguém chega no meio do mato, fala que está vendo alguma coisa e vira uma cidadezinha igual virou.

Aci: Veio uma advogada de Belo Horizonte aqui com o marido dela, é muito amiga, ela ajudava muita gente. Ela quis ir lá [na Santa Montanha]. Eu falei, mas você está de calça comprida, seu marido está de camiseta, bermuda. Ele vai vestir uma roupa do meu filho, você vai vestir minha roupa. Nós íamos, ela vestiu antes.

Quando o indivíduo se apropria interiormente do *nomos* objetivo na socialização, este se torna sua própria ordenação subjetiva da experiência.²⁸⁵ O *nomos* assim apropriado permite que a biografia possa ser percebida como algo impregnado de sentido. “Em outras palavras, viver num mundo social é viver uma vida ordenada e significativa.”²⁸⁶ Conforme disse Beatriz em sua entrevista, todos os acontecimentos importantes em sua vida sempre se deram em dias que são dedicados a Nossa Senhora. O começo do namoro coincidiu com o dia de Nossa Senhora Aparecida; o casamento aconteceu no dia das comemorações a Nossa Senhora das Graças; o nascimento do filho do casal ocorreu no dia consagrado à Assunção de Nossa Senhora. “O casamento meu mais do Paulo, tudo deu no dia de Nossa Senhora. Tudo na nossa vida caiu no dia de Nossa Senhora.”

A socialização primária não é a mesma, em seus conteúdos específicos, em todas as sociedades. Alguns elementos são comuns, outros variam de uma para a outra. Berger diz que o que permite a interiorização dos esquemas motivacionais e interpretativos é a linguagem e que ela é capaz não só de permitir programas institucionalizados para a vida cotidiana, mas também antecipa condutas que serão utilizadas posteriormente. Estes programas também selecionam as condutas que serão

²⁸⁵ Cf. BERGER, Peter. O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, ed. 2004, p. 34.

²⁸⁶ BERGER, Peter. O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, ed. 2004, p. 34.

exigidas mais tarde na diferenciação da identidade, definindo o papel a ser exercido socialmente.

Os autores dizem que, em uma sociedade mais complexa, a distribuição do conhecimento pode vir de diferentes outros significativos que podem transferir realidades objetivas heterogêneas aos indivíduos que estão sendo socializados. Como também pode ocorrer que seja ensinada uma realidade comum, mas que oferece perspectivas diversas, como no caso da definição dos papéis masculino e feminino em uma mesma sociedade. Esta diferença de papéis em relação ao gênero pode ser vista na Santa Montanha, onde a distribuição de tarefas entre homens e mulheres era definida de maneira que determinadas funções fossem executadas por homens e algumas outras por mulheres, embora não exclusivamente, mas de maneira preponderante. Assim, era comum que as vigílias na ermida pedidas por Nossa Senhora contassem quase sempre somente com mulheres. Também eram elas que cozinhavam para os padres nos finais de semana quando vários deles compareciam às aparições de Nossa Senhora, vindos de diversos locais.

Orlandina: [Lúcia] Ficou uns dias na minha casa, depois não quis ficar mais, me levou pra lá pra cozinhar pra ela, que os padres iam comer na casa dela. Os padres iam chegar e comer na casa dela. Refeição lá. Eles comiam lá, dormiam lá, comiam e ainda me chamou pra cozinhar que a Lúcia estava de resguardo.

Teresa Rosa: Mas a gente dormia naquele local lá no chão. Era muita gente, muita mulher. Mas só mulher. Nós ficávamos, passávamos a noite ali.

Interessante de se observar são os vários relatos que deixam transparecer o reconhecimento de que a coragem, exigida no enfrentamento com a Igreja e a polícia, era uma característica destacadamente feminina:

Terezinha Anacleto: Essa Dona Efigênia, que eu estou falando com a senhora que mora lá em cima, nós vinha pra cá, passava no terreiro dela. E ela sempre vinha com nós. Mas ela é uma mulher muito corajosa, se não tivesse companhia, ela vinha sozinha. Que a filha dela estudava, ela vinha sozinha.

Orlandina: O Juca Emídio falou: - “Vai lá não, porque eles [os policiais] são muito atrevidos. Deixa eu ir sozinho”. O seu Juca era muito velho. Falei assim: - “O senhor não vai sozinho, não. Vou alumiar a escada, vou acender uma vela pra alumiar a escada pro senhor, pro senhor não cair lá.” Nessa escada da fazenda. Mas ele falou assim: - “Você não vai lá não, porque eles são muito atrevidos.” – “Não tenho medo de polícia atrevida não, eu vou alumiar pro senhor.”

Teresa Rosa [sobre o episódio em que o DOPS invadiu a montanha]: Todo mundo correu, mas nós não correu não. Nós ficamos. Nesse dia, a Irmã estava. Ficou eu, a Dona Levina, a Maria e a Jovem, irmã da Henriqueta. Nós ficamos. Nós ficamos lá dentro do local. Os outros estão correndo, nós ficamos quietas. O Sebastião também ficou mais embaixo.

Irmã Henriqueta: Aí Dom José falou: “É preciso de cair uma tromba d’água aqui pra vocês acreditarem que Nossa Senhora está presente?” – “Não precisa não.” Eles [os policiais] eram tudo medroso. E eu desci, eu desci, mas muita gente foi embora e eu fiquei. A minha família estava aí também, eu fiquei.

Terezinha Anacleto [sobre o mesmo episódio]: As mulheres é sempre mais teimosas, as mulheres não saíam não.

Teresa Rosa: Prenderam elas [Dina, Zita e Efigênia], coitadinhas. Eles falou assim: - “Sabe pra onde vocês vão? Vamos levar vocês pro Tribunal.” Elas falou: - “Tribunal de onde? Tribunal aqui da terra, de coisas da terra? Nós não temos medo. Nós não temos medo, não. Nós temos que ter temor do tribunal de Deus.”

Teresa Rosa: Eles [os policiais] falou: Por que a senhora anda com esse terço? Ela [Levina] falou: - “Pra salvar as almas.” E fazendo muita pergunta pra ela. Aí ele falou assim: - “Eu vou levar você pra ilha dos bichos”. Ela falou: - “Eu vou.” Já ia. Não importava, porque ela estava pra seguir Jesus e Nossa Senhora. Se Nossa Senhora curou ela, pra quê? Ela não precisava temer nada.

Orlandina: Falei: - “Dona Vica, eu não posso que o Dr. Michel falou comigo que é pra eu ficar de cama. Estou com medo do machucado, estava fechando.” Só tinha quase uma coisinha assim. - “Jesus falou que você não pode ficar com medo, pra você levantar e sair.” Aí eu peguei o papel com ela, no outro dia comecei.

Somente quando o conceito do “outro generalizado” é estabelecido definitivamente na consciência, pode-se dizer que o processo de socialização primária se deu por terminado. É a partir daí que o indivíduo torna-se um membro da sociedade, adquire subjetivamente uma personalidade e um mundo.²⁸⁷ A cristalização da sociedade, identidade e realidade ocorrem ao mesmo tempo em que acontece a interiorização da linguagem.

De fato, por motivos evidentes à vista das precedentes observações sobre a linguagem, esta constitui o mais importante conteúdo e o mais importante instrumento da socialização.²⁸⁸

²⁸⁷ Cf. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 178.

²⁸⁸ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 173.

Os autores dizem que o conteúdo da socialização é determinado pela distribuição social, portanto, há mais realidade objetiva disponível do que aquela que é interiorizada na socialização.

Em relação à socialização secundária, Berger diz que ela se distingue da ressocialização e possuem características opostas ao dizer que na primeira o presente e o passado se mantêm em uma contínua relação, ao passo que no segundo caso, que ele denomina alternância, há uma interpretação do passado de modo a fazê-lo se harmonizar com o presente. “Dito de outra maneira, a realidade básica para a ressocialização é o presente, para a socialização secundária é o passado.”²⁸⁹

3.2 A estrutura de plausibilidade

Para Berger, a realidade é construída e mantida socialmente e impõe-se de maneira objetiva ao ser aceita como obviedade como também subjetivamente ao impor-se à consciência individual através de processos específicos que reconstróem os mundos particulares. Estes mundos, para se manterem, necessitam apoiar-se em uma base social que ele denomina estrutura de plausibilidade.²⁹⁰

Uma das proposições fundamentais da sociologia do conhecimento é a de que a plausibilidade, no sentido daquilo que as pessoas realmente acham digno de fé, das ideias sobre a realidade, depende do suporte social que estas ideias recebem. Dito mais simplesmente, nós conseguimos nossas noções sobre o mundo originalmente de outros seres humanos, e estas noções continuam nos sendo plausíveis, em grandíssima parte, porque os outros continuam a afirmá-las.²⁹¹

O mundo só permanecerá plausível a um indivíduo enquanto este permanecer dentro de sua estrutura de plausibilidade, que é mantida pelos seres humanos que nela habitam, pelo diálogo através do qual eles mantêm a realidade, pelas práticas e rituais e pelas legitimações que acompanham os elementos desta estrutura. Assim, a definição da realidade se mantêm na consciência através da estrutura de plausibilidade. Nas tradições religiosas, a plausibilidade é sustentada pelas comunidades específicas e, tomando como exemplo o mundo cristão, sua realidade depende de estruturas sociais para que se

²⁸⁹ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 209.

²⁹⁰ Cf. BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 58.

²⁹¹ BERGER, Peter. Um Rumor de Anjos. Petrópolis: Vozes, p. 53.

mantenham como óbvias e sejam transmitidas a outras gerações como realidade evidente. Os processos específicos que mantêm a realidade social e reconstróem o mundo tanto objetiva como subjetivamente são suscetíveis de interrupção. As legitimações religiosas, que são confirmadas na atividade coletiva, podem ser ameaçadas e ter sua estrutura de plausibilidade prejudicada, perdendo a integridade e deixando de impor-se como verdade evidente. Quando ocorre esta ameaça, há a necessidade da produção de legitimações em defesa do mundo abalado. Para Berger,

a interrupção desses processos sociais ameaça a realidade (objetiva e subjetiva) dos mundos em apreço. Cada mundo requer, deste modo, uma “base” social para continuar a sua existência como um mundo que é real para os seres humanos reais. Essa “base” pode ser denominada a sua estrutura de plausibilidade.²⁹²

Para Berger e Luckmann, a conversa é o meio mais importante para a manutenção da realidade, pois é através dela que a realidade subjetiva se mantém, pode vir a se modificar e a se reconstruir. A linguagem objetiva o mundo, apreende-o e o produz. As bases e os processos sociais são necessários para manter a realidade subjetiva, que depende sempre de estruturas específicas de plausibilidade, que funcionam como instrumento de suspensão da dúvida, reafirmando e conservando a noção da realidade na consciência.

Os autores dizem que há uma tendência da institucionalização a se manter na inércia e que os atos humanos são limitados pelo hábito. O que fortalece a continuidade é a profundidade das abstrações contidas nas instituições. Quanto maior a abstração, menor a possibilidade de modificação da instituição. Quando em uma sociedade existe o monopólio das definições da realidade, “uma única tradição simbólica mantém o universo em questão.”²⁹³ Para que isto ocorra, é necessário um alto grau de estabilidade da estrutura social e assim “as definições tradicionais da realidade inibem a mudança social.”²⁹⁴ As instituições sociais são mantidas por teorias que as legitimam, mas pode ocorrer também que as instituições sociais sejam modificadas para se adaptarem a

²⁹² BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 58.

²⁹³ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 156/157.

²⁹⁴ Idem. p. 159.

teorias já existentes com a finalidade de que sejam tornadas mais legítimas, mais de acordo com a “história das idéias.”²⁹⁵

Berger diz, referindo-se à Igreja Católica, que a igreja institucional, como comunidade de apoio, promove as práticas, rituais e legitimações necessárias “que mantêm a fé acima e além de sua sustentação básica por um meio social católico.”²⁹⁶ Estes processos sociais explicam e justificam a vida e a crença religiosas através de pessoal especializado que transmite o conjunto de conhecimentos referentes ao catolicismo. Ele diz: “Mas o ponto essencial é que a plausibilidade do catolicismo depende da existência destes processos sociais.”²⁹⁷ É através deles que se afirma, confirma e reitera as noções do catolicismo como realidade. Estas explicações, justificações e teorias, que são elementos da legitimação, transmitidas pelos indivíduos através da conversa, “confirma a cada dia o mundo católico que ele habita em companhia de seus ‘outros-significantes’”.²⁹⁸ Esta necessidade das práticas, rituais e legitimações, como compreende também Pierre Sanchis ao analisar o pensamento de Émile Durkheim,

exige de ser ordenada, a fim de que o acesso ao Sagrado recriado e recriador, uma vez regulado, possa canalizar a energia coletiva assim liberada. O que implica um aparelho administrador do sagrado, feito de agentes, de crenças, de gestos, de complexos verbais, de tempos, lugares e coisas: uma “igreja”, com sua potencialidade de permanência trans-histórica e também as suas aderências pesadamente sócio-históricas.²⁹⁹

De acordo com o que diz Berger, as definições religiosas, ao relacionarem a realidade humana com a realidade sagrada, proporcionam ao mundo humano a aparência de segurança e permanência. Quando a existência social está inserida no mundo religioso, onde os *nomoi* são coextensivos, a separação do mundo religioso significa a ameaça da anomia. A biografia se assenta em uma interpretação da realidade. Quando a realidade se transforma, a autoimagem é obrigada a se reajustar às mudanças.

²⁹⁵ Cf. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 165/166.

²⁹⁶ BERGER, Peter. Um Rumor de Anjos. Petrópolis: Vozes, p. 56/57.

²⁹⁷ Cf. BERGER, Peter. Um Rumor de Anjos. Petrópolis: Vozes, p. 57.

²⁹⁸ BERGER, Peter. Um Rumor de Anjos. Petrópolis: Vozes.

²⁹⁹ SANCHIS, Pierre, in TEIXEIRA, Faustino (org.). Sociologia da Religião. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 45/46

Como todo mundo religioso se “baseia” numa estrutura de plausibilidade que é ela própria produto da atividade humana, todo mundo religioso é intrinsecamente precário na sua realidade.³⁰⁰

Na conversão religiosa, que significa a mudança para outra realidade, para que esta nova realidade se mantenha, é necessário o afastamento da antiga coletividade e a associação intensa e exclusiva a uma nova. “Numa palavra, a migração entre mundos religiosos significa migração entre suas respectivas estruturas de plausibilidade.”³⁰¹

Alternação é o termo que Berger atribui à “possibilidade de opção entre sistemas de significados diversos e às vezes contraditórios.”³⁰² A vida do ser humano é uma soma de acontecimentos que se dão em ordem cronológica ou de importância, que são incluídos em uma biografia pessoal que pode se sujeitar a várias interpretações. Na reconstrução do passado, alguns fatos são considerados mais relevantes que outros, através do que Berger chama “percepção seletiva”, termo que diz importar da psicologia, através do que o ser humano ordena e dá sentido a estes fatos. À medida que ocorre o amadurecimento, a biografia sofre reinterpretações em um processo de recriação do mundo, onde o passado modifica-se especialmente à medida que ocorre mobilidade geográfica e social. Assim, a imagem que o ser humano possui de si mesmo sofre alterações, levando a transformações de identidade. A reinterpretação do passado, em geral, se dá de forma parcial e semiconscente, sem a integração intelectual. Em casos mais raros, pode ocorrer um reexame deliberado do passado, em um processo de conversão religiosa ou ideológica que vem a transformá-lo de maneira radical, levando a uma nova visão da autoimagem. Na mudança deliberada e reflexiva destes significados, o indivíduo é levado a avaliar e transformar seu passado, modificando a importância de fatos que antes considerava relevantes, o que leva não só a uma mudança de significados, mas também inclui uma alteração na periodização da biografia, onde a importância de um determinado fato no tempo, que não era considerado importante, pode vir a datar uma nova fase na vida do indivíduo. Esta modificação da imagem que o indivíduo possui de si mesmo vem sempre acompanhada das outras pessoas, ela se dá em convívio social, necessário para que os novos significados possam ser confirmados no novo mundo onde este indivíduo passa a se

³⁰⁰ BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, pág. 63.

³⁰¹ Idem. p. 64.

³⁰² BERGER, Peter. Perspectivas Sociológicas: Uma Visão Humanística. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 65.

inserir. “A transformação da identidade, tanto quando sua gênese e sua manutenção, constitui um processo social.”³⁰³

Toda concepção de mundo só permanece plausível a um indivíduo enquanto ele permanecer dentro de sua estrutura de plausibilidade. É através da conversa contínua e consistente com os outros seres humanos que nela habitam que conformamos nossas visões do mundo às visões e crenças dos outros indivíduos. Como já foi dito, para Berger, a igreja institucional, como comunidade de apoio, fornece explicação e justificação para a vida e crença religiosas e a plausibilidade do catolicismo se mantém através desses processos sociais que confirmam este mundo na afirmação e reiteração com outros indivíduos das noções católicas sobre a realidade. Uma estrutura forte fornecerá certezas inquestionáveis. Para Berger, a sociologia do conhecimento, ao se preocupar com as condições sociais sob as quais o pensamento ocorre³⁰⁴, pode demonstrar a relevância desta afirmativa ao explicar o conceito das estruturas de plausibilidade. Assim, ao substituir a expressão *extra ecclesiam nulla salus* (fora da igreja não há salvação) pela afirmação de que “não há plausibilidade sem uma estrutura de plausibilidade adequada”,

a versão traduzida oferece uma *explicação* da fé que despe o caso específico de sua unicidade e autoridade. O mistério da fé torna-se agora cientificamente apreensível, praticamente repetível e aplicável ao geral. O mágico desaparece, quando os mecanismos da gênese da plausibilidade se tornam transparentes. A comunidade de fé é agora compreensível como uma *entidade construída* – foi construída numa história humana específica, por seres humanos. Inversamente, pode ser desmontada ou reconstruída pelos mesmos mecanismos.³⁰⁵

Quando ocorre a pluralidade de visões religiosas, o mundo torna-se um entre muitos e na distinção entre “religião” e “fé cristã”, religião passa a ser um conceito que pode ser relativizado. Por outro lado, a “fé cristã”, como um dom da graça de Deus, estaria imune à relativização por referir-se a ocorrências experienciadas na existência daquele que crê.³⁰⁶

Quando se iniciaram os relatos das aparições de Nossa Senhora na Serra da Mutuca, em 1964 ou 1966, o Concílio Vaticano 2º já estava sendo concluído ou começava a ser implementado. De qualquer forma, seus efeitos só se fizeram sentir na

³⁰³ BERGER, Peter. *Perspectivas Sociológicas: Uma Visão Humanística*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 117.

³⁰⁴ Cf. BERGER, Peter. *Um Rumor de Anjos*, Petrópolis: Vozes, pág. 53.

³⁰⁵ BERGER, Peter. *Um Rumor de Anjos*. Petrópolis: Vozes, p. 57.

³⁰⁶ Cf. BERGER, Peter. *Um Rumor de Anjos*. Petrópolis: Vozes, p. 59.

região rural de Guiricema no início do ano de 1969, com a chegada do Padre João Bentjes, que iniciou a implantação das reformas. Nesta época, a vida pessoal e social dos indivíduos na comunidade se mantinha ligada à vida religiosa e em torno dela e a Igreja exercia a função de conglomerar toda a população nas festividades constantes, como nas coroações por crianças a Nossa Senhora que duravam todo o mês de maio com grandes procissões pelas ruas da cidade assim como através de celebrações que aconteciam durante todo o mês dedicado ao santo padroeiro, quando a imagem deste santo era carregada em andor ou exposta à adoração. O calendário religioso era extenso e as pessoas se organizavam em torno dele. Os rituais se repetiam na religião, que se repetia e se reafirmava nos indivíduos, e a religião e vida social se entrelaçavam, em uma co-extensão dos *nomoi*.

Berger diz que as construções da atividade humana são intrinsecamente precárias e contraditórias e que devem ser constantemente lembradas.³⁰⁷ “O ritual religioso tem sido um instrumento decisivo desse processo de ‘rememoração’”.³⁰⁸

As execuções do ritual estão estreitamente ligadas à reiteração das fórmulas sagradas que “tornam presentes” uma vez mais os nomes e feitos dos deuses. Outro modo de exprimir isto é dizer que a ideação religiosa se funda na atividade religiosa, relacionando-se com ela de maneira dialética análoga à dialética entre a atividade humana e seus produtos já discutida num contexto mais amplo.³⁰⁹

Da mesma forma é a compreensão de Segalen, que reconhece que o rito ordena a desordem, atribuindo sentido ao acidental e ao incompreensível:

O rito é um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica. O rito é caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso de uma série de objetos, por sistema de linguagens e comportamentos específicos e por signos emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns de um grupo.³¹⁰

A reforma do Concílio Vaticano 2º, atingindo o Distrito de Villas Boas no início de 1969, provocou grandes mudanças na forma como a religião era praticada pelas pessoas, como estas exerciam o catolicismo e principalmente na aparência com que elas compreendiam e demonstravam o “ser católico”. As missas, antes celebradas em latim, com o padre de costas para o público e comunhão diretamente aos fiéis, foram

³⁰⁷ BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 48.

³⁰⁸ Idem. p. 53.

³⁰⁹ Id. p. 53.

³¹⁰ SEGALLEN, Martine. Ritos e rituais contemporâneos. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 31.

substituídas pela língua nativa e os balaústres em frente aos quais as pessoas se ajoelhavam na igreja para receber a comunhão pelas mãos do padre foram demolidos e esta passou a ser dada por um leigo, integrante da comunidade, que se tornou o intermediário entre Deus e os homens no rito sagrado da eucaristia. O uso do véu pelas mulheres nas igrejas, que representava o ato de cobrir a cabeça em respeito à presença de Deus, foi abolido. Altares foram retirados de uma única vez e a presença do demônio no mundo humano, que até então era compreendida tão real como a existência dos santos e anjos, passou a ser vista como superstição a ser combatida ou, no melhor dos casos, a ser esquecida. Da mesma forma, os relatos de milagres e aparições, comuns até então, foram sendo reprimidos e racionalizados até quase seu total desaparecimento. Berger e Luckmann chamam este procedimento de legitimação negativa, que se realiza através do que eles denominam aniquilação. Enquanto a legitimação afirma a realidade do mundo social, a aniquilação nega a realidade dos fenômenos que não se ajustam neste universo.³¹¹ Os rituais e práticas religiosas, que proporcionavam visibilidade e convívio social e funcionavam como peça importante para fornecer as legitimações que mantinham a estrutura de plausibilidade representada pela Igreja Católica em uma aparência de inalterabilidade e solidez na repetição destes hábitos e ritos, foram substituídos, alterados ou eliminados de forma brusca e impositiva.

Não há a pretensão, neste trabalho, de uma análise dos efeitos da reforma conciliar a um nível que ultrapasse os limites da comunidade pesquisada. O que se relata é o que foi dito pelos entrevistados sobre a maneira como compreenderam as modificações que foram introduzidas e como reagiram a elas em um momento em que as aparições de Nossa Senhora na montanha representavam uma ameaça à instauração das reformas racionalizadoras. Assim também, como estas pessoas se uniram e se organizaram na produção de legitimações que tinham como finalidade manter e reafirmar a existência da santa no mundo e, por consequência, a continuidade do mundo católico existente até então. A reforma conciliar, com a finalidade de adaptar o catolicismo à “história das ideias”, forneceu a percepção da existência de pluralismo dentro da mesma instituição, de visões divergentes que impeliem a uma escolha. Os relatos dos entrevistados demonstram que a modernização imediata da Igreja com a alteração dos ritos e restrição de manifestações populares foi um dos fatores (justamente

³¹¹ Cf. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 149.

aquele que proporcionava maior visibilidade) que obrigou a uma busca de equilíbrio da autoimagem, ameaçada pelas mudanças introduzidas pelo Concílio Vaticano 2º.

O aparecimento de um outro possível universo simbólico representa uma ameaça porque sua simples existência demonstra empiricamente que o nosso próprio não é inevitável.³¹²

Pelo que foi dito por José Lopes, pode-se compreender que as modificações introduzidas pela reforma do Concílio Vaticano 2º significaram uma ameaça ao universo católico pré-existente e que o novo sistema possuía um sentido análogo ao surgimento de um outro universo de significação que colocava em perigo o mundo anterior, abalando a certeza de sua inevitabilidade.

José Lopes: Mas também ficaram na dúvida com o Concílio, porque foi uma mudança radical de uma hora pra outra. O padre celebrava missa de costas para o povo lá no altar lá, não sei que tal, na mesma hora já virou o trem tudo pra frente aqui. A comunhão só o padre que dava, agora o leigo podia dar. Então aquilo foi, como diz, a pessoa que tinha muita santidade, às vezes, não sei o caso, que a gente não pode julgar ninguém, então deu um nó na cabeça, disse: - “Isso aí está errado.” Eles não aceitavam isso.

Berger, ao definir êxtase como a experiência de “sair para fora da realidade” como é entendida comumente, diz que:

Embora o êxtase das situações marginais seja um fenômeno da experiência individual, sociedades ou grupos sociais inteiros podem, em tempo de crise, passar coletivamente por tal situação. Em outras palavras, há acontecimentos que, afetando sociedades ou grupos sociais inteiros, proporcionam ameaças maciças à realidade previamente tomada como óbvia.³¹³

Os relatos de Aldir sobre a resistência de seu irmão em obedecer ao padre de Guiricema e de Orlandina e Teresinha de Souza, ao reafirmarem (a primeira perante seu médico logo após o episódio em que presenciou o sinal no céu e a última junto à sua família após a visão de Nossa Senhora) a realidade dos fenômenos que testemunharam na montanha demonstram momentos em que a Igreja institucional já não fornecia mais a plausibilidade que até então a mantinha como o elemento de ligação entre os seres humanos e o sagrado.

Os indivíduos não mais necessitavam de exercer a religião através da intermediação e nem da aprovação da Igreja (que se mostrava passível de relativização),

³¹² BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 141.

³¹³ BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 57.

passando a viver a fé cristã em um encontro pessoal com o sagrado, proporcionado pelas visões de Nossa Senhora e de inúmeras manifestações decorrentes da sua presença na montanha, fazendo surgir uma nova realidade onde desafiar a instituição não era uma questão de escolha, mas algo que se impunha pela experiência individual.

Aldir: Então o padre saiu do confessionário, foi lá aonde estava meu pai lá no banco e falou assim: - “O seu menino não pode comungar. Ele não promete de deixar de ir lá na santinha, de jeito nenhum”. Meu pai só falou assim: “Esse problema o senhor resolve lá com ele. A fé é dele, o senhor resolve com ele”. Pois o padre voltou no confessionário, ele [meu irmão] não desistiu de vim aqui e ainda falou assim: - “Confessar, eu confessei, se o senhor quiser perdoar, que perdoa, mas que eu vou comungar, eu vou.” Aí voltou pro banco, o que o meu pai perguntou? – “Mauro, o que você resolveu lá com o padre?” - “Eu confessei, pai, o problema é do padre. Eu vou comungar.”

Orlandina: Sentindo calor, o calor custou a sair de mim. Aí eu cheguei em casa, o Tolé falou assim: “Você melhorou?” Falei assim: “Eu melhorei, do calor eu melhorei, mas agora eu estou numa fraqueza que eu não estou agüentando.” Eu melhorei a partir do negócio que saiu. Aquele calor saiu e eu enfraqueci. Aí o Tolé, o Tolé era meu marido: “Eu vou levar você pro Dr. Michel, que você está muito esquisita.” Aí ele levou eu lá no Dr. Michel. O Dr. Michel, quando eu cheguei, eu contei o caso do sol todinho pra ele. O velho. Michel velho. Ele falou com o Tolé que não podia deixar eu acompanhar Nossa Senhora, que eu estava ficando assim. Eu não estava ficando assim não, eu estava vendo mesmo. Só eu que vi, só eu que senti. Era pra mim. Pra quem você acha que era? Mas pra quê você acha que era?

Terezinha de Souza: Muita gente não acreditava. Eu mesmo não podia falar, que lá em casa ninguém acreditava, falavam que era doideira. Lá em casa, o Heitor: “Você é uma boba, ficar falando nisso, você acha que Nossa Senhora ia aparecer pra você?” – “Eu vi, Heitor.” Ó, Goretti, o que aconteceu é que quando eu cheguei de lá, todo lugar que olhava dentro de casa, eu via aquela sombra azul marinho. Da capa dela. Todo lugar que eu olhava na minha casa, eu estava vendo a capa dela. De tão forte que foi pra mim, eu via nas paredes o azulão da capa dela. Custou a acabar isto. Custou. Mas eu não podia nem falar, que brigavam comigo. Lá em casa, Nossa Senhora... ninguém acredita não. Eu falei: “Não importo que não acredita não, eu vi e acabou, pronto.” Ah! Mas que eu vi, eu vi mesmo. Pode ser o padre, o bispo, o papa, qualquer um que vier: “Você viu?” – “Vi.” – “Põe a mão aqui.” Ponho, porque eu vi mesmo, não foi brincadeira, não foi cabeça ruim, não.

Cecília Mariz, analisando o reavivamento e diversidade das religiões no Brasil, faz referência à ocorrência de rompimento com a igreja institucional a partir do surgimento de um líder carismático. Para ela

O contato direto com o sobrenatural e a produção autônoma de um “bem” ou “discurso sagrado” pelos leigos têm sido sempre um motivo de conflito com o clero, como mostra Weber (1991). Para esse autor, a principal razão de conflito entre leigos e sacerdotes seria o controle do “carisma”, dos bens de salvação, do contato com o sobrenatural ou sagrado.

Este tipo de afastamento das regras da Igreja, e até possível desobediência, a partir de um possível contato com o sagrado sem mediação do sacerdote, pode ocorrer de maneira coletiva sob um líder carismático, ou de maneira individual. Pode também ocorrer de maneira individual em nome da “experiência” pessoal do crente.³¹⁴

Weber exemplifica o que foi dito por Mariz, ao falar sobre a desvalorização da Igreja quando ocorre o surgimento de um líder carismático pelo fato de que este, como leigo, dispensa a intermediação da instituição na relação com o sagrado.

O profeta ético e exemplar, em regra, é ele mesmo um leigo e, em todo caso, apoia sua posição de poder sobre o grupo de adeptos leigos. Em virtude de seu sentido, toda profecia, ainda que em grau diverso, desvaloriza os elementos mágicos do sacerdócio organizado.³¹⁵

Para Berger, a conversão religiosa (que para ele é compreendida como *sallus*, a despeito do que pensam os teólogos) pode antecipar-se à filiação a uma comunidade, mas somente dentro da comunidade religiosa, a *ecclesia*, a plausibilidade da conversão pode ser mantida. Um mundo religioso exige uma comunidade religiosa e filiação a esta comunidade.

Em outras palavras, Saulo podia ter-se tornado Paulo na solidão do êxtase religioso, mas só teria podido *permanecer* Paulo no contexto da comunidade cristã que o reconheceu como tal e confirmou o “novo ser” em que ele agora localizou sua identidade.³¹⁶

Para que se compreenda o processo de alteração ocorrido na Santa Montanha, é necessário que este seja visto não apenas como uma alteração na compreensão da realidade a nível individual, pela análise da própria biografia, mas também e principalmente como um processo coletivo, em que a necessidade do reexame da realidade existente até então não se iniciou a partir de uma escolha deliberada e pessoal ou de um processo progressivo de amadurecimento do pensamento, mas resultou de um fator externo que obrigou uma coletividade inteira à reformulação da realidade. Não apenas as alterações aparentes fisicamente decorrentes da retirada de altares, mudança do rito de celebração da missa, entre outras, mas principalmente a resistência da Igreja através da Diocese de Leopoldina aos relatos das aparições de Nossa Senhora Aparecida, como consequência do cumprimento das reformas modernizantes, na minha

³¹⁴ MARIZ, Cecília Loreto in TEIXEIRA, In Faustino & MENEZES, Renata (org.). As religiões no Brasil: Continuidades e Rupturas, Petrópolis: Vozes, 2006, p. 62/63.

³¹⁵ WEBER, Max. Economia e Sociedade. São Paulo: 2004, Editora UnB, p. 313.

³¹⁶ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 203.

compreensão, foi o fator que desencadeou a percepção, na população em torno da montanha, da possibilidade de rompimento com a instituição, o que veio a produzir a criação de um mundo religioso alternativo, em substituição àquele fornecido pela Igreja. De um lado havia a instituição, que antes nunca fora contestada, que até então fornecia estabilidade ao manter coeso um mundo social e religioso em torno de seu discurso há séculos legitimado, mas que agora se revelava passível de modificações, visíveis não só através da alteração e eliminação de ritos e imagens, mas também na negação da possibilidade da existência de fenômenos que até então ajudavam a compor a plausibilidade em que o catolicismo se assentava. De outro, um mundo simbólico extremamente rico de significados e manifestações do sagrado, que permitia continuidade e segurança, sendo vivido de maneira intensa pela população em torno das aparições de Nossa Senhora e que corria o risco de desaparecer. A imposição imediata do processo de modernização do catolicismo, afastando de forma radical aqueles que não concordavam com a nova visão da Igreja a respeito dos fenômenos que ocorriam na região, obrigou parte da comunidade a reorganizar seu sistema de significados, culminando com o rompimento com a instituição e a criação de uma comunidade religiosa católica autônoma em torno das aparições de Nossa Senhora Aparecida. A Igreja, como intermediária do sagrado entre os homens, ao negar a existência da santa na montanha, já não mais correspondia àquilo que as pessoas achavam digno de fé, das ideias sobre a realidade. Assim, o catolicismo reformado, ao redefinir as relações entre o mundo sagrado e o mundo humano, provocou um abalo na percepção da realidade da qual a Igreja era detentora, deixando de fornecer a sensação de segurança e continuidade, e não mais conseguiu se manter em uma estrutura que pudesse ser considerada plausível à população. O relato de Aldir sobre a reação de seu avô imediatamente após tomar conhecimento do que ocorria em sua propriedade revela que havia nas pessoas a predisposição em crer na presença de Nossa Senhora e demonstra que esta crença não necessitava e nem era precedida do crivo da Igreja Católica.

Aldir: Nesse dia, o meu avô estava fazendo uma viagem, que ela era assim muito seguro, se pusesse uma criação no pasto dele, ele mandava tirar logo pra não dar prejuízo, comer capim. Contaram pra ele lá em Guiricema. – “Você pode ir rápido e levar até polícia porque invadiram seu terreno lá, estão falando que apareceu Nossa Senhora lá, tem animal solto pra todo lado e o povo não sai de lá. Vai chegando, solta o animal e fica por lá”. Ele só respondeu assim: - “Se Nossa Senhora está lá, o lugar dela é lá, uai! E o povo vai soltar animal aonde? Tem que soltar no meu pasto mesmo, não tem outro lugar!” E ele que era seguro. – “Tem que soltar lá mesmo.” – “Ah, mas

você não vai fazer nada, não?” – “Não, não tenho nada que fazer contra Nossa Senhora”.

De acordo com o que diz Berger, quando um mundo religioso se mantém em uma estrutura de plausibilidade firme, se postula a si mesmo, e a sua simples presença fornece a legitimação necessária à sua confirmação. Quando ocorre o oposto e a plausibilidade do mundo é ameaçada, ocorre a necessidade de criação de legitimações complexas que expliquem às novas gerações o “porquê”, para que este mundo, transmitido através da socialização, seja mantido. “... para manter sua religião o indivíduo deve manter (ou, se necessário, fabricar) uma estrutura adequada de plausibilidade.”³¹⁷

As visões e milagres de Nossa Senhora, experienciados por diversas pessoas, não só pelos habitantes do local, mas também por romeiros e visitantes que subiam regularmente a montanha, se afirmavam como realidade vivida em contraposição ao que era dito pelo padre de Guiricema em seus sermões na Igreja e pela população da cidade, que se opôs às aparições.

Orlandina: Não tinha igreja, não tinha padre lá [na montanha]. Falavam que lá era macumba branca. O padre falava, gritava na igreja. A gente via que não tinha nada de macumba lá.

Terezinha de Souza: Porque o povo era muito contra, muita gente contra. Eu falo: - Não, eu posso pôr a mão no Evangelho, porque foi verdade, que eu vi lá eu sustento em qualquer lugar do mundo, da minha vida. Que eu vi. Mas foi só uma vez, ela não falou nada, nunca vi mensagem, nunca vi nada.

Esta vivência da fé em contraposição às ideias da igreja pós-conciliar é demonstrada por Aloísio, após ter recebido o milagre que salvou a vida de seu filho. Ele pagou a promessa feita a Nossa Senhora, caminhando mais de um quilômetro de joelhos desde o Porteirão até a pequena ermida no local das aparições, subindo a montanha em um terreno acidentado, coberto de pedras, sem se perturbar com as opiniões divergentes de moradores de Guiricema com os quais mantinha relações.

Aloísio: Uma calça jeans, cheguei lá em cima, não tinha nem calça nem pele no joelho, que é pedra pura. Arrancou tudo. Que eu peguei ali no Porteirão, era umas seis horas da tarde. Cheguei lá na Santa Montanha lá em cima era quase nove horas. Porque rala o joelho com a calça, com a pele e tudo. No outro dia não podia nem andar, que aquele trem estava tudo saindo pele. Sei que eu vareei lá. Nunca vi rezar tanto terço igual eu rezei, que eu fui aprender

³¹⁷ BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 61.

a rezar ainda, não estava sabendo. Rezei uns 40, 50 terços, Nossa Senhora. Mas o Juninho está bem, graças a Deus. Fiquei satisfeito. O menino está são. Eles falaram assim: - “Você é doido de fazer penitência.” Mas eu fiz promessa. O menino está aí por quê? Pode ficar até entrevado das pernas, que eu faço, eu faço. Tem que fazer. Eles falavam comigo: - “Ah, você fez de noite, você andou.” Isto não importa, o problema é eu. Se eu fiz a penitência de andar de joelho, é andar de joelho.

Um momento que marca a ruptura com a igreja institucional é demonstrado na reação de Efigênia Teixeira, fato já relatado, quando, na presença de diversas pessoas, preferiu ser expulsa durante a missa a negar a experiência religiosa pessoal vivida com a presença de Nossa Senhora. O mesmo ocorreu com Efigênia Carmanini, que se afastou da igreja de Visconde do Rio Branco, onde residia, após ter sido chamada de macumbeira pelo pároco da cidade.

Aci: Voltou a enxergar. Aí ela trouxe uma pedra de lá, e Ela [Nossa Senhora] começou a aparecer na pedra. Começou a fazer milagre aqui em Rio Branco. Aí todo mundo começou a ir lá em casa, caminhões e ônibus de gente lá em casa. O padre Raimundo não acreditava. Eles contaram a ele. Ela ia na igreja, ele começou a falar que ela era macumbeira, ela parou de ir. Aí ele veio saber o porquê. A mãe contava a história pra ele, ele não acreditava.

Assim, a redefinição da realidade pelos indivíduos ao redor da montanha não ocorreu em um processo gradativo, mas foi imposto por circunstâncias externas que obrigaram a uma opção entre acreditar na própria experiência no contato com o sagrado ou permanecer fiel a uma instituição que negava fenômenos que até pouco tempo antes compunham os elementos que a mantinham. A estrutura de plausibilidade fornecida pela Igreja na região, pelo que compreendo, não foi abalada pelos relatos da aparição de Nossa Senhora como um fator vindo do “lado de fora”, mas por mudanças que ocorreram do “lado de dentro” da própria Igreja, que pretendia eliminar o obstáculo apresentado ao processo de racionalização do catolicismo representado pela crença e devoção à santa.

Marcelo Camurça, ao citar Steil, também fala sobre a resistência da Igreja às aparições marianas a partir do Concílio Vaticano 2º:

Em nome de uma *fé esclarecida*, a devoção aos santos passou a ser vista como uma manifestação alienada de um catolicismo tradicional que deveria ser erradicado.³¹⁸

³¹⁸ BARRETO, Leila do Carmo & CAMURÇA, Marcelo, in STEIL, Carlos Alberto. Maria entre os vivos. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2003, p. 221.

Para Berger a religião é significativa por ser capaz de interpretar a existência e que explica, em suas definições da realidade, “que há diferentes esferas de realidade na incessante experiência de cada um.”³¹⁹

Eliade, ao falar sobre a experiência religiosa, diz que:

Tentemos compreender a situação existencial daquele para quem todas essas correspondências são experiências *vividas* e não simplesmente *ideias*. É evidente que sua vida possui uma dimensão a mais: não é apenas humana, é ao mesmo tempo “cósmica”, visto que tem uma estrutura trans-humana. Poder-se-ia chamá-la uma “existência aberta”, porque não é limitada estritamente ao modo de ser do homem.³²⁰

O dizer de Berger, de que há uma dialética entre homem e mundo, encontra correspondência em Eliade quando fala sobre a experiência religiosa:

Dizíamos que o homem religioso vive num mundo “aberto” e que, por outro lado, sua existência é “aberta” para o mundo. Isto é o mesmo que dizer que o homem religioso é acessível a uma série infinita de experiências que poderiam ser chamadas de “cósmicas”.³²¹

Desta forma, a experiência religiosa na montanha, que atingiu a população com grande intensidade, ao se defrontar com o mundo católico representada pela Igreja, que passou a se apresentar como um outro universo de significação, diverso daquele transmitido pela socialização primária e que permanecia aderente nos indivíduos em toda sua simbologia, fez com que a estrutura de plausibilidade que mantinha a Igreja Católica Romana como representante do catolicismo não mais se sustentasse. Para Berger, o enraizamento da religião na atividade humana não é sempre uma variável dependente na história de uma sociedade, mas tem sua realidade objetiva e subjetiva derivada dos seres humanos que a produzem e reproduzem no decorrer de sua existência.³²²

Os relatos dos entrevistados demonstram a resistência do clero em relação às aparições e a disposição da população em manter a crença na presença da santa, o que significava romper com a sociedade onde se inseria e reorganizar uma realidade que não mais incluía a Igreja como diretriz, optando pela “fé cristã” em detrimento da “religião”

³¹⁹ BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 56.

³²⁰ ELIADE, Mircea: O Sagrado e o Profano. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda., 2008, p. 136.

³²¹ Idem. p. 139.

³²² Cf. BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 61.

representada pela instituição. O que se pode observar nos relatos é que o momento de rompimento com a Igreja não representou uma escolha semiconsciente como ocorre em uma alteração da própria biografia ao longo do tempo, mas se processou em um desengajamento consciente do mundo anterior, com o rompimento total com a comunidade de Guiricema, quando o novo mundo foi assumido em toda sua plenitude.

Orlandina: Nós não tinha onde ir à missa. Os padres que vinham aí, era muito difícil padre vim. Que começou passando muito tempo sem vim, depois que começou vim definitivo. O povo daqui não ajudou porque eles não iam com medo do padre. E outra coisa, o padre João mandou o pessoal levantar a mão e jurar no Santíssimo lá que não ia lá mais. Que não ia lá mais. O povo aqui de Villas Boas. Que até hoje muita gente não crê, não acredita não, boba.

Aldir: Porque no início eles queriam fazer parar de uma vez só. E no início, o povo era mais simples. O povo era de mais fé, até. Muitos pararam porque o padre mandou colocar o nome no Evangelho, fazer juramento pra não vim aqui. Muitos seguem esse juramento até hoje. Ele que, o pessoal de Guiricema, o povo, conseguiu que a maior parte não viesse aqui.

Terezinha de Souza: Muito no início e eles não acreditavam não. Achavam que era tudo doideira do povo. O padre de Guiricema não concordava de jeito nenhum, nem sei qual é que era o padre. Os padres não concordavam não. Achavam que aquilo lá era uma doideira. Não falava não, mas a gente sabia que eles eram contra. Que não existia aquilo lá, que era doideira do povo.

Aloísio: Minha nossa, [Nossa Senhora] no meio das folhas assim, andando no meio das folhas, estalando assim. A coisa mais linda do mundo. Entendeu? Daquele dia em diante eu falei, tem santa ali. (...) Em Guiricema não dava muito apoio não. A turma daí não é de rezar muito não. Não ligava não. Acreditava não. Apareceu uma santa, tem que ter muita fé mesmo.

Terezinha Anacleto: Faz procissão, é mais o pessoal mais do lugar. Lá debaixo agora já está cheio de gente de Córrego Preto. Aquele lugar que a gente passa quando está chegando aqui. De primeiro eles não vinham. Tinha os padres que davam conta, então eles... (...) O Padre João era bravo. Lembro que ele era de atrapalhar esse negócio de aparição mesmo. Em todo lugar que tinha, ele combatia.

Entendem Berger e Luckmann que há uma estrutura social nos sistemas de significados e que, ao mudar as relações sociais, o indivíduo muda também seus próprios sistemas de significados e através da conversa com os outros significativos, a realidade subjetiva é transformada.³²³

³²³ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 204.

A atividade que o homem desenvolve de construir um mundo é sempre um empreendimento coletivo. A apropriação interna do mundo por parte do homem também deve ocorrer numa coletividade.³²⁴

A conversão religiosa, para ele, possui grande capacidade de conservar e manter o sentimento de plausibilidade por fornecer estrutura para a nova realidade ao exigir vida comunitária e filiação a uma comunidade. A estrutura de plausibilidade que permite uma identificação afetiva consistente permite a transformação radical da realidade subjetiva.

Quando toda uma sociedade serve de estrutura de plausibilidade para um mundo religiosamente legitimado, todos os processos sociais importantes dentro dela servem para confirmar e reconfirmar a realidade deste mundo.³²⁵

Berger entende que o problema surge quando há competição entre sistemas religiosos diferentes. Neste caso

O problema da engenharia social transforma-se, então, no de construir e manter subsociedades que podem servir de estruturas de plausibilidade para os sistemas religiosos desmonopolizados.³²⁶

Uma variação teoricamente importante está entre situações em que uma sociedade inteira serve de estrutura de plausibilidade para um mundo religioso, e situações em que só uma subsociedade desempenha tal papel.³²⁷

Um sistema de significados explica ao indivíduo a razão de sua existência no mundo, eliminando a dúvida e permitindo que sua biografia se assente em uma interpretação da realidade. A sociedade moderna expõe o ser humano a uma infinidade de situações que permitem modificar as maneiras como olhar o mundo. Não só a mobilidade física e as informações sobre outras culturas, mas também as mudanças na posição social levam o indivíduo à consciência de que a cultura, mesmo em seus valores básicos, não é algo fixo, podendo ser relativizada. A relativização permite a uma pessoa tomar conhecimento de que existem outras dimensões sociais e que é possível alternar entre sistemas de significado.

Faustino Teixeira, analisando Berger diz que

Com a pluralidade de mundividências e a decorrente multiplicação de opções que se colocam para o sujeito moderno, torna-se extremamente difícil

³²⁴ BERGER, Peter. O Dossel sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 29

³²⁵ Idem. p. 61/62.

³²⁶ Idem. p. 62.

³²⁷ Id. p. 61.

a garantia das certezas subjetivas. A pluralização institucional da modernidade provoca uma instabilidade das estruturas de plausibilidade.³²⁸

Quando ocorre a ameaça do pluralismo, “a opção fundamental é simples: é uma escolha entre agarrar-se ao desvio cognitivo ou capitular.”³²⁹

Num dos pólos, pois, está a opção de manter (ou possivelmente reconstruir) uma posição sobrenaturalista diante de um mundo cognitivamente antagônico. (...) O pólo oposto do desafio é a capitulação. Nesta opção, a autoridade cognitiva ou superioridade do que quer que seja considerada como “a Weltanschauung do homem moderno” é aceita com poucas reservas, se é que as há.³³⁰

A “redução cognitiva”, como meio de “fechamento comunitário”³³¹ à ameaça pluralista, exige uma comunidade “bastante unida em frente do mundo externo” e um “forte sentido de solidariedade entre seus membros”.³³² A solidariedade que se estabeleceu entre os devotos de Nossa Senhora na nova realidade que estava em processo de construção é descrita nos relatos de Orlandina:

Orlandina: E construiu a casa dela [Levina]. Depois fez uma puxada. Pra fazer a capelinha. Pediu também pro Tolé que fosse na picape pra puxar terra pra aterrar. Ajudava também. Aí o pessoal ajudou, todo mundo ajudou um bocadinho. Tinha a capelinha do Menino Jesus. Nessa capelinha fez um puxado assim pra Maria morar. Tem uma puxadinha lá que a Maria morou. A Aparecida morava no corpo da casa e a Maria morava com a mãe dela assim na parte da capelinha do Menino Jesus. Pode ver lá que tem. Ela morou ali. Entrava dentro da casa da Dona Levina, tinha uma porta assim, entrava na capelinha lá. E pra cá era a casa dela. Depois foi fazendo a casa, começou a vir o pessoal de fora, dava espórtula, foi ajudando, fez a casa dos padres, fez convento.

Apesar da presença de Nossa Senhora fornecer a legitimação necessária para a manutenção da realidade do mundo onde ela se inseria, mantendo sua plausibilidade ao confirmar as explicações e justificações do catolicismo como era conhecido e vivenciado antes da reforma conciliar, é interessante observar que, durante todos os anos que se seguiram ao primeiro relato da sua presença, há um pedido constante em suas mensagens aos representantes da Igreja: o reconhecimento de suas aparições na montanha. Ao mesmo tempo em que havia a conformação (e aqui percebe-se o processo de reificação), mais que a disposição dos moradores em romper com a Igreja como

³²⁸ TEIXEIRA, Faustino. Sociologia da Religião. In Faustino Teixeira (org.). Petrópolis: Vozes, 2010, p. 235.

³²⁹ BERGER, Peter. Um Rumor de Anjos. Petrópolis: Vozes, p. 33.

³³⁰ BERGER, Peter. Um Rumor de Anjos. Petrópolis: Vozes, p. 33 e 36.

³³¹ Cf. TEIXEIRA, Faustino. Sociologia da Religião. In Faustino Teixeira (org.). Petrópolis: Vozes, 2010, p. 240.

³³² Cf. BERGER, Peter. Um Rumor de Anjos. Petrópolis, Vozes, p. 34.

instituição, este vínculo era desejado e procurado com insistência. Os pedidos constantes nas mensagens transmitidas pela vidente Levina de que as missas fossem realizadas em latim, pelo rito tridentino, de que as pessoas se recusassem a receber a comunhão se não fosse diretamente das mãos dos padres, de que estes não deixassem de usar hábitos e batinas, entre outros, demonstram que não houve uma negação do catolicismo como religião a ser vivida. Assim também, é clara a recusa em inserir neste mundo religioso quaisquer elementos que não fossem integrantes do catolicismo.

Irmã Leonor: Estavam pedindo mais uma amostra [do óleo], aí eu não mandei fazer. Não mandei. É porque eles queriam pôr na ... como é que chama? Eu não sei, era um exame que eu achei que não estava muito de acordo com a vida religiosa. Era um exame de parapsicologia ou de sei lá o que era. Não sei bem se era parapsicologia ou alguma coisa mais. Mas eu não tive oportunidade mesmo de mandar não.

Face ao desejo de ligação com a Igreja Romana, pode-se concluir que o fechamento comunitário e o rompimento com a igreja e a comunidade de Guiricema foi o recurso necessário a permitir a continuidade da crença na manifestação de Nossa Senhora como também nos elementos integrantes do catolicismo que eram exteriorizados de forma exuberante e que a Diocese de Leopoldina tentava conter. O fechamento comunitário, portanto, ocorreu como uma necessidade para a manutenção da fé católica frente à ameaça de uma nova visão que se apresentava plural e abalava a certeza do mundo anterior. O processo de alternância que se deu pelo rompimento com a Igreja e a comunidade da cidade e a conseqüente criação de um mundo autônomo se originou com a expulsão da Igreja dos seguidores de Nossa Senhora através do padre da paróquia e não como uma renúncia à crença no catolicismo pelos indivíduos. Assim, ao serem empurradas para fora do mundo original, as pessoas passaram a exercer o catolicismo de forma independente, mantendo a “posição sobrenaturalista” do mundo em resistência à ameaça de desintegração da realidade que incluía a presença da santa, o que resultou no que Berger denomina “redução cognitiva”.

A ausência da estrutura de plausibilidade oferecida pela Igreja fez com que uma outra estrutura se revelasse abaixo desta, consistente e sedimentada nos ensinamentos do Evangelho, que passou a fornecer, de forma direta, sem intermediações, a plausibilidade necessária à continuidade da “fé cristã” que, livre das paredes institucionais, se expandiu na montanha.

Orlandina: Estava na hora da aparição, ela [Levina] chegava. Começava a rezar ali, as orações que ela começava a rezar, fazia o nome do Padre,

começava a rezar, ali ela entrava em êxtase. As letras que estava falando que ela lia, ela não sabia ler. Depois ela pegou pra ler o Evangelho, sabe, os artigos do Evangelho da Bíblia, pegava a ler a mensagem ali.

Teresa Rosa: [Durante as penitências] Nossa Senhora ficava presente de hora em hora. Naquela hora em que Ela ficava presente, Ela mandava cada um ler um trechinho do Evangelho. Ela mesma abria e marcava aquele trechinho do Evangelho. Para as pessoas.

A alternância leva a novas definições da realidade, uma reorganização com o outro que, modificado, leva também a uma modificação da conversa significativa que altera a realidade subjetiva. Ao mudar seus sistemas de significado, o ser humano necessita mudar também suas relações sociais. O processo de reformulação do passado, para Berger, parece ser tão antigo quanto o *homo sapiens*. Conforme ele diz, a alternância se verifica bem sucedida quando dispõe de uma efetiva estrutura de plausibilidade, que estabelece forte identificação afetiva, condição sem a qual não é possível a transformação radical da realidade subjetiva.³³³ Pode-se verificar, através do que foi dito por Irmã Henriqueta, como a solidariedade e a identificação afetiva consistente em torno do mesmo sistema de significados permite manter uma visão divergente em um mundo antagônico:

Irmã Henriqueta: Todo mundo participava. Chegava na hora, se Jesus ficasse presente qualquer hora do dia, todo mundo se reunia e juntava nele. (...) Foi um chamado forte pra gente, que a gente, até hoje, acho que todas que estão ali, que está ali até hoje, não sabe explicar como que a gente conseguiu vencer o que a gente passou, que passou foi muita coisa, muita atribulação, muito sofrimento. Mas a gente passava, parece que o sofrimento era tão pouco em vista da presença de Jesus, parece que a presença dele é, como é que fala, superava aquilo tudo. Sujeitava aquilo tudo bem mesmo, que muitos falam assim: - “Se eu estivesse nesta época, não ficava não, de jeito nenhum.”

Durante os dez anos que se sucederam ao primeiro relato das aparições de Nossa Senhora na Serra da Mutuca, as pessoas que se reuniam periodicamente no local nos dias em que a santa se manifestava eram principalmente moradores do Distrito de Villas Boas, onde está localizada a Santa Montanha e da cidade de Ervália, que divisa com Guiricema. Como Ervália é um município vinculado à Diocese de Mariana, que não se manifestou sobre as aparições, limitando-se a não interferir nos fatos que aconteciam em sua paróquia, muitas vezes a vidente Levina reunia pessoas na casa de alguma amiga ou devota da santa em suas aparições e algumas vezes também na igreja deste município, durante as missas e outras celebrações. A partir de 1976, estas reuniões

³³³ Cf. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, p. 204.

passaram a contar com a presença do Menino Jesus Celeste que Levina ganhou de Irmã Luzia.

Irmã Henriqueta: Porque depois quando a madrinha [Levina] foi pra lá morar, a madrinha morou dois anos pro lado de Ervália, aí o pessoal ia pra lá, daqui o povo que acompanhava ia pra lá também. Mas lá juntava gente, era muita gente mesmo que ia nas aparições lá. O padre não importava. Ela ia na igreja, ia na igreja. Levava o Menino Jesus. Teve uma vez, eu me lembro quando Dom Oscar esteve em Ervália, Jesus mandou levar uma rosa pra dar pra ele. Aí a Dona Inhana [Perciliana] que foi. Quando ele entrou na igreja, ela [Dona Inhana] levou uma rosa e entregou pra ele. Dentro da igreja. Ele bateram palma, tudo. Bateu palma. O Bispo estava chegando, ganhou uma rosa. Ele não importava não.

A presença dos religiosos na montanha a partir desta época, também desvinculados da Igreja Romana, mas que continuavam a praticar o sacerdócio ignorando as reformas do Concílio Vaticano 2º, além reforçar a legitimidade do mundo que já se encontrava em expansão, contribuiu para compor sua estrutura de plausibilidade.

Teresa Rosa: Foi lá [Muriaé], nessa aparição do Zé Geraldo. Que tinha a Perciliana que ia muito nessa aparição lá. Então ela ia nessa aparição, ela falou. E Nossa Senhora pede a dona Nelvina pra ir. E nós fomos. Depois que nós fomos lá, ficamos conhecendo os padres. Aí os padres começaram vir dando assistência aqui à Santa Montanha.

Orlandina: Depois que os padres tomou providência. Os padres tomou providência, fez a casa dos padres, o padre tomou providência. Aí tinha padre morando aí. Cuidando das coisas de Nossa Senhora. Veio as Irmãs...

Nas outras pessoas, vindas de municípios diversos e que passaram a residir no local na medida em que se iniciaram as construções no povoado, também pode-se verificar que ocorreu o processo de alternância, quando abandonaram a antiga estrutura de plausibilidade em que mantinham sua vida anterior, rompendo os laços profissionais e familiares e aliando-se à comunidade religiosa da montanha. Enquanto que os moradores da zona rural em Villas Boas foram obrigados a alternar seu sistema de significados como um movimento coletivo, os indivíduos que foram chegando à montanha individualmente e em épocas distintas, conforme pude concluir pelos relatos dos entrevistados, foram se agregando ao povoado atendendo ao chamado de Nossa Senhora e do Menino Jesus. A imediata identificação afetiva ao mundo simbólico vivido pela comunidade que se uniu frente ao mundo externo se revelou de forma tão consistente em face da antiga realidade destes indivíduos, trazendo equilíbrio e coerência, que permitiu a estas pessoas que renunciassem ao antigo mundo,

abandonando inclusive seus pertences pessoais, e assumissem a nova realidade que se confirmou e se reafirmou na consciência. O mundo religioso existente na montanha fornecia uma coextensão dos *nomoi* social e religioso, permitindo que a realidade humana e sagrada se entrelaçassem de tal forma que a migração entre as estruturas de plausibilidade veio a se processar para estas pessoas de maneira harmônica e definitiva, levando a uma mudança confortadora da autoimagem. Embora o fator inicial que permitiu a alternância tivesse ocorrido de forma diferente, a disposição de se aliar ao mundo de Nossa Senhora e do Menino Jesus se revelou a mesma, o que pode ser observado pelos vários relatos.

Teresa Rosa: Aí eu mudei pra cá. Vim. Nunca tinha mudado. Tinha muitos anos que eu morava lá no Geraldo Majela, duas famílias que nós ajudamos a criar lá. Pode perguntar à Teresinha, a Teresinha Aparecida, que ela conta. Viemos tudo. Nós viemos tudo. Largamos pra lá e viemos pra cá. Olha a confiança que eu tive em Jesus. Falei: - “Mãe, deixa pra mim, eu vou resolver esse problema.” – “Joaquim, você vai voltar dia 25 lá?” Falou assim: “Vou.” - “Pois então você pede pra Dona Nelvina que eu estou pedindo perdão a Jesus, porque ele mandou falar pra mim ir, mas não dá pra nós ir não. Porque eu não tenho um fogão, não tenho como eu agora comprar esse fogão. Mas eu vou marcar pra Jesus. É outubro, dia 23 pra mim chegar, mas não vou. Mas quem vai marcar agora, eu que vou marcar pra ele. Eu vou chegar lá. Agora, seja de que jeito for. Ele vai dar essa graça pra mim.” Marquei no dia 11 de novembro pra mim vir. Onze horas eu estava chegando aqui na montanha. Onze horas nós estávamos chegando aqui, já estava todo mundo na rua. A Dona Levina com a chave e falou assim: “Aqui – pôs na minha mão - a chave está aqui. Jesus falou pra você que daqui, minha filha, só pro cemitério. Daqui mais nunca você vai sair daqui. Vai ficar quietinha aqui.” Aí já tinha marcado o lugar da minha casa. Isso aqui foi marcado por Ela [Nossa Senhora].

Terezinha de Souza: Agora a Efigênia, a Efigênia mudou pra lá, ela largou a casa dela cá embaixo e eles arrumaram uma casa pra ela morar, que ela ia todo dia, ela passou a morar lá. Ela morou lá muitos anos.

Irmã Henriqueta: [Esperança] ...e veio pra cá. Por isso que eu falo pra senhora, é uma coisa que a gente não sabe nem explicar. Ela veio de lá, simplesmente veio pra visitar a Santa Montanha. E ela gostou e acho que ela estava passando por alguma dificuldade, Jesus ajudou ela, ela saiu daquela dificuldade, daqueles problemas. E ela ficou por aqui. Ficou morando com a madrinha dentro de casa, acho que sete meses, até fazer a casinha dela.

Maria: Meu Deus, Nossa Senhora pediu que quer aqui o santuário, que Nossa Senhora ainda falava: Santuário de Nossa Senhora da Misericórdia. Aí a gente ficava com aquilo na cabeça. Foi aí até um dia apareceu a Esperança. Aí Jesus Celeste pegou falou com minha mãe.- “Esperança, Jesus Celeste está te chamando pra Santa Montanha, pra você vim cuidar da Santa Montanha.” Então, tá bom. Aí ela ficou uma semana com nós dentro da nossa casa. Ela ficou uma semana. Ela veio, trouxe alguma coisa dela, não trouxe nem mudança ela não trouxe. Ela falou assim: - “Vocês arranjam só um quarto pra mim que eu venho pra obedecer o Menino Jesus.”

Irmã Lourdes: [Dona Gema] Mudou pra cá. Jesus pediu pra ela vir, ela veio acho que quatro meses seguidos. Mas o pai dela dava só aquele dinheiro estrito pra vir e voltar. Até quando ele [Jesus] falou assim, depois de quatro meses: - “Agora você vem com mala e tudo.” Não tinha nada. Veio só com algumas coisas com ela. Falou: “Jesus vê onde que eu vou ficar.”

Berger diz que os sistemas de significado têm uma estrutura social e que ao mudar os sistemas de significados é necessário também uma mudança nas relações sociais.

A experiência de conversão a um sistema de significados capaz de impor ordem aos dados dispersos de uma biografia pessoal é tranqüilizante e profundamente recompensadora. É possível que isto tenha raízes numa profunda necessidade humana de ordem, finalidade e inteligibilidade.³³⁴

Pelos relatos de Irmã Henriqueta e Teresa Rosa pode-se compreender como um sistema que impõe um significado permite que a alternância ocorra de forma recompensadora:

Irmã Henriqueta: Olha, Goretti, foi um mistério porque depois que Jesus ficou presente ele me conquistou de uma tal forma que eu não pensava em mais nada. Tudo o que ele falava, você faz? Eu fazia. Se ele falava assim, pula no fogo, eu acho que era capaz de pular no fogo. – “Você faz isso?” – “Faço”. Então, não sei se eu tinha vocação, nem pensei, não conhecia o que era religiosa, o que era vida religiosa, não conhecia freira, não tinha contato com freira não. Ele falou assim: “Você vai pro convento, se eu te pedir pra ir pro convento você vai?” Eu falei assim: “Eu vou”. Tudo o que ele me pedia, eu fazia. Sabe, é uma coisa que não tem explicação. É uma coisa que não tem nem explicação.

Teresa Rosa: Daí Nossa Senhora já começou a me convidar pra vim. Às vezes, eu estava quietinha lá em cima, quando eu penso que não, estava chegando o Tulinho, a Irmã Henriqueta, pode perguntar pra ela. Aí a gente vai. Mas eu não morava lá em Ervália, morava mais longe de Ervália um pouco. Mas a residência da gente era Ervália. Mas a gente estava bem fresca em casa, quando pensa que não, estava chegando a Maria com a Henriqueta lá pra me buscar. Elas chegavam, conversavam, a Nossa Senhora está te chamando. Ela mandava, a Dona Levina falava: “Pode ir lá chamar a Teresinha que a Nossa Senhora quer que ela desce pra cá.”

Mas um convite de Nossa Senhora é uma coisa muito importante, que a gente acha assim, meu Deus, a gente não é digno. Nossa Senhora falava assim: “Meus filhos, todos que vêm aqui à Santa Montanha, não é que eles querem vir não. Eu que trago. Toque no coração e eles vêm.”

No final do ano de 1979, a chegada de Irmã Leonor à montanha e a criação do novo convento desvinculado das Irmãs Carmelitas da Santa Face permitiram que várias religiosas, vindas de diversas partes do país passassem a morar no local. Irmã

³³⁴ BERGER, Peter. *Perspectivas Sociológicas: Uma Visão Humanística*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 74.

Henriqueta e Irmã do Divino Espírito Santo (Geralda) já residiam na Serra da Mutuca onde cresceram. Irmã Auxiliadora, Irmã Maria da Paz e Irmã Raimunda ingressaram no convento como postulantes. Irmã Leonor, Irmã do Rosário e Irmã Lourdes abandonaram as congregações onde exerciam a vida religiosa há muitos anos e fixaram residência definitivamente na Santa Montanha. Irmã Zélia, que estava afastada do convento, retornou à vida religiosa a pedido de Nossa Senhora. E Irmã Maria Isabel, a mais jovem de todas, chegou nos anos 1990, ainda criança.

Para que ocorra a alternância é necessário um processo de ressocialização, que implica na ruptura da coerência e na reconstrução de uma nova realidade. “É *aqui* onde entra a comunidade religiosa. Esta fornece a indispensável estrutura de plausibilidade para a nova realidade”.³³⁵ Conforme diz Berger, para que a ressocialização seja obtida com sucesso, há a necessidade de uma mudança de mundos, o repúdio da antiga realidade, condição necessária à legitimação da nova realidade, com o abandono da estrutura de plausibilidade e o acolhimento de uma nova.

Quando as religiosas que criaram o Convento das Irmãs Carmelitas da Santa Montanha começaram a chegar em 1980, a partir de Irmã Leonor, já havia uma comunidade religiosa estruturada em torno da presença de Nossa Senhora há quase quinze anos, onde o Menino Jesus se inseriu a partir de 1976. O que se pode constatar é que, assim como ocorreu também com as pessoas que se mudaram para o povoado, o chamado do Menino Jesus Celeste, não apenas diretamente, mas também como um desejo de sua presença que se manifestou ao conhecê-lo, foi o catalisador que levou estas mulheres a alternar entre estruturas de plausibilidade diversas. A insatisfação de algumas delas, que já viviam a vida religiosa há muitos anos, com as modificações introduzidas pelo Concílio Vaticano 2º, foi relatada. A busca de coerência e continuidade, abaladas com a reforma, demonstra uma predisposição a encontrar um mundo que se reajustasse à autoimagem e o mundo simbólico oferecido na montanha forneceu o equilíbrio à vida pessoal e também religiosa permitindo que a mudança de mundos se realizasse de forma recompensadora. Os relatos de rompimento com a antiga congregação e também com a Igreja institucional, longe de traduzir o sentimento de perda do antigo mundo, demonstram que a ligação à nova coletividade trouxe a

³³⁵ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 203.

sensação de completude pela vivência da religião no contato direto com Jesus e Nossa Senhora.

Irmã do Rosário: Santos Anjos, lá eu servi 17 anos. Aí no fim, com essas renovações todas, ainda estava aborrecida porque eu não queria entrar nesta. Desejei então um lugar onde eu pudesse ficar, viver a vida religiosa como Deus quer que viva. Uma Irmã me falou assim: - “Isso você não consegue, é muito impossível.” Eu falei assim: - “Deus pode tudo. Tenho fé em Deus que hei de conseguir.”

Eu pedi autorização e a Madre fez o papel, mandou pra Roma, pedi licença ao padre para eu despedir da congregação. Vieram duas Irmãs, depois trouxeram, eu assinei. Ainda veio mais um papel, diz ele que se eu quisesse voltar dentro de um ano, podia. Eu falei, não, eu assino, mas eu não volto mais. Volto mais não. Estou aqui muito bem, graças a Deus, muito feliz, tenho tudo como eu gosto e quero, então eu não volto mais. Aí pronto. Acabou.

Irmã Leonor: Não dá pra sair não, não dá. Porque aqui a gente tem tudo, tudo o que precisa para a vida espiritual, para a vida material, pra tudo.

Pode-se verificar nos relatos das Irmãs Carmelitas como se deu a ocorrência de ruptura com o mundo religioso anterior e o acolhimento da nova realidade onde a instituição “oficial” foi abandonada e substituída pela presença contínua de Nossa Senhora e do Menino Jesus Celeste, que forneceram a estrutura de plausibilidade que ajustou as identidades à realidade da montanha, afastando a ameaça da anomia ao trazer ordem e significado à biografia pessoal.

Em todas as entrevistas com as religiosas, pude perceber que a presença do Menino Jesus Celeste, mais que Nossa Senhora, foi o elemento que impulsionou a alternância ao fornecer a plausibilidade necessária, carregada do elemento emocional, para que o repúdio à antiga realidade e a filiação à comunidade que Ele dirigia junto com sua Mãe se realizassem.

Irmã Leonor: A Esperança já estava aqui há muitos anos e ela estava responsável por todas as construções daqui da Santa Montanha. Eu escrevi para a Esperança perguntando como é que vinha aqui. Arrumei até um mapa pra ver como é que era, que lugar de Minas que era. Como é que vinha aqui. Ela me escreveu, contou como é que tinha que fazer e tudo e quando foi em janeiro, o senhor Bispo foi fazer crisma lá e daí eu tirei umas férias. Eu vim pra ficar três dias aqui e depois daqui eu iria pra Campos do Jordão. E eu fiquei presa aqui e não pude ir pra Campos do Jordão. Fiquei presa, mas fiquei presa pelo Menino Jesus, fiquei apaixonada por Ele.

Irmã do Rosário: Mas eu não vim com intenção de ficar. Cheguei na capela, na hora que a vidente desceu com o Menino Jesus, nesse braço direito, não dava pra ver a cabecinha dele, só um pedacinho. Mas foi mesmo como uma flecha em cima de mim. Vontade de ficar aqui. Mas que isso, não posso

deixar minha Congregação. Mas aquilo ficou o resto do dia, aquele tormento na cabeça.

Irmã Lourdes: Aí quando foi com seis meses depois, eu estava aqui. Eu escrevia pra Jesus. Porque a secretária dele era a Graça, depois passou pra Irmã Henriqueta. Era secretária de Jesus, então Ele lia a carta, Ele dava a resposta, ela respondia e mandava pra gente. Aí quando foi seis meses depois eu perguntei o que eu podia fazer, se eu ia pra Sônia, ele falou: - “Não, vem direto pra cá.” Aí eu peguei o ônibus e vim direto pra cá. Cheguei aqui sete e meia da manhã. Dona Levina estava lá, a Irmã Leonor... Eu cheguei, cheguei no sábado, aí Jesus ficou presente à noite e falou pra Irmã Leonor: - “Segunda-feira você desce com ela pra comprar a roupa marrom pra fazer o hábito dela.” Quando foi oito dias depois, eu já estava de hábito. Cheguei no sábado, no outro sábado, eu já estava de hábito. Aí comecei a minha vida.

Irmã Henriqueta: O meu pensamento era só em Jesus, não precisava de mais nada. Mamãe ainda falava: - “Você tem coragem de ir pro convento? Pro convento tem que ir criança”. Eu falei: - “Ah, mãe, Jesus pediu, eu vou. O que Ele mandar eu fazer, eu faço”.

Berger compreende que o repúdio ao mundo anterior é condição necessária para que a nova realidade seja fixada definitivamente na consciência. Esta renúncia ao mundo antigo foi relatada por Irmã do Rosário e Irmã Lourdes, assim como a perfeita adaptação ao novo mundo que adotaram, que se encaixou na consciência de forma a permitir uma perfeita simbiose com os dados da biografia pessoal:

Irmã do Rosário: Ficaram revoltados comigo. A madre ficou revoltada, depois me mandou uma carta me descascando. Mas ela queria que eu voltasse, mas como? Qual que era... não dava. Evoluiu muito. Não tinha jeito, que a gente foi criada num outro ambiente. Eu, só pra dizer assim, a maior graça que Deus me deu depois da minha vocação religiosa, foi de vir pra Santa Montanha. É uma graça que eu sei que diante de Deus eu não mereço.

Irmã Lourdes: Eu queria continuar, mas elas cortaram. Elas cortaram completamente. Não queriam comunicação, com medo da gente trazer mais Irmãs de lá pra cá. Entendeu? A Geral falou assim: - “Olha, a comunicação com a Irmã Lourdes acabou. Ela não é mais freira, não é mais nada, então, já acabou.” Romperam geral. Mandou romper com todas pra mim. Pra mim, elas já tinham morrido.

Berger e Luckmann dizem que, na alternância, a estrutura de plausibilidade “deve tornar-se o mundo do indivíduo, deslocando todos os outros mundos, especialmente o mundo que o indivíduo ‘habitava’ antes de sua alternância.”³³⁶ A estrutura de plausibilidade que mantinha o mundo anterior necessita ser abandonada, principalmente nas etapas iniciais da alternância quando a realidade subjetiva é transformada com a

³³⁶ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, p. 203.

participação dos novos membros que passam a participar da conversa significativa. Para que ocorra a alternância de forma completa, há a necessidade de um aparelho legitimador que introduz as etapas que mantêm a nova realidade em detrimento da anterior, que junto com seus outros significativos, necessitam de uma nova interpretação que se adaptem a ele. A biografia anterior é rompida e

tudo o que a segue é compreendido como derivando de sua nova realidade. Isto implica em uma interpretação da biografia passada *in toto*, de acordo com a fórmula. “Então eu *pensava*... agora *sei*.” Frequentemente isto inclui a retrojeção ao passado dos esquemas interpretativos presentes (a fórmula para isto é: “Então eu já sabia, embora de maneira pouco clara...”)³³⁷

Irmã do Rosário: Porque eu já sabia que não podia comungar na mão. Porque várias Irmãs vieram aqui, de Muriaé, e elas... cheguei aqui, Nossa Senhora falou que não comungasse na mão. Então eles me contaram. Não comungo na mão. Nem da mão de ministro também não. Cheguei aqui, Nossa Senhora falou a mesma coisa. Quem comunga na mão, não recebe Jesus, só a hóstia. Só o padre tem o direito de pegar na hóstia.

Pelos relatos abaixo, compreende-se, no processo de alternância, como ocorre o rompimento com o mundo anterior e a inclusão à nova realidade, agora partilhada com os membros do novo mundo em que se passa a habitar. O que foi dito pelos entrevistados demonstra instantes em que se verifica a ligação definitiva e a disposição de permanência por parte dos religiosos aos novos significantes, bem como o repúdio ao mundo anterior, que incluiu até a mudança de nome:

Irmã do Rosário: Eu fico muito grata, até a morte e ainda mais. Quando eu cheguei, cheguei numa segunda-feira, domingo Nossa Senhora ficou presente e mandou a vidente me dar um recadinho. Diga à Irmã Soledad, lá era Irmã Soledad, aqui Jesus mudou pra Maria do Rosário. Diga à Irmã Soledad que ela vai sair daqui só depois de morta. Cheguei nos pés de Jesus, Ele falou a mesma coisa: - “Irmã Soledad, você vai sair daqui só depois de morta. E no Rio você não volta nunca mais.” Não voltei mesmo. Nem sinto saudade, nem nada.

Irmã Lourdes: Nada, nada. Nada me fez falta, ninguém. Pra mim não teve diferença nenhuma. E pra mim, aqui, nem quando eu morrer, eu não saio daqui. Tem o cemitério aqui mesmo.

Como já foi dito anteriormente, o rito é um dos elementos integrantes da legitimação. Como parte do processo social, também contribui para explicar e justificar a vida e a crença religiosas. Sua conservação, como elemento legitimador, contribui para fornecer a estrutura de plausibilidade que mantêm o catolicismo como realidade a ser vivida. Do mesmo modo, sua alteração ou eliminação transmite a sensação de

³³⁷ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, p. 205.

quebra na continuidade e, como consequência, também concorre para abalar a certeza da realidade. A insatisfação com a mudança nos ritos introduzida pelo Concílio Vaticano 2º foi relatada pelas religiosas e demonstra que sua manutenção permitiu, na Santa Montanha, a sensação de permanência.

Irmã do Rosário: Comunhão na mão, missa de costas para o altar. E sabe, a Madre dá comunhão, com aquele manto que vai comungar, quando vai pro sacrário tira. Comunga consigo mesma, sabe, acabou. O coitadinho de Jesus está sofrendo. Então, eu não gostava daquilo. Tinha o padre capelão, mas era doente do coração. E quando ele dava sinal que ia descer, a Madre descia da comunhão, eu ficava um pouco esperando. Quando ele descia, que eu ia cá e comungava. Parecia que estava dando milho pra galinha. (...) Não voltei mesmo. Nem sinto saudade, nem nada. E aqui é tudo pobre, tudo simples, lá aquele conforto todo, colégio rico. Mas foi o mesmo que nada. Eu sinto que estou em casa, graças a Deus. Feliz, feliz. Porque eu queria missa em latim, como era antigamente, comunhão na boca e lá eu não comungava na boca.

Irmã Lourdes: Porque a missa, o padre é virado pra Deus e de costas para o povo. Porque por aí eles viram as costas pra Deus e de frente para o povo. Então, que graça que recebe de Deus para transmitir para os fiéis? E quando estava [a hóstia] enquanto na mão do padre, Ele [Jesus] está presente. Quando é colocado na mão do fiel, Ele sai da hóstia e fica do lado de fora, chorando pela profanação da eucaristia. Fica Ele e a Mãe do Céu chorando. Pela profanação da eucaristia, porque a eucaristia não é coisa humana. É coisa divina que vem pra nos limitar. É Jesus mesmo, como Ele está no céu, Ele fica presente na hóstia consagrada para seus filhos. E o homem está fazendo uma profanação.

O uso do hábito também foi citado pelas religiosas nas entrevistas e a flexibilização do seu uso pela reforma conciliar foi um dos motivos que geraram descontentamento, por significar uma alteração na identidade assumida com a vida religiosa, uma mudança na autoimagem que foi reorganizada na montanha:

Irmã do Rosário: Eu usava hábito, mas era um curtinho, era um vestido. Um vestido. Manguinha justinha, todo assim, mas era um vestido mesmo. Até elogiavam, não era? Mas eu não aceitei. Porque os homens mudam tudo, mas Deus é imutável. Deus não muda, o que ele fez está feito. Não pode. Pode ver que até no casamento, o homem não separa aquilo que Deus uniu. Quer dizer, tudo assim. Foi obra de Deus, a gente não mexe. É sagrado. Mas estou aqui muito feliz, graças a Deus.

Irmã Lourdes: Já tinha nove Irmãs, já. Eu fui a décima. Aí nós continuamos a nossa vida a cada dia. A mudança foi maravilhosa. Porque antes de eu vim, quando a Congregação tirou o hábito, que a gente só saía de hábito, em casa era roupa comum. Mas saía de hábito. Eu falava assim: - “Minha Nossa Senhora, você vai me dar o hábito pra mim. Eu quero o hábito, mesmo que seja de outra cor.” Pra mim foi a maior alegria quando eu cheguei aqui e vi que tinha uma Congregação que usava o hábito.

De conformidade com o que dizem Berger e Luckmann, a identificação com os outros significativos com os quais se estabelece uma forte relação afetiva é essencial para que ocorra a transformação radical da realidade subjetiva. Os outros significativos representam a estrutura de plausibilidade através dos papéis desempenhados que são definidos explicitamente em termos de sua função ressocializante, “onde o novo mundo do indivíduo encontra seu foco cognoscitivo e afetivo na estrutura de plausibilidade em questão.”³³⁸ Os relatos de Terezinha Anacleto, Irmã Henriqueta e Orlandina evidenciam como a comunidade da Santa Montanha se fez aderente, permitindo a criação de uma identidade, uma completa identificação de seus moradores como indivíduos participantes de um mundo religioso especial:

Terezinha Anacleto: Depois que ele [um padre] saiu daqui de Guiricema, ele passou a vir. – “Se tal coisa for verdade mesmo, é uma honra pra vocês. Se Nossa Senhora dá aparição ali nas rezadeiras, é uma honra pra vocês.”

Irmã Henriqueta: Jesus chamou a atenção dele [Dom Mauro], tem muitas e muitas cartas, que eu que escrevi as cartas que Jesus pedia, eu que era a secretária de Jesus, eu escrevia as cartas. Quando ele pedia, eu passava aperto, que tinha que escrever puxando as orelhas dos outros.

Orlandina: A Efigênia é que era secretária de Nossa Senhora. Nossa Senhora falou: - “Efigênia é minha secretária.” Tudo ela é que escrevia. A Efigênia não largava ela [Levina], que a Efigênia era secretária de Nossa Senhora.

Há a necessidade de um aparelho legitimador para que a alternância se efetue de maneira completa. Não é somente a nova realidade que precisa ser legitimada, mas também as etapas que mantêm o novo mundo, que compreendem também o abandono às outras realidades. Para Berger, a velha realidade precisa ser desmantelada juntamente com as coletividades e os outros significativos que eram suas partes integrantes, devendo ser reinterpretados “dentro do aparelho legitimador da nova realidade.”³³⁹ Além dos outros significativos, há a necessidade de se reinterpretar de forma particular os acontecimentos e pessoas com significação no passado na biografia do indivíduo. Assim, a nova realidade pode aparecer como predominantemente plausível.

Berger e Luckmann assinalam que há, na prática, tipos intermediários entre a ressocialização e a socialização secundária, como já foi identificado ao se abordar o processo de socialização. O que ocorre são transformações parciais, onde a

³³⁸ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 202.

³³⁹ Cf. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 205.

transformação da realidade subjetiva pode ser considerável, mas não corresponde ao que identificam como um processo de ressocialização. Nestes casos, estas transformações

são construídas com bases nas interiorizações primárias e geralmente evitam abruptas discontinuidades na biografia subjetiva do indivíduo. Como resultado, enfrentam o problema de conservar a coerência entre os primeiros e os tardios elementos da realidade subjetiva.³⁴⁰

Através do que disseram os diversos entrevistados, pude verificar vários elementos que estes autores consideram necessários à existência de uma estrutura de plausibilidade consistente. Do mesmo modo, percebe-se o que eles quiseram dizer sobre a precariedade da estrutura que mantém um mundo religioso plausível. O que se pode resumir deste subcapítulo sobre a estrutura de plausibilidade, na análise da construção social da realidade criada e existente na Santa Montanha, tal como proposta por Berger e Luckmann, é o que se segue:

Em um primeiro momento, antes que a reforma do Concílio Vaticano 2º introduzisse as mudanças na Igreja Católica e que estas atingissem a região rural de Guiricema, especialmente o Distrito de Villas Boas, esta instituição fornecia uma estrutura de plausibilidade que permitia aos indivíduos vivenciar a presença de Nossa Senhora na Serra da Mutuca de maneira intensa e participativa através das visões e milagres que se sucediam em um processo de exteriorização constante desde 1966 (ou 1964), com a participação dos padres Paulo Fada e Galdino, que foram responsáveis pela paróquia de Guiricema até 1969.

A partir deste ano, com a chegada do Padre João Bentijes, encarregado de promover as alterações, os relatos da presença da santa na montanha e das diversas manifestações descritas como milagrosas representaram um entrave ao cumprimento das ordens de Roma, através da Diocese de Leopoldina, que exigia a reforma imediata da Igreja Católica, com uma nova visão racionalizadora dos fenômenos que ultrapassavam o controle da instituição. Era necessário, entre outras modificações, impedir a proliferação da crença popular nas aparições da santa, que precisavam ser negadas.

Assim, as manifestações de devoção a Nossa Senhora, que cresciam fora das paredes da Igreja e davam mostras de que não poderiam ser contidas somente pelas

³⁴⁰ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 207.

palavras do padre encarregado das reformas intensificou a resistência da Diocese de Leopoldina às aparições. As providências do Bispo tomadas para conter o movimento que eclodia na montanha e ultrapassava os limites da Diocese se concretizou na tomada de medidas extremas. A aniquilação descrita por Berger como a negação de fenômenos que não se enquadram na realidade que se pretende impor foi uma das medidas a serem usadas, que se realizou bem sucedida com a população que residia no perímetro urbano de Guiricema. A expulsão dos fiéis da Igreja, em Villas Boas, as invasões pela polícia de Guiricema e Polícia Federal à montanha, as acusações de prática de macumba e doença mental feitas à vidente, como medidas de coerção, permitiram a percepção na população da zona rural, constituída por pessoas de grande religiosidade sedimentada na crença da possibilidade de aparições de Nossa Senhora às pessoas no mundo humano, de uma nova visão da Igreja que divergia daquilo que os indivíduos consideravam como realidade e que forneciam a estrutura de plausibilidade sobre a qual o mundo católico se assentava na consciência subjetiva das pessoas da região.

Em seguida, junto com a resistência explícita e ostensiva da Diocese de Leopoldina à presença de Nossa Senhora na montanha, diversas outras alterações foram introduzidas, já relatadas, consubstanciadas na eliminação e modificação dos ritos e manifestações populares que integravam a população de Villas Boas em torno da Igreja e permitiam que a vida religiosa até então fosse sentida como uma extensão da vida social.

Com todas estas alterações, a estrutura de plausibilidade fornecida pela Igreja, que se revelava passível de modificações, portanto instável, passou a ser questionada e não mais forneceu as legitimações necessárias que até então sustentavam a fé católica. A expulsão da Igreja dos seguidores de Nossa Senhora, moradores ao redor da montanha que freqüentavam a paróquia de Villas Boas, representou o momento em que a comunidade foi obrigada a optar entre se manter filiada à Igreja ou pela vivência da experiência religiosa pessoal, o que resultou no movimento coletivo de alteração. Berger, ao falar sobre o que compreende como “êxtase”, o define como o momento em que ocorre um deslocamento da consciência de modo a permitir a compreensão da existência de mundos alternativos, que vem a provocar o rompimento com a sociedade e liberta os indivíduos do jugo social e religioso. Este momento de alteração na percepção do mundo encontra correspondência no que ocorreu com os seguidores de Nossa

Senhora, que se desligaram da antiga realidade e se filiaram ao redor da vidente Levina, iniciando a construção do mundo religioso católico independente da Igreja.

O rompimento com a realidade anterior exigiu a criação de uma outra estrutura de plausibilidade que fornecesse as legitimações necessárias para a manutenção do novo mundo. Esta nova estrutura, apesar de desvinculada da Igreja, foi erguida sobre as ideias do próprio catolicismo, e se apoiava nos ensinamentos do Evangelho, que eram transmitidos diretamente por Nossa Senhora e o Menino Jesus Celeste através da vidente Levina, quando reunia semanalmente toda a população ao seu redor. A construção do povoado levou à criação de instituições onde os indivíduos passaram a exercer papéis específicos e especializados. A realidade social objetivada era apreendida e produzida continuamente interiorizando-se como realidade subjetiva, através do compartilhamento das instituições, e assim, legitimando este mundo especial e fixando-o na consciência.

A nova estrutura de plausibilidade passou a proporcionar identificação afetiva consistente através da solidariedade de seus membros frente ao mundo externo e do compartilhamento da mesma realidade, e este mundo humano no qual a vida religiosa e social se entrelaçavam em uma coextensão dos *nomoi*, ao refletir o mundo sagrado integrava todos os setores da ordem institucional, constituindo “um universo no sentido literal da palavra, porque *toda* experiência humana pode agora ser concebida como se efetuando *no interior* dele.”³⁴¹

Teresa Rosa: - Não, o meu barraco já está pronto, agora eu vou pra minha casinha que Jesus, Jesus e Nossa Senhora que me deu. Porque a minha força, eu não tinha força pra fazer. Foi a força divina, a força do alto.

Diz Berger que os processos sociais empiricamente observáveis são o instrumento que mantém a realidade objetiva. A realidade de um mundo é mantida enquanto sua estrutura de plausibilidade continuar existindo.

Se a estrutura de plausibilidade for sólida e durável, o mundo religioso por ela mantido será real na consciência de forma sólida e durável. No caso mais favorável, o mundo religioso será considerado evidente.³⁴²

Terezinha de Souza: Mas eu tenho certeza que lá é um lugar sagrado. Eu tenho certeza. Porque eu ia lá, eu não via nada, mas eu sentia tão bem... Mas

³⁴¹ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 127.

³⁴² BERGER, Peter. O Dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 161.

eu fui lá muitas vezes, Goretti, muitas vezes. Muitas vezes mesmo. Adorava aquilo lá. Eu chegava lá, me sentia diferente.

Edson: Mas ali é um lugar muito santo. Eu gosto muito da Santa Montanha.

Irmã o Rosário: Porque essa terra é muito sagrada, é muito santa, a gente não merece esta graça. Mas Deus quis usar de misericórdia, então...

O mundo simbólico, constituído exclusivamente de elementos da religião católica, que foi criado e se estabeleceu na Serra da Mutuca em uma estrutura de plausibilidade consistente que permitiu sua continuidade no tempo, será analisado no subcapítulo que se segue.

3.3 Um mundo simbólico

Berger e Luckmann dizem que a legitimação é uma objetivação de sentido de segunda ordem e tem como função “tornar objetivamente acessível e subjetivamente plausível as objetivações de ‘primeira ordem’, que foram institucionalizadas.”³⁴³ Além disto, sua função é também integradora, pois liga os processos institucionais desiguais. A ordem institucional não só deve ser sentida da mesma forma pelos seus participantes, como também deve servir para tornar a totalidade da vida do indivíduo dotada de sentido, tornando esta totalidade subjetivamente plausível. A legitimação, ao impor validade cognoscitiva a seus significados objetivados, implica em conhecimento. Assim, explica ao indivíduo não só como são as coisas, mas também porque elas são. Quando a legitimação alcança um grau que permite integrar as realidades diferentes daquelas pertencentes à vida diária, abrangendo os setores da ordem institucional em um todo dotado de sentido, que explica e justifica estes domínios separados da realidade, um universo simbólico é criado. Embora o universo simbólico seja construído através de objetivações, os papéis institucionais realizados dentro dele permitem aos indivíduos participar de um universo que transcende e inclui a ordem institucional.³⁴⁴ Um universo simbólico ordena todas as realidades concebíveis dentro dele, integrando todos os setores particulares dentro de uma única realidade, permitindo o sentimento de segurança e participação. A própria identidade, uma vez legitimada em um universo simbólico, é integrada de modo a permitir o desempenho dos papéis atribuídos socialmente. O universo simbólico possui uma história, onde o indivíduo pode se

³⁴³ Cf. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis, Vozes, 2009, pág. 122.

³⁴⁴ Idem. pág. 128.

localizar, pois liga todos os seus membros a uma única realidade em uma memória coletiva.

Peter Berger e Thomas Lucmann dizem que o ser humano, em sua necessidade de exteriorização, necessita conferir significado à realidade e o faz através do sagrado, ao refletir o mundo simbólico em seu mundo humano. Como os mundos socialmente construídos são precários, necessitam de discursos legitimadores para que possam se manter de maneira eficaz. Para Berger, a religião possui o mais eficaz discurso que fundamenta a ordem social na história do homem por possuir respostas estruturadas de maneira a fazer sentido.

...a religião foi historicamente o instrumento mais amplo e efetivo de legitimação. Toda legitimação mantém a realidade socialmente definida. A religião legitima de modo tão eficaz porque relaciona com a realidade suprema as precárias construções da realidade erguida pelas sociedades empíricas.³⁴⁵

Entende o autor ser a religião o instrumento legitimador talvez mais antigo na história da humanidade, por conceber a ordem institucional de maneira a situá-la em um esquema microcosmo/macrocosmo, num quadro de referência sagrado e cósmico. “Tudo ‘aqui em baixo’ tem o seu análogo ‘lá em cima’”. Participando da ordem institucional, os homens, *ipso facto*, participam do cosmos divino.³⁴⁶

Ao se referir à linguagem, Berger diz que ela relaciona as diferentes zonas da realidade por possuir a capacidade de transcender o cotidiano. A linguagem pode referir-se a experiências pertencentes a áreas limitadas de significação, integrando os enclaves produzidos pela realidade particular na realidade da vida cotidiana. Assim, ao se elevar a regiões não pertencentes ao “aqui e ao agora”, a linguagem faz retornar os símbolos abstraídos da experiência diária à realidade cotidiana. A linguagem simbólica e o simbolismo que ela traduz são essenciais para que a realidade da vida cotidiana seja apreendida como realidade.

Qualquer tema significativo que abrange assim esferas da realidade pode ser definido com um símbolo, e a maneira linguística pela qual se realiza esta transcendência pode ser chamada de linguagem simbólica.³⁴⁷

³⁴⁵ BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 45.

³⁴⁶ Idem. p. 46.

³⁴⁷ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 58.

O ser humano, em uma exteriorização contínua, projeta seus próprios significados na realidade. Ao projetar um mundo simbólico, o cosmos inteiro vem validar e impor significado à existência humana. A localização em um universo simbólico leva à compreensão de que a ordem institucional deve ser aceita como certa em sua totalidade, pois todos os acontecimentos se passam dentro dele. Isto decorre do fato de que o universo simbólico é teórico. As instituições, como objetividades, cada qual com seu tema significativo, são ligadas umas às outras através da reflexão subjetiva e somente após o universo simbólico ser compreendido como objetividade pelo pensamento teórico, é que pode ocorrer a reflexão sistemática sobre a significação deste universo.

Ao falar sobre formas de manutenção de universos, Berger e Luckmann dizem que a mitologia postula “a penetração do mundo da experiência cotidiana por forças sagradas”, permitindo “um alto grau de continuidade entre a ordem social e a ordem cósmica e entre todas as suas respectivas legitimações.”³⁴⁸

Entretanto, uma vez estabelecido o universo simbólico, os setores discrepantes da vida cotidiana podem ser integrados mediante a referência direta ao universo simbólico.³⁴⁹

A mitologia supõe o universo simbólico como realidade objetiva. Nos sistemas mitológicos mais elaborados, o universo simbólico é conservado ao evoluir para o pensamento teológico, que elimina as inconsistências. O pensamento teológico estabelece uma ligação entre o mundo humano e o mundo dos deuses.

Não tenho a intenção, neste trabalho, de analisar o mundo simbólico existente na Santa Montanha sob uma visão teológica. Durante a pesquisa, com frequência me via às voltas com uma afirmativa de Berger, de que o sociólogo apenas observa e relata os fatos e que ao emitir qualquer opinião sobre verdade ou ilusão sobre as proposições religiosas no mundo estaria extrapolando o seu papel de sociólogo. Assim, consciente de que minha pesquisa tem como referencial teórico um sociólogo e procurando ser fiel ao seu pensamento, é que apenas relato como este mundo/cosmos se apresenta. Entretanto, por se tratar de um mundo simbólico religioso, inserido dentro do mundo católico, há a necessidade de se demonstrar como estes mundos se correspondem,

³⁴⁸ Cf. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 144.

³⁴⁹ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 130.

embora com isto não exista da minha parte a intenção de emitir qualquer juízo de valor ou fazer alguma análise sob a perspectiva da teologia.

Também é importante ressaltar que foi a convivência com os diversos religiosos, oriundos de várias ordens, congregações e dioceses, e também de outras Igrejas Católicas que atuaram na montanha, se unindo e participando da criação deste mundo/cosmos, que fez com que uma homogeneidade de pensamento fosse mantida, necessária para a coesão e coerência deste mundo. A presença das Irmãs Carmelitas no povoado também contribuiu para a legitimação deste mundo religioso, tendo uma importância fundamental para a sua preservação e continuidade. A presença dos religiosos acarretou, entre os moradores da Santa Montanha, um conhecimento da religião católica em um nível mais profundo daquele comumente encontrado, que veio a permitir a compreensão dos significados simbólicos dentro de uma “visão teológica”, que, embora sem uma elaboração mais sofisticada, relaciona e compara os elementos integrantes da religião católica dentro de uma realidade vivida e compreendida pelos indivíduos como diferente da outra realidade, existente no mundo “lá fora”.

Irmã Lourdes: Não se adaptavam e até agora, quem vem morar aqui e não segue o regulamento, não fica. Não fica, não fica. Porque quer morar aqui como se fosse lá fora. Ficar à vontade, isso não pode.

Edson: Eu ando de bermuda aqui embaixo, eu nunca fui lá [na Santa Montanha] de bermuda. Nem se me pagar. Nossa Senhora! Na hora de ficar aqui embaixo eu uso, mas lá eu nunca fui de bermuda.

Beatriz: Não, porque aqui é igual eu falo com a senhora, tem que ter o regime direitinho. Às vezes ninguém quer vim pra cá só pra ... as pessoas quer vim pra cá só pra, como é que fala, não pra morada, mas só pra descansar, coisa então, fica as casas assim só mais pra pessoas descansar. Pra descansar, vem pra ver, pra assistir uma missa, pra descansar ou pra sair um pouco da rotina da cidade, mas assim, pra morar mesmo, acho que ninguém aguenta do jeito que a gente... Então, como é condomínio fechado, então, a gente não deixa a vida moderna entrar. Eles quer que a igreja moderna entre. Então a pirraça deles [dos padres de Guiricema] é esta.

A partir do primeiro relato das aparições de Nossa Senhora Aparecida na Serra da Mutuca, em 1966, um mundo simbólico brotou no meio do matagal, no alto de uma montanha, criou instituições, se legitimou e construiu uma estrutura de plausibilidade consistente e inserida no catolicismo que permitiu que se fixasse de forma duradoura no tempo. São quatro os principais elementos integrantes do catolicismo que fundamentam este mundo/cosmos, criado a partir da exteriorização ininterrupta de suas manifestações:

Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

O Menino Jesus Celeste

O Arcanjo Miguel acompanhado dos Arcanjos Gabriel e Rafael

O demônio

Quando a notícia das aparições de Nossa Senhora desceu a montanha e começou a se espalhar pela zona rural de Guiricema, já havia o conhecimento, na forma como Berger e Luckmann o definem, nas pessoas do lugar, da sua existência em uma realidade diferente daquela que experimentavam na vida cotidiana. No mundo católico, que era compartilhado pela totalidade dos moradores de Villas Boas, a presença da santa estava inserida na vida de todos como uma possibilidade a ser vivida, personagem componente de um universo real, mas até então separada do mundo humano. A partir dos primeiros relatos das aparições, o mundo/cosmos do qual Nossa Senhora fazia parte se integrou à existência dos indivíduos, “num quadro de referência global, que constitui então um universo no sentido literal da palavra, porque *toda* experiência humana pode agora ser concebida como se efetuando *no interior* dele”.³⁵⁰ O primeiro momento que Berger e Luckmann definem como a exteriorização do pensamento subjetivo, que leva à criação de um mundo social/religioso, passou a ocorrer de forma ininterrupta e as visões de Nossa Senhora, compartilhadas pelas diversas pessoas que se reuniam em frente ao local onde as três crianças diziam que ela se encontrava, trazia o cosmos para o mundo humano. Um relato de Teresa Rosa permite verificar a intensidade do componente emocional que acompanhava as visões de Nossa Senhora, que passaram a ocorrer com muita frequência a partir dos relatos das três meninas.

Teresa Rosa: Aí que o povo ali juntaram mesmo. Pra ver. Que elas [as crianças] falaram que [Nossa Senhora] estava ali. Juntaram. Mas o povo, uns choravam, outros gritavam, mas a senhora precisava ver que coisa. Por resto, dava uma coisa esquisita na gente, uma emoção muito grande.

Irmã Henriqueta e Teresa Rosa também falaram sobre as manifestações constantes da santa entre as pessoas nestes primeiros anos:

Irmã Henriqueta: Conheço muito, várias pessoas viram. Até tinha uma história de uma pessoa, um senhor, que estava assim, só eu que tenho o poder de ver a santa. Ninguém tinha o poder de ver a santa, que ele via Nossa Senhora Aparecida grande assim. Aí ele falou, só eu que tinha poder de ver a santa. No começo ela aparecia mesmo.

Teresa Rosa: Era igual um jubileu. A senhora já foi em jubileu? Aquilo era um zunzum só, uma coisa. Aí a mãe falou assim: “Ih, menina, mas é muita gente que estão lá e eles estão vendo.” Muitos, no princípio, muita gente viu.

³⁵⁰ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 127.

Neste mundo simbólico, a presença de Nossa Senhora surgiu carregada de tamanha densidade que permitiu a percepção de que a realidade humana e a realidade cósmica estavam de tal modo entrelaçadas uma na outra que o universo simbólico criado a partir de sua presença era compreendido como realidade objetiva, onde os significados humanos projetados no mundo refletiam o cosmos em uma interpenetração dos *nomoi*. A figura da santa projetada no mundo, descrita pelos entrevistados que relataram suas visões e a identificam como Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, se apresenta em todo esplendor, brilhando como estrelas entre os seres humanos. E é desta forma, inserida no catolicismo, que Ela mesma se apresenta, como pode ser visto em algumas mensagens:

Eu vou descer sobre um relâmpago e sobre a estrela quem tiver medo não vai suportar, não precisam de ter medo.³⁵¹

Hoje estou presente, de estrelas acompanhada.³⁵²

Eu estou aqui para dar as suas graças, o Divino Espírito Santo sobre a presença da Virgem Maria Santíssima com uma estrela.³⁵³

Logo após as primeiras aparições, a santa se define através de uma frase que passa a repetir regularmente em suas mensagens até o falecimento da vidente Levina e de onde se infere que no mundo dos seres humanos a presença de Nossa Senhora é necessária para impedir que o mal, identificado como o Dragão, não prevaleça na terra: “Eu esmagarei a cabeça da serpente”.³⁵⁴ A perseguição do dragão contra a mulher se repete na montanha:

Irmã Lourdes: Ele [o dragão] mandava Ela embora. – “O que essa mulher está fazendo aqui? Esse lugar é meu. Eu vou mandar aquela mulher embora.” Que era Nossa Senhora.

Ele foi o primeiro que apareceu pra atrapalhar a vida de Nossa Senhora. Ele apareceu para as crianças, mas como um dragão, querendo engoli-las. Um dragão querendo engoli-las.

Assim como a ordem, também o caos se revela, como uma força poderosa e desagregadora, mas que fornecia o equilíbrio necessário à legitimação deste universo na montanha, que refletia toda a realidade supra-humana. Desta forma, pode-se verificar o cosmos refletido no mundo humano, onde os domínios separados da realidade se entrelaçam e o mal entre os seres humanos é explicado e justificado em uma referência

³⁵¹ 1º Livro de Tombo, mensagem datada de 20 de fevereiro de 1969.

³⁵² 2º Livro de Tombo, mensagem datada de 15 de março de 1975.

³⁵³ 1º Livro de Tombo, mensagem datada de 21 de fevereiro de 1969.

³⁵⁴ 2º Livro de Tombo, mensagem datada de 02 de fevereiro de 1977.

direta ao universo simbólico. “O demônio está no mundo para perder as almas. Ele está querendo comer as estrelas e a Lua.”³⁵⁵

A batalha, antes travada no céu entre São Miguel e o Dragão, novamente se realiza no mundo humano, onde o demônio, afugentado pelo Arcanjo e seus anjos, procura se estabelecer na Santa Montanha entre os homens. Seu adversário, São Miguel, se integra a esta realidade cósmica projetada na realidade humana, com sua espada flamejante e pairando sobre a montanha. “São Miguel está com sua espada toda afiada para encontrar com o dragão. O dragão está traindo as almas...”³⁵⁶

São Miguel está com sua espada afiada e vocês devem preparar as suas!³⁵⁷

Irmã Henriqueta: Ele [São Miguel] é padroeiro da Santa Montanha. Ele é que protege aqui, porque Jesus deu ele como padroeiro daqui.

Irmã Lourdes: Ele [o demônio] ainda está até por aí, ele não sai, não. Ele não sai, não. A gente tem que rezar e tem que rezar porque ele...

Irmã Henriqueta: A desobediência. Um dia Jesus estava rezando, falou assim: - “Se vocês não obedecerem direito, ele [o demônio] está lá no Porteira, lá embaixo. Se vocês não obedecerem, ele vem. Ele vem, por causa da desobediência, vocês abrem a porta pra ele.”

Nossa Senhora se apresenta aos seres humanos na Santa Montanha com a principal finalidade de salvá-los do castigo do inferno. Desde as primeiras mensagens, seu pedido constante é o de que as pessoas realizem penitências, orações e obediência incondicional para a conversão dos pecadores e a salvação das almas.

G: E todas essas penitências que Nossa Senhora pedia, ela falava pra quê?

Irmã Lourdes: Pela conversão dos pecadores. Pela conversão e salvação dos pecadores.

Irmã Henriqueta: Foi muita penitência lá. Teve um padre, parece, não sei se alguém falou com a senhora, o padre que veio aqui, não sei se é o Padre Galdino, acho que é o Padre Geraldo, missionário. Falou assim: - “Essas penitências não vão cair aqui perto, vão cair longe. Vocês pensam que essas penitências que vocês estão fazendo vão servir para os daqui de perto? Não, vão cair longe, essas penitências. Muita gente, quem está aqui, quase tudo é de fora, gente de fora.”

As modificações trazidas para a Igreja Romana pelo Concílio Vaticano 2º transparecem nas mensagens de Nossa Senhora como um sinal da atuação do demônio

³⁵⁵ 2º Livro de Tombo. Mensagem datada de 07 de agosto de 1976.

³⁵⁶ Idem. Mensagem datada de 18 de setembro de 1976.

³⁵⁷ Idem. Mensagem datada de 07 de novembro de 1976.

sobre a Igreja, e que a levam a profetizar o fim da Igreja Católica Romana e o martírio do Papa. A santa tem também como missão restituir o catolicismo à sua forma original.

Meus filhos, rezem, pois vai chegar um tempo que ninguém vai conhecer as Igrejas.³⁵⁸

O Santo Padre, meus filhos, não está apoiando as coisas erradas, vocês estão enganados! O Papa não recebe as mensagens de Nossa Senhora, porque o traidor não permite, cerca as mensagens.³⁵⁹

Rezem pelo Papa, porque ele está sofrendo. Ele vai ser mártir e Eu estou do lado dele.³⁶⁰

Irmã Lourdes: Aqui, porque é um lugar muito especial de Nossa Senhora. Ela falou que escolheu este lugarzinho pra Ela pra segurar a Igreja do seu Divino Filho. Que estava por um fio, mas não ia arrebentar. De que maneira? Porque estava toda renovação na Igreja toda. Tirando altar do lugar, tirando tudo. E Ela apareceu aqui, falou, eu quero assim. Aqui é como o meu Divino Filho deixou, que vai ser, continuar aqui.

Nossa Senhora, durante uma de suas aparições à vidente Levina, transmite a ela três segredos que só poderão ser revelados ao Papa. O que se vê, neste acontecimento, é uma analogia, vinda da própria santa, com suas aparições na Santa Montanha e as aparições em Fátima.

Neste local há três segredos que só poderão ser revelados ao Santo Padre, o Papa.³⁶¹

O que está acontecendo hoje, aqui, é o mesmo que aconteceu em Fátima.³⁶²

Para Berger e Luckmann, toda a objetividade do mundo humano é uma criação da consciência subjetiva a partir da exteriorização. É o ser humano que cria um mundo humano. É interessante observar que esta afirmativa do autor encontra uma correspondência com as mensagens de Nossa Senhora à vidente.

A Virgem Maria Santíssima quer muita obediência, hoje 21 de setembro. N. S pede muita obediência se não houver obediência N. Senhora fica sem força para extinguir o demônio.³⁶³

Rezem muito, a aparição está quase estabelecida. Rezem o Credo, de manhã, ao meio-dia e à tarde para se livrarem das tentações do demônio.³⁶⁴

³⁵⁸ Idem. Datada de 15 de julho de 1976.

³⁵⁹ Id. Datada de 15 de julho de 1976.

³⁶⁰ 3º Livro de Tombo, mensagem datada de 03 de dezembro de 1995.

³⁶¹ 2º Livro de Tombo, mensagem datada 08 de dezembro de 1976.

³⁶² 1º Livro de Tombo, mensagem datada de 21 de fevereiro de 1971.

³⁶³ 2º Livro de Tombo, mensagem datada de 21 de setembro de 1976

³⁶⁴ 1º Livro de Tombo, mensagem datada 23 de fevereiro de 1971.

Eu peço, meus filhos, aumentem as penitências no coração! Estamos perto da vitória de Deus. Com as orações, logo terão a vitória do Céu.³⁶⁵

O demônio está procurando trair, por isso peçam-Me força, porque Eu tenho a força para esmagar a cabeça do demônio.³⁶⁶

Assim, o que se compreende através do que é dito pela própria santa, é que ela necessita do ser humano para se manifestar no mundo humano. É a partir de atos humanos, objetivados em orações, obediência e penitências que o ser humano se fortalece para atuar de forma a controlar o mal que se manifesta também através de comportamentos humanos.

Meus filhos, não se esqueçam de rezar! É a oração que pode defendê-los dos castigos. Vocês, meus filhos, vocês não viram nada! Os castigos vão continuar cada vez pior, vocês devem bater seus joelhos em terra e Me pedir e Me pedir a Deus para terem a Graça. Tudo agora é tempo!³⁶⁷

Da mesma forma, os castigos que ela anuncia para um tempo próximo são uma consequência direta dos atos das pessoas, que provocaram um desequilíbrio no mundo. “O mar está subindo, avançando para a terra. Terremotos e outros castigos vão acontecer.”³⁶⁸

Embora seja permitido por Deus³⁶⁹ que estes fatos ocorram à humanidade, esta forma de punição é consequência dos próprios atos humanos e não vem diretamente dele como uma retaliação à desobediência a seus desejos, pois é Sua vontade que os seres humanos se arrependam de seus pecados e encontrem a salvação.³⁷⁰ A obediência, sim, a que se realizem atos de penitências e orações, agora é necessária para que o equilíbrio entre cosmos e caos seja restaurado. E é através de Nossa Senhora que Deus vem ensinar aos homens como restabelecer este equilíbrio. Berger diz que os sentidos humanos são projetados no universo e que a religião representa o máximo em exteriorização. A projeção do sagrado no mundo humano é a “ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo.”³⁷¹

³⁶⁵ 1º Livro de Tombo. Mensagem datada de 22 de novembro de 1971.

³⁶⁶ Idem. Datada de 29 de dezembro de 1970.

³⁶⁷ 3º Livro de Tombo. Mensagem datada de 02 de janeiro de 2000.

³⁶⁸ 2º Livro de Tombo. Mensagem datada de 16 de junho de 1976.

³⁶⁹ Idem. Datada de 04 de julho de 1976: “Meus filhos, mudem de vida. Quem tem poder sobre a natureza é somente Deus.”

³⁷⁰ Id. Datada de 08 de dezembro de 1976: “Filhos, se cai uma folha da árvore, é porque Deus permitiu assim...”

³⁷¹ Cf. BERGER, Peter. O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 41

Num nível mais profundo, todavia, o sagrado tem outra categoria oposta, a do caos. O cosmos sagrado emerge do caos e continua a enfrentá-lo como seu terrível contrário. Essa oposição entre o cosmos e o caos é frequentemente expressa por vários mitos cosmogônicos. O cosmos sagrado, que transcende e inclui o homem na sua ordenação da realidade, fornece o supremo escudo do homem contra o terror da anomia. Achar-se numa relação “correta” com o cosmos sagrado é ser protegido contra o pesadelo das ameaças do caos.³⁷²

Berger diz que quando a realidade social se identifica com a realidade última do universo, a negação desta realidade vem a significar o mal ou a loucura. O negador ingressa em uma qualidade negativa, a realidade do demônio. Durante os anos em que Padre João e Padre Vinícius “combateram” contra a Santa Montanha, várias mensagens de Nossa Senhora fazem referências a este comportamento como “uma afronta contra a ordem suprema que abarca deuses e homens, e, na realidade, todos os seres.”³⁷³

Há muitos padres encaminhando muitas almas para o inferno! Os padres que desobedecem a Nosso Senhor vêem o calor do inferno.³⁷⁴

As missas dos padres sem batina não são válidas. Eles estão cometendo um grande pecado. Estão ofendendo Sagrado Coração de Jesus.³⁷⁵

Muitos padres serão castigados. Eles não enxergam a desordem!³⁷⁶

Os padres que tirarem a batina vão ficar loucos. Que tristeza. Revoltam-se contra Mim. (...) Filhos, um padre está revoltado com a minha aparição. Vai ficar louco...³⁷⁷

Pode-se observar pelo relato de Edson que ele compreende o significado do caos no mundo, representado pela presença do demônio, mas também sabe da existência de seu oponente, o cosmos sagrado, que ordena e protege o ser humano quando em atitude correta.

Porque eles falavam assim: - “É o capeta que está aparecendo lá, é o coisa ruim.” Mas coisa ruim vai pedir à pessoa só pra fazer coisa boa? Coisa ruim, pelo que eu sei, ele só quer coisa ruim. Podia até aparecer, mas quem dominou lá foi coisa do bem.

É através da exteriorização das aparições de Nossa Senhora entre os homens que é estabelecida e reafirmada a sua existência, ou seja, é pela transmissão da sua presença

³⁷² BERGER, Peter. O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 40.

³⁷³ Cf. BERGER, Peter. O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 52.

³⁷⁴ 2º Livro de Tombo. Mensagem datada de 03 de outubro de 1976.

³⁷⁵ Idem. Datada de 09 de março de 1976.

³⁷⁶ Id. Em 15 de julho de 1976.

³⁷⁷ Id. Em 01 de agosto de 1976.

que esta atinge objetividade e se expande no mundo humano.³⁷⁸ Seus pedidos para que as pessoas divulguem as aparições na montanha podem ser encontrados em várias mensagens: - “Não descuidem de dar as notícias da Aparição para seus colegas! Escrevam para os de longe, os que estão esquecendo de Nossa Senhora!”³⁷⁹

Berger diz que o ser humano, ao criar um mundo simbólico, vem a estabelecer um cosmos sagrado onde as situações que ocorrem na vida cotidiana são integradas com a realidade distinta deste universo. Um mundo religioso, da mesma forma que a sociedade, age sobre o indivíduo e o molda. Este mundo/cosmos se apresenta ao homem como algo distinto, que existe “lá fora”, extraordinário e perigoso, e ao mesmo tempo inclui, ordena e dota de significados sua existência, protegendo contra o caos e a anomia.

A religião representa o ponto máximo da auto-exteriorização do homem pela infusão, dos seus próprios sentidos, sobre a realidade. A religião supõe que a ordem humana é projetada na totalidade do ser. Ou por outra, a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo.³⁸⁰

É de se destacar que, embora em algumas mensagens Nossa Senhora diga que foi enviada pelo Pai para encaminhar seus filhos para o Céu e faça sempre referência a seu filho Jesus, ela se apresenta fundamentalmente como um par, não com o Filho, mas como a contraparte feminina do próprio Deus. Assim, Deus não é compreendido como uma Trindade, composta do Pai, do Filho e do Espírito Santo, mas como uma unidade, um Deus único que se manifestou como Filho ao se tornar humano através de Nossa Senhora e morrendo na cruz ou como o Espírito Santo ao iluminar os seres humanos para que compreendam Suas verdades, que também são as mesmas verdades anunciadas pela santa. Nas mensagens recebidas por Levina, percebe-se uma simbiose entre Deus e Nossa Senhora, quando, embora citados como pessoas separadas, suas características se misturam.

Tudo passa, mas minhas palavras não passarão.³⁸¹

No Céu todos são anjos, cantando e louvando a Deus e a Mim.³⁸²

³⁷⁸ Mensagem datada de 17 de novembro de 1968 retirada do livro Apóstolos da Virgem Maria. Santa Montanha: 30 anos de aparições, Direitos reservados à Obra da Divina Misericórdia, 1ª edição, 2 de fevereiro de 1966: “Pede aos apóstolos escolhidos por Ela para divulgar as Suas mensagens, falar da Santa Aparição e procurar não cometer erros.

³⁷⁹ 2º Livro de Tombo. Mensagem datada 05 de dezembro de 1975.

³⁸⁰ BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 41

³⁸¹ 2º Livro de Tombo. Mensagem datada de 04 de outubro de 1976.

Peço a todos que se reúnam para receberem as Bênçãos de Deus e a Minha.³⁸³

Eu sou a Virgem Maria Santíssima a Mãe verdadeira do mundo, vim ao mundo para converter a todos. Eu quero levar todos para o céu, não tenham medo, quem confiar em mim confia nas palavras de Deus e da Virgem Maria Santíssima.³⁸⁴

Eu estou aqui para dar as suas graças, o Divino Espírito Santo sobre a presença da Virgem Maria Santíssima com uma estrela.³⁸⁵

Rezem mais pois os castigos já estão próximos. Que tristeza! Peçam a Deus e a Mim para revogar estes castigos...³⁸⁶

Filhos, vai apresentar-se o Protetor, o advogado de vocês. Olhem para o Céu. [Jesus apareceu].³⁸⁷

Eu sou a Virgem Maria Santíssima e quem morrer por Mim estará salvo.³⁸⁸

Tudo passa, mas Minhas palavras não passarão.³⁸⁹

Essas orações que lhes deixo são para espantar o demônio, que tem que se retirar com o poder de Deus e com Meu Poder.³⁹⁰

Teresa Rosa, em sua fala, demonstra que compreende a presença de Nossa Senhora como Ela mesma se apresenta, representando o mais alto grau de expressividade do sagrado no mundo humano:

Teresa Rosa [sobre o episódio em que o DOPS invadiu a montanha]: Ela [Levina] falou assim: “Olha, Nossa Senhora já levantou o dedo pra nós. Obedecer. Vamos descer”. Aí nós descemos. Diz ela que parece que Nossa Senhora jogou aquele manto que cobriu todo mundo. Até a polícia. Não tem nada como Nossa Senhora não, gente. Ela é dona de tudo, né? É dela.

O último elemento que compõe o mundo simbólico existente na Santa Montanha, o Menino Jesus Celeste, que surgiu dez anos depois do primeiro relato das aparições de Nossa Senhora veio, com sua presença, complementar o papel que a santa representa no mundo humano: a Mãe. Neste mundo/cosmos, Jesus se apresenta não como o Filho, integrante de uma Trindade, mas como o próprio Deus manifestado em Jesus Celeste, o que permite a Nossa Senhora se revelar como a mãe do Pai.

³⁸² 2º Livro de Tombo. Mensagem datada de 06 de março de 1976.

³⁸³ 1º Livro de Tombo. Mensagem datada de 24 de janeiro de 1971.

³⁸⁴ Idem. Em 25 de fevereiro de 1972.

³⁸⁵ Id. Em 21 de fevereiro de 1969.

³⁸⁶ Id. Em 01 de outubro de 1971.

³⁸⁷ 2º Livro de Tombo. Mensagem datada de 16 de setembro de 1976.

³⁸⁸ 1º Livro de Tombo. Mensagem datada de 30 de maio de 1969.

³⁸⁹ 2º Livro de Tombo. Mensagem datada de 04 de outubro de 1976.

³⁹⁰ 1º Livro de Tombo. Mensagem datada de 28 de janeiro de 1971.

O Pai do Céu está enviando Sua Mãe à terra para chamar a atenção de todos vocês. Filhos, vocês pertencem a Deus. Vivam pelas Minhas Verdades. Entreguem todo o seu ser por Mim.³⁹¹

Teresa Rosa: Jesus é severo, ninguém brinca com Deus não, que ele é severo.

Irmã do Rosário: Jesus Celeste é Deus, tem todo o poder. Se Ele quiser, Ele pode me dar a graça da cura.

Teresa Rosa: É pra gente chorar. Eu chorava quando eu via aquela imagem. E quando ela [Levina] falava assim: - “Ele quer ir com você, Teresa.” Ai, pra quê, a gente chorava, sabe? A gente não é digno de pegar. A gente achava que não era. Mas se ele queria vim com a gente, Deus, Ele sabe dos nossos defeitos. Ele escolhe a gente com os defeitos da gente.

O que percebi, enquanto digitava as entrevistas, é que havia da minha parte uma preocupação em datar os acontecimentos que não era compartilhada pelos entrevistados. Quando tentava colocar um evento no tempo cronológico, recebia respostas que mostravam que, para estas pessoas, os fatos que ocorriam não se situavam no calendário, mas eram marcados por um tempo relativo, quando os eventos eram fixados em relação à sua importância na biografia pessoal e principalmente com a história da comunidade. Esta despreocupação com o tempo parece refletir a atemporalidade que acompanha as figuras de Jesus e de Nossa Senhora. O Menino Jesus Celeste, quando se anuncia como o criador do mundo e a santa, ao se declarar a mãe de Deus, do mundo e de todos os seres humanos, se caracterizam como desvinculados do tempo humano, localizados em um tempo cósmico que não era, não será, mas apenas é.

Maria: Ah, tem, isso tem muito tempo. Porque eu não tinha nem os filhos ainda.

Teresa Rosa: [sobre a entrada de Irmã Henriqueta para o convento há mais de trinta anos]: Ela entrou tem pouco. Menina.

Orlandina: [penitências] Foi durante uns três anos. Porque foi de arrancar pedaço de joelho, mesmo. Uns três anos. Eu não marquei a data. A gente ia passando por aquele negócio, não sabia o que ia acontecer.

Terezinha Anacleto: Lembro, só que não tenho a data certa de vim.

Terezinha Anacleto: [G: Tem mais alguma coisa que você lembra?] Agora não estou lembrando não. Agora tem esse que eu falei com você, mas a gente não marcava a data.

Irmã Henriqueta: Porque depois quando a madrinha foi pra lá morar, a madrinha morou dois anos pro lado de Ervália, aí o pessoal ia pra lá, daqui o povo que acompanhava ia pra lá também. Ficou, ela ficou bastante tempo lá. [Quando disse que padre Estêvão falou que Levina morou em Ervália por

³⁹¹ 2º Livro de Tombo. Mensagem datada de 15 de novembro de 1976.

cinco anos]: Não gravei se ficou assim por cinco anos, porque a gente não prestava muita atenção.

Terezinha Anacleto: O ano eu não estou bem a par. Eu vou ver se eu recordo, vou perguntar à Teresinha que a Teresinha veio primeiro que eu para aqui. Mas eu vou dar uma olhada porque, quando eu vim pra cá, o irmão desse que está aí estava com três anos. Não, com dois anos, o Geraldo.

Da mesma maneira que o próprio Deus, que se revela como Menino Jesus em várias imagens e sob nomes diversos, Nossa Senhora também é uma e múltipla e se faz presente não só sob várias denominações, mas também de diferentes formas.

Orlandina: [em uma ocasião durante a aparição da santa] Eu falei que eu vi igual eu vi uma criança. Igual a uma coroadeira. Mas não falei com ninguém, fiquei só olhando. Não sei se estou vendo mesmo, embaçado num tipo de uma nuvem, aí ela me chamou na hora da aparição. – “Orlandina, vem aqui falar do jeito que você está vendo Nossa Senhora.” - Como que ela [Levina] sabe que eu estava vendo?

Orlandina: [no episódio sobre o sinal no sol] Quando eu cheguei e fiquei aos pés de Nossa Senhora, senti aquela voz de criança, foi aquele perfume de rosas e essência. Voz de criança cantando, eu achei que era a menina da Dona Levina. Quando eu voltei, falei com Dona Levina, ela falou: - “Não, a minha menina está dormindo. Nossa Senhora cobriu você todinha com o manto, todinho de rosas. Cantou em volta de você.”

Teresinha Anacleto: A Efigênia, quando ela ia contar os casos da aparição, ela ficou horas e horas. Eu ia sair daqui pra ir na casa dela, chegava lá onde nós morou, eu ficava conversando com ela até de tarde, só baixava o cavaco e não ia, voltava pra casa. Ela tirou foto de uma imagem dela [Nossa Senhora]... Chegando lá a senhora pergunta pra ela se ela tirou foto de Nossa Senhora aqui na capela. Ela trouxe as flores da casa dela, que era muita flor bonita, copo de leite, muita rosa, enfeitou bem enfeitado o altar e tirou foto. Agora eu não sei se foi a Maria que tirou foto pra ela. E a imagem viva desceu. Tirou foto dela lá no altar, ela não saiu, saiu embaixo, no chão. A imagem viva de Nossa Senhora.

Orlandina descreve um momento em que o Menino Jesus decidiu onde seria construída a Casa dos Padres. Por este relato, pode-se ver uma realidade onde se compreende a existência de Deus como um Ser único, criador do mundo, que se manifesta como quer, inclusive na forma de Jesus criança vivendo na montanha, encarnado em sua imagem e despido de qualquer racionalidade. Também pelo que foi dito por Teresa e Irmã Lourdes, vê-se que Deus, feito Jesus, se revela de diversas maneiras, assumindo a aparência que mais lhe convém em cada situação específica.

Orlandina: No dia em que a Dona Vica levou o Menino Jesus pra mostrar, fazer a Casa dos Padres ali, aí o padre Ferrari falou com ela assim: - “Dona Levina, mas aqui está muito difícil, tem muita pedra.” Ela falou assim: - “O Menino Jesus estava respondendo, falando que quando Ele fez o mundo Ele

não pediu autorização de ninguém, está marcando que a Casa dos Padres vai ser aqui. Quando Ele fez o mundo, Ele não pediu autorização de ninguém.”

Teresa Rosa: Que até uma vez, Jesus adulto apareceu pra ela [Levina] e falou, se ela não obedecesse, Ele ia levar ela e botar ela no purgatório.

Irmã Lourdes: Quer dizer, só ela [Levina] que via Ele. Ele sentadinho no trono, três anos, quatro anos. E nas ordenações dos sacerdotes aqui, ele ficava assim um jovem de 13 anos. Doze, treze anos.

O Menino Jesus Celeste, a partir de sua chegada à montanha, impregnou com sua presença este mundo simbólico existente em torno de Nossa Senhora com tamanha alegria, doçura e energia, que os momentos em que agia com severidade, em um rigor muitas vezes implacável, eram aceitos sem qualquer questionamento, como uma dádiva, um presente, não como um castigo por alguma falta cometida. Vários relatos já citados, assim como o que também foi dito por Irmã Henriqueta e Irmã do Rosário demonstram estes momentos em que Jesus menino preenchia o mundo com descontração, suavidade, embora rigidamente:

Irmã Henriqueta: Jesus falou assim, sabe, todo mundo que vem pra cá, pode ser o mais assim que sabe muito, ele pôs eles tudo bobinho. Mas era mesmo. Padres chegavam aqui, ficavam assim, ele conquistava eles de uma tal forma que a senhora ficava assim extasiada com a presença dele.

[Dom Mauro] Foi embora logo depois. Mas sumiu de repente. Aí depois, passado um tempo, ele escreveu uma carta pedindo perdão pra Jesus, se arrependeu do que tinha feito, queria voltar. Jesus falou assim: - “Não, eu te perdôo mas é pra você ficar no seu lugar onde você está mesmo.” Nem respondeu pra ele carta nem nada.

Irmã do Rosário: Um dia, foi tão engraçado, eu estava na cozinha, fiz a comida, porque naquele tempo eu assumi a cozinha da Irmã Auxiliadora. Eu fiz a comida, quando pouco eu cheguei lá e disse: - “Benção, Jesus.” Ele [Menino Jesus Celeste] disse assim: - “Vou te puxar as orelhas.” Eu falei: - “Jesus, eu fiz alguma coisa errada?” - “Fez sim, você fez pouco papá. Não faça outra não.” E eu mesmo não sabia.

Jesus da Cruz, um dia eu cheguei lá, ele veio comigo, e ele falou assim: - “Irmã do Rosário, vou te dar uma cruz.” - “Se for para a vossa Glória, pelo bem das almas, o Senhor pode me dar.” Aí nesse dia eu tive dor de ouvido, mas foi antes do câncer. Mas doeu, doeu a noite inteira, passei tanto aperto, meu Deus! Ele falou que ia me dar uma cruz. Mas doeu, doeu. No dia seguinte, passou. Quando eu cheguei: - “Muito obrigada pela cruz.” Ele disse: - “Não foi cruz, não, foi cruzeiro.” Foi muito bonitinho, engraçadinho. Ele falou que foi um cruzeiro.

Mas acontecia muita coisa assim com a gente. Sabe, muita coisa engraçada. Mas no fim, ele [Menino Jesus] puxava. Precisava. Hoje é que eu estou vendo porque que puxava as orelhas da gente. Para o bem da gente, porque ele sabia que a gente ia ficar sozinha, sem a vidente, sem os recadinhos dele. Se não tivesse puxado as orelhas, a gente ia, ia pra onde?

O sagrado, para Berger, é compreendido pelo ser humano como algo distinto dele e que refere-se ao homem, mas relaciona-se com ele de forma diferente dos fenômenos de natureza não-sagrada. Desta forma,

... o cosmos postulado pela religião transcende, e ao mesmo tempo, inclui o homem. O homem enfrenta o sagrado como uma realidade imensamente poderosa distinta dele. Essa realidade a ele se dirige, no entanto, e coloca a sua vida numa ordem, dotada de significado.³⁹²

Esta compreensão do sagrado em estreita relação com o ser humano atinge uma manifestação extrema no mundo simbólico existente na Santa Montanha, com a integração de cosmos e mundo em uma única realidade. O mundo assim percebido permite o entendimento de que a realidade humana reflete a realidade última, universal e sagrada, e “os *nomoi* humanamente construídos ganham um *status* cósmico.”³⁹³ As instituições, quando legitimadas,

tornam-se inevitáveis, porque são aceitas como óbvias não só pelos homens como pelos deuses. Sua fragilidade empírica é transformada numa estabilidade subjugadora quando são compreendidas como meras manifestações da estrutura subjacente do universo. Transcendem a morte dos indivíduos e a dissolução de coletividades inteiras, porque se fundam agora em um tempo sagrado no qual a história humana é um simples episódio. Num certo sentido, por conseguinte, tornam-se imortais.³⁹⁴

São vários os relatos que dizem que Nossa Senhora e Jesus participavam das procissões e penitências junto com os moradores. Neste mundo não só a mãe de Deus, mas o próprio Deus se inclui, vivendo entre os seres humanos e participando do cotidiano de todos eles, ordenando os atos e dando significado à existência.

Teresa Rosa: Tinha dia que fazia procissão de madrugada, nós saía, Dona Nelvina ia. Cada lugar que ela ia, que Nossa Senhora passava, ela falava, a marquinha dos pés dele [Jesus] é aqui. A Dona Nelvina passava, nós ia atrás dela.

Irmã Henriqueta: Então ele [o padre] vinha com o Santíssimo e deixava lá na fazenda. Celebrava missa lá e depois vinha com o Santíssimo. Diz o papai que veio uma nuvem de vagalume alumando a estrada pra Jesus passar. Aqui nesse trecho aqui.

³⁹² BERGER, Peter. O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 39.

³⁹³ Cf. BERGER, Peter. O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p.49.

³⁹⁴ BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 50

Teresa Rosa: Lembro aquele vez que ele [Jesus] quis ir em Muriaé, eu tive que ir pra Ervália, de Ervália nós passamos pra Coimbra, Coimbra, São Geraldo, saía aqui em Visconde do Rio Branco.

Maria: Porque aqui tudo era tudo Jesus é que marcava pra gente fazer. Você vai fazer isto, você vai fazer aquilo, tudo a gente tinha que pedir pra fazer...

Irmã Henriqueta: Já tinha mudado pra cá. Eu não parava em casa. Parece que me dava... de noite, às vezes eu estava dormindo, acordava com aquela sensação. Gente, parece que alguém está me chamando, ficava com aquele negócio apertado, e era Ele [Jesus]. Daí a pouco, ou Ele mandava alguém chamar, quando a gente estava aqui no convento aconteceu muitas vezes. Eu estava dormindo e acordava assim, parece que Ele me acordava, dali a pouco eu escutava alguém cantando, alguém chamando.

A religião, de acordo com Berger, pressupõe uma união permanente entre o mundo dos homens e o mundo dos deuses. Ela insere o mundo humano em uma ordem cósmica que abarca o universo inteiro.³⁹⁵ O ritual religioso reafirma a união dos acontecimentos com as forças divinas transmitindo o sentimento de segurança e de sentido. O catolicismo, como religião a ser vivida, através dos rituais que o acompanham e legitimam, durante o período em que não havia padres na montanha, era praticado sem a intermediação da igreja institucional, e os relatos dizem que as missas eram celebradas diretamente por Nossa Senhora, pelo Menino Jesus e por São Miguel. Conforme foi dito pelos entrevistados, durante as missas ou nas aparições da santa e de Jesus, também eram eles que ministravam a eucaristia.

A minha missa que foi pedida no dia 25 de março vocês não ouviram a missa? Todos vocês que estão preparados nos pés da Virgem Maria Santíssima então a missa foi celebrada com a Virgem Maria Santíssima, todos assistiram. Eu dei a minha bênção na hora da minha missa, meus filhos disseram: porque que não teve a missa? A Virgem Maria Santíssima foi Ela que o celebrou no lugar do Pe. Geraldo Maria de Oliveira.³⁹⁶

Irmã Henriqueta: Ele celebrou uma missa aqui na capela. O Menino Jesus Celeste, que o padre não pôde vim. Ele falou assim:- “Eu que vou celebrar.” A Esperança estava aí nesta época, a Esperança, e tinha um senhor do Espírito Santo. Ele era médico, ele era dono dessa casa aí embaixo. Tinha uma filha e um filho, Maurício que chamava o filho dele. E uma filha que chamava Vera. Que estava aí nesse dia era só o filho dele que estava aí, que ia assistir à missa e ele duvidou. Na hora ele teve dúvida de que Jesus estava celebrando a missa. Aí a madrinha arrumava a hóstia com o padre, estava aquela hóstia grande, colocava o cálice ali no altar, como se fosse com o padre celebrar. Aí celebrou a missa. Quando acabou a missa, a madrinha chamou ele: - “Vem cá pra você ver uma coisa.” Cadê a hóstia? Jesus consumiu a hóstia. A hóstia não estava lá. Sumiu. Tudo o que estava no cálice e a hóstia também sumiu.

³⁹⁵ Cf. BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 126.

³⁹⁶ 1º Livro de Tombo, mensagem datada de 30 de março de 1969.

Teresa Rosa: Um anjo deu a comunhão pra nós. Eu não vi, a Dona Levina é que via. Ela comungava, pode ir que o anjo vai dar a comunhão. A gente sentia. Esses nove dias.

Orlandina: Nós íamos à missa aqui, não tinha lugar pra nós ir à missa. Depois nós afastou. Nós afastou. Todo dia às 3 horas da tarde, Nossa Senhora ficava presente e ela falava assim: - “Vocês estão recebendo a comunhão espiritual. Nossa Senhora está dando a comunhão espiritual pra vocês.”

Irmã Henriqueta: Ele deu pra gente, o Anjo São Miguel que deu comunhão pro pessoal aqui. A gente não via, a madrinha só que via as hóstias. Diz a madrinha que a hóstia era até azulzinha. Ela pôs só a hóstia grande lá, mas as pequenininhas não. Aí a gente comungou com São Miguel. Todo mundo que estava aí.

As confissões eram feitas diretamente ao Menino Jesus, em sua capela, perante sua imagem, quando as pessoas também podiam fazer pedidos a Ele, que incluíam orientações, questões sobre saúde e fatos relacionados ao dia a dia. As respostas de Jesus aos pedidos eram transmitidas pela vidente Levina, que se sentava ao lado do seu balainho e ia repetindo suas palavras.

Paulo: As pessoas iam na capelinha, o Menino Jesus estava lá e ajoelhavam perto da imagem de Jesus e confessavam com a imagem do Menino Jesus. Como se estivesse confessando com um padre, a gente confessava com o Menino Jesus. Os pedidos, a gente fazia pedido pra dona Nelvina, fazia pedido pro Menino Jesus, o pedido que a gente queria, saúde pra família, qualquer coisa que a gente perguntava pra Jesus. Ajoelhava perto da dona Nelvina, que ela ficava sentada perto da imagem e aí fazia os pedidos pra dona Nelvina, aliás, pra Jesus, aí ela ouvindo, falava pra nós a resposta. Era dentro da Capela do Menino Jesus.

Aloísio: Pedia, recebia milagre, tudo através dali. Ela [Levina] explicava tudo. Tudo que você perguntava ela, Menino Jesus, aí ela respondia. Era como confissão. Ela respondia tudo. Respondia tudo. O Menino Jesus.

Edson: Eu acredito que tinha aparição. Tinha. Eu mesmo fazia muito pedido lá. Que tinha a sala do Menino Jesus, todo domingo a Dona Levina conversava com Jesus. Aí nós íamos lá fazer pedido quase todo domingo. Quando ela era viva. Eu mesmo já fiz muito pedido lá.

A Santa Montanha é compreendida pelos moradores como sendo uma barca, da mesma forma com que Santo Agostinho se refere à Igreja. Mas possui também uma outra conotação, menos metafórica, que a situa concretamente no mundo humano e, por consequência, a Barca de Nossa Senhora também é disputada pelo demônio. São diversas as mensagens, que perduraram durante toda a vida da vidente Levina, que falam sobre as catástrofes que atingirão o planeta brevemente, especialmente a elevação do nível do mar, quando a terra será tomada pelas águas e extinguirá a maior parte dos seres humanos. A Santa Montanha, assim, significa o mundo físico de Nossa Senhora e

do Menino Jesus na terra, lugar que escolheram para se manifestar aos homens e que espera por aqueles que agirem com obediência aos desejos dos dois, mas também é vista como um barco onde as pessoas deverão permanecer ou se dirigir para não serem atingidas fisicamente pelas águas.

Maria: Eu acho assim que é porque Nossa Senhora escolheu esse lugar aqui pra ela. Que igual ela falou uma vez. Que até escrito a mensagem. Que ela falou que aqui na Santa Montanha é um barco. É um barco. Então, eu acho assim que ele [o demônio], ele tinha vontade que fosse dele, pra colher pra ele. Então, ele estava lutando. Com Nossa Senhora. Nossa Senhora falou sim, que aqui ia ser uma barca dela, que a única salvação era este lugar. Que aqui que ia salvar, que ia ter a barca poder salvar as pessoas. Então, que era pra todo mundo pra... num sentido assim, vamos supor, se uma pessoa vê uma coisa que está ficando coisa, então a pessoa, o lugar de correr é pra Santa Montanha.

Irmã do Rosário: Mas sabe que eu ainda digo mais, que eu gosto tanto desse convento aqui, que é um lugar muito sagrado, Nossa Senhora da Misericórdia falou com a gente, sem a gente merecer, que esse convento é um convento diferente dos outros. Não é como lá fora não. Aqui têm bênçãos especiais nesse convento. Uma barca. Todos na barca de Nossa Senhora, não tem ninguém fora da barca.

N.S está fazendo a sua barca quem não quiser entrar vão arrepender, quem não entrar vão sofrer depois é tarde.³⁹⁷

Vai haver 3 anos de fome vai haver tantas guerras, vai haver castigos em todo lugar, vão preparando para a barca de N.S na S. Montanha.³⁹⁸

Quem quer ficar na Barca comigo? Eu escolhi este cantinho e quero todos os meus filhos na Santa Montanha.³⁹⁹

Beatriz: Porque tem assim, teve uma mensagem que Nossa Senhora falou que o único lugar que vai ficar é aqui. Que Nossa Senhora fala, que falou também que vai acabar com o mundo, vai acabar. Mas ele [Jesus] não vai dizer quando, não vai dizer como e é só pra todo mundo rezar.

Irmã Lourdes: Aqui, porque é um lugar muito especial de Nossa Senhora. Ela falou que escolheu este lugarzinho pra Ela pra segurar a Igreja do seu Divino Filho. Que estava por um fio, mas não ia arrebentar. De que maneira? Porque estava toda renovação na Igreja toda. Tirando altar do lugar, tirando tudo. E Ela apareceu aqui, falou, eu quero assim. Aqui é como o meu Divino Filho deixou, que vai ser, continuar aqui.

Berger diz que, a partir de um quadro de referência da sociologia ou de qualquer outra ciência, a análise científica não pode admitir que uma outra realidade invada ou confine com o mundo empírico. Uma outra realidade que envolva traços do sagrado não está disponível a não ser como enclaves no mundo da experiência humana e devem ser

³⁹⁷ 2º Livro de Tombo. Mensagem datada de julho de 1976.

³⁹⁸ Idem. Em 06 de março de 1977.

³⁹⁹ Id. Em 07 de agosto de 1976.

analisados como elementos da construção humana no mundo social. Mesmo que a presença de seres e forças que são alheias ao mundo humano seja verdade, não há como se processar uma investigação empírica que prove esta presença.

Não obstante o que as constelações do sagrado possam ser “em essência”, empiricamente são produtos da atividade e da significação humanas – ou seja, são projeções humanas.⁴⁰⁰

Para ele, questões referentes a uma disciplina empírica não podem encontrar respostas num quadro de referência de uma disciplina não-empírica. A teoria sociológica necessita encarar a religião como projeção humana, mas ao mesmo tempo não pode se manifestar sobre a possibilidade desta projeção possuir um *status* último independente do homem.

Colocando-se de forma diferente, a teoria sociológica (e, na verdade, qualquer outra teoria que se move na estrutura das disciplinas empíricas) sempre há de encarar a religião *sub specie temporis*, deixando aberta necessariamente, portanto, a questão de se e como ela também poderia ser vista *sub specie aeternitatis*.⁴⁰¹

Berger, ao longo de sua obra nos anos 1960, começa a deixar em aberto, em “A Construção Social da Realidade”, editada pela primeira vez em 1966 juntamente com Thomas Luckmann, colocações esparsas sobre a necessidade da sociologia do conhecimento de manter um diálogo com outras disciplinas que ele classifica de humanistas. Assim, abre a possibilidade da religião significar algo mais se vista sob a perspectiva antropológica. Ao entabular um diálogo entre a sociologia e a antropologia, Berger diz que assim, “a projeção humana de sentidos no universo, afinal de contas, aponta para um sentido que tudo abarca e no qual o próprio homem está baseado.”⁴⁰²

De acordo com o autor, este pensamento se encontra subentendido nas primeiras ideias de Hegel sobre a dialética, em que este desenvolveu o conceito de que a mente (ou espírito) – Geist - manifesta-se em um conjunto de contradições e oposições que integram-se e se unem, sem eliminar quaisquer dos pólos ou reduzir um ao outro. Berger diz que uma teoria sociológica da religião, especialmente da sociologia do conhecimento, precisa levar em consideração que a religião é uma projeção humana.

⁴⁰⁰ BERGER, Peter. O Dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 101.

⁴⁰¹ Idem. p. 186.

⁴⁰² Idem. p. 186.

Mas, em um desafio que este autor lança à sociologia, em “O Dossel Sagrado”, de 1969, e em “Um Rumor de Anjos”, com primeira edição também no mesmo ano, ele diz que é

logicamente possível que ambas as perspectivas possam coexistir, cada uma dentro de seu quadro particular de referência. O que parece como projeção humana numa, pode parecer como um reflexo de realidades divinas noutra. A lógica da primeira perspectiva não impede a possibilidade da segunda.⁴⁰³

Para exemplificar esta questão, ele utiliza-se de uma analogia: a matemática é uma projeção na realidade de algumas estruturas do pensamento humano. Mesmo isolado do resto do mundo, o matemático constrói universos que são criações do intelecto humano, estruturas da consciência humana. A reiterada descoberta de que a natureza é essencialmente uma textura de relações matemáticas têm surpreendido a ciência moderna, que não compreende como isto é possível.

...a matemática que o ser humano projeta a partir de sua própria consciência corresponde de alguma maneira a uma realidade matemática que lhe é externa e que, realmente, sua consciência parece refletir. (...) Projeção e reflexão são movimentos dentro de uma mesma realidade abarcadora.⁴⁰⁴

Para Berger, mais interessante ainda é perceber que a sociologia pode mostrar que estas projeções, na história do pensamento moderno, originam-se em infraestruturas específicas que mostram que, sem o desenvolvimento dessas projeções o desenvolvimento do pensamento talvez não tivesse ocorrido.⁴⁰⁵

Ser grato, *qua* sociólogo, a Marx, por essa inversão da dialética hegeliana em benefício de um entendimento empírico das coisas humanas, não impede que, *qua* teólogo, se possa uma vez mais pôr Marx de cabeça para baixo, exatamente na medida em que está claro que as duas construções dialéticas ocorrem em quadros de referência estritamente discrepantes. Para dizê-lo de modo mais simples, isso implicaria que o homem projeta significados últimos na realidade porque a realidade tem, de fato, um significado último, e porque seu próprio ser (base empírica dessas projeções) contém e pretende esses significados últimos.⁴⁰⁶

O mundo onde o ser humano habita é um mundo humano, construído por seres humanos. O que quer que ele exteriorize, continua sendo projeções humanas. Se as projeções religiosas parecem corresponder a uma realidade sobrenatural, a antropologia seria o ponto de partida para procurar vestígios desta realidade no próprio projetor.

⁴⁰³ BERGER, Peter. Um Rumor de Anjos. Petrópolis: Vozes, p. 68.

⁴⁰⁴ BERGER, Peter. Um Rumor de Anjos. Petrópolis: Vozes, p. 68.

⁴⁰⁵ Cf. BERGER, Peter. O Dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 187.

⁴⁰⁶ BERGER, Peter. O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, ed. 2004, p. 186/187.

Assim, ao projetar proposições matemáticas que existem no universo, o ser humano torna-se o veículo através do qual estas proposições vêm a se manifestar no mundo humano. Projeção e reflexão. Assim também, ao aflorar como pensamento subjetivo, aquilo que há no universo passa a existir objetivamente, através da exteriorização, no mundo humano, portanto, como criação do pensamento humano. Assim, é neste diálogo com a antropologia e também com a teologia a partir da sociologia do conhecimento, que Berger diz que o teólogo somente

...depois de dominar realmente o que significa dizer que a religião é uma projeção ou um produto humano, é que ele pode começar a procurar, *dentro* deste conjunto de projeções, os possíveis sinais de transcendência.⁴⁰⁷

Para Berger e Luckmann, o ser humano, em decorrência de seu aparato biológico, está predestinado a construir um mundo e habitar este mundo com seus semelhantes que vem a se tornar “para ele a realidade dominante e definitiva.”⁴⁰⁸ E a construção deste mundo, que possui um limite determinado pela natureza humana faz com que ele exerça uma função de retorno sobre a natureza.

Na dialética entre a natureza e o mundo socialmente construído, o organismo humano se transforma. Nesta mesma dialética o homem produz a realidade e com isso se produz a si mesmo.⁴⁰⁹

Os autores dizem que o seu pensamento exposto em “A construção social da realidade”, fornece uma perspectiva particular sobre as diversas áreas específicas de interesse sociológico, e que através deste pensamento, procuraram apresentar uma exposição geral e sistemática do papel do conhecimento na sociedade.⁴¹⁰ A sociologia do conhecimento, como entendida por eles, compreende que é através da vida social que o ser humano constrói uma realidade humana. Dizem também que a filosofia tem se ocupado com este tema, que pode trazer benefícios, além da filosofia, também para a antropologia, ao mostrar uma visão que se refere aos pressupostos biológicos da existência humana. Esta visão especial sobre a sociologia do conhecimento não implica

⁴⁰⁷ BERGER, Peter. O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, ed. 2004, p. 192.

⁴⁰⁸ Cf. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 233.

⁴⁰⁹ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 233.

⁴¹⁰ Cf. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 235.

dizer que esta não é uma ciência, “que seus métodos não devam ser empíricos ou que não pode ser “livre de valores.”⁴¹¹

Implica que a sociologia toma seu lugar na companhia das ciências que tratam do homem *enquanto* homem. Neste particular sentido, é uma disciplina humanista. Uma consequência importante desta concepção é que a sociologia deve ser realizada em um contínuo diálogo com a história e a filosofia, ou perder seu objeto próprio de pesquisa. Este objeto é a sociedade como parte de um mundo humano, feito pelos homens, habitado por homens e, por sua vez, fazendo os homens, em contínuo processo. Não é o menor dos frutos de uma sociologia humanista voltar a despertar nosso maravilhamento diante deste espantoso fenômeno.⁴¹²

A pesquisa realizada e que forneceu os recursos necessários para a compreensão de como se deu a construção do Santuário da Santa Montanha, revelou, além de todos os elementos já citados, a existência de um mundo simbólico de indizível beleza, onde a realidade da vida é ordenada de forma a conservar uma qualidade definitiva e dominante. Com sua função legitimadora, vem a permitir aos indivíduos a sensação de que a própria existência se encontra inserida em um mundo pleno de significado, onde o cosmos inteiro vem validar esta existência. Este universo simbólico, harmonioso e em perfeito funcionamento, mantém-se por si mesmo, legitimando-se pelo simples fato de existir objetivamente na comunidade. Um mundo onde Maria, ao receber dentro de si a substância do próprio Deus, tornando-o humano, sublima seu corpo físico fazendo-se divina. Um mundo onde o Menino Deus e sua Mãe caminham de madrugada entre as pessoas, pelas trilhas na montanha, fazendo penitências para a salvação da humanidade. Um mundo onde os vagalumes iluminam o caminho, à noite, para Jesus passar. Um mundo onde anjos e demônios pelem para manter o equilíbrio do universo. Um mundo onde o mistério da multiplicação dos pães por Jesus Cristo novamente se realiza na mesa de seus discípulos. Um mundo onde a fé leva a atravessar montanhas. Um mundo onde as lágrimas de Nossa Senhora brotam do cipó e devolvem a visão a cegos, permitem a aleijados voltar a caminhar e fazem ressurgir vida aos quase mortos. Um mundo onde o Filho do carpinteiro trabalha o martelo ajudando na construção de um povoado. Um mundo que reúne diferentes concepções religiosas em torno da presença de Jesus e Nossa Senhora. Um mundo que cria guerreiros que combatem para manter o símbolo do amor entre os seres humanos. Um mundo onde o próprio Deus se faz

⁴¹¹ BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, p. 239.

⁴¹² Idem. p. 239.

menino vivendo em uma aldeia e que ri e que brinca. Um mundo onde o fogo do sol desce sobre a terra e abrasa corações e a água do poço mina de corpos humanos. Um mundo onde a santa escolhe a própria cor e o próprio nome com que se apresenta aos homens. Um mundo onde o Menino Jesus se multiplica e se manifesta em diversos corpos e pede para ser acolhido pelos seres humanos, como no mistério da eucaristia. Um mundo onde o Arcanjo Miguel paira com as asas abertas sobre o fogo que consome a montanha, impedindo que ele se alastre. Um mundo onde Nossa Senhora alivia o calor e o abafamento da prisão injusta. Um mundo onde Nossa Senhora se faz presente aos homens manifestando-se em toda a sua glória e majestade.

Conclusão

Peter Berger, junto com Thomas Luckmann em “A construção social da realidade”, diz que esta obra tem a intenção de ser um tratado teórico sistemático de sociologia do conhecimento. Por isto, levam em consideração “que a realidade é construída socialmente e que a sociologia do conhecimento deve analisar o processo em que este fato ocorre.”⁴¹³ Assim, para eles, o mais importante para o pensamento que desenvolvem são os conceitos de “realidade” e “conhecimento”, que não podem ser definidos da mesma forma em sociedades diversas. Uma síntese do pensamento destes autores mostra que o termo “mundo” usado por eles deve ser entendido em um sentido fenomenológico.⁴¹⁴ Há um sentido essencialmente marxista no uso da palavra “dialético” e os termos utilizados como “exteriorização” e “objetivação” devem ser compreendidos no sentido que foi dado a eles por Marx⁴¹⁵, embora derivados de Hegel. Para o conceito de “interiorização” Berger e Luckmann apropriam-se da psicologia norte-americana em George Herbert Mead. A expressão “realidade *sui generis*” deriva diretamente de Schütz. O termo sociologia do conhecimento foi criado por Max Scheler nos anos 1920, na Alemanha. Os autores, no desenvolvimento da teoria da construção social da realidade, utilizam-se do pensamento de vários outros autores que contribuíram para o progresso da sociologia do conhecimento, e pode-se citar Nietzsche, Mannheim, Robert Merton, Werner Stark, Jean-Paul Sartre, Edmund Husserl, entre outros. Não houve um interesse maior nesta dissertação em analisar as maneiras como este conceito, evoluindo e modificando-se ao longo do tempo, tomou a

⁴¹³ Cf. BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, 2009, pág. 11.

⁴¹⁴ Idem. p. 36.

⁴¹⁵ Id. p. 237.

forma elaborada pelos autores. O que é dito por Berger e Luckmann é que compreendem a sociologia do conhecimento como parte da disciplina empírica da sociologia no que diz respeito a seus problemas concretos e não à pesquisa filosófica dos fundamentos da disciplina empírica.⁴¹⁶ E a pergunta que colocam e que se pretendeu responder nesta dissertação é como a atividade do ser humano pode vir a produzir um mundo de coisas.

Peter Berger já é considerado um clássico entre os estudiosos da sociologia da religião. Embora haja críticas à sua teoria, composta conjuntamente com Thomas Luckmann, considerada restritiva por alguns, ultrapassada por outros, não houve neste trabalho a preocupação de compará-la com autores considerados mais modernos ou possuidores de uma ideia mais plural. O que se procurou demonstrar nesta dissertação é que a sua concepção sobre a construção social da realidade permanece atual, desafiando o tempo e da mesma forma que Weber, Marx e Durkheim, sua abordagem sobre a participação do ser humano na construção do mundo social e religioso que ele habita é fruto de uma elaboração sofisticada do pensamento, resultante de uma observação aguda e inteligente do mundo que nos rodeia.

O material coletado durante a pesquisa sobre o Santuário da Santa Montanha foi bastante extenso, não apenas na forma de documentos que contam a história do povoado desde o primeiro momento até o falecimento da vidente Levina, trinta e seis anos após o primeiro relato das aparições de Nossa Senhora no local que ainda era conhecido como Serra da Mutuca. As entrevistas realizadas que ocorreram com pessoas que participaram ativamente de todos os momentos da criação deste mundo simbólico foram decisivas para a compreensão de como a noção da realidade e o conhecimento se desenvolveram, foram transmitidos e se mantêm na consciência. Somente com a colaboração destas pessoas foi possível identificar as etapas descritas pelos autores como componentes de sua teoria, não apenas em um ou outro relato esparsos, mas em uma demonstração repleta de acontecimentos que serviram como a base para o pensamento da construção social da realidade. Os elementos, agrupados neste trabalho, que se mantinham esparsos em documentos, fotos e principalmente como forma de “conhecimento” de uma “realidade” especial, ao serem reunidos, tornam-se novamente objetividades exteriorizadas que retornarão como um bloco único, na forma de pensamento subjetivo.

⁴¹⁶ BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 33.

Este foi também um dos motivos que me levaram a utilizar a fala dos entrevistados para a descrição da história da Santa Montanha, pois ao tentar traduzir a compreensão dos seus moradores deste mundo que habitam, haveria o risco de transmitir uma visão pessoal diferente daquela que realmente existe nas pessoas do lugar.

O mundo simbólico que foi demonstrado desde a sua criação, desenvolvendo-se ao longo do tempo e tornando-se um mundo real que se insere na comunidade da Santa Montanha, existe na consciência dos moradores do povoado como um local especial, escolhido por Nossa Senhora para se manifestar aos seres humanos, onde Ela vive com seu filho, o Menino Jesus Celeste. O que foi dito por Teresa Rosa em sua entrevista sintetiza este mundo/cosmos em que “todos os homens podem ‘habitar’” em uma atitude natural⁴¹⁷, pois este legitima-se pelo simples fato de existir dentro de cada um deles.

Quando eu saio, que eu desço até Villas Boas a pé, quando chego lá naquele Porteirão, aquele portãozinho ali, eu costumo ajoelhar pra agradecer a Nossa Senhora. Estou chegando na terra de Nossa Senhora. Essa terra santa. Porque essa aqui é santa. Ela pôs Santa Montanha. É santa.

⁴¹⁷ Cf. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009, pág. 137.

REFERÊNCIAS

Apóstolos da Virgem Maria. Santa Montanha: 30 anos de aparições. Direitos reservados à Obra da Divina Misericórdia: 1ª edição, 2 de fevereiro de 1966.

BARRETO, Leila do Carmo & CAMURÇA, Marcelo in STEIL, Carlos Alberto. Maria entre os vivos. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2003.

BERGER, Peter. Um Rumor de Anjos. Petrópolis: Vozes, 1969.

_____. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2004.

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2009.

BERGER, Peter. Perspectivas sociológicas. Uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 2010.

CASSIRER, Ernest. Linguagem, mito e religião. Porto, Portugal: RÉ-S-Editora Lda.

http://www.guircema.mg.gov.br/portal/apa/apa_guircema.pdf, em 02 de dezembro de 2010.

<http://www.historia.ufes.br/sites/www.historia.ufes.br>

<http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/CMS/ccms14.htm>

HERVIEU-LÉGER, Danièle & WILLAIME, Jean-Paul. Sociologies et religion: Approches classiques. Paris: Presses Universitaires de France, 1ª ed., 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural. São Paulo, COSAC NAIFY, 2008.

MARIZ, Cecília Loreto in TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (org.). As religiões no Brasil: Continuidades e Rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985.

PIROLI, Cristóvão. Os Direitos da Rainha do Céu e da Terra. São Paulo: 1984.

SANCHIS, Pierre. In TEIXEIRA, Faustino: Sociologia da Religião. Petrópolis: Vozes, 2003.

SEGALEN, Martine. Ritos e rituais contemporâneos. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

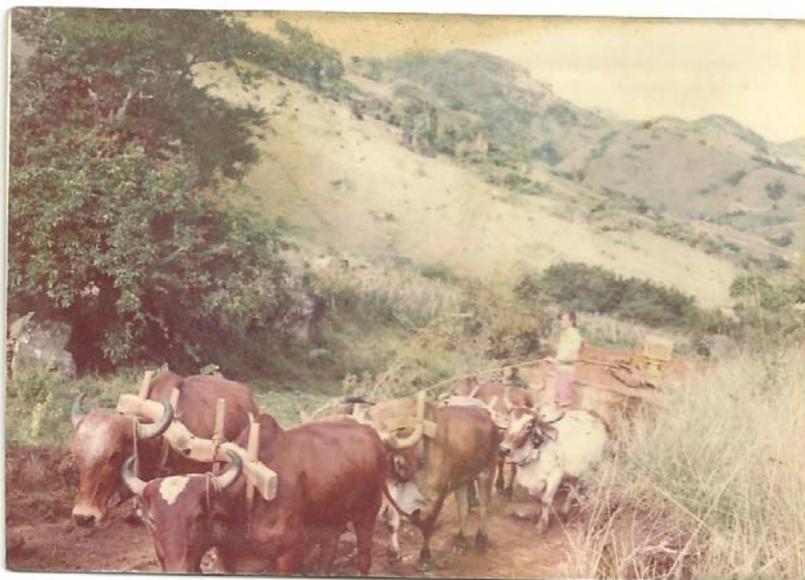
SEGATO, Rita Laura. Um paradoxo do Relativismo: Discurso Racional da Antropologia frente ao sagrado. Religião e Sociedade 16/1-2, 1992.

STEIL, Carlos Alberto. O Sertão das Romarias: um estudo antropológico sobre o Santuário do Bom Jesus da Lapa – Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

TEIXEIRA, Faustino (Org.) in Sociologia da Religião. Petrópolis: Vozes, 2003.

VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 4ª Ed., 1997.

WEBER, Max: Economia e Sociedade. São Paulo, Editora Universidade de Brasília, 2004.



Anexo 1

Caminho para a Santa Montanha nos anos 1960

Foto pertencente ao arquivo pessoal de Beatriz Carvalho Puppo



Anexo 2

Distrito de Villas Boas

Foto obtida em maio de 2010



Anexo 3

Vista da Santa Montanha

Foto obtida em maio de 2010



Anexo 4

Caminho para o Santuário da Santa Montanha

Foto obtida em maio de 2010



Anexo 5

Vilarejo da Santa Montanha

Foto obtida em maio de 2010



Anexo 6

Santuário da Santa Montanha

Foto obtida em maio de 2010



Anexo 7

Capela das Aparições

Foto obtida em maio de 2010



Anexo 8

Interior da Capela do Menino Jesus Celeste

Foto obtida em maio de 2010



Anexo 9

Convento das Irmãs Carmelitas

Foto obtida em maio de 2010



Anexo 10

Entrada para o vilarejo da Santa Montanha

Vista da placa e do mataburro

Foto obtida em junho de 2011



Anexo 11

Interior do Santuário

Foto obtida durante missa celebrada no 1º domingo de fevereiro de 2011



Anexo 12

Vista do município de Guiricema a partir da Santa Montanha

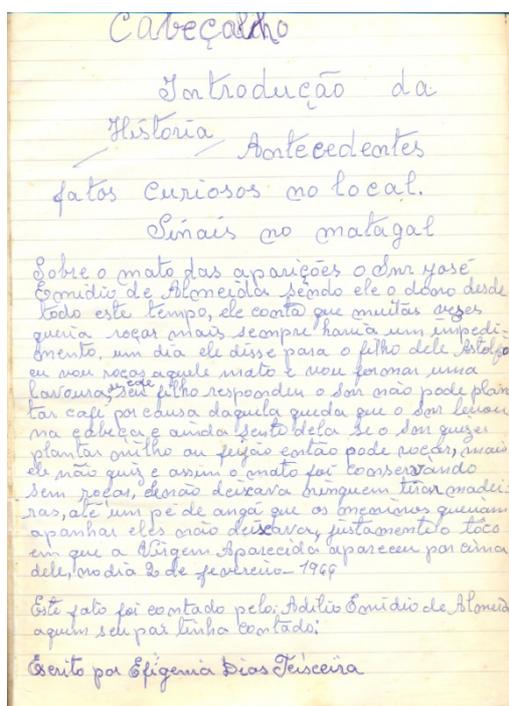
Foto obtida a partir da Santa Montanha em junho de 2011 às 6 hs. da manhã



Anexo 13

Vista da zona rural do município de Guiricema

Foto obtida em outubro de 2010



Anexo 14

1ª página do Livro do Tombo que se encontra no Convento das Irmãs Carmelitas



Anexo 15

Árvore em frente a qual foi relatada a 1ª aparição de Nossa Senhora

Foto obtida em outubro de 2011



Anexo 16

Interior do Santuário da Santa Montanha
Imagem de Nossa Senhora da Misericórdia

Foto obtida em maio de 2010



Anexo 17

Imagem do Menino Jesus Celeste em sua capela

Foto obtida em outubro de 2011



Anexo 18

Imagens do Menino Jesus na Capela do Menino Jesus Celeste

Foto obtida em outubro de 2011



Anexo 19

Imagens do Menino Jesus na Capela do Menino Jesus Celeste

Foto obtida em outubro de 2011



Anexo 20

Foto mostrando a construção da Capela do Menino Jesus Celeste nos anos 1970, pertencente ao arquivo pessoal de Beatriz Carvalho Puppo



Anexo 21

A vidente Levina segurando nos braços a imagem do Menino Jesus em 1983

Foto pertencente ao arquivo pessoal de Beatriz Carvalho Puppo



Anexo 22

A vidente Levina enquanto recebia e transmitia as mensagens do Menino Jesus em 1983

Foto pertencente ao arquivo pessoal de Beatriz Carvalho Puppo

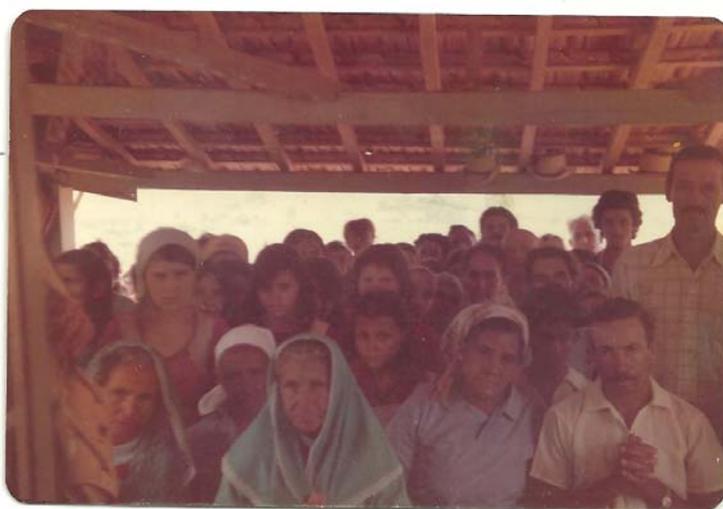


Anexo 23

Imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida

Capela das Aparições

Foto obtida em julho de 2010



Anexo 24

Fieis em oração na ermida nos anos 1960

Foto pertencente ao arquivo pessoal de Beatriz Carvalho Puppo



Anexo 25

Foto datada de 1989 pertencente ao arquivo pessoal de Beatriz
Carvalho Puppo

Frei Cristóvão e seminaristas



Anexo 26

Caminho para Ervália através da Serra da Mutuca

Foto pertencente ao arquivo pessoal de Beatriz Carvalho Puppo



Anexo 27

Geralda Maria dos Reis em 1983

Foto pertencente ao arquivo pessoal de Beatriz Carvalho Puppo



Anexo 28

Irmãs Carmelitas da Santa Montanha

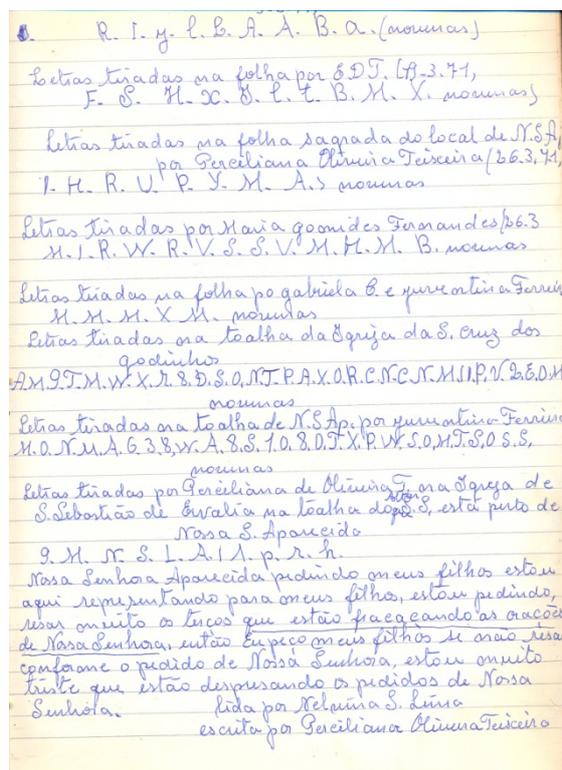
Foto pertencente ao arquivo pessoal de Irmã Lourdes



Anexo 29

Padre José Guerra ao centro

Foto dos anos 1980 pertencente ao arquivo pessoal de
Beatriz Carvalho Puppo



Anexo 30

Página do Livro de Tombo



Anexo 31

Folhas dos cipós



Anexo 32

Rampa das Penitências

Foto obtida em outubro de 2011

Laboratório Fleming de Análises Clínicas Ltda.

DR. DOMINGOS CIOCHETTI - CRM 3152
 PATOLOGISTA PELA AMB

Rua Regente Feijó, 1276 — Fone 8-1118 — CAMPINAS — S. P.

R E L A T Ó R I O

Introdução:

Uma amostra líquida proveniente de Guiricema (MG), de aproximadamente 100 ml em volume, nos foi enviada pela Ir. Leonor Pazotto para uma pesquisa laboratorial, com o objetivo de se conhecer a sua constituição.

Tal pesquisa engloba as áreas de Bioquímica e Microbiologia com secções afins. Mediante informações dadas pela Irmã Leonor a respeito do líquido, foram tomadas as seguintes iniciativas:

1) Exame físico da amostra: em condições normais de pressão e temperatura (22 - 2°C/1 atm)

Volume: 98ml

Cor: incolor

Odor: inodora

Densidade: 1020

pH: 6,7 (medido em pHgâmetro HORIBA)

2) Análises bioquímicas: dosagens de eletrólitos em miliequivalentes por litro (mEq/l)

Sódio (Na⁺) = 4 mEq/l

Cloro (Cl⁻) = 0,033 mEq/l

Cálcio (Ca⁺⁺) = 0

Fósforo (P⁺⁺⁺) = 0

Potássio (K⁺) = 2,3 mEq/l

Glicose (padrão aquoso) = 0

Anexo 33 – fl. 1

Resultado da análise do Óleo de Nossa Senhora

Arquivo pessoal de Irmã Leonor

Laboratório Fleming de Análises Clínicas Ltda.

DR. DOMINGOS CIOCHETTI - CRM 3152
PATOLOGISTA PELA AMB

Rua Regente Feijó, 1276 — Fone 8-1118 — CAMPINAS — S. P.

Proteínas = 0

Lípidos = 0

Outras análises como espectrofotometria e imunoelctroforese serão feitas tão logo nos seja enviada outra amostra.

3) Testes microbiológicos: foram realizadas análises "a fresco", coradas, cultivos e reações com microorganismos vivos padronizados.

a) " a fresco" = bacterioscopia negativa, isto é, não foram encontradas bactérias, cistos ou qualquer outro microorganismo ou partícula inerte.

b) coradas = utilizado o Método de coloração pelo Gram, a bacterioscopia resultou negativa.

c) cultivos = após concentração, enriquecimento e centrifugação do material, o "sedimento" foi semeado em meios de cultura específicos para germes saprófitas e patogênicos. Após incubação a 37°C e 38,5°C durante 24 e 48 horas, com 2 leituras respectivas.

Os resultados foram negativos para ambos os tipos de bactérias.

d) reações com microorganismos vivos padrões = foram separadas algumas espécies e raças de bactérias patogênicas ao homem. Semeadas em ágar, obtendo-se assim colônias isoladas, adicionou-se sobre cada espécie, alíquotas da amostra em

Laboratório Fleming de Análises Clínicas Ltda.

DR. DOMINGOS CIOCHETTI - CRM 3152
PATOLOGISTA PELA AMB

Rua Regente Feijó, 1276 — Fone 8-1118 — CAMPINAS — S. P.

diluições de 1:1 , 1:2 , e 1:4. Incubou-se durante 24h/37°C.

A observação final foi de que tôdas as culturas (colônias isoladas) não aumentaram em tamanho taõ pouco em número dentro do ágar. Isto explica a ação bacteriostática da amostra.

Uma pesquisa paralela está sendo feita no Instituto Brasileiro de Parapsicologia Clínica, com o objetivo de se conhecer o tipo de energia transmitida pelo fluido em estudo. Para tanto, o Prof. Paulo está estudando o comportamento da amostra dentro de uma pirâmide metálica e a presença de pessoas sensitivas à microenergias. Teremos em breve alguns resultados relativos ao efeito parapsicológico desta amostra.

Este relatório foi realizado sob a orientação técnica da microbiologista deste laboratório, Dr. Fátima Sofia Vassiliadi, pela colaboração dos doutores J. A. Voza e Maria José da Mata e agradecimentos especiais ao Prof. Paulo Orlando Guimarães Claro do I. B. P. C. (Instituto Brasileiro de Parapsicologia Clínica).

Campinas, 05 de Abril de 1982

Fátima Sofia Vassiliadi
Dra. Fátima Sofia Vassiliadi

DR. A. A. GRUB
CLÍNICA NEUROCIRÚRGICA E NEUROLÓGICA
CLÍNICA GERAL

Chefe do Serviço de Neurocirurgia e de Neurologia do S. N. D. M. do Ministério da Saúde
 Especialização no Rio e na Clínica Neurocirúrgica da Universidade de Köln-Alemanha

Membro Titular da Sociedade Brasileira de Neurocirurgia e da
 Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Brasil

CRM 8803 — CIG 001089447

CONSULTAS SEGUNDA - TERÇA - QUARTA - QUINTA-FEIRA DAS 15 ÀS 18 HORAS

Avenida N. S. de Copacabana, 540 - Apt. 801

Telefone 237-7945

Telefone Residência: 237-4271

Rio de Janeiro, 29 de março de 1976.

Declaro que a Sra. MELVINA SERGIA de LIMA, 38 anos foi hoje por mim examinada e que a mesma acha-se perfeitamente orientada no tempo, espaço e com as ideias normalmente coordenadas; não se observe sintomas de uma personalidade psicopata. Ela mostra-se entretanto como uma pessoa muito religiosa, porém, profunda religiosidade - seja qual for a religião - não deve ser interpretada como característica de doença mental, sobretudo tomando em consideração que cada religião implica em "crer".

A. A. Grub

DR. A. A. GRUB
 Médico

Anexo 34

Atestado de sanidade mental da vidente Levina

Arquivo pessoal de Irmã Leonor